Estudos de Litteratura

Artigos varios

DO MESMO AUCTOR

Bibliotheca de Estudos Historicos Nacionais:

I — **O Espirito Historico.** — Introducção á Bibliotheca. — 2.ª edição, seguida duma bibliographia portuguesa de theoria e ensino da historia, 1910 e 1915.

II — **Historia da Critica Litteraria em Portugal.** — Da renascença á actualidade. — 2.ª edição, 1910 e 1916.

III — **A Critica Litteraria como Sciencia.** — 2.ª edição, seguida duma bibliographia portuguesa de critica litteraria, 1912 e 1914.

IV — **Historia da Litteratura Romantica,** (1825-1870), 1913.

V — **Historia da Litteratura Realista,** (1871-1900), 1914.

VI — **Historia da Litteratura Classica,** (1502-1825), em preparação.

Revista da Historia. (Direcção e collaboração) 4 vols. 1912-1915. Em publicação o 5.º vol., 1916.

Portugal nas guerras europêas. — Subsidios para a comprehensão dum problema de politica contemporanea, 1914.

Caracteristicas da Litteratura Portuguesa. — Reimpressão revista, 1915. Traducções inglesa e castelhana.

Breviario de Esthetica, de Benedetto Croce. Prefacio e revisão, 1914.

Modernas relaciones literárias entre Portugal e España. — Barcelona, 1915.

Litteratura Contemporanea: Anthero de Figueiredo, 2.ª edição, 1916.

FIDELINO DE FIGUEIREDO

SOCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA

Estudos de Litteratura

Artigos varios

PRIMEIRA SERIE:

(1910-1916).

LISBOA

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

DE A. M. TEIXEIRA

17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17

1917

.·. Composto e impresso na .·.
TIPOGRAFIA SEQUEIRA
114, R. José Falcão, 122—Pôrto

16562

PQ9014
F5
V. 1
67

Estudos de Litteratura Contemporanea

O presente artigo e assim outros seguintes, que igualmente versarão a litteratura portuguesa contemporanea, são ensaios de destrinça de algumas suas principaes correntes estheticas e de evidenciação de alguns aspectos de consciencia do escol intellectual, certo não os de maior vulto, mas nem por isso de menos imperativa influencia e, portanto, tambem não destituidos de significado. Como se deprehende logo, estes artigos têm ainda implicito um protesto contra o preconceito, nem sempre confessado mas sempre fielmente observado, de que os auctores vivos se não devem lêr nem discutir, preconceito lamentavel que confirma uma caracteristica da nossa litteratura, a falta de consciencia critica. Nós entendemos, muito ao contrario, que toda a vida mental contemporanea, não só a litteraria, em todos os sentidos das suas manifestações deveria ser devassada por rigoroso inquerito historico-critico. Inspirando-se sempre esta perquirição num proposito de julgamento temperado por probo methodo historico, chegariamos a conclusões que conteriam mais verdade do que as que formúla o chauvinismo ligeiro, optimista e enganoso, ou o hypercriticismo egualmente ligeiro e enganoso e summariamente condemnatório. Por pequenos que sejam os nossos recursos mentaes — e nós não crêmos que incorramos na suspeita de os exaggerarmos — devem ser avaramente apurádos e organizados.

Poderá estranhar-se, apesar do largo ambito que póde dominar uma revista com os intuitos assignalados á *Revista de Historia*, que nella publiquemos estes artigos sobre assumpto contemporaneo, tão cheios de melindre e não pouco contingentes, que melhor caberiam, dir-se-ha ainda, num orgão dum centro de pugnas litterarias. Responderemos que, não havendo differença essencial entre os processos da critica, que se exerce sobre obras do passado, e a que se exerce sobre obras actuaes, nos mantivémos perante obras, idéas e auctores com a mais serena imparcialidade, forcejando por formular algumas conclusões reflectidas e não tecer apenas arbitrarias impressões ou encomios levianos.

Relevar-nos-hão que, a este proposito, transcrevamos algumas palavras nossas noutro lugar escriptas como commentario á distincção que um theorico da critica, o sr. George Renard, faz entre historia litteraria e critica litteraria: «Começa por estabelecer uma completa separação entre critica e historia litteraria, affins mas differentes, como a medicina e a physiologia, como a politica e a sociologia. Uma estuda desinteressadamente, sem preoccupação de nenhum fim util, o passado litterario; a outra, a critica, procura applicar os principios extrahidos dessa longa e experiente observação. Esta opposição é subtil de mais. Perante uma obra antiga, uma obra já da historia, o critico surprehende-se na mesma situação, em que está, perante uma contemporanea, recem-apparecida. Desconhece-a, vae estudá-la, primeiramente gozando-a como leitor, depois reflectindo sobre a impressão colhida, e da conclusão de que a obra tenha maior ou menor valor passará á analyse e á explicação. Para a obra antiga, reporta-se ao conjuncto de circumstancias historicas, ambientes e coevas, quer para a explicação, quer para a avaliação; para a obra moderna, faz o mesmo, só com a correcção chronologica, e visto que o auctor vive e é capaz de mais produzir, a conclusão produz um effeito, porque se dirige a um espirito em evolução, em-

quanto que no caso da obra antiga, o veredictum é sem consequencias. A carencia de effeito na critica historica e a possibilidade de effeito na critica contemporanea são, quanto a nós, os traços differenciaes; a primeira será mais desinteressadamente especulativa, a segunda mais preoccupadamente normativa. Mas, não havendo uma differença essencial de methodo e havendo-a apenas nos resultados, deverá estabelecer-se uma distincção? Quando investigamos a historia litteraria não nos abstemos da analyse esthetica intrinseca da obra, como quando fazemos critica contemporanea nos não devemos abster da sua explicação historica. A propria obra moderna, recem-apparecida, de hoje, é já uma obra historica considerada na sua derivação e considerado o seu auctor como producto de causas passadas, já encorporadas na historia.» Estas palavras, julgamo-lo, elucidarão sufficientemente ácêrca da nossa disposição. (1)

I — O sr. Silva Gaio. (2)

Cultor da poesia com evidente preferencia e, esporadicamente, da critica e do theatro, o sr. Silva Gaio apenas publicou, no genero romance, *A Dama de Ribadalva*, contos, de 1904, *Ultimos Crentes*, romance, do mesmo anno, e *Torturados*, romance, de 1911. Todavia, tão pequena bagagem, ainda nas suas partes de desigual valôr, reclama para o nome do sr. Silva Gaio, o apreço que se deve a quem, fazendo uma breve incursão por um dominio, que a avaliar pelas suas preferencias não parece ser o das suas gostosas inclinações, deixa de si um cunho de valor e originalidade. *A Dama de Ribadalva*, recopilação de escriptos menores — alguns verdadeiramente *menores* — de datas diversas, que vão de 1891 a 1900, foi a

(1) Publicado no n.º 11 da *Revista da Historia*, Lisboa, 1914.
(2) Publicado no n.º 11 da *Revista da Historia*, Lisboa, 1914.

primeira affirmação deste escriptor, como novelista. Testemunhava esse livro as primaciaes qualidades dum variado e flexuoso estylo, de gostosa observação da paizagem e dum apreciavel dom de descripção. Os assumptos tomados é que não correspondiam a essas qualidades, porque, exceptuando a primeira peça, que deu o nome ao volume, *A Dama de Ribadalva*, todos os contos engastam assumptos banaes, approximando-se, ás vezes, da quasi carencia de assumpto. Exceptuámos logo o primeiro conto, porque um formoso conjuncto das qualidades acima referidas, do assumpto com recursos artisticos e da original maneira de compôr o conto, fazem que elle sobresaia com grande relevo. A perduração dum grande amôr louco, a obstinada paixão duma quasi centenaria, rugosa, amarellecida, esqueletica, a intervallos possessa de furias e nos momentos de calma paramentando-se para receber o noivo, ha dezenas de annos aguardado, a fixa obstinação desse desvairado sentimento em meio da geral mudança, a «sala do cravo» cerrada supersticiosamente durante gerações, para ao fim se abrir e com o seu scenario reconstituir e concretizar ante a imaginação da pobre louca a sua allucinada visão — poderá ser um thema mais litterario que real, mas contem emoção e devaneio, e no contraste da geral mudança e indifferença com a fixidez desse amor que faz duma centenaria uma donzella sempre fiel á mesma esperança, tão longinqua que se tornára lenda, contem belleza e verdade. Belleza, porque cabalmente cumpre o seu proposito de emocionar, verdade, porque nos faz pensar, exemplificando esse thema no effeito isolador do pensamento unico, numa das mais pungentes formas de loucura, porque é das mais inconscientes e porque com requintada crueldade como que pára o cyclo da vida e o giro do tempo, para torturar o espirito num martyrio infindo, como o de Prometheu, vendo o figado devorado sempre a renascer.

A composição do conto está longe de ser vulgar, é pelo contrario ordenada duma caprichosa maneira. O auctor não

nos expõe o seu thema seguidamente, dá-nos delle apenas dois momentos, uma arrebatada furia da dama de Ribaldava, e um intervallo de acalmia, em que uma vez ainda, a ultima, aguarda o noivo, que desta vez chega finalmente, beija a donzella, lhe segreda que toque... E depois de dedilhar no teclado um velho minueto, que enche, perfuma e anima toda a sala bafienta, morre... porque elle havia emfim chegado. A estes dois momentos, uma furia, e o derradeiro passo da velha illusão, interpõe o escriptôr a sua narrativa, que é ainda uma fluctuante e incerta reconstituição, pouco a pouco induzida de vagos elementos, os informes do capellão, o retrato da «sala do cravo», etc. E este caracter de incerteza dessa reconstituição vem ainda convergir e avolumar o effeito do conto, effeito de devaneio, de alada meditação lyrica sobre o que teriam sido realmente esses velhos amores, a mocidade da dama de Ribadalva, o garbo do official amado... O conto, *Duas leituras*, evidencia um contraste psychologico, na meditação e na leitura das duas personagens, thema muito artificioso; *Nas montanhas* é uma simples descripção, que pode bem exemplificar o asserto acima affoitado de que alguns contos não andariam longe da carencia de assumpto; *Amor que morre* é ainda, como *Duas leituras*, um artificio de psychologia litteraria, e as restantes quatro peças são verdadeiramente as que se poderão chamar *menores*.

O romance *Ultimos crentes*, publicado em seguida e no mesmo anno, tem por thema o desenvolvimento, num povoado de pescadores, da superstição sebasteanista.

Numa anfractuosidade da costa do norte, num «areal deserto» que o escriptor não chega a localizar com precisa clareza, estabeleceu-se em tempos uma companha de maritimos, patronada por Pedro Arraes. Como explorador que se apossa de dominios pela primeira vez devassados, alli se fixou Pedro Arraes, sem nenhum obstaculo, sem nenhuma formalidade, isolado e os seus de todo o convivio, como se occupassem

uma ilha perdida. Logo neste prodromo inicial se reconhece que o romance vae tornar-se uma narração deductiva, coherente, logica, bem ordenada, mas toda tecida de imaginosas deducções. Uma população, que se estabelece definitivamente num paradeiro deserto deste pequeno Portugal, seria ponto de partida duma aldeia, duma povoação, com seu commercío, com suas construcções; não poderia isolar-se inteiramente como a companha, nem permaneceria indefinidamente tôsco amontoado de palheiros. Tôscos amontoados de palheiros formam os pescadores, em Portugal, mas apenas durante os meses de affluencia do pescado, como, por exemplo, do atum, mas sem interceptarem de todo o trato, por todos os motívos moraes e materiaes necessarios, e ainda porque o pensamento lhes fica nas suas casas, nas suas aldeias, donde são, onde tem os seus haveres e para onde voltarão em breve com o seu cabedal de economias. Mas a gente do Arraes, segundo o romancista, apenas recebia a visita do padre de Gandara, muito curta, mal humorada e sem intimidade, e a dos almocreves que iam pelo peixe. E tanto se confinavam no seu obstinado isolamento que quando foram em piedosa romagem á Senhora da Guia offertar uma véla, todos os romeiros e devotos os olharam com espantada curiosidade, como se fossem dalgum paiz distante e desconhecido, doutra lingua e costumes. Tanto se isolavam que, por uma selecção natural, cujos pormenores episodicos o romancista nos narra, conseguiram expurgar a companha dalguns estranhos elementos, como eram o Russo e os seus, naufragos um dia caridosamente acolhidos, que todavia nunca se tinham deixado assimilar; tanto se isolavam, que adoptaram uma devoção propria, tomaram um santo patrono proprio, uma ermida propria; e tanto os isolou o sr. Silva Gaio que nem a intervenção fiscal do estado permittiu. Não pagavam impostos, nem reconheciam justiça. O caso do Russo, expulso, com os seus, depois de moidos de pancadas, e a bruxa, morta ao abandono, por elles mesmo deitada a uma lagôa proxima, a sua

casa incendiada, são actos em que só intervem o unico poder por elles reconhecido, o ancião Pedro Arraes. Como se vê, o ponto de partida da acção não é acceitavel, o que não impede que, delle derivando, o seu desenvolvimento seja coherente, *bem deduzido*, como dissémos.

A leitura dos *Prophecias* do Bandarra, explicadas e commentadas pelo Arraes, espalha a crença do sebasteanismo, que a todos une e tão indissoluvelmente que é a causa principal da má vontade do Russo, imprudente incrédulo, que ousára duvidar: «—Nem que um home durasse tantos moios d'annos!» O amôr de duas prestigiosas figuras, pelo vigor physico, pelo parentesco com o velho Arraes e pela belleza, Pedro e Rosa, ao calor da crença do sebasteanismo, toma uma feição exaltada de messianismo, como que se despe da sua rude animalidade, unindo-os para uma alta missão. E o dia de cumprir essa missão chega. No horizonte, varrido por sobre o mar encapellado, o velho Arraes enxerga um navio de velas brancas enfunadas, phantasticamente a destacar sobre a claridade abrazada, que as nuvens entreabertas deixam vêr. É o Encoberto que chega!—Pedro e alguns denodados companheiros correm corajosamente em seu soccorro, através das ondas furiosas... e são engulidos.

«Com elles, naufragava o sonho messianico da raça.

Mortos, ou vivos desenganados e dispersos, eram os da companha os seus ultimos crentes».

Este fecho do romance parece fazer crer que o escriptor attribuira á obra uma intenção symbolica, que pretendêra nesses pescadores representar o desfazer do sonho dum povo. Admittindo que houvesse ainda sebasteanismo e que elle merecesse outra attenção, que não fosse o sorriso ou de indagação psychiatrica, poderia sem desproporcionada relação symbolizar-se o fim da illusão dum povo inteiro num trivial episodio occorrido num «areal deserto», ignorado desse povo inteiro, mal conhecido dos que mais proximos o convizinhavam? E esse

episodio trivial encerra em si uma contradicção. Indo prestar soccorro e anciadamente temendo a perda do navio, que traz o Encoberto, os sebasteanistas, crentes na fatal execução duma missão divina, acceitavam que essa missão divina, esse regresso cujo fatalismo triumphára dos tempos e do senso commum, viesse afinal succumbir a um incidente natural.

Todo preocupado com o desenvolvimento da fé messianica, o romancista não individúa personagens; todas ellas se uniformizam moralmente no unico pensamento e sentimento que dellas conhecemos, o sebasteanismo. Nada sabemos das suas occupações ordinarias, o bom tempo, o máu tempo, as rêdes cheias, mal cheias, a resistencia ao pagamento dos impostos, os trabalhos violentos da profissão, a animalidade, que nesses formigueiros humanos irrompe com uma bruteza crua, as creanças semi-nuas que patinham na areia molhada, ranhosas e tisnadas; ha apenas sebasteanismo e sempre sebasteanismo. Por elle é expulso o Russo, por elle vão lançar á lagôa a bruxa, e por elle ainda se destacam a um primeiro plano as poucas personagens que saem do anonymato: o velho Arraes, Pedro e Rosa, cuja individualidade consiste apenas em serem mais sebasteanistas todos três, em ter ascendente consideravel o velho. E apesar desse destacante relevo, estas personagens são ainda menos verdadeiras, antes mais convencionaes, que a turba anonyma da companha toda, tanto o sebasteanismo os domina. Causa a maior das estranhezas ver um pescador, alma bronca, todo condoido... de sentir perder uma crença, como se o sofrimento intellectual, a dôr da duvida, principalmente da descrença do sebasteanismo, alguma vez houvesse pungido o espirito em trevas dum pescador. Até na cura desse mal, dessa nevrose, intervem o sebasteanismo; depois de inuteis bruxedos, a obsessão de Pedro, que vê sempre a alma penada do Russo a escarnecê-lo com a sua sarcastica incredulidade no homem, que não podia durar «tantos moios d'annos»,

só se dissipa ante a apparição do Encoberto, que assustára e fizéra desapparecer o espectro do Russo...

Dentro desta inverosimilhança maxima, o romance é organicamente composto, bem embréchado em todas as suas partes, só um pouco prolixo. Como processo — e assim tinha de ser — predomina a narração do auctor, com raras intrusões descriptivas, brevissimos dialogos e sem retratos moraes.

Dois episodios merecem especial menção. É um delles a romaria dos pescadores á Senhora da Gandara, formoso trecho, o mais desligado do sebasteanismo esmagadoramente dominante em toda a obra, e por isso o mais bello (52-73). Toda a companha se põe a caminho, com os seus mais garridos vestuarios, acompanhando recolhidamente a Pedro, que vigorosamente conduz a véla duma promessa, que vão cumprir ao sanctuario. Atravessam valles e encostas, com a véla a panejar, toda branca, «feita do melhor panno», atravessam a multidão dos peregrinos surpresos, e a véla, tão grande que noutro lugar não cabia, fica na propria nave da ermida.

«Para dentro da ermida, apenas o Pedro e dois das ilhargas carregavam agora com a véla, nos passos do padre; e poucos lograram entrar, dos extranhos ao Arraes — tantos eram os deste para tão estreito lugar.

Ao quererem, erguidos da reza surdamente murmurada, guardar a véla trazida e benta, viu-se que tambem não cabia na casa das oblatas e reliquias.

Teve então de ser posta em tropheu na propria nave da ermida, vindo tomar, encostada e aberta, quasi toda a parede do lado da Epistola, fronteira á entrada para o relicario.

Deu-lhes isto alegria; pois ficava assim mais perto, e sempre ante os olhos da imagem.

Mas quando á saida ficaram, com os velhos, para traz de todos, o Pedro e a Rosa — emquanto os outros corriam a comprar registos da Senhora, num alpendre junto da ermida

— ainda lançavam á véla branca, espalhada e desenvergada pela parede azuloia da nave, duas olhadas de saudade e d'amor.

Porque lhe queriam, de feita e vista desde o começo, e de a terem trazido alli com tanta alma e devoção de todos nem que delles dois fôra já parte e vida.

E então, a uma nortada mais forte, que penetrou pela porta da ermida, poz-se a véla a palpitar, trapejando contra a parede, como se de novo quizéra desprender-se, acompanha-los, e seguir, seguir fóra, para depois navegar livre mar alêm...»(1)

O outro episodio é o da consulta á bruxa Coca (Pag. 101-133), repetição tardia, demorada e sem opportunidade do cansado episodio, que foi um dos lugares-communs do romance romantico.

Em algumas rapidas paginas o romancista descreve a multidão heterogenea de romeiros, mendigos andrajosos, «manetas, gafos, donos de chagas feitas e cancerosos verdadeiros, torcionados e convulsionarios» — cuja belleza de fealdade fôra posta na moda litteraria, como thema novo, pelo realismo, principalmente por d'Annunzio, no seu *Triumpho da Morte*, e por Zola, em *Lourdes*.

O estylo dos *Ultimos Crentes*, ao contrario do dos contos anteriormente publicados, não tem flexibilidade, é duma construcção difficil e um pouco enredada, sem liames que adocem as transições. (2)

---

(1) Vide pag. 72 e 73.

(2) Permittimo-nos expôr ao sr. Silva Gaio este nosso modo de pensar acerca do estylo do seu romance. Em carta datada de 23 de Abril, o escriptor respondia com algumas considerações, que, devidamente auctorizados, aqui reproduzimos: «A prosa dos «Ultimos Crentes» é, realmente — sobretudo nos primeiros capitulos — menos agil e flexivel. Eu proprio o reconheço, e sei aonde está o remedio a dar-lhe numa nova edição.

Provem esse senão — em primeiro lugar — do empenho em manter-lhe o que de mais pesado e contido da fala popular; em segundo lugar: da preoccupação de evitar o emprego de particulas repetidas e de evitar a successão de pronomes relativos dentro do mesmo periodo: daqui resultou, pela falta desses *gonzos*, que deveria, com effeito, ter multiplicado, menor flexibilidade e mais hirto e lento modo de frase».

Nos *Ultimos Crentes*, o snr. Silva Gaio já desenvolveu, ainda que não de accordo com a realidade, muito deductivamente, um thema de psychologia collectiva, um estado de consciencia; nos *Torturados*, que seguem com largo espaço, voltou a estudar estados de consciencia, ainda a fazer representações de psychologia intellectual.

Nos *Torturados* conta-nos o romancista a tortura de três almas que anciadamente desejaram a vida plena e perfeita, conforme a um superior ideal, a uma superior concepção de espiritos cultos e de almas de eleição. Maria do Resgate, mulher divinamente formosa, desveladamente culta, viajada, dum prestigio soberano, defendêra sempre o seu coração de frivolos flirts, e vivia desesperançada já de algum dia ter de se render ao culto duma alma perfeita, pelo caracter, pela intelligencia e pelo vigor e belleza physica, por julgar esse encontro um devaneio irrealizavel. Aos seus serões um dia associa-se um poeta, Miguel de Gouvêa, cuja vigorosa estatura, bem proporcionada, elegante e esbelta, cuja imaginação colorista, cujo prestigio litterario, cujas idéas sãs e elevadas formavam approximativamente o seu typo de devaneio phantasioso. E algum interesse e benevola sympathia lhe nascem pelo poeta, até que o apparecimento dum novo convidado aos seus serões, Carlos da Motta, antigo companheiro de estudos e grande amigo de Miguel de Gouvêa, faz hesitar Maria do Resgate, porque Carlos da Motta completava as qualidades do poeta com uma maior e mais arguta originalidade de pensamento. Pensador, philosopho, Carlos da Motta, não tinha a intuição artistica da belleza plastica e formal, mas era mais preoccupado da razão intima das coisas, remontando sempre para além das apparencias pictoricas a sondar o sentido essencial. Era uma organização intellectual de metaphysico. Para Maria do Resgate o typo perfeito do homem, que satisfaria o seu coração, seria aquelle que reunisse as qualidades brilhantes de Carlos da Motta e Miguel de Gouvêa. Promptamente ren-

dido pela insinuante superioridade de tal mulher, Miguel de Gouvêa vê com magua que tambem o seu amigo ia passando da admiração desinteressada a um sentimento mais forte e que Maria do Resgate hesita e trahe até alguns indicios de preferencia pelo philosopho. Felizmente a discreção de Carlos da Motta, partindo bruscamente para os Açores, e as suggestões dum intimo da casa, Simão da Nobrega e da velha preceptora e intima amiga de Maria do Resgate, miss Rodding, acalmaram essa indecisão, e Maria do Resgate casa com Miguel de Gouvêa. Temperamento frio e espirito insatisfeito, a nova esposa não encontra no casamento, nem dá a seu marido a esperada felicidade, sobretudo não obtem aquelle sentimento de plenitude, de vida integral, de vida superiormente culta e perfeita, que anciava. Nem com o bem-estar da vida conjugal, com o conforto moral que ella lhe traz, Miguel de Gouvêa se sente febrilmente activo, fecundo de idéas, animado de inspiração, apto para a execução duma obra. O desaccordo physico, pois que Maria do Resgate acolhia com uma frieza de estatua os arroubos amorosos, os impetos de amante de seu marido, produz um pequeno affastamento moral.

Miguel de Gouvêa tem o seu capricho de amôr illicito, que chega ao conhecimento de Maria do Resgate, e que mais ainda os separa. Esse alheamento moral traz como consequencia uma reconciliação de enthusiasmo, em que Maria do Resgate subitamente se revela mulher, com os sentidos numa excitada vibração unisona, e em breve sabe que vai ser mãe. E então, na dôce esperança desse filho, já tão amado, que em si reuniria e requintaria as qualidades dum e outro, é que ambos sentem que a vida, tal como a haviam concebido e como anciosamente a desejavam, chegava emfim. Miguel de Gouvêa concebe o seu poema, a sua grande obra, em que artisticamente representasse a vida, nalgumas das suas notas predominantes e mais perduradoras, nessa obra anciadamente trabalha, sente-se vivo e lucido de espirito, febril de activi-

dade, pujante de vigor physico, unido de corpo e alma á mulher numa completa identificação, dia a dia a faz confidente da sua obra, o grande sonho da sua vida de poeta. Mas, como Polycrates que no acumen da felicidade receava crear inveja aos deuses, Miguel de Gouvêa sente da propria saciedade de bem-estar despontar a dôr de que esse supremo bem terá um fim e, pouco a pouco, uma amargura immensa o invade com o presentimento cruel de que esse fim chegue breve. E chega. Adoece, abate, enfraquece-se, revigora um momento, e uma tarde, quando lia a sua mulher enlevada um fragmento do seu poema, cae fulminado pela *angina pectoris.*

Viuva, Maria do Resgate toda a sua vida a concentra no pensamento do filho, que Miguel de Gouvêa não chegou a conhecer. E quando elle nasce e vae crescendo, deixa-se embalar pelo sonho de que Mauricio — assim se chama a creança — plenamente realize o typo perfeito, que o pae esteve a ponto de realizar. Carlos da Motta, chegado do estrangeiro, attrahido por um amistoso interesse e por uma esperança de antigo apaixonado, esperança logo cruelmente desfeita, acceita o encargo de orientar o desenvolvimento dessa intelligencia infantil e para o filho do seu amigo escreve de longe o *Livro de Mauricio.* E Mauricio era... um idiota.

E' este o entrecho resumido do romance. E mais resumidamente ainda o poderemos reduzir a uma formula abstracta: a tortura de três almas sedentas de perfeição, que vêm tombar por terra todo o seu sonho, uma porque desapparece da vida, outras duas pelo isolamento mutilador. Nenhum thema seria mais deficiente, mais escasso de movimentação episodica do que este, simples restituição do estado de três consciencias, vivendo em torno á mesma idéa fixa, e todavia o sr. Silva Gaio com elle compôs um extenso romance. Não é, por isso, o romance dos *Torturados* uma obra de agitado turbilhonar de personagens: quasi toda a acção decorre no Miradouro, residencia de Maria do Resgate, antes e depois de casada; episodios

ha-os minimos de numero e de importancia. O que o romance, bem considerado, vem a ser é uma larga, abundante, minuciosa notação de estados successivos de três consciencias, em que predominavam as emoções intellectuaes, de três corações que principalmente por motivos espirituaes se determinavam. Obra de psychologia intellectual, obra de indagação dalguns caractéres accentuadamente intellectuaes, para os quaes a gravidade da vida, o seu finalismo de Bem e de Verdade eram a superior preoccupação, os *Torturados* marcam, quanto ao thema, e não só quanto ao thema, uma modalidade nova no romance português. O homem moderno, eminentemente critico, pensador, que racionaliza os sentimentos e a moral, que tudo intellectualiza e que na vida do espirito põe uma devoção fervorosa, subordinando assim ao pensamento toda a sua vida affectiva, o homem moderno, tal como o fez a cultura scientifica e philosophica, o percuciente criticismo e a viva ancia de transportar para a vida real todo esse cabedal de cultura, de tornar humanamente, interessadamente moral o que até então fôra destituido de significado ethico, encontra nos *Torturados* um retrato fiel. Que se approxime desta obra, só conhecemos na moderna litteratura portuguesa o typo de *Fradique Mendes*, de que Eça fez um breve perfil e cujo espirito parcialmente documentou pela *Correspondencia*. Mas o sr. Silva Gaio faz uma integral reconstituição desse typo, lança-o na vida e conta-nós como elle lucta pela consecução do seu alto ideal.

Não é só pelo thema que os *Torturados* se affirmam com originalidade, tambem muito originalmente se affirmam na composição, já como natural consequencia desse mesmo thema, que obrigava a uma diversificação de processo, já como simples tendencia espiritual do seu auctor. Na composição do romance, o sr. Silva Gaio affasta-se muito da estructura ordinaria dos romances realistas, da forma seguinte: Desloca algumas partes da composição, evitando pelo imprevisto, a monotonia muito frequente. Assim as personagens, que assistem ao serão

do Miradouro, no capitulo v, não nos são descriptas no momento do protagonista entrar, revelando-no-las uma a uma, mas por uma conversa que Simão da Nobrega e Miguel de Gouvêa entretêm na vespera do serão. Evita sempre que póde pormenores supérfluos, que um estricto realista—mostrámo-lo em outro livro —accumularia, sempre avido de tudo descrever e contar; assim procede na passagem da 1.ª para a 2.ª parte do romance, em que a acção dá um salto, assim procede na passagem do capitulo IV para o capitulo v, quando nos conta o capricho amoroso de Maria da Luz e Miguel, e em outros passos. Trata assumptos e scenas de rude crueza com uma discreção delicada, no que não devemos ver só o gosto do auctor, mas a que devemos attribuir tambem um tédio da intencional crueza do realismo. Scenas banaes, lugares-communs do moderno romance, á força de repetidos, trata-os este escriptor duma maneira inteiramente pessoal, evitando o melindroso desaire da repetição sem originalidade. E' um exemplo frizante desta maneira pessoal, renovando antigos escaninhos do romance, a scena da declaração de amôr, a pag. 219-222. Do realismo conservou o gosto da minuciosa descripção de interiores e de paizagens. Particularizadamente nos diz a topographia do Miradouro, de que chegamos a fazer um perfeito eschema geometrico (pag. 239), o seu mobiliario antes e depois do casamento de Maria do Resgate, o seu jardim, o seu panorama, a paizagem de Caride, a quinta dos Loureiros, etc. Tem tambem o romance alguns artificios convencionaes, alguns *trucs*, releve-se a designação, a carta anonyma e a carta esquecida — de que Eça de Queiroz e o realismo português não pouco abusarám.

Três são as personagens centraes do romance, Maria do Resgate, Miguel de Gouveia e Carlos Motta, e mais as duas primeiras que a terceira. Porêm de todos só Miguel nos é inteiramente individualizado. Desde a sua figura physica, dos seus habitos intimos, das suas predilecções desportivas até ás suas opiniões, meditações, aos seus planos de trabalho, ao seu ideal,

inteiramente o possuimos. Miguel de Gouvêa, durante o breve prazo, que o romance alcança, vive de vida propria. E' um espirito moço num corpo vigoroso e bello, uma imaginação plastica a invadir um pouco a razão serena, uma consciencia pouco fria que nem sempre se deixa possuir de justa confiança em si propria, uma intelligencia perspicaz e lucida, mas em que não eram feições mais caracteristicas a originalidade e a iniciativa. A originalidade e a iniciativa intellectual cabiam a Carlos Motta. Mas só a figura de Miguel nos é bem documentada; a sua mesma superioridade intellectual nos é comprovada, porque o auctor não só nos dá o seu retrato, no capitulo VII da primeira parte, e nos define a differença especifica que distinguia os dois amigos no capitulo IX, mas ainda nos confidencía o vasto e ambicioso plano do seu poema, *S. Frei Gil* — e para bem conhecer um nobre espirito não ha como conhecer-lhe a sua obra superior. Ao contrario, Carlos da Motta é philosopho, porque o sr. Silva Gaio nos diz que elle o é. Das suas affirmações intellectuaes apenas conhecemos alguns pensamentos do seu Diario, o projecto de fazer um *Tratado da Vontade* e no fim do romance o *Livro de Mauricio*. Não será pequena bagagem para um philosopho, para um espirito de elevadas inclinações metaphysicas? Podia a obra estar aquêm das capacidades do seu auctor, mas mesmo nessa hypothese esse auctor é-nos mal conhecido. Das notas e pensamentos do *Diario* só conhecemos aquelles, que, suggeridos por Maria do Resgate, importavam à acção:

«Só o Amor tornará fecunda a obra da Razão; esta põe os elementos em presença; aquelle, é a corrente que os combina e transforma.»

«Vive do teu pensamento! Tudo mais é fumo!»

«Vida, o que serás! Viverá o philosopho a Vida?»

«Absurda gente, os philosophos! Mysticos a secco — que nem ao menos esperam o leite da Bemaventurança!»

«Talvez só a encontrem duas almas que se confundam, talvez só a pronunciem duas boccas que se unam!»

«Ai dos que vão isolados!»

«A' força de distillar o verbo frio das idéas, a bocca do philosopho deverá parecer marmorizada; e ninguem lhe advinhará a sêde de outra bocca humida e fresca!»

Para escrever o seu *Tratado da Vontade* viaja largamente, observa e medita longos annos, quando todos os dias, em todos os pontos do mundo apparecem livros e mais livros sobre a psychologia, a pathologia e a therapeutica da vontade. *O Livro de Mauricio* é um manuscripto, só a Maria do Resgate destinado. E' tudo. Repetimos: alguns pensamentos sem profundeza, mais litterarios que philosophicos, mais de namorado que de metaphysico, um trabalho de psychologia sobre um campo já muito explorado pela investigação experimental, a vontade, um manual de educação, cujo conteúdo não possuimos e que deixa exhausto de energia mental o seu auctor, serão documentação sufficiente para confirmar no espirito do leitor o prestigio unanime, a auréola de philosopho, que por toda a parte rodeia Carlos da Motta? Pensador, artista-pensador revela-se o sr. Silva Gaio neste romance. O plano do poema, *S. Frei Gil* e o mosteiro de Caride [1] de Simão da Nobrega, a re-

---

[1] O plano do *Mosteiro novo*, de Simão da Nobrega, posto que muito differente de intenção, tem no meio de servir essa intenção grande affinidade com a *Ordem dos Matteiros*, de Anthero de Quental. Conhecemos essa curiosa phantasia do poeta pela tocante narrativa de Eça de Queiroz, no *In Memoriam:* «Anthero pensava que uma forte reacção espiritualista e affectiva se seguiria á materialidade d'este duro seculo utilitario e mercenario;—e, rindo, relembrou a sua antiga ideia, a fundação da *Ordem dos Matteiros*. Estes monges do Idealismo teriam por missão o reconstituir em toda a sua belleza e dignidade primitivas, a vida rural, a mais elevada, porque immolando toda a civilisação sumptuaria, e portanto todos os appetites, e paixões, e necessidades falsas que d'ella derivam, e reclamando apenas ao seu bocado de terra o seu bocado de pão, conquista socialmente a verdadeira liberdade, e atravez d'ella se prepara a atingir espiritualmente a verdadeira perfeição. Mas não era esta a obra melhor dos *Matteiros*. Toda essa reorganisação do mundo, na forma de quietos e fecundos hortos, servia de base a uma alta renovação religiosa. Qual? Anthero tendia para uma mistura do Platonismo e do Budhismo.» Artigo reproduzido nas *Notas Contemporaneas*, V. pag. 400 e 401, ed. de 1909.

constituição dos estados de consciencia, das meditações de três espiritos, são paginas d'arte, profundas, verdadeiras e novas na moderna litteratura portuguesa.

Maria do Resgate apparece-nos sempre como uma formosura esculptural, um lucido bom-senso, mas uma intelligencia obcecada por um pensamento unico, primeiramente a sua concepção do amôr como transcendente ideal duma vida superior, depois a missão futura do filho. Os fragmentos do poema de Miguel não os publica, não os divulga, nem os guarda recatadamente só para velar comsigo a principal affirmação do espirito de seu marido, reserva-os... para que Mauricio conclua a obra!

Todas as outras personagens são secundarias, algumas mais vivas que outras. Dessas personagens secundarias destacam Abrazis, medico judeu, sêcco materialista de idéas sãs e fortes, o que não impede que se dê ao espiritismo; Maria da Luz, uma leviana, boa rapariga, benevolamente acolhida, que se mostra num dos encontros com Miguel de Gouvêa quasi uma meretriz; Simão da Nobrega, a melhor representada das personagens secundarias; Miss Rodding e Maria da Pena.

Apesar dos reparos feitos, o romance dos *Torturados* é uma obra de arte, sã e original, que affirma um nobre esforço por trilhar caminhos novos para além da concepção realista do romance e que amplamente cumpre a sua missão de enlevo espiritual e de dignificação moral, propondo aos que meditam alguns problemas capitaes da moderna vida culta.

II — O sr. Vieira da Costa [1]

Este escriptor fez a sua estreia no genero com o romance *Entre Montanhas* (*scenas da vida do Douro*), de 1904. Nesse primeiro livro, o sr. Vieira da Costa tomava um assumpto e adoptava um processo litterario, que eram a affirmação do proposito de não commungar submissamente no realismo. O romance, a par da vida agricola da região duriense que serve de fundo, narra a historia dum vinicultor da região, a sua infelicidade nos primeiros amores, as suas melancholias e desesperos, a sua labuta profissional, a sua bondade para com uma engeitada, os seus amores por esta quando uma cuidadosa educação a transformou, o seu casamento e outros episodios concernentes.

A obra parece reunir três influencias litterarias muito diversas, Camillo, Julio Diniz e o naturalismo, nem sempre muito compativeis, e que por isso mesmo della fizeram uma obra irregular. E' de Camillo logo a maneira de abrir o romance: «Nos principios desta ultima decada do seculo, que vai correndo, era motivo geral de curiosidade nas Caldas do Moledo, já entre os banhistas adventicios, já entre os indigenas interessados, a presença alli, em determinados dias, d'um rapaz para muitos desconhecido, e que de ordinario se apresentava com uma regularidade severa de funccionario escrupuloso. Viam-n'o sempre chegar a horas certas, pelo começo da tarde, ás vezes a cavalo, ás vezes no comboio, inteiramente vestido de lucto alliviado... (Pag. 5). E' de gosto camiliano, para apresentar ao leitor a explicação cabal, exhaustiva mesmo, esmagadora pela profusão de pormenores, ir remontar ás mais longinquas investigações de genealogia e historia, como a que o sr. Vieira

(*) Publicado no n.º 11 da *Revista de Historia*, Lisbôa, 1916.

da Costa pratica no capitulo IX. O attentado, de que o protagonista, Affonso da Silveira, é victima, uma noite, ao atravessar um pinhal, é uma resurreição do maravilhoso romanesco como largamente o exercitou Camillo em grande parte da sua obra. O apparecimento dos paes da engeitada é ainda um vestigio camiliano, provavelmente, mas muito certamente um caracter romantico. Elle traduz, como outros episodios que abundam no primeiro romance do sr. Vieira da Costa, os bons desejos do auctor fazer conduzir a bom termo a intriga, intervindo no seu desenvolvimento, levando-a a um desfecho, que seja grato ás tendencias do seu coração.

E' de Julio Diniz a terna bonhomia que toda a obra expressa, a bôa-fé, a bondade, o terno idealismo que todo o desenvolvimento da acção deixa transparecer. E o proprio thema do casamento dum homem de educação e cultura com uma mulher de condição inferior, transformada pela educação, tem tambem em Julio Diniz um antecedente. Em termos diversos, o thema continha-se já no conto *Apprehensões duma mãe*, dos *Serões de Provincia*. Neste conto, como no romance, que referimos, se affirma a crença forte de que a educação póde transformar a alma rudimentar duma camponesa na alma complexa e subtil duma mulher culta, e rapidamente, quasi bruscamente essa transformação se dá. Os romancistas do romantismo, na sua escassa psychologia, acreditavam cégamente nestas radicaes transformações de caracter. O romance, « *Onde está a felicidade?* » gravita todo em torno duma transformação semelhante, a de Augusta, uma costureira de suspensorios da rua dos Armenios, que a leitura e o convivio de Guilherme do Amaral, durante uma estada curta no Candal, transformam num superior typo de mulher, a futura baronesa de Amares — baronesa depois de descobrir a felicidade debaixo duma tábôa. E Margarida, das *Pupilas do Sr. Reitor*, tambem profundamente se transformou com a simples leitura de alguns livros dum pobre philosopho desgarrado, que veio morrer á aldeia.

No romance do sr. Vieira da Costa, *Entre Montanhas*, ha tambem uma dessas transformações radicaes, mais completa ainda que nos seus antecessores, porque Luiza não só se espiritualiza, mas de feia, miseravelmente feia, quasi disforme, torna-se attrahentemente formosa. E quaes foram os poderosos factores dessa metamorphose? Só houve um, bastou a direcção duma professora regia duma aldeia sertaneja, que morava numa rua immunda, na vizinhança duma taberna, onde se praguejava, aldeia tão difficilmente accessivel, que nem havia estrada directa para ella. E' esta professora que mediante uma mezada de 7:000 reis e depois de 8:000 reis, faz duma cabreira tão rude, que quasi perdêra o uso da fala, uma mulher elegante e gentilmente formosa, vestindo-se e toucando-se com gosto delicado, alumna distincta que no seu primeiro exame obtem um louvôr, que aprende rapidamente o francês, que deliciosamente toca piano. E' este, parece-nos, um bem evidente vestigio da psychologia litteraria do romantismo na presente obra. Outro é a presença dos contrastes. No romance só figuram personagens supremamente bôas, Affonso, Luiza, o abbade e todos os amigos de Affonso, e pessoas infimamente más, o morgado do Pico, os Carriças, o Pivete, etc. — concepção moral que, como já dissemos noutro livro, se encontra expressa em todo o romance romantico, desde Herculano e Garrett. Julio Diniz cifrou todos os seus romances nesses contrastes moraes entre as figuras principaes.

O castigo do mal e o premio da virtude são o fecho do romance: o morgado do Pico é cruelmente humilhado e reduzido á impotencia por uma acta compromettedora, que o administrador redige, do seu encontro com os queixosos, e Affonso casa com Luiza, cura-se da ferida perigosa do attentado, apparecem os paes de Luiza, o avô desta perdôa aos paes da mesma essa falta — pois Luiza nascêra antes do casamento dos paes — o abbade aposenta-se e vem morar para junto delles, e bem assim a nova familia de Luiza. Permutam entre si doa-

ções valiosas, num impulsionismo de incessante generosidade, vivem num perenne madrigal de galantarias e numa commoção convicta de quem se vê rodeado de santos. As personagens frequentes vezes falam em longas tiradas eloquentes, como nos dramas romanticos, e algumas difficuldades de enredo se resolveram com cartas, o velho expediente. — Eis por que nós diziamos que no romance muito havia de Camillo e de Julio Diniz.

Melhor nos expressariamos, dizendo que o romance repetia algumas das caracteristicas do romance romantico, nomeadamente na sua interpretação camilliana e de Julio Diniz. Mas dissémos tambem que alguma coisa tambem parecia haver do naturalismo. E ha. E' do naturalismo, seja intencionalmente, seja por méra coincidencia, a descripção tão particularizada dos trabalhos agricolas do Affonso, a extensão do Prazo das Marcas, as obras, as plantações, a enxertia, o numero dos bacellos novos, os nomes das suas castas, o numero de pipas que colhia, que vendia, que para si guardava, e que angariava para a firma inglesa do Porto, cujo representante era, o rendimento de todas essas operações. Podemos quasi fazer uma conta corrente da administração agricola de Affonso. Isto é puro naturalismo e, parece-nos, um laivo de naturalismo intencional, porque nos dois seguintes romances, do mesmo auctor, essa tendencia embryonaria se avigora. Mas, como romance-acentuadamente romantico, apesar deste cunho naturalista, o romance é uma obra agradavel, porque mantem um interesse sentimental e nos dá uma evocação melancholica da região e da sua vida.

Em 1905, o sr. Vieira da Costa deu-nos a *Irmã Celeste* (*Pathologia religiosa*), romance em que se repetiam as principaes caracteristicas por nós acima apontadas, na analyse da sua primeira obra. Como o proprio sub-titulo já indicava, este novo romance referia um caso de psychologia morbida, a nevrose religiosa, e como a sua leitura confirma, animava-o uma intenção de propaganda anti-clerical. Desta forma em 1905, o

sr. Vieira da Costa repetia dois dos canones mais typicos do romance realista, a analyse psycho-physiologica e o intuito de doutrinação social, quasi sempre — porque não sempre? — num sentido progressivo, acentuadamente liberal, pelo menos no sentido como tal considerado. Fôra bem vincado por esses dois cunhos, psycho-physiologismo e catechese social, ou mais restricta e exactamente, anti-clerical, o romance que iniciára no genero o gosto realista, o *Crime do Padre Amaro*, como igualmente o fôra o primeiro romance do sr. Teixeira de Queiroz, *Amor Divino*. Portanto, desenvolvendo a narrativa dum caso de proselytismo religioso, de sequestro por suggestão e oppondo-lhe energicas affirmações condemnatorias, com taes caracteristicas, a *Irmã Celeste* não comporta novidade, é antes uma repetição. E repetições são ainda outras caracteristicas da obra: o culto da sciencia elevado a uma superstição fanatica, o protagonista medico, são, forte, sensato, generoso, de idéas justas e sempre portador duma intervenção resoluta e energica, a glorificação da sciencia physiologica e da arte medica, na pessoa de Ayres, caracteristicas são tambem do romance realista tal como elle se ostentou em Portugal. Mas, se dentro da evolução do genero, o romance não era portador de novidades, tem dentro da evolução litteraria do auctor algum significado dynamico, isto é, algum progressivo movimento implica. Vimos no romance, *Entre Montanhas*, como o sr. Vieira da Costa, desproporcionadamente, reunia interpretações diversas do romance, interpretações mesmo oppostas, como foram as de Camillo, Julio Diniz e Eça de Queiroz, circumstancia esta que fazia que aquella sua obra simultaneamente ostentasse traços decididamente romanticos e traços francamente realistas. Assim succede ainda um pouco na *Irmã Celeste*, mas com declarada opção pelo realismo, queremos dizer que o idealismo e a inverosimilhança diminuem um pouco e que mesmo o maravilhoso romanesco beneficamente se restringe. O maravilhoso romanesco — camilliano o dissémos — reduz-se ás peripecias da via-

gem aventurosa do medico Ayres, uma noite, estrada fóra, de bicycleta, revolver á cinta, em direcção a Silvares, para junto da noiva, numa carreira vertiginosa. E' surprehendido por um bando de malfeitores armados, os mesmos que haviam assaltado e roubado os padres e as irmãs da caridade, e atropelado o P.e Antonio da Santissima Trindade. E mesmo um destes elementos do maravilhoso romanesco é-nos explicado por uma causa tão mesquinha, tão verosimil e comica á vez, que nós reconhecemos nella a ironia do realismo que apoucava, um pouco do humorismo de Eça: — «Deus nos livre dos seus acasos, sr. doutor. Porque houve outro, e d'esse então foi o padre Antonio que soffreu as consequencias. Mas eu lhe conto. Tivéram má jornada os reverendos. Primeiro um assalto de larapios que lhe roubaram tudo, tudo, menos as Irmãs, que essas apenas as apalparam para ver o que levavam, e porque os padres, colericos, protestassem contra os apalpões, valeu-lhes algumas coronhadas, de pequena monta.

Mas o peor foi depois. Aqui perto da terra o carro parou por causa do padre Guilherme e outro que estavam à espera, e padre Antonio aproveitou a paragem para satisfazer uma necessidade. Ora quando elle, já alliviado, voltava para o carro, absôrto em profundo e util cogitar, recebeu tão valente choque num hombro que o santo homem, atirado a distancia, foi bater com a cabeça numa parede, rachando-a de meio a meio. Acudiram-lhe os padres e as Irmãs, mas custou a mettê-lo no carro, porque além da cabeça quebrada tinha um hombro desmanchado e o corpo tão contuso que não havia por onde lhe pegar» (Pag. 416).

Como no romance *Entre Montanhas,* a *Irmã Celeste* é toda construida sobre a psychologia romantica de contrastes, o extremo bem e o extremo mal. As suas personagens são ou perversas, os padres e as irmãs, ou bondosas até á perfeição como Valentina, Ayres, Norberto, Maximo e todos os que não são padres nem irmãs. E' ainda puro romantismo, e romantismo

do theatro desse gosto, a frequencia de longas exhortações anti-clericaes, que, quer em dialogos, quer em interrupções de commentario do auctor, são sempre dirigidas pelo auctor. Ainda romantismo extreme contém as paginas calorosas, que seguem á morte de Valentina, o ultimo capitulo, em que ha alguma coisa da litania do drama social e da apotheose final de revista de intuitos. E ainda romantismo é todo o processo de cura de Valentina, por suggestão hypnotica. Aqui o idealismo foi substituido por um devanear chimerico sobre o futuro, applicando já, ousadamente, aquelle processo que Wells, nas *Narrativas do Tempo Futuro*, com graciosa ironia alvitra.

Porêm, a par destes traços romanticos, o gosto da realidade bem observada avulta nesta obra. Como a vida agricola de *Entre Montanhas*, a vida hospitalar é quasi toda reconstituida, dando o plano de fundo, permanente em toda a acção; e algumas descripções são tão sóbrias, tão justas que pódem apontar-se como modelos de são realismo descriptivo, sem accumulação de pormenores, sem amplificações falsas, só com justeza de visão. E o seu melhor exemplo é o primeiro capitulo, da chegada das irmãs de caridade ao hospital.

Como romance de thése, mas tambem como romance dum partidario do realismo, que no culto da sciencia se inspirou, a *Irmã Celeste* é entresachada de explicações theoricas, exposições didacticas, a que por necessidade se deu a fórma dum colloquio de amigos ou duma disputa de adversarios, mas que de facto são propaganda e ostentação, quanto ao intento, e tambem ingenuidade, consideradas artisticamente. O romancista, quanto a nós, pratica esta ingenuidade — no sentido esthetico que a este termo Schiller attribuia — quando nos expõe as causas do proselytismo jesuitico (pag. 74 e 75), quando no-las expõe miudamente do exito desse mesmo proselytismo, quando faz uma analyse racionalista da fé, quando disserta sobre o hypnotismo, a amnesia, etc.

No final do romance, desde o regresso de Valentina á

casa paterna até á sua morte brusca, ha uma sequencia de scenas de bem-estar, de tranquilla felicidade, na descripção das quaes o sr. Vieira da Costa cinca como na obra anterior. Todas as personagens se alagam em sentimentaes ternuras, com imperiosa ancia de se obsequiarem que quasi não conhece limites. Quasi todos os romancistas se tornam artificiosos na pintura da felicidade, pois o verdadeiro fim da arte parece ser a pintura da vida cruel, dos seus aspectos mais dolorosos. A propria tragedia, um dos mais nobres generos, tinha por objecto, como os antigos diziam, um grande reviramento da fortuna. O sr. Vieira da Costa parece ter uma particular preferencia pelas intrigas de desfecho feliz, e essa preferencia, na *Irmã Celeste*, prejudica a acção. Para que o desfecho fosse feliz foi necessario interessar o medico tão vivamente na libertação de Valentina, como num caso clinico e tambem como na libertação da propria noiva; para que o intuito anti-clerical do livro se cumprisse era necessario que a felicidade alcançada a breve trecho se apagasse. O auctor satisfaz a ambos os fitos: Valentina sahe da congregação para casar com Ayres, o medico libertador, e morre do desgosto da diffamação promovida pelos seus inimigos. Mas para que o gosto do auctor, que exigia um desfecho feliz, não seja contrariado, Ayres casa com Amelia, formosa viuva, tia de Valentina, casamento de todo inopportuno no desenvolvimento da acção.

Como processo de composição, predomina a narrativa do auctor. Os dialogos são, na sua maior parte, artificiosamente adequados, uns á exposição doutrinaria, que o auctor, pela bocca do medico Ayres, quer fazer, outros, sob a fórma de disputa, ás invectivas encolerizadas. Estes dialogos assim dispostos fazem lembrar as entrevistas simuladas nos jornaes, em que numa exposição se intercalam algumas observações interrogativas para lhes darem a apparencia de dialogo.

As personagens deste segundo romance, subordinadas como estão á these anti-clerical, têm escassa autonomia moral, são

os elementos necessarios para a demonstração, e até se assemelham bastante ás de *Entre Montanhas:* Ayres, bom, desinteressado e perseverante na sua generosidade, salvador corajoso da victima duma grande injustiça, corresponde a Affonso da Silveira; Valentina, a victima, a Luiza; Norberto, o presto auxiliar de Ayres, ao padre; Amelia e os paes de Valentina a todas as figuras do ultimo plano do primeiro romance.

E' já mais attenuada esta identidade no romance, *A Familia Maldonado,* de 1908. Filippe de Carvalho é ainda um salvador, e dedicado e generoso, e Alice Maldonado é a victima a salvar não da brutalidade cruel duma megéra como em *Entre Montanhas*, nem da cobiça dos jesuitas, mas da dissolução moral duma familia, e tambem, poderia inferir-se, das fatalidades da hereditariedade. Estudo de *pathologia social* sub-intitula o escriptor o seu romance, o que a par das dissertações sobre hereditariedades na obra disseminadas, poderia fazer crer que ella era a exposição, a exemplificação dalguns casos da fatalidade dessa lei.

E sendo assim, o auctor mostrar-nos-hia, como de Carolina, oriunda de degenerados, proviéram filhos de identico temperamento duma impulsiva e indomita sensualidade. Mas inesperadamente, tendo-nos referido que Adelina e Lucinda têem amantes, apresenta-nos Alice, sua irmã, noiva pudica e esposa honesta. Essa excepção é que constitue a thése do romance. Alice salvou-se — e os três romances do sr. Vieira da Costa são sempre a historia da salvação de alguem, repetimos — pela influencia dignificadora do amor e pela influencia benefica do noivo. O proprio auctor no-lo diz pela bocca duma personagem:

« — Tens razão — interrompeu Duarte. — E o caso de D. Alice não é um pouco parecido? Não, decididamente a alma humana ainda nos não disse os seus segredos todos. A da mulher principalmente.

Silverio abanou a cabeça indeciso:

— Talvez, mas o caso de D. Alice podemos nós explicá-lo

em parte. E' a resultante natural de duas influencias, justificando-se e completando-se: a influencia do amor e a influencia do amante. O primeiro actuando sobre ella com a aspiração nobre do casamento; o segundo, dominando-a com o seu poder impressivo e honesto. Tivesse ella encontrado no seu caminho um Amadeu qualquer, e talvez a sua conducta fosse outra. Não ha duvida que o meio dissoluto devia ter exercido sobre as irmãs uma influencia nefasta, mas no fim de contas tambem a D. Alice viveu no mesmo meio e como ella, e mais do que ella, cresceu e medrou a Margarida » (pag. 430).

E' manifesta a inferioridade deste romance em relação aos dois anteriores; a acção é arrastada prolixamente até á superfluidade tediosa, as personagens são duma vulgaridade tão incaracteristica que opprimem o espirito, e o estylo é mais abandonado, de mau gosto mais duma vez.

Tendo começado a cultivar o romance na mesma data, e havendo ambos produzido nesse genero uma bibliographia igualmente pequena, os srs. Silva Gaio e Vieira da Costa affirmam tendencias muito diversas. O segundo, combinando a principio correntes litterarias heterogeneas, vae pouco a pouco ingressando no realismo, forcejando por repetir os seus processos, innovando apenas na applicação preferente, que faz desses processos a meios provincianos. O primeiro, pelo contrario, muito se esforça por sair do estricto realismo, guardando delle sómente o que nelle ha de aperfeiçoamento do genero, o que muito é, dado que o progresso litterario é um indiscutivel facto. E, escrevendo os *Torturados*, ninguem poderá negar que esse escriptor houvesse feito a affirmação de alguma novidade, no romance português.

Additamento: [1]

No livrinho do sr. H. Marques Junior, *Esboços de Critica*, Porto, 1907, 120 pags., está inserta uma carta auto-biographica do romancista, sr. Vieira da Costa, um dos auctores estudados no nosso artigo, *Estudos de Litteratura Contemporanea* — II, publicado no n.º 11 desta revista. Por essa carta se sabe que o sr. V. da C., alem dos três romances por nós referidos naquelle artigo, publicou ainda uma novéla, *Sob a folhagem*, no *Portugal Artistico*, e outro romance, *Amor*, apparecido em folhetins, em periodico que não indica. As informações, que o romancista proporciona na sua elucidativa e simples carta autobiographica, corroboram, cremos, algumas das opiniões por nós defendidas, quando estudámos a sua obra.

---

[1] Publicado no n.º 14 da *Revista de Historia*, Lisboa, 1915.

III — Sobre a composição do romance [1]

Durante o classicismo, o romance não foi um genero nobre. Sem estylo proprio, sem uma theoria propria condensada em rigidos canones como a da tragedia e a da epopêa, sem a grandiloquencia que ás classes preponderantes recommendava esses dois generos, que eram até certo ponto glorificações dessas mesmas classes, e sem a protecção carinhosa, que o theatro e a poesia lograram, o romance luctou sempre com a geral animadversão, o que não impediu todavia que alguns triumphos obtivesse. O *D. Quixote*, de Cervantes, o *Gil Blas*, de Lesage, a *Manon Lescaut*, de Prevost, o *Robinson Crusoé*, de Foe e outros romances famosos são affirmações triumphaes do genero, a despeito da geral hostilidade e obstinada resistencia do publico culto, resistencia e hostilidade em que tambem muito participavam frivolos prejuizos. Só com o romantismo liberal, cuja obra reformadora não careceu de certo aspecto de democratizadora, o romance alcançou acceitação e voga tão intensas e por vezes tão alvoroçadas que póde bem considerar-se um genero moderno. Pelo menos, se antigo era o seu cultivo, que poderemos fazer remontar á *Economica* de Xenophonte, só o romantismo o emancipou e lhe soube aproveitar os seus indiscutiveis recursos de arte, patenteá-los e impô-los á admiração. Se Xenophonte é um dos seus mais antigos cultores, Walter Scott, Goethe, Victor Hugo, Dickens, Dumas e Balzac são os seus patronos desvelados. Comprehende-se que o romantismo revolucionario tão exaltadamente cultivasse e glorificasse esse genero, visto que simultaneamente tradicionalista e philanthropo, reconstituidor da historia e theorizador do futuro, no romance encontrava a liberdade e capacidade de que carecia

[1] Publicado no n.º 17 da *Revista de Historia*, Lisbôa, 1916, e em versão inglesa na revista *Portugal*, do sr. W. A. Bentley, n.º 4, Lisboa, Agosto de 1915.

tanto para os seus devaneios de resurreição quanto para as suas utopias de construcção social. Como genero narrativo muito se approximava da historia, então muito dilecta das gerações litterarias, e, tomando themas contemporaneos, ás classes médias os ia buscar, visto que era a vida da burguezia que representava, essa burguezia recem-enthronizada, e como tal gostando de se ver glorificada, discutida, como outr'ora a nobreza se orgulhara de dar os modelos, quantas vezes os motivos, da tragedia e da epopêa, que só virtudes e heroismos aristocraticos sabiam dignificar. Ao representar a vida — e não só agora, já durante a sua anterior carreira — o romance considerava principalmente o aspecto sentimental da vida, fazia ver o vasto lugar que a emoção e o sentimento occupam na vida, e isto, se o não havia recommendado aos severos classicos, que visavam á serena objectividade, nem aos restrictos racionalistas, era aos olhos dos apaixonados romanticos o mais efficaz titulo de recommendação. Outro motivo de preferencia que influira no gosto dos romanticos foi a perfeita conformidade com o seu tempo, iniciador da éra das multidões, que sobre a arithmetica razão das multidões, a do voto, baseou um systema politico. O romance, por breve e pouco movimentada que seja a sua intriga, sempre conterá uma pequena multidão a agitar-se, a dominar, a influir ao menos, sempre nella figurarão personagens secundarias que constituirão essa pequena multidão. Ainda mesmo nos romances, em que o protagonista, como unica personagem, nos narra a intriga ou mais restrictamente ainda nos faz a historia da sua vida, do seu espirito, até mesmo nas simples auto-biographias, através das impressões e tendencias desse espirito, unico figurante, se movimentarão outras personagens; o protagonista isola-se para de si fallar (ou tal suppõe o romancista) mas não viveu isolado a vida ou a quadra da vida, o simples episodio que nos narra. Nem na hypothese de só nos fallar da parte mais altiva e soberana da sua individualidade, a sua intelligencia, idéas, opi-

niões, o seu systema metaphysico que seja, é verosimil o caso dum heroe exclusivo, porque, tanto quasi sempre, e mais muitas vezes que os livros e a meditação no sequestro do convivio, a observação da vida, o encontro de trajectorias de vidas diversas e divergentes, o roçar-se duma alma pelas pontas aceradas da realidade constitue um primacial factor da nossa consciencia; é da observação experiente muito commum que frequentemente procede o que mais pessoal e caracteristico ha num espirito. Ainda mesmo aquelles, que chegaram a assentar num pessoal ponto de vista, com seu apparelho critico proprio, largas mudanças soffrem no seu espirito, renovando successivamente esse mesmo pessoal ponto de vista, a cada passo, á mercê das impressões quotidianas, do ombrear das ruas, dependentes duma phrase que o acaso lhes dá para mote de glosa de idéas, dum simples episodio familiar. E', pois, por amor á verdade que o romance, o genero litterario de mais vasta comprehensão, não poderá prescindir de associar á sua intriga um pouco do confuso turbilhonar da vida collectiva. Este caracter, que tornou o romance genero especialmente affecto das gerações romanticas e liberaes, obriga tambem o auctor a cuidados muito especiaes acêrca da estructura da sua obra, da composição e relacionação das partes della.

Depois do theatro, o romance é talvez o genero litterario, que mais obrigado é aos requisitos duma bôa ou feliz composição intrinseca, não já para que mantenha bem despertas as attenções publicas, como no theatro, mas para que a acção nos appareça bem logicamente determinada, bem adequadamente assente no seu plano de fundo e principalmente para que nos dê uma visão da vida quanto possivel integral.

O theatro, com alguma habilidade technica, consegue o seu fim e alcança exito, muito embora essa habilidade no arranjo scenico de todo contrarie a realidade; o romance apresenta-se-nos como um todo menos complexo que o theatro, (que exige o concurso de muitas artes subsidiarias), é certo, mas

mais autonomamente completo e mais francamente exposto ao inquirir curioso do leitor. O theatro faz do espectador illudido presa dos seus artificiosos encantos, possue o condão do alto relevo; o romance, com seus variados meios de composição, com tudo que o auctor, por si e pelas suas personagens diz, entrega-se mais submissamente ao exame critico. Um thema rico de belleza artistica, exposto em romance de defeituosa composição, será muito prejudicado até ao tédio, como succede com a *Guerra e Paz* e a *Anna Karenine* de Tolstoi; como disse Vogüé, na leitura desses dois notaveis romances, o prazer alcança-se de modo semelhante ás ascenções das montanhas, laboriosamente por um caminho aspero e difficil.

A technica da composição do romance tem por isso variado muito e merecido attenções dedicadas. A par do factor externo, variação do ambiente moral e intellectual, este factor interno, variação dos modos de o compôr, tem poderosamente contribuido para o progresso do genero, que hoje ostenta um soberano predominio.

Percorrendo os estadios principaes da variação desse modo de compôr, poderemos systematizar do modo seguinte a organização do romance.

Três são as partes constitutivas dum romance: a *acção*, ou thema, a parte de vida episodica que se pretende reconstituir; *personagens*, as pessoas que no seu decorrer intervêm; e *composição*, o conjuncto de processos de que se serve o auctor para animar e fazer mover estas personagens e fazer decorrer a acção. Essa composição deriva da necessidade, que o auctor tem, de escolher e combinar os elementos escolhidos, impossibilitado como está de fazer uma reconstituição total, que nem mesmo seria materia de arte.

A acção e as personagens, se bem que pela observação dellas feita pelo auctor muito recebam da sua imaginação, são sem duvida, as partes menos arbitrarias, queremos dizer aquellas em que a individualidade do auctor menos intervem. Uma

mesma acção, com as mesmas personagens, se póde offerecer a espiritos differentes, um assumpto historico tratado segundo os mesmos processos de escola, com os mesmos dados, até mesmo com uma interpretação combinada; todos diligenciariam attingir a verdade préviamente acceita, apagando quanto possivel da sua obra as suas marcas digitaes, mas nos processos usados para conseguir esse alvo, no manusear dos materiaes communs, todos pediriam ao seu proprio espirito a inspiração, e cada um procederia de diverso modo. Esses diversos modos são os artificios de composição.

A composição é, fora de duvida, a parte da organica do romance, mais exposta ao arbitrio artistico do romancista. Esse arbitrio, porém, é limitado; os processos de composição são limitados, delles conhece a imaginação artistica um escasso numero.

E' no modo de combinar esses processos, de os equilibrar, ou mesmo na suppressão de alguns, que principalmente o arbitrio do auctor se exerce. Esses elementos essenciaes da composição são os seguintes: a *narrativa* ou *exposição* pelo auctor quando este nos vae contando a intriga, fallando em seu nome proprio, cimentando os outros elementos; as *descripções*, sejam de paisagens, sejam de interiores; os *dialogos*, em que se encontram as personagens e o auctor desapparece; e os *retratos*, em que nos são biographadas e descriptas, plastica e moralmente, as personagens. A narrativa e o dialogo é que são oppostas, pois essencialmente se caracterizam em que na primeira é o auctor quem vae conduzindo o leitor e no segundo é elle que se ausenta; as descripções e os retratos são artificios da narrativa ou do dialogo: tanto pode descrever e retratar o auctor na narrativa, como qualquer personagem em dialogo. Não obstante, a descripção e o retrato tomam um relevo tão grande que os distinguimos em processos autonomos. E fazendo-o, nós temos presente que as descripções como os retratos foram esmeradamente cultivados nalgumas epocas e por alguns auctores,

a ponto de se tornarem caracteristicas differenciaes dessas escolas ou desses auctores. O romantismo preconizou e largamente usou a descripção de paisagens; o realismo a de interiores, de que chegou a abusar; Balzac foi um grande retratista; Zola um minucioso biographo das suas personagens.

Dentro destes quatro termos se confina o romancista, e não tem pequeno campo de acção. E' elle, por exemplo, bem maior do que o do dramaturgo — referimo-nos á composição, é preciso não esquecer. O dramaturgo apenas usa o dialogo; do retrato e da descripção apenas póde utilizar-se através do dialogo, o que muito reduz a sua liberdade, e a exposição é-lhe interdicta. Da exposição apenas ha um vestigio minimo nas suas aclarações e rubricas, que expõem a sua intenção, mas das quaes nada transparece na exhibição scenica. Em scena cumprem-se essas rubricas, mas não ha vestigio dellas como parte integrante da obra.

A curta historia do romance é uma breve sequencia, já de formas diversas da combinação destes quatro elementos da composição — é o factor interno dessa historia — já de concepções moraes diversas que tambem insuflavam ás personagens diverso sôpro de vida, fazendo que se conduzissem ora de um ora de outro modo — é o factor externo dessa historia, a parte mais ideal, mais philosophica.

Facil seria fazer a respectiva exemplificação, para o seculo XIX. Ver-se-hia então como á philosophia romantica de grandes e audaciosas construcções syntheticas, largamente preoccupada de problemas politicos, correspondeu o romance tradicionalista ou philanthropicamente progressivo, descuidado de composição, vasto até ao excesso, narrativo e pinturescamente descriptivo; como á philosophia critica que se lhe seguiu, correspondeu o romance naturalista, menos politico e mais social, descriptivo de personagens e interiores, muito dialogado, cuidadoso nos retratos, muito variado e equilibrado de composição; e como, finalmente, ao neo-idealismo corresponde uma forma de romance

que guarda o rigôr de methodo, os progressos technicos do realismo e que largamente pratica a liberdade de inspiração do romantismo, procurando como a philosophia contemporanea abraçar a vida num ambito comprehensivo, sem o exclusivismo arbitrario do sentimento, sem o predominio mutilador da razão.

Mesmo a dentro da nossa litteratura, no seculo XIX, o mesmo parallelismo da evolução do romance com a successão de doutrinas moraes e politicas se póde verificar, bem como o consequente variar na combinação dos seus elementos organicos. A composição dum romance de Herculano ou de qualquer outro romancista historico, a de Camillo ou a de Julio Diniz, é muito differente da composição dos romances de Eça de Queiroz e seus sequazes.

IV—Sobre a decadencia do romance realista [1]

Nenhum genero litterario se identificou tão estreitamente com a philosophia critica e inductiva da segunda metade do seculo XIX como o romance. Legitimo era suppôr que, apesar de os romancistas realistas apresentarem como definitivo o gosto realista, pelo considerarem portador do maximo progresso e perfeição technica do genero, elle viesse a decahir com a lenta obliteração das causas que o haviam determinado, entre as quaes avultara a philosophia naturalista. Hoje essa decadencia pode considerar-se consumada, e o gosto realista um gosto extincto; por toda a parte jorram com impetuosa originalidade novas correntes estheticas e philosophicas.

Não será sem interesse a referencia de algumas das gradações dessa crescente indifferença pelo romance realista, porque quem quizer percorrer, num rapido inquerito, o romance português contemporaneo, não vae investigar só do seu valor, mas tambem da actualidade, da modernidade do gosto, que elle expressa.

Para esse fim recorreremos á França, não porque consideremos o realismo no romance exclusivamente francês, mas porque de facto o é bastante nos seus principaes elementos, no muito que elle tem de Augusto Comte, Claudio Bernard, Balzac, Flaubert, Zola, Taine, e porque foi na exposição theorica e na execução pratica da litteratura francesa, que elle se generalizou e que Portugal o recebeu. Noutro livro, salientámos dois caractéres que o nosso romance realista ostentava: decidida preferencia pelo thema do adulterio e gosto da emoção violenta, caractéres que evidentemente lhe vêm de *Madame Bovary* e dos dois primeiros romances de Eça de Queiroz, logo tomados como typos.

---

[1] Publicado no n.º 17 da *Revista de Historia*, Lisboa, 1916.

Os modelos principaes do romance realista, Flaubert e Zola, este nas suas extremas interpretações, imprimiram cunho ao genero; Flaubert pondo em moda o thema predilecto da escola, o adulterio, como já referimos, Zola fazendo predominar a observação externa, a orientação do *physiologismo*, e com elle a grossaria e a obscenidade. Estas caracteristicas, que não eram elevadas e que tambem não eram, na intenção dos theoricos da escola, as principaes, avultando progressivamente, chegaram a predominar e levaram a descredito o realismo junto dos espiritos de preoccupações moralistas, ao desagrado esthetico no publico culto, e ao tédio completo nos romancistas, nos proprios cultores do genero que começavam a repetir-se. Logo uma reacção se desenhou.

Assim se verificava uma vez mais a nossa affirmativa acêrca do modo de successão e decadencia das escolas.

Zola, o auctor que mais systematicamente formulára o programma da escola, dia a dia, caminhava para o mais alado idealismo, chegando a fazer arte inteiramente destituida de realismo, nas series das *Três Cidades* e dos *Três Evangelhos*. O seu exito retumbante não era devido, de modo nenhum, á thése defendida,—que era falsa e que, ainda sendo verdadeira, não alcançaria dessa longa exemplificação dos *Rougon-Macquart* o mais pequeno argumento em seu favor—mas ás qualidades artisticas da pessoa do seu auctor e aos méritos particulares de cada obra, considerada isoladamente. Quantos dos seus leitores e admiradores, que se contaram por muitos milhares, não desconheciam por completo a thése, que dominava toda a serie, sem serem os menos conscientes nem os de gosto menos criterioso!

Esthetas e criticos delimitavam o campo da arte e o da sciencia, que materialismo e naturalismo inconvenientemente haviam confundido: o naturalismo pelo intuito de elevar e dignificar a arte da unica maneira plausivel numa epoca, em que imperava o espirito scientifico, isto é, querendo torna-la

scientifica; o materialismo por querer tudo assoberbar e mostrar a sua soberania, installando-se como systema definitivo. A reacção tinha de succeder. E o seu primeiro signal foi em 1883 a serie de estudos de Eugène Melchior Vogué sobre os principaes romancistas russos, depois reunidos sob o titulo *Le Roman Russe,* nos quaes salientava que aquelles escriptores alliavam á rigorosa observação, preconizada pelo mesmo naturalismo, preoccupações moraes e altos ideaes. Outro signal foi em 1887, após a publicação do romance de Zola, *La Terre*, quasi no mesmo momento em que o grupo de escriptores allemães, conhecidos sob o nome de «Escola Moderna», introduzia o naturalismo na Allemanha. Cinco escriptores, ainda em principio de carreira, publicaram no jornal, o *Figaro,* uma especie de manifesto, em que inteiramente repudiavam toda a solidariedade litteraria com o romancista. E como primeiro argumento justificativo desse seu proceder, apresentavam o facto de Zola haver desertado para Médan, abandonando as pugnas litterarias, argumento um pouco contradictorio porque no principio do proprio manifesto reconhecem que essas pugnas haviam passado e com inteira victoria para o naturalismo; e tambem nada obstava a que ellas proseguissem e Zola nellas interviesse, mesmo ausente em Médan. Como segundo argumento allegavam a infantilidade vã de todo o apparato scientifico da sua obra, a sua arvore genealogica, a sua ignorancia desses assumptos, a denunciar-se a cada passo, e a falsidade da sua informação indirecta, obtida por outros, informação de *pacotilha*, diziam. Como terceiro argumento, lembravam indignadamente a obscenidade que por toda a obra se ostentava sem acceitar a explicação do romancista, que dizia não procurar, nem evitar a immundicie, mas proceder sempre «só com a curiosidade do sabio», — e, pelo contrario, affirmando claramente que Zola tinha uma aberta preferencia pelo que era immundo. Outra razão, apresentada pelos dissidentes, era ainda a evidente incompetencia para tratar themas do amor. Assignavam este

manifesto Paul Bonnetain, jornalista que trocou a vida litteraria pela de funccionario colonial, Rosny, Lucien Descaves, Paul Margueritte e Gustave Guiches, que vieram a alcançar nomeada. A este protesto, alternadamente, se tem attribuido uma excessiva importancia, e se tem negado qualquer significação apreciavel. Não tem a importancia, que os adversarios do naturalismo lhe dão, porque os escriptores, que o publicaram, não pertenciam ao grupo militante dessa escola litteraria, de cujo chefe eram mesmo desconhecidos, nem tinham prestigio que désse a esse acto consideravel importancia; não era, portanto, uma retumbante deserção, mas apenas um protesto de leitores. Como porêm estes leitores eram tambem auctores e alguns delles vieram a alcançar publicas sympathias, o manifesto era um indicio seguro de que parte da seguinte geração litteraria se formaria fóra do naturalismo —, e nesta revelação consiste o significado especial do protesto. (1)

A publicação do *Discipulo*, de Paul Bourget, de 1889, é tambem considerada pela critica francesa como um passo importante na reacção contra o realismo, e muito se esforçou por o demonstrar Paul Janet, que acêrca deste romance fez um curso de semestre, na Sorbonne, havendo nelle interessado um vasto publico. Em quê e como era o *Discipulo* um passo da reacção contra o realismo?

Era-o, duma maneira implicita ou declarada, por todos os caracteres. Publicado em 1889, em pleno triumpho do naturalismo, que de certo modo defendia a subordinação da arte litteraria á sciencia ou uma complacencia fraca perante a sua tendencia absorvente, o *Discipulo* corajosamente apresentava como thése o grau de moralidade da sciencia moderna e a quantia de responsabilidade que cabia aos pensadores, que di-

(1) O manifesto vem publicado na integra do livro de Edmond Lepelletier, *Emile Zola*, Paris, 1908. Avisamos o leitor de que este livro não é animado por uma critica elevada.

rigem a mocidade, pela suggestão das suas doutrinas. Espirito tradicionalista, P. Bourget, apresentando como protagonista um phychologo viviseccionista e levando a victima da sua curiosidade especulativa e da sua indifferença moral ao desespero do suicidio, fazia uma condemnação formal da seccura e do egoismo gelido, que a analyse scientifica attribue ao homem de sciencia, que mesmo ao mundo moral nega toda a noção de valor e todo o conceito de bem e de mal. Em todo o romance, se pratica uma minuciosa analyse psychologica por via da intuspecção, e não por deducções levianas da physiologia; em todo o romance a descripção e o retrato são reduzidos ao minimo, pequenos subsidios esparsa e escassamente ministrados para illustração da intriga, como deixando que esta no seu desenvolvimento e exhibição se justifique. A propria composição era um passo insubmisso, porque affastando-se do ponderado equilibrio artificial duns realistas e do desordenado amontoado de notas de reportagem de outros, como os Goncourt, resuscitava o velho processo dos romanticos: a confissão duma alma, a leitura dum manuscripto inesperadamente apparecido. Effectivamente a parte principal, nuclear do *Discipulo*, consiste na confissão de Roberto Greslou, sendo tudo que antecede apenas a necessaria apresentação introductiva, e tudo que segue a prevista conclusão da thése e dos sentimentos do auctor: o castigo do criminoso, que a sociedade como tal não considera, antes dignifica pela sua superioridade intellectual, infligido pelo homem-typo, que P. Bourget julga o modelo do cidadão prestante, e que a sociedade culta engeita pela sua rudeza, pelo seu simplismo moral, pela sua decisão activa, pelo seu conservantismo.

Quando não bastasse a ousadia da thése, tão francamente preoccupada de moral, e os caractéres tão alheios á severa disciplina do realismo, a larga influencia do romance, toda exercida no sentido dessa mesma thése, attestaria que o seu apparecimento foi um passo consideravel na reacção contra o mes-

mo realismo, democratico e amoral. [1] Assim foi considerado pelos mais bellos espiritos dos dois lados, tradicionalistas e livre-pensadores. Entre os primeiros, foi de Brunetière a voz mais eloquente; entre os outros, foi mais prestigiosa a de Anatole France. Taine, julgando-se attingido, como mestre da geração de Roberto Greslou, longamente se explicou e justificou perante P. Bourget.

Parallelamente ao realismo, outros auctores iam construindo a sua obra litteraria, fóra dos dogmas do naturalismo, sem deixarem de ser avidamente lidos e enthusiasticamente admirados como Anatole France e Pierre Loti. A obra destes escriptores foi um argumento sempre presente aos olhos dos que defendiam a autonomia da arte litteraria das severas regras da seita.

Veio depois o symbolismo na poesia e com elle appareceu um tentamen de gosto, que, embora em generos diversos daquelle em que o realismo de preferencia se exercitara, era uma reacção contra elle, como os seus proprios representantes principaes confessaram. Que se manifeste num ou noutro genero, o gosto litterario é sempre um phenomeno psychico e esthetico, que se expressa pelo modo que occasionalmente lhe parece mais idoneo. Como reacção, o symbolismo foi de escassa influencia, porque á grossaria e á clareza duma litteratura tão preoccupada de sciencia, fazia succeder a preferencia da confusão proposital, da insensata imprecisão. A extrema subjectividade, o estylo livre até ao indisciplinado desdem da syntaxe, pessoal até á incomprehensão, a religiosidade eram partes essenciaes do programma do symbolismo — programma que a critica teve de laboriosamente deduzir, porque os symbolistas

---

[1] Sobre o *Discipulo* existem dois valiosos estudos criticos de auctores portugueses: *Le Disciple, de Paul Bourget*, Moniz Barreto, na *Revista de Portugal*, vol. 2.º, Porto, 1890, e *Le Disciple, de Bourget*, do sr. Henrique Vilhena, na *Revista de Historia*, 1.º vol. Lisboa, 1912.

nunca com clareza o formularam e chegaram mesmo a fazer crer que não sabiam ao certo o que se propunham fazer. O que chegaram a fazer — uma pretensa evolução no estylo e na metrica, com uma desordenada incoherencia de ideas, com tentativas de linguagem musical por meio das suas «audições coloridas», e tantas outras extravagancias — pequeno numero de adeptos logrou, e a breve trecho a critica sã fazia ver que no symbolismo havia muita incultura, muita insinceridade, muitas palavras vãs e só uma affirmação consideravel, a de reagir contra o realismo. Ao espirito mesquinho de actualidade ephemera do naturalismo oppunham uma tendencia, que elles suppunham nova, mas que é, mais ou menos, a tendencia de toda a verdadeira poesia, ver nas coisas e nas pessoas não apenas o significado fortuito actual, mas o seu permanente espirito. Sem trahir essa tendencia symbolista a poesia, como toda a arte litteraria, seria uma banal glosa de trivialidades episodicas, totalmente destituidas de qualquer sentido generico.

Como protesto contra o naturalismo — e é sob esse aspecto que elle especialmente nos importa — o symbolismo teve consequencias minimas; como corrente innovadora, circunscreveu-se a miudas questiunculas de forma, só na litteratura francesa dignas de observação.

Desde 1875, Brunetière manteve uma campanha perseverante contra o naturalismo, que considerava deshonesta deturpação duma doutrina d'arte, salutar, benefica e proficua, tal como a comprehenderam e executaram os romancistas russos e ingleses. Com rijos golpes atacou o naturalismo, já na pessoa do seu corypheu Zola, já na de outros adeptos, salientando a artificialidade rebuscada do estylo da escola, o pessimismo desalentador e um pouco injustificado, o soberano tédio por tudo que não fosse a arte litteraria, a grossaria, todos os negativos caracteristicos da escola. E esta campanha anti-naturalista não foi sem effeitos, porque era uma voz prestigiosa a que a diri-

gia, a dum capcioso dialectico, que sabia encher-se de argumentos e fazê-los valer espectaculosamente.

O realismo não teve theatro, apesar de algumas tentativas se haverem ensaiado, e esta incapacidade de crear theatro devia ser convincente motivo de desfavor para essa escola litteraria num paiz, cuja litteratura ostenta uma tradição dramatica, sempre viva e opulenta.

Tambem poderosamente contribuiu para que o naturalismo tocasse o seu termo de validade e para a historia litteraria se retirasse, a mudança do estado de espirito, que lhe servia de fundo, que o creou e o justificava. A irreflectida idolatria da sciencia, o materialismo physiologico e a utopia da democracia felicitadora passaram, porque os factos e uma severa critica, dia a dia, derruiram essas illusões, desfazendo as nuvens de ingenua confiança que as coloriam. A organização doutrinaria do partido tradicionalista, que pretende restituir a sociedade ás velhas bases da auctoridade e da legitimidade historica — assim invertendo a grande illusão — , a complicação crescente da questão social, que numa democracia mais exígentemente se põe, as influencias que do estrangeiro foram chegando, a formulação opportuna do idealismo philosophico, tudo organizado determinou um estado de consciencia muito outro, um pouco indeciso, mas já não unilateral, nem tão systematico, nem tão confiadamente progressivo e constructivo como era o do segundo imperio e dos primeiros tempos da republica.

Definir esse outro estado de consciencia e apresentar as suas consequencias litterarias não cabe nos limites deste artigo.

Em Portugal estas causas operaram indirectamente, por acção reflexa. Só uma se produziu a dentro do movimento da propria litteratura: a fadiga e exhaustão do genero pelo exaggero dalgumas caracteristicas, em detrimento doutras conjunctas, menos dissolventes. A todos, que com interesse têm lido os nossos auctores modernos, occorrerão os nomes dos que foram portadores da decadencia do romance realista português.

V — O sr. Anthero de Figueiredo [1]

O sr. Anthero de Figueiredo, que é hoje um dos mais nobres prosadores da moderna litteratura portuguesa, conta já uma bagagem litteraria sufficientemente quantiosa para evidenciar a evolução progressiva do seu espirito, sempre preoccupado da seriedade da sua arte. Cada vez mais conscientemente senhor das suas naturaes inclinações, o sr. Anthero de Figueiredo, desde o seu primeiro livro até ao ultimo publicado, vae caminhando do extremo subjectivismo e do pessimismo juvenil para a serena objectividade, para uma mais calma visão das coisas e das pessoas. A sua evolução litteraria está ainda longe de se haver cumprido: o romancista é novo e em plena maturidade do seu talento muito terá ainda para offerecer ao vasto publico de Portugal e Brasil que o ama; tambem a inclinação que ao seu talento litterario nós attribuimos como predominante, ainda se não tem desenvolvido em plena expansão, pois de certo guarda em si rincões occultos e facetas ainda inéditas, que em breve perante nós irá desdobrando.

Taes são os dois pensamentos dominantes deste pequeno artigo: extrahir e evidenciar da sua obra os marcos capitaes que assignalam a evolução dum espirito, altamente preoccupado da nobreza da sua arte; e expôr com o subsidio unico da obra, qual a fórma dessa arte para que o romancista mais naturalmente propende.

---

[1] Publicado no n.º 18 da *Revista de Historia*, Lisboa, 1916, e em brochura independente, em casa de Aillaud, Alves & C.ª, 1.ª e 2.ª edições.

*
* *

Quando o sr. Anthero de Figueiredo publicou o seu primeiro livro, um conjuncto de circumstancias actuava sobre elle de modo imperioso e deu o seu cunho ás *Tristia*, sua estreia de 1893. No ar, já por suggestão da França, onde um movimento de rebeldia contra o realismo se accentuava, já por directa derivação do anterior gosto litterario, realista e positivista, no ar andava, suspensa e vaga, uma corrente anciosa de novidade, que já produzira eloquentes affirmações de neopessimismo subjectivo, como foram os livros de Eugenio de Castro, Luiz de Magalhães, Silva Gaio, Julio Brandão, Antonio Nobre, etc. No estrangeiro, o futuro auctor da *Leonor Telles* já por leituras, já pela convivencia e observações, soffreu o influxo da tristeza social coeva, consequencia de largas campanhas criticas que haviam emurchecido a arvore do ideal, sem nada erguerem em seu lugar; este influxo casava-se á maravilha com o seu temperamento melancholico propenso á meditação lyrica. As *Tristia*, de 1893, o *Além*, 1895, e as *Palavras de Agnelo,* de 1899, são obras duma alma doente, que denunciam a atmosphera de sentimentos e ideas litterarias, em que se formou a constituição artistica do auctor.

Ha, porém, differenças essenciaes entre esses tres livros. As *Tristia* são lamentações duma alma dorida, ora em desespero, ora em melancholica resignação, predomina nellas o estado de passividade, pois o estado de desespero para nós tambem o é. O *Além* ostenta outros sentimentos mais complexos: além do precoce pessimismo, em parte devido a doença moral, em parte contrahido pela via litteraria, além do infrene idealismo que dá azas largas á imaginação, exprime saudades da vida bella e saudavel dos campos, e, como diz o seu titulo, cuidados e anciedades, presentimentos vagos, prejuizos, receios, farrapos de

visões, descontentamentos inconciliaveis, illusões, fragmentos do mundo incongruente que a imaginação cria a dentro do espirito do mystico espiritualista, queremos dizer daquelles que, todos alheados da realidade, que em torno delles decorre, só na imaginosa meditação pessimista se comprazem. Em vez do pensamento unico de Deus, que norteava a meditação dos mysticos religiosos, estes mysticos espiritualistas litterarios, todos se deixam nortear pelo sentimento dominante do pessimismo, e delle vão colorindo todas as construcções que a associação das idéas ante si vae desenrolando. O pessimismo extremo, sobretudo sob a forma de disposição litteraria, é, quanto a nós, a forma ultima do subjectivismo; pois quem é radical, absoluta e inconciliavelmente pessimista, é-o porque o cotejo entre a realidade do mundo e os seus sentimentos, ambições e projectos não o conduziu á certeza duma paridade completa, como o seu egoismo pretendia. Ha outras formas de pessimismo: o pessimismo dos sabios, dos velhos intelligentes, e dos que muito teem soffrido; esse pessimismo, feito de saber e de desillusão, conduz á bondade e a uma apreciação mais justa das acções humanas, e do seu mobil real. Mas o pessimismo litterario dos novos, que ainda não teem cabedal consideravel de saber e de desillusão, esse é apenas uma transitoria forma do egoismo da mocidade. A força combativa, a impulsiva anciedade, a sêde de gozo, que são proprios da mocidade, sob esse veu de tristeza, seguem outro trilho, outra forma de expressão mas sem perderem a predominante caracteristica: o amor do eu. Isto nos suggerem os livros da primeira phase litteraria do sr. Anthero de Figueiredo. Tanto as *Tristia* como o *Alêm* não teem um plano; são notas de diario, em que uma alma exclusivamente occupada de si se commenta, em que o coração escuta as proprias palpitações. Nas *Palavras de Agnelo* já ha um plano; o estado de espirito é o mesmo, mas ha concepções proprias, aventuram-se elogios calorosos da bondade e da ignorancia, confessa-se a desillusão do amor sexual, desejado no *Alêm*,

ha interesse pela multidão que passa, commentarios, embora naturalmente pessimistas.

Este livro é um passo para a objectividade. Ignoramos se a este tempo já teria a doença deixado de dar razão ás fundas amarguras do primeiro livro, mas quanto se póde concluir da obra dum escriptor para a vida do mesmo, a alma que meditou as *Palavras de Agnelo* tem já outra confiança em si, apresenta-se mais liberta de cuidados afflictivos. A innegavel influencia do Antonio Nobre, a que maior parece ter sido, se não fôr illusão produzida pela paridade dos dois espiritos; a de Guerra Junqueiro pelos seus *Simples*, visivel no *Além*, publicado com tres annos de intervallo: e a de Anthero de Quental transparente no capitulo XVI do mesmo *Além*, um dos mais bellos do livro, vão-se apagando, para deixarem formar-se em franca liberdade uma nova individualidade litteraria.

Nestes três livros já se observa a pureza de dicção, a clareza e simplicidade de estylo e o amor da exacta e perfeita expressão, que hão de vir a fazer de seu auctor o prosador, que hoje tanto admiramos. No seu primeiro livro, é já um prosador português, que para exprimir os seus mysteriosos anceios se não permitte a licenciosa liberdade de adulterar a linguagem, riqueza que a todos nós pertence, e que, por isso, a todos cumpre respeitar, que não ousa, levado pelo impulso infreno do seu egoismo espiritual, criar um estylo seu, incorrecto e incoherente, tortuoso e confuso. Esta valiosa qualidade faz que estes escriptos menores do psychologo dos *Comicos* não percam inteiramente para o leitor criterioso o interesse e o valor, porque, se passou a phase espiritual, que elles expressam, continuou-se delles directamente o dom de prosador, que viremos a evidenciar nos ultimos livros. Tambem alguns motivos, que mais tarde hão-de inspirar formosas paginas, já alli se encontram com menores relevos e ás vezes engastados em pensamentos e sentimentos, que o auctor virá a contradizer. Assim nas *Tristia:*

« *Recordar.*

« Viver da vida que já passou, é sempre amargo, para mim.

« Mas se os nossos olhos pousam nas alegrias da familia, nos dias claros em que o riso enchia a casa, recordar é desalentador: — Salão forrado de porcelanas, onde um nevoeiro alastrou sua cinza.

« E vemo-nos sós na fita da estrada, quando eramos um bando no começo da viagem.

« Mal dos que se commovem, porque a adversidade lança-lhes armadilhas, adormece-se beijando a familia, accorda-se na orphandade ». (Pag. 7) Assim, nas *Palavras de Agnelo*, quando confessa a sua religiosidade: « Templos de pedra são lugares aonde a gente vae dobrar os joelhos, pôr as mãos e dizer a Deus palavras sabidas que andam nas cartilhas. E, como se Deus estivesse mais ahi do que nas planuras dos mares, nos campos ou sobre as montanhas, tudo é pôr lindos e riquezas nessa casa, que (visto ser feita por mãos mortaes) um dia, com o rodar do tempo que nada poupa, será estragada e derruida; — templos materiaes, para os que só vêem a religião quando ella lhes entra pelos olhos. Estes são os voluptuosos que, enchendo-se do prestigio do fausto, satisfazendo-se com a exterioridade do culto, quasi sempre ficam nús por dentro, embora seja aurifulgente a roupagem que os paramenta. Tudo isto são fórmas, e as fórmas murcham e... passam. O sentimento religioso é uma aspiração ampla que abrange o Infinito. Infinita deve sempre ficar, porque pô-la em fórmas, concretizá-la, seria reduzi-la do que ella é. Quem ha-de querer metter a magia duma noite silenciosa e estrellada no quarto onde dorme? Quem ha-de querer pôr num oratorio, para as rezas da noite, o mystico clarão da estrella dos Magos!

« Ha um templo melhor a construir, e esse é adentro da nossa propria alma. E' ir ás paredes grosseiras da consciencia barbara com que vimos ao mundo e desbastar, desbastar ven-

cendo a sua teimosia instinctiva, até ficarem numa leve architectura de limpido crystal, donde o sol da virtude se reflicta e os maus vendavaes se quebrem. Construir este templo é formar dia a dia, hora a hora, momento a momento, a consciencia perfeita, praticando o Amor em volta dum só altar — o Bem, como as almas nobres o concebem, ou melhor, o sentem.

«Vista assim, com olhos penetrantes, a verdade do destino humano, tudo o mais é conduzir a vida neste proposito, de modo a merecer que nos risquem na campa aquele epitaphio maximo: «Passou fazendo o Bem». (Pag. 28-31).

Com esta primeira phase, que rapidamente havemos caracterizado, dá-se uma particularidade estranha: ella foi cortada por uma affirmação já de calma observação, em que o auctor mais se comprouve em ver e fazer ver que em meditar e transmittir seu desalento, isto é, entre livros, como o *Além* de 1895, e as *Palavras de Agnelo* de 1899, intercala-se outro, *Partindo da Terra,* que os contradiz. Ou não é exacta a chronologia das suas obras, que temos á vista, ou factos que desconhecemos determinaram essa irregularidade de evolução, essa recahida no desalento. Effectivamente, *Partindo da Terra* é um livro de contos, isto é, de narrativas e descripções, em que logo vemos nova disposição moral e em que o proprio auctor da peça inicial do livro, *Começando...*, se confessa, quando falando da paisagem minhota e da despreoccupação moral que ella instilla nos que a habitam e a admiram, nos declara muito peremptoriamente: «Eh! rapazes, eu sou como vocês, e tambem me quero aqui, depois de me decidir a mandar calar de uma vez para sempre esta senhora minha alma sentimental, que é a peior das companheiras quando lhe dá para me confidenciar suas visões maguadas.

«Eu, ingenuo, ouço-a, e ingenuamente deixo-me levar pelo que ella me diz. Sabe-me do fraco e por isso tem feito de mim tudo o que tem querido. Agora, porém, que estou prevenido, isto vae acabar, tanto mais que já me disseram que

ella ia feita com Schopenhauer, Hartmann e outros a quem tem dado ouvidos submissos... » (Pag. 16 e 17). E, com effeito, nos sete contos que compõem esse livro não ha as sombras da morbida tristeza, que enluctavam a alma do escriptor: nelles ha sol e verdura, natureza alegre ou melancholica, movimento e acção; já não é o que na sua alma se passa que constitue materia principal. Ha, sim, melancholia, mas a melancholia do sentimento, que busca sentir para além das transitórias apparencias formaes; esse livro já tem sentimento proprio dos seus motivos, não o simples pessimismo doentio do espirito do auctor.

Sem localização real, sem chronologia, sem qualquer concreta individuação, todos os contos obedecem a um proposito de fazer symbolismo, de representar no caso contado a generalidade duma hypothese e a sua interpretação: perdem por isso em pormenorização descriptiva, mas ganham em latitude de significado. Esse proposito de symbolismo cumpriu-se muito desigualmente. O conto *O comboio* apresenta-nos o progresso a destruir a vida primitiva e simples; nesse conto, o auctor soccorreu-se do animismo, processo que, mesmo parcimoniosamente usado, é de grandes recursos. Sempre que se defende uma these, por meio duma narrativa symbolica, o narrador é levado pelo alargamento crescente dos effeitos, affeiçoando tudo e todos ao effeito que tem em vista, abusando um pouco da liberdade de que dispõe, visto inventar uma hypothese ideal, que deve participar de todos os casos da generalidade, a recorrer ao animismo, estendendo á natureza e ás coisas inanimadas a sympathia pelo facto que narra, produzindo desse modo uma convergencia de effeitos, unanime e perfeita: «Todos se enterneceram então: — até as hervas e as flores; e não tardou que o mato novo, e os malmequeres brancos, a carrasca lilaz e a silva que dá a amora, viessem, condoídamente, cobrir a terra ferida de verdura sadia.

«Havia amargas queixas entre os vencidos: pelas cumia-

das, os pinheiros bravos eram grosseiros de linguagem para com as acacias delicadas que já iam plantando no lugar onde havia de ser a estação; as enxurradas andavam furiosas; e até com os moinhos entrou a tristeza — elles que eram a alegria em pessoa, cantando á desgarrada de um outeiro para outro. Foi hora em ponto: por mais que o vento soprasse, seus braços só se moviam mollemente, com gestos abandonados de quem traz em si um grande pezar que nada distrahe.

«Conservaram-se indifferentes, apegados ao seu egoismo, os velhos muros agrestes que subiam as montanhas, de ha muito carregados de desalentos para a vida, desde que lhes cahiu o ultimo resto do barro onde vicejavam, entre pedras negras, as poucas hervas que eram a sua alegria. Tambem nada disseram os braços novos das videiras — umas creanças — que continuaram sua vida simples, debruçando-se dos muros caiados, e sorrindo infantilmente aos que passavam.» (Pag. 26). Parece contradizer um pouco a intenção deste conto o outro intitulado *Rua Nova*. Segundo a narrativa, a idéa dum melhoramento local, a idéa do progresso, dividiu todos os do lugar, semeando a discordia entre amigos, e a quisilia nas familias mais pacificas e unidas; mas depois a realização, a experiencia do progresso, em que todos collaboraram e de que todos vieram a aproveitar, a todos congraçou e reuniu. Nos *Sonhos do João*, um apaixonado fatal, perseguido por visões penosas; no *Sob o alpendre*, o amor de dois cegos mendigos; e na *Volta do Emigrante*, um desilludido e abandonado, não têm já tão grande relevo como nos dois ultimos contos, *Um Fadario* e a *Figura de Pedra*. *Um Fadario* narra «o caso daquelle poeta que viveu enamorado do alêm tranquillo que, nas paizagens da terra, e nas da vida, parece existir aos olhos irrequietos de quem busca um lugarejo aonde a sua alma pouse aquietada»... (Pag. 173).

Esse proposito do symbolismo é, porém, não só mais evidente, mas mais bellamente engastado na ultima peça, *A Fi-*

gura de Pedra, a melhor do livro. A idéa do conto é tão formosa, a sua intenção ao mesmo tempo tão bella e tão verdadeira, que nós cremos que o auctor teria para elle recebido a suggestão dalguma lenda; o conto tem, como diria um impressionista, um sabôr folclorico.

Na peça *Estrada Nova,* de 1900, no mesmo anno representada no Porto, entrelaçam-se duas acções: a inauguração duma estrada nova e um episódio de amores. Apenas assistimos aos festivos preparativos dessa inauguração da estrada, obra que, como na *Rua Nova* do livro *Partindo da Terra*, era devida ao esforço de alguem de elevado prestigio local, o morgado na *Rua Nova*, o abbade na *Estrada Nova,* obra que, como neste conto, tambem apaziguára muitas inimizades locaes, só não conseguindo estabelecer accordo quanto ao nome a dar á nova estrada. Os preparativos interrompem-se e nós vemos a multidão, que se dispunha para festejar com o abbade a inauguração da estrada, partir com elle á frente a tomar um desforço da desfeita do partido contrario, que fizera em estilhaços o letreiro que registava o nome que o suffragio popular logo déra á estrada: *estrada nova.* Esse desforço é um dever; em torno delle se unem todos. Tambem é o dever que bruscamente separa duas almas enamoradas, Antonio de Sousa e Maria, porque um e outro, di-lo uma terceira personagem, Manuel Monteiro, estão condemnados á tysica. Uma festa que se preparava e que subitamente se transforma num desforço de ultrage, e um amor nascente, logo prejudicado pela consideração sensata do futuro, por um sentimento mais vasto e desinteressado, o dos filhos, o da propria humanidade, quando assim tratados só episodicamente, são muito pequena materia para três actos. Nunca ouvimos a peça representada; queremos crer, porém, da simples leitura, que ella terá, como obra de theatro, dois graves defeitos: a prolixidade e a falta de movimento que anime e mantenha a attenção. Tem movimentação, é certo, mas artificial, porque em pequena parte se refere á

sua dupla acção, quasi toda deriva do quadro de fundo, que a emmoldura. Depois, não ha uma exacta correspondencia entre o dever da multidão, que vae vingar uma affronta, e o dum namorado que se afasta da mulher que ama, pelo receio de ter filhos a quem não possa sequer legar uma herança de saúde. O primeiro dever — se dever se pode chamar — cumpre-se de gosto, com prazer semelhante ao da vingança, de cabeça orgulhosa, sem nada aproveitar á parte contraria, muito pouco aproveitando á que o pratica; o segundo dever cumpre-se cabisbaixo, com o lucto na alma, só consolado nas desgraças futuras, que ambas as partes evitam. Esta peça, que, como se vê, é tambem dominada por um proposito de symbologia, como *Partindo da Terra*, parece revelar que não é para o theatro o mais decidido pendor do auctor; seria tambem uma muito brusca passagem a que se faria, indo do mais nevoento e lugubre pessimismo, do mais extremo subjectivismo ao theatro, genero que requer dons muito diversos do que possue um romancista. Para nós esta peça, *Estrada Nova*, é, como o já alludido livro de contos, uma balisa que marca a vereda, que este espirito seguiu na sua transição, ao desembaraçar-se dos obstaculos, espirituaes e litterarios, que lhe tolhiam uma visão ampla, generosa, animada de sympathia, espiritualizada pelo sentimento sensato, justo e moderado, fundamentada na observação real. Foi pois pela via do symbolismo que o escriptor passou da sua phase inicial de extremo pessimismo ultra-sensivel á maturidade do seu talento.

*

* *

Com as *Recordações e Viagens*, de 1905, inicia o escriptor a sua segunda phase. Foi esse livro tambem que lhe deu notoriedade, que lhe abriu as portas triumphaes do exito litterario, que por certo as obras anteriores não forçariam nunca.

Qual o processo adoptado nesse livro de reminiscencias, di-lo o auctor na peça de abertura, *Gosto de recordar*, paginas bellas entre as suas mais bellas paginas: nem plano, nem notas, deixar que a saudade evoque as recordações, ao sabor da contiguidade e associação das imagens e que a penna as vá registando. Simplicidade na evocação das suas recordações e transparente clareza ao descrever-no-las são os dons principaes do seu livro de viagens. Evocando e descrevendo as suas reminiscencias, o sr. Anthero de Figueiredo compraz-se principalmente em reconstituir estados sentimentaes da consciencia, onde triumpham o devaneio e a saudade colorista. Meigos sentimentos de saudade, a dôr grata e amarga de se não ter o que se amou, reviver o que passou, mas através do seleccionador crivo da saudade que avoluma o mal presente, para esquecer o mal passado, devaneios que em farrapos de visão fazem desfilar perante os olhos do espirito quadrinhos deliciosamente coloridos e animados, sob o melancholico veo de saudade, processos são todos muito artisticos e muito lyricos e que se encontram no livro das *Recordações e Viagens*, do sr. Anthero de Figueiredo.

Logo o primeiro trecho, depois da peça de abertura já alludida, logo no capitulo *Na City*, na azafama febril e indifferente para elle, de Londres, lhe lembra a sua terra natal, e numa bella sobreposição de imagens, como as que a destreza dos photographos usa no cinematographo para reproduzir as recordações das personagens, vemos irromper dentre a multidão egoista e cosmopolita das ruas turbulentas de Londres ennevoada, o claro céu crystallino de Portugal num lugarejo do Minho, um recanto familiar, velho e inalteravel nos costumes e nos moveis, nos sentimentos e nas idéas. No seguinte capitulo, *Três cemiterios*, patenteia o dom de, com a maior simplicidade de estylo, saber evocar complexos e profundos sentimentos, quadros de vasto significado. E' um exemplo o seguinte trecho, tão vivo e flagrante que os leitores decerto se interrom-

pem a meditar alguns momentos, de olhos tristes, sobre todos aquelles que são paes, e ao mesmo tempo tão simples no modo de dizer que se perguntarão com surpreza a causa de tão fundo effeito: «Varios são assim; mas ha um tumulo que impressiona vivamente: junto do caixão, um austero frade capuchinho — velho de longas barbas e testa vincada — em pé, absorvido num livro de orações. E' tudo; mas com que respeito nos approximamos dêsse tumulo e nos pômos a falar baixo para não perturbar a reza do santo que advoga no Infinito a causa daquella alma!...

Outro, e este todo delicadeza: de um sarcóphago pende um medalhão com o busto, tamanho natural, de homem ainda novo. Junto, uma linda figura de mulher com uma creança ao colo — viuva e orphão — que veio visitar o seu morto; e emquanto, chorosa, allivia a sua dôr na dôr de pensar nelle..., a creancinha, sorrindo, faz festas, com os deditos, na face do busto em que reconheceu o pae!

Se a saudade pelos mortos fosse em todos os tumulos tratada com tão commovido poder de arte como é nesse, seria bem impressionante andar pelo meio delles! Mas não é, e ainda bem, para que a nossa saudade se não rasgue na saudade dos outros...!» (Pag. 31). Falando de Dürer, no capitulo *Na Franconia*, dá-nos uma sequencia de bellas recordações historicas e mostra os dois já referidos caracteres do livro, na descripção e na interpretação que simultaneamente faz, de divisas e symbolos da mystica religiosidade medieval. No *Valle de Tet* destaca-se um formoso trecho, o da viagem da diligencia, em que de modo tão summario e flagrante, a simples pinceladas, nos reproduz o quadro e o effeito moral do encanto sempre insatisfeito e incompleto, por isso mesmo grato e saudoso, que experimenta quem pela primeira vez viaja em terra desconhecida, em companhias que pela primeira vez encontra e que deixa de ver para todo o sempre, quando começavam a nascer a benevolencia cordeal e a curiosidade. O sr. Anthero de Figueiredo

não sabe só fazer o elogio vivido e eloquente do prazer de recordar, sabe praticá-lo deliciosamente, como intenso goso espiritual, em que empenha dos mais nobres elementos do seu espirito: a sympathia e a intelligencia de certos estados de alma, intermédios entre os mais definidos, aquellas cambiantes audazes, que o psychologo naturalista não póde nem quer reconhecer, mas que são a matéria predilecta do artista, são a marca da individualidade caracteristica das almas; e ainda o dom de, a rapidos traços, déxtramente lançados e combinados, nos pintar um quadro. É um descriptor, á maneira do estricto realismo de Zola? De modo nenhum, porque nelle a descripção é subordinada ao fito de fazer sentir; procura fazer ver para melhor fazer sentir, e por isso não visa á descripção exacta e imparcial, mas á muito arbitraria descripção da sua visão propria. Este livro, *Recordações e Viagens,* por pertencer a um genero, em que a descripção minuciosa, feita sob apontamentos tomados *in loco*, costuma ter grande lugar, é uma prova evidente de que este escriptor, escrevendo e colorindo, só descreve e colore com o lapis e as tintas das suas recordações.

Um tal espirito, a não querer cultivar preferentemente este genero de litteratura, parecia especialmente dotado para ascender a outro, que hoje occupa um lugar soberano, já por circumstancias modernas de ordem moral, já por ser um genero de muito amplos recursos: o romance. E dentro dêste genero, tão multímodo na sua apparente monotonia, uma fórma lhe seria em particular grata: o romance da paixão. E' facil ser propheta, depois de consumados os factos, mas não se nos póde levar a mal que digamos acharmos correspondencia entre a marcha do espirito do sr. Anthero de Figueiredo, e a conclusão que das premissas offerecidas pelas suas obras nos permittimos extrahir.

Foi effectivamente com um romance de paixão, *Comicos*, que o sr. Anthero de Figueiredo proseguiu a sua obra; ou melhor, foi effectivamente só romance de paixão que depois do

seu livro de viagens elle nos deu. Os *Comicos* affirmaram que a qualidade eminente da sua constituição artistica era o dom de analysar, interpretar e reproduzir a psychologia irregular da paixão, as formas sempre novas desse velho mal, a paixão amorosa, a paixão fatal, á maneira de Camillo, que annula a vontade, rasga os preconceitos moraes e illude a logica do espirito mais recto. Mas o modo por que o sr. Anthero de Figueiredo a interpreta, sobretudo o modo como a descreve, é já diverso do de Camillo; soffreu alguns additamentos, os que lhe proporcionou o progresso litterario (note-se que, para nós, progresso significa menos aperfeiçoamento que movimento e crescente complicação). Na pequena dedicatoria, com que antecedeu o seu provocante romance *Eusebio Macario*, o truculento polemista frizava já a distancia que ia do seu processo ao que já a esse tempo estava em moda, e uma das differenças consistia em «pôr a physiologia onde os romanticos punham a sentimentalidade.» O sr. Anthero de Figueiredo é um chronista da paixão á maneira camilliana, porque dá o primeiro lugar á sentimentalidade, mas, cedendo á sua educação feita em pleno triumpho do realismo, muito põe tambem de physiologismo, que se manifesta principalmente em certa crueza de pormenores, em repetidos episodios de sensualidade.

Os *Comicos*, de 1908, narram «um caso de amor forte e desgraçado», em que se enredaram duas almas muito dispares: a paixão dum poeta, fraco de vontade e soffrendo do morbido prazer de se analysar a si mesmo e nunca se satisfazer, e duma actriz, em que sobrava o talento e a bondade e em que faltava completamente o senso moral. Após rapidos inebriamentos, os de todos os principios, a que neste caso accrescia o sabôr da extravagancia e do contraste, surge o conflicto das almas, formadas em meios e por educações diversas, e accorda o delirio de perpetuamente se analysar, do protagonista; segue-se um viver tempestuoso, que termina pelo suicidio deste. A acção não tem nada de novo; é um velho thema, repetidamente can-

sado na alta e na baixa litteratura e tambem frequentemente presenceado. A originalidade e o valor do livro estão no modo, inteiramente pessoal, por que o auctor tratou esse thema: não explicar, nem historiar, offerecer aos leitores fragmentos de memorias, de cartas, pensamentos e observações dos protagonistas, e deixar livremente que o leitor recompônha e reconstitúa a historia tumultuosa dessa paixão. Faz dos mil episodios de lyrico enleio, de arripiante desespero, de endoidecedora sensualidade, de triste saudade e de brutal sadismo uma escolha delicada e deu-nos assim como que uma anthologia moral e chronologica desse amor. A composição adoptada tambem contribuiu para lhe facilitar esse processo: é um amigo do protagonista, quando os dois amantes são já mortos, que retalha esses episodios e esses pensamentos das cartas e do diario de João, o heroe, aclarando-os aqui e alli com as suas observações e lembranças, sob a forma de notas. Este modo de composição tambem é revelho; poucos foram os grandes romancistas romanticos que não simularam publicar algum manuscripto de memorias, mesmo o nosso Camillo. Mas o sr. Anthero de Figueiredo apenas delle lançou mão para se justificar airosamente de fazer isso que chamámos anthologia moral e chronologica da paixão de Regina e João. Notaveis são a verdade incisiva e a profunda analyse patenteadas no romance, mórmente no que toca á alma contradictoria de Regina e á destrinça delicada dos laços amorosos que lhe prendiam João. São essas paginas, duma belleza surprehendente, que attestam em plena maturidade os dotes, que nas *Recordações e Viagens* antevíamos. Não ha só um penetrante dom para decompôr e apresentar os escaninhos occultos que essa paixão tambem invade e domina e que o commum das pessoas julga illesos, por residirem quasi na zona fronteiriça do consciente; ha tambem facilidade em encontrar a expressão apropriada, que seja tambem simples e facil, correntia e clara: — «Sim. A tua alma são almas sobrepostas. Ora vives com esta, ora com aquella. Quando

mudas de amante, mudas de alma. Mostras-te e dás-te pela que sentes mais agradar a quem te deseja. Quantos mais homens conheceres, mais differentes almas sentirás em ti. Folias com os alegres: sonhas com os poetas; os aristocratas, criados entre artificios, amam em ti, pelo atavismo dos seus appetites grosseiros, teus instinctos rudes, e tu amas nelles suas fidalgas maneiras; para os romanticos tens a magia da tua vida dispersa, e casam-se com esses espiritos as tuas inquietas aspirações. Os estroinas convulsionam-te a alegria e uma vez com elles és como elles; um imberbe amará em ti o prestigio do teu nome e das tuas saias, e tu amarás nelle sua mocidade ingenua e poderosa; e, num dado momento, a tua alma fatigada é capaz de querer com amizade amorosa a um bom velho delicado e de intelligente conselho, que traga um pouco de paz aos teus nervos esgotados. E porque és sempre sincera comtigo, e porque de todos te agradas, todos se agradam de ti e te amam até á paixão! Mas não tarda que as tuas almas—tantas!—te ponham em conflicto comtigo propria e a ti com os outros: são as tuas tempestades de amor! O que és na vida és no teatro! O teu caracter é de cêra: molda-se a todos os papeis. Quanto mais caracteres crias, menos caracter tens.» (Pag. 176-177).

Aquillo que muito raros escriptores modernos possuem, mesmo os que timbram em entendidos pessoal e litterariamente em materia de amor, tem o sr. Anthero de Figueiredo: é a faculdade de se orientar á vontade e perfeitamente pelo mar encapellado da paixão, naquella zona onde sopram com inclemente furia, o illogico, a contradicção e o irracional, e melhor ainda, preferentemente ainda, se duma alma feminina se trata, pois é no estudo artistico das suas apaixonadas que está todo o interesse dos seus romances contemporaneos: Regina, nos *Comicos;* Gabriela, na *Doida de Amor.*

A *Doida de Amor*, de 1910, trata tambem «dum caso de amor forte e desgraçado». É uma collectanea de vinte e oito

cartas da heroina, uma mulher louca de amor, abandonada, endereçadas ao antigo amante, que nunca as leu, e uma conclusão pelo auctor. Nestas vinte e oito cartas, que nunca foram lidas pelo destinatario, está toda a acção, intriga, personagens, e até dialogos. A composição é, como se vê, das mais simples, e reduziu necessariamente a liberdade de acção ao escriptor, que assim teve de apresentar a sua narrativa através dum espirito unico, o da protagonista.

Gabriella, formosa mulher, educada em França, onde aprendera todos os segredos da arte de agradar, era por temperamento uma vontade fraca e um coração impulsivo. A educação toda litteraria e artistica, toda assente na leitura febril das obras primas da paixão amorosa e no cultivo da musica de mais violentos arroubos, accentuára as suas naturaes tendencias. Essas tendencias, sabêmo-lo por informações que ella propria esparsamente nos proporciona, provinham, em parte, dum desequilibrio nervoso de familia: sua mãe, desgostosa dos desatinos de seu pae, suicidára-se; um seu irmão enlouquecêra; seu pae era um hypocrita devasso, que acobertava sob a mais correcta apparencia um orgulho egoista e uma grande sêde de prazeres; seu marido, com quem casára constrangida pelo pae, era rico e grosseiro, de prosapias nobiliarchicas e libertino, ostentando o seu adulterio impudicamente. Gabriella, intelligente e bôa, formosa e vaidosa, com uma grande tendencia para a impulsividade amorosa, tendencia physica e espiritual, que lhe vinha do seu temperamento e da sua educação, quando se viu abandonada do marido, que em Africa satisfazia os seus caprichos, e perseguida por cortejadores, destacou dentre elles um que plenamente satisfazia os seus sonhos artisticos e amorosos e muito lisongeava o seu amor proprio de mulher formosa. Os mesmos motivos e as consequencias fataes da primeira falta levam Gabriella a commetter segunda falta, de que resulta o abandono pelo primeiro amante. A elle escreveu ella essas pungentes cartas, que elle não leu e que lhe foram devolvidas

intactas. São essas cartas peças muito bellas, em que o amor mais exaltado e a mais soffrega e saudosa sêde de bens passados se exprimem em termos eloquentes, intensos e finamente litterarios. Gabriella era instruida e intelligente, e, além disso, muito e muito lida nos grandes chronistas da paixão. As cartas de amor tinham sido mesmo um seu genero predilecto, como ella propria confessa, quando se compraz em recordar o seu tempo de collegial: «Liamos tudo o que nos cahisse debaixo dos olhos, ou clandestinamente nos chegasse ás mãos, passando horas inteiras absorvidas no mesmo livro. Eu adorava a litteratura. Ensaiei cartas no genero das de Prévost, que traduzi. Devorava Camillo. Li todo o D'Annunzio. Tinha encadernadas em pergaminho as «Cartas» da Soror Marianna, e as de Mademoiselle de Lespinasse. Amava a Baudelaire e sabia de cór Alfredo de Musset. E todas estas leituras me causaram uma dolorosa sêde de amôr, um alvoroçado appetite de aventuras romanticas! Consumia-me na avidez desse ideal! Só o amor me faria feliz. Quantos projectos! Quantas illusões!» (Pag. 26-27). A logica tortuosa, habilidosa e contradictoria do sentimento, os argumentos capciosos dos caracteres sentimentaes, e, sobretudo, a maneira de uma mulher amante se defender e justificar, o modo por que vae pouco a pouco attenuando a propria culpa até reduzir a muito pequena falta umas vezes, a nada outras, até se transformar em queixosa ainda outras vezes, o argumento e a arma sempre presentes, da propria belleza, tudo muito bellamente se exemplifica nessas cartas de amor, vehementes de paixão, boletins diarios da tortura de uma alma que no proprio fogo se consome. O sr. Anthero de Figueiredo não nos descreve esta alma apaixonada, põe-na a funccionar sob o dominio imperioso e exclusivo da paixão, espirito, coração e vontade completamente por ella tyrannizados. Ha pormenores de mestre, pequenos nadas que não foram esquecidos, como a tendencia de Gabriella para desabafar com as creadas, a indicação do endereço novo para onde Raul, o

amante, deveria escrever, indicação dada sempre em post-scriptum de cartas pungentes de desespero, como pequenos clarões de esperança accendidos não por qualquer facto concreto, mas por uma imprevista reviravolta do sentimento, por algum torcicollo da logica do coração.

Estamos certos de que as cartas da pobre freira de Beja foram uma leitura assidua do auctor, não para imitação de estylo, mas sim para com seu penetrante dom de intuição psychologica se habituar á enredada successão dos periodos, ás palpitações precipitadas dum coração desvairado. O sr. Anthero de Figueiredo repetiu essa tragedia, a dôr duma amante abandonada, modernizando-a, pormenorizando-a com o embutir da parte narrativa nas cartas de desabafo e completando-a com o fecho da loucura da protagonista. Este fecho, em nosso pensar, não torna mais dolorosa a tragedia, nem sequer mais verosimil, é por um lado um vestigio romantico, a incurabilidade da paixão amorosa, e por outro, tambem um pouco, o elemento pessoal do auctor, que, como homem moderno, mostra considerar a paixão como um estado pathologico da consciencia, vizinho da loucura e a ella conduzindo. A obra não seria menos bella, nem menos pungente sem esse fecho.

*

* *

Chronista dilecto da paixão, o sr. Anthero de Figueiredo foi em seguida reconstituir os dois mais vibrantes casos de amor da historia patria: o amor que uniu D. Ignez e D. Pedro I e o que subordinou D. Fernando a D. Leonor Telles. Obra de historiador? Obra de romancista? Nem uma nem outra coisa exclusivamente e ambas simultaneamente. O sr. Anthero de Figueiredo, pelas obras *D. Pedro e D. Ignez* e *Leonor Telles*, introduziu na nossa moderna litteratura um genero novo, genero hybrido que participa da probidade scientifica do historiador e da liberdade artistica

do romancista, sem ser um romance historico. Uma e outra obra são, nas palavras do proprio auctor, «um trecho de historia posta em arte», o que, desenvolvido, significa que, tomando tal acção, taes personagens, foi reconstituir essa acção, pondo em movimento as personagens, insuflando-lhes vida, interpretando-lhes os caracteres, usando da maior liberdade permittida dentro dos severos limites da historia. Nada ou muito pouco se inventa, mas tudo que a historia regista se anima e completa, fazendo-se surgir da fria narrativa das chronicas uma viva tragedia humana, como no romance de *La Belle au bois dormant*. Justificando o seu processo, o sr. Anthero de Figueiredo escreve as seguintes palavras: «Todos os historiadores deformam a verdade ao visioná-la através dos seus preconceitos criticos: e tanto mais desviada é essa deformação, quanto maior o seu esforço de encontrar interpretações novas e o de se abalançarem a syntheses concludentes. Mesmo fora da systematização extrema, ou da maior ou menor relacionação scientifica dos factos, este desvio é fatal, pois basta a simples leitura preconcebida de um innocente documento, para logo ahi entrar a parte subjectiva do historiador — o seu sentido pessoal — que tudo transporta. Pensou, alterou. As idéas geraes são para os philosophos o que as emoções são para os poetas. Uns e outros vêem a existencia através destes preconceitos que julgam verdades absolutas e que não passam de visões e sensações individuaes. Da historia pode dizer-se não só que ella é (como Amiel disse da paizagem), um estado de alma emotivo, mas ainda um estado de alma intellectual, isto é, a synthese da associação das idéas do historiador. Todos a perturbam; e, ainda assim, o que menos erra é o que menos pensa. Melhor que a intelligencia, o instincto penetra a verdade; e, melhor que a intelligencia e o intincto, advinha-a o sentimento. Um poeta vê melhor um astro do que vê um sabio. A razão é curta da vista; só o sentimento rasga espaços infinitos e caminha, caminha ainda quando já a intelligencia ficou para traz,

exhausta!... A razão gelaria o mundo, se o sentimento o não abrazasse.

Emfim, não se sabe com precisão o que é a historia; mas sente-se com verdade o que é a belleza. O pensamento entra em desordem na critica dos factos encarados pelas idéas geraes; e, no emtanto, jamais o sentimento duvidou de si proprio, na admiração das coisas bellas. Portanto, de toda a deformação que da historia se faz, a unica desculpavel ao sonho (alimento da vida) é a que se exerce no sentido da belleza — convergencia luminosa em que os espiritos se encontram extasiados, accordes e amigos. Assim penso porque assim sinto. Eis uma philosophia curta numa emoção ingénua.» Taes palavras, escriptas á frente dum seu livro, são por parte do romancista como que um repto aos partidarios da erudição, aos que consideram a historia como susceptivel de ser praticada com methodo rigoroso e que mais confiam nas conclusões obtidas por meio desse methodo, que nas intuições da arte. Se, praticando rigorosamente em todas as multiplas operações um methodo, que pela probidade e espirito que o animam, bem pode chamar-se scientifico, a historia não chega a ser uma sciencia, no significado philosophico do termo, pois nas suas construcções syntheticas abarca muito de arbitrario, — como seria ella se nem ao menos nos processos de apuramento praticasse o rigor scientifico? Taes paginas maculam a obra do auctor da *Doida de Amor,* e bem desnecessariamente. O que o sr. Anthero de Figueiredo fez foi apenas alterar o doseamento da investigação scientifica com a intuição artistica, que a historia sempre comporta; contentou-se com o que existia já apurado, estudou-o conscienciosamente e alargou a parte da arte. Era, portanto, desnecessario e foi de certo modo incoherente atacar a erudição historica. Nella se apoiou o auctor, como confessa: «Porque não ha, no que relato, uma asserção que se não appoie nessas fontes, o livro leva o menor numero possivel de citações justificativas e de notas explicativas.»

Estes dois livros são ainda a confirmação das tendencias artisticas do escriptor, porque são dois casos de paixão. E porque o caso de D. Ignez e D. Pedro é que é verdadeiramente um exemplo de louco amor, de vehemente paixão, que á alma rude de D. Pedro communicou um frémito de ideaes aspirações, inspirou vontade heroica e o levou a affrontar os preconceitos moraes e os preceitos politicos e a arrostar a colera de seu pae e rei, por isso o sr. Anthero de Figueiredo se sentiu plenamente á vontade, — pois é fazendo sentir as mais desvairadas intensidades «deste inferno de amar», os mais infrenes caprichos da paixão, que a sua penna corre ligeira e fluente, certeira e incisiva. Todo o grande mundo que se contem no sentimento do amor, tudo que se fecha á comprehensão dos que só pela razão logica ou pelo interesse aferem os actos da vida, tudo que é incoercivel, fugitivo, subtil, incongruente, paradoxalmente delicioso e penoso, todas as modalidades fugazes, que Camões resumiu no seu genial soneto — *Amor é um fogo que arde sem se ver* — tudo será capaz de penetrar, de desfiar nas suas componentes moraes e de nos fazer sentir este grande poeta do arrebatamento amoroso. O amor-fatalidade, o amor-paixão, o amor fim da existencia e sua plena explicação e justificação — depois de Garrett e de Camillo, ainda ninguem entre nós o soube expressar litterariamente como o escriptor das *Exequias de amor,* formoso capitulo de *D. Pedro e D. Ignez.*

Mas o caso de Leonor Telles é bem outro. E', por parte della, um calculo, uma hypocrisia systematica, um meio de servir desmedidas ambições, e por parte de D. Fernando uma subordinação de temperamento sensual a quem podia satisfazer as exigencias desse temperamento, um amor sem nobreza, sem um ideal levantado e que, a um e outro, exaggerou os proprios defeitos. Depois esse caso de amor está muito embrechado na intriga politica do tempo, manejos e conjuras de Leonor e negociações com os ingleses e guerras com Castella. Emquanto no primeiro, no caso de Ignez e D. Pedro, o pouco que de po-

litica e guerra importa relacionar inteiramente depende dessa louca paixão e é ainda uma sua consequencia e demonstração — no episodio de Leonor é a mesma politica o primeiro e mais agitado plano, e o amor dos régios amantes apenas a explicação intima de tantas leviandades e fraquezas do rei. Por isso a penna do artista, do psychologo, é repetidamente penna vagarosa de historiador que narra, que á sobreposse se tem de demorar mais no mundo objectivo dos factos averiguados que no livre campo da intuição divinatoria.

O livro é bello, mas não ostenta todos os recursos do auctor. A ordenação das suas partes, isto é, o modo como foi seccionada a intriga e as partes que foram escolhidas, e o estylo sequente, sempre quanto possivel a alliar á maxima expressão simplicidade extrema e os retalhos de explicação moral, aqui e alli dispersas, são dons mais do que sufficientes para explicar o exito triumphal da obra.

*
* *

As obras do sr. Anthero de Figueiredo, que acabamos de percorrer e summariamente caracterizar, patenteiam um modo de conceber a vida, que lhe é proprio, concepção em que grande papel cabe ao sentimento amoroso. Emquanto se attribuir a tal concepção um caracter inteiramente pessoal, não nos cabe discuti-la. Mas como é possivel que num paiz, cuja tradição litteraria é essencialmente amorosa, se creia que tal modo de conceber a vida e de a reproduzir litterariamente, consubstancía um gosto litterario de permanente ou unica verdade, nós queremos ao menos, por desobriga de consciencia, oppôr a tal modo de vêr algumas objecções. Nem consideramos a paixão amorosa de amante o grau mais intenso dos affectos humanos, menos ainda o mais nobre, nem podemos appoiar que se lhe dê tal relevo na litteratura, hoje, no tempo que va-

mos atravessando. É para nós, homens de gosto e de cultura espiritual, que se faz litteratura; a arte que se generaliza pelo vulgo é arte necessariamente rudimentar, como aquella, que do anonymato do vulgo ascende á attenção criteriosa das pessoas de gosto, traz a marca dalguns espiritos de eleição, que se destacam desse uniforme anonymato. Ora para nós, homens de gosto e cultura, homens que vivemos a vida incerta e intensa do seculo XX, não é, nem normalmente pode ser a paixão erotica principal objectivo da existencia e seu fito nobilitador. A paixão ou é uma forma extrema e transitória do sentimento, que logo cansa apenas se sacía, ou, se tem caracter de permanencia, uma morbida anomalia. No primeiro caso enfraquece a razão e a vontade, faculdades capitaes da alma — seja-nos permittida a velha terminologia — e no segundo desbasta todas as resistencias e torna a personalidade presa dum sentimento unico, estado que tem muito de commum com a loucura monomaniaca. Ora não é legitimo que impunemente se dignifique uma fórma de sentimento transitória — referimo-nos ao amor-paixão, não amor-sentimento — e perturbadora da livre responsabilidade e deliberação ou uma fórma pathologica, estheticamente desinteressante a grande maioria dos casos. Amor-paixão, vehemente paixão que não cansa, que tem todos os caracteristicos que em vão buscam os grandes amantes anciosos de mais amar, só ha o amor dos filhos, paixão permanentemente em effervescencia, desinteressada, em que nos collocamos no ponto de vista da felicidade e do interesse da pessoa amada, amor com posse completa, do presente e do passado, com dominio amplo, onde o ciume raramente tem asylo. Mas tambem certamente que não cabe á litteratura ensinar-nos a amar os nossos filhos, nem nós acceitariamos tal ensinamento.

Como os que fôram tocados da aljava do Amor penaram suas dôres e como soffreram de saudades e desespero, fartamente no-lo tem contado a litteratura, com superior relevo e

perenne belleza. Nessa galeria muitos nomes portugueses figuram, sendo o mais recente o do sr. Anthero de Figueiredo. Tempo é, porém, que a nós portugueses, flagelados por tantos males sociaes e politicos, já internos, já externos, uma voz de romancista nos falle dum thema, em que todos nos achemos, nos dignifiquemos e consolemos. Vidas, bellas vidas ha, que muitos problemas moraes agitaram e tornaram superiormente edificantes, não sem haverem experimentado o amor, condição da existencia, mas em que este não occupou o principal logar. A vida dos negocios, o mundo da intelligência, que tanto sentimento comporta com suas duvidas e anceios, os estados tão variados da consciencia moderna, alguma vez entrarão no romance português? Alguns passos se deram já, mas como sempre em Portugal — paiz onde sempre se começa e nunca se acaba — sem sequencia. O sr. Malheiro Dias, com os seus *Telles de Albergaria*, e o sr. Silva Gaio, com os seus *Torturados* déram-nos modalidades novas do romance.

Estas palavras não são um reparo às obras do sr. Anthero de Figueiredo, que está em seu pleno direito de fazer a arte litteraria que mais se harmonizar com seu gosto — o que francamente applaudimos —; são sómente um commentario a proposito dessas obras, não vá a acceitação dellas junto dum largo publico contribuir para avigorar o convencimento de que bôa litteratura e paixão amorosa são inseparaveis.

Do estudo psychologico dos auctores na critica litteraria

I — Honoré de Balzac [1]

A. do Prado Coelho — Porto, 1913, 118 pags.

Contem esta obra três capítulos, em que o auctor respectivamente narra a biographia do romancista; faz a analyse esthetica e litteraria de algumas das suas principaes obras, como *Eugènie Grandet*, *Le Pére Goriot*, *Illusions Perdues*, *César Birotteau*, *Ursule Mirouet* e *Modeste Mignon*; e apresenta uma vista de conjuncto e uma avaliação geral da vasta productividade artistica do fecundo romancista. Facilmente se deprehende que será o 3.º capitulo a parte principal do livro e o que mais interesse tem para o publico português. E' difficil possuir essa avaliação critica do vasto conjuncto, ao passo que relativamente facil é possuir os factos principaes da vida do escriptor.

Ha no livro, que estamos noticiando, uma lacuna importante, a falta dum estudo psychologico de Balzac, lacuna que forçosamente se sente, apesar das explicações que o auctor dispersamente apresenta, quando recorda a impossibilidade de reconstituir integralmente um espirito complexo. Faltam dados concretos e miudos que documentem a figura moral de Balzac e nos avivem o secco eschema, que nos fornece a biographia, serie de factos, soffridos e praticados por um espirito, que assim, na sua maxima parte, ficamos desconhecendo. Justo é declarar que foi o auctor, quem deliberadamente omittiu esse

---

[1] Publicado na *Revista de Historia*, n.º 7, Lisboa, 1913; numero reeditado em 1916.

estudo, por não perfilhar essa orientação, embora possúa a argucia e penetração necessarias.

No 2.º capitulo, aquelle em que analysa algumas das obras-primas de Balzac, o sr. P. C. mostra-se partidario do methodo impressionista. Já noutro lugar dissemos o que sobre tal maneira de conceber a critica se nos offereceu, e agora em presença do estudo deste critico impressionista, affirmaremos que o muito que nelle se contem de valioso e profundo é devido não ao methodo, mas á delicada educação litteraria e ao culto gosto do leitor e auctor.

O 3.º capitulo mostra bem como todo o estudo uma percepção critica perspicaz e um grande poder de generalização e observação dos caracteres dominantes duma obra tão variada e complicada, como é a de Balzac, a par dum conhecimento profundo da já bem extensa bibliographia sobre elle.

Finalmente notaremos — notação que é indicio da sinceridade da nossa critica — que o estylo do sr. P. C., sendo caracterizadamente pessoal, nem sempre é claro, pelo contrario, frequentemente o pensamento é obscurecido por uma redacção pouco explicita, ainda que mathematicamente logica. Ha periodos estensos, cortados de incidentes, que poderiam com vantagem ser divididos. E nós cremos que a clareza do estylo deve ser uma preoccupação do critico, porque della depende, em boa parte, o derramamento das idéas defendidas, e quando a critica se exerce com tanta preparação e probidade e se faz porta-estandarte de idéas tão justas, como as expostas neste livro, com a clareza do estylo não lucra só o renome do critico mas muito principalmente o publico.

A esta resenha bibliographica respondeu o auctor visado com um artigo do titulo *Honoré de Balzac*, pags. 210 a 220 do 2.º vol. da *Revista de Historia*. Por nossa vez, firmámos as nossas razões no artigo que se segue e que foi publicado a pags. 48 a 51 do 3.º vol. da *Revista de Historia*, a seguir reproduzido:

II—Do estudo psychologico dos auctores na critica litteraria

Anotações aos principios criticos formulados no artigo, *Honoré de Balzac,* A. do Prado Coelho, *Revista de Historia*, n.º 8.

No n.º 7 da *Revista de Historia,* a pag. 208, publicámos uma pequena noticia critica acêrca do livro do nosso consocio, sr. A. do Prado Coelho, *Honoré de Balzac,* Porto, 1913, na qual faziamos notar a falta dum estudo psychologico do genial romancista. Logo no numero seguinte desta mesma revista, a pag. 210, o sr. Prado Coelho apresentou um artigo de synthese psychologica sobre o mesmo escriptor, precedido de alguns «principios de critica», evidentemente dirigidos ao redactor da noticia, em que se continha a opinião que determinou o auctor a voltar ao assumpto. Esta circumstancia e ainda o apreço e cordeal amizade, que nos merece esse collaborador, obrigam-nos a esclarecer, nas paginas da mesma publicação, o ponto de vista do qual considerámos o seu livro, e tambem a fazer alguns commentarios aos principios de critica que nos apresenta como objecções.

Como justificou o auctor a lacuna por nós apontada? Com duas razões geraes, «principios de critica», e uma razão de especial applicação ao caso de Balzac.

Como primeira razão geral, o sr. Prado Coelho apresenta a affirmação de que, no estudo da obra dum auctor realista, a critica deve principalmente avaliar a sua creação litteraria, nada perdendo se se abstivér de investigar a vida e a individualidade moral do auctor. Pelo contrario, no estudo das obras de auctores romanticos essas investigações biographicas e psychologicas impõem-se.

E tão convicto se sente o critico desse asserto, que declara ter incluido no livro sobre Balzac uma biographia, intencionalmente muito summaria, por transigencia «com os velhos processos». Depois, ampliando a extensão desse mesmo asserto, vae até assegurar que a vida dum auctor, em geral, só proporciona esclarecimentos de superficial alcance, e que as descobertas de alguns momentos, em que o artista se trahiu, sahindo da sua impassibilidade, «não levam longe». E' esta a segunda razão geral. A razão de especial applicação a Balzac é ter este romancista creado humanidade com vida «tão absoluta que dispensa a consideração das condições em que foi produzida». E na pagina seguinte: «A creação é perfeitamente independente do creador; a sua verdade eterna autonomiza-a, torna-a soberana.»

De forma que para este critico, todo o escriptor que quiz fazer arte realista, praticando com fiel observancia os canones da escola, foi realista, isto é, conseguiu plenamente o desideratum da sua escola; portanto a todos se applicará a sua regra: abstenção absoluta do estudo biographico e psychologico. Só por curiosidade, que o critico condescende em considerar, «bem justificavel, sem duvida», se fará esse estudo. E todo o escriptor, que quiz fazer arte romantica, foi romantico, isto é, conseguiu plenamente o desideratum da sua escola. Ora nós julgamos que se todos os romanticos que quizeram ser romanticamente subjectivos o conseguiram, nenhum realista que quizesse ser realista o foi completamente, queremos dizer, nenhum attingiu a imparcial e absoluta objectividade que era o escopo da escola, e se alguem o conseguiu alguma vez, não sabemos quando, não fez arte, fez uma coisinha hybrida, de mau gosto, que a sciencia engeitava, a arte repugnava, e que só seria acceita do rasteiro conhecimento vulgar.

Então a obra de Balzac, de Flaubert, de Zola, de Eça, de Tolstoi, de Dostoiewski póde ser separada do espirito que a produziu? A verdade por elles attingida é alguma coisa abso-

luta? Se o fosse, quando os mesmos assumptos fossem retomados por outros auctores, haveria coincidencia, porque a verdade é uma só, e todos que a possuirem estarão de acordo. Ora esta coincidencia impossivel em historia, ainda mesmo que o assumpto seja o mesmo, determinada guerra, determinada instituição, e que os historiadores tenham todos o mesmo espirito scientifico, é uma pura phantasia no caso presente. A verdade attingida em arte litteraria não é uma verdade scientifica, é verdade artistica, que não significa uma acquisição nova, significa uma obediencia, um accordo da obra de pura imaginação com a realidade. Quando se diz que tal artista é verdadeiro, equivale a dizer que tal artista conseguiu produzir thesouros de emoção e de belleza, a dentro da verdade quotidiana, da verdade scientifica, que não ha o mais pequeno conflicto entre a verdade real e a sua phantasia. Outro qualquer, desenvolvendo o mesmo thema, pode ser egualmente verdadeiro, sendo artisticamente opposto. E a causa directa e fundamental dessa opposição, a dentro da verdade, qual é senão o proprio espirito dos artistas, de constituição dispar?

Não pensa assim o sr. Prado Coelho. E nós, em franca divergencia, abonamo-nos tambem, em nosso pensar, com razões geraes e razões de especial applicação ao caso Balzac, que passamos a expor.

Consideramos o estudo psychologico dos auctores como uma das capitaes operações da critica, ainda que nalguns casos possa proporcionar menos elementos de informação que em outros. Esses casos podem ser consequencia do plano adoptado para o trabalho critico, em que systematicamente se affastasse esse estudo por estranho aos limites estabelecidos, ou consequencia da constituição mental do artista, que conseguisse reduzir ao minimo a equação pessoal da sua obra. Evidentemente — desenvolvendo a primeira hypothese — se o critico se propõe fazer um estudo summario da evolução dum genero determinado, em que ligue por um logico encadeamento as par-

ticularidades intrinsecas das obras mais representativas, não será grande o cabedal de informações fornecidas pelas investigações sobre o caracter moral dos auctores, não por esterilidade dessas investigações, mas por inopportunidade. O estudo da evolução dum genero é forçosamente unilateral e incompleto, quasi se limita á descripção das variações ocorridas no desenvolvimento desse género, sem ir investigar das suas causas, entre as quaes necessariamente figuraria o genio do auctor, o seu espirito, que, portanto, importava conhecer. Brunetière, ao organizar a sua obra, *Les Époques du Théatre Français*, só foi apontando, através do *Cid*, *Menteur*, *Phèdre*, *Turcaret*, *Rhadamiste*, *Zénobie*, comédia de Marivaux, *Zaïre*, drama burguês, *Mariage de Figaro*, da dramaturgia romantica de Scribe e de Musset, as essenciaes variações do theatro francês. Neste restricto proposito o estudo psychologico era dispensavel. Mas o critico que pretendesse organizar uma monographia completa sobre Corneille, sobre Beaumarchais ou sobre Musset, não poderia dispensar o estudo assiduo dessa causa principal e immediata da obra dum auctor litterario, o espirito desse mesmo auctor. Como não há dois espiritos, em que a objectividade e a subjectividade se doseiem pela mesma maneira, natural é, que nalguns casos, dessa causa — o espirito — haja mais evidentes ou indeleveis vestigios no seu effeito — a obra. Mas qualquer que seja a hypothese que se presuma ou o caso real que surja, nunca deverá a critica abstrahir do estudo psychologico.

E pensamos assim, não só por motivos logicos, mas tambem pelo motivo da propria indole da historia litteraria. As sciencias historicas não pretendem estabelecer seriações abstractas. Nem a historia politica quer construir um typo ideal de revolução ou evolução, porque apenas forceja por reconstituir com a possivel proximidade como decorreu tal revolução, a inglesa em 1648, a francesa em 1789, como concluiu tal instituição, o papado ou a monarchia, toda preoccupada da realidade

concreta, que é a sua verdade. O fim da historia litteraria tem de ser tambem a reconstituição da realidade, que no seu caso, não é a apreciação duma obra em abstracto ou em confronto com vagos principios abstractos, deslocando essa obra de todas as raizes que a alimentaram, que explicam a sua existencia, a sua individualidade e o seu valôr, mas a analyse dessas mesmas raizes. Quanto mais procurarmos a exactidão abstracta, tanto mais nos afastaremos da concreta realidade. Em mathematica esse completo desapego da realidade e essa exactidão abstracta são da propria indole dessa sciencia; mas não o são, nem o podem ser das sciencias historicas, sem que se pratique a alta inconveniencia de totalmente desnaturar os seus fins e a sua indole. Cada sciencia tem o seu methodo proprio, seu campo de acção, seu objecto e tambem seu ponto de vista proprio — convem não esquecer nunca. Ora a unica maneira de, na historia, seja ella politica, social ou litteraria, attender á sua legitima preoccupação de realidade, é confinarmo-nos no facto, sem architectar generalizações abstractas, principios racionaes que inteiramente lhe repugnam. A generalização, nestas sciencias, só é licita quando perante uma longa successão de factos, em que a variação é minima, a etiquetamos sob um rotulo geral e passamos adiante a outra variação de maior vulto. Na historia de cada país, de cada instituição, ha periodos anodinos, em que só a historia anedoctica se compraz; esses resume-os a historia sob a sua caracteristica dominante e passa alêm.

Em historia litteraria, tambem são a realidade e a variação os dois principaes e sempre preferidos objectos de estudo. Realidade é tudo que é facto apurado, apparecimento dum auctor, episodios da sua vida que suggeriram obras, influencia mutua dos auctores, reacção do publico, exitos de livraria, enganos da critica contemporanea, etc., etc.; e variação é sempre o apparecimento de tal ou tal obra, os *Lusiadas*, o *Cid*, *Cromwell* ou *Madame Bovary*, é sempre o producto dum espi-

rito, de que não podemos abstrahir, ainda mesmo que esse espirito fosse — hypothèse inverosimil — um foco de condensação das correntes moraes de seu tempo sem nada de seu lhes attribuir.

Com Balzac, nomeadamente, o estudo do seu caracter, a reconstituição da sua individualidade moral importava sobremaneira, mesmo para a explicação das obras mais objectivas, porque de ha muito a critica o considerou como um estadio transitorio — genial estadio embora! — em que coexiste a methodica observação quanto possivel imparcial, a descripção exacta e a funda penetração moral, que seriam o ideal do realismo, a par do alado lyrismo e do maravilhoso romanesco, que haviam sido o ideal do romantismo. Como poderiamos, pois, renunciar a conhecer na sua constituição esse espirito, que umas vezes procedia com imparcial serenidade dum naturalista e outras se comprazia no devaneio, quantas vezes na mesma obra alternadamente passando duma a outra attitude extrema? A dosagem dos elementos constitutivos do seu caracter, o predominio do pensamento, do sentimento ou da vontade, a natureza de cada um destes elementos, a sua auto-educação, a atmosphera intellectual da época de tão varias correntes, dariam os meios para conhecer esse espirito.

Taes são as razões, já de ordem geral, já de especial applicação ao caso de Balzac, por que, ao redigirmos a noticia critica sobre o liyro do sr. Prado Coelho, considerámos uma lacuna a falta desse estudo.

Fecharemos estas ligeiras annotações, desejando amistosamente que os dotes de critico, que admiramos neste escriptor, se libertem do prejuizo do impressionismo, cujas deficiencias e incoherencias algumas vezes prejudicam as bôas qualidades dos que o cultivam. Condemnar como inutil o estudo psychologico de Balzac e de todos os realistas, só porque elles assim se denominaram, e reconhecer que «a um estudo sobre uma producção litteraria como a de Renan, por exemplo, não pode

ser indifferente o conhecimento da personalidade do auctor» é de facto uma incoherencia. Os romances de Balzac, de Flaubert, de Maupassant, de Eça, obras de pura imaginação, pódem ser comprehendidos separadamente da imaginação que os creou, mas a *Histoire de Origines du Christianisme* e a *Grammaire Générale des Langues Sémitiques* não devem dispensar, para a sua intelligencia cabal, o estudo da individualidade do seu auctor!

A este breve arrazoado respondeu o sr. Prado Coelho com outro artigo, *Critica a uma critica,* publicado na *Revista de Historia,* n.º 10, Lisbôa, 1914, pags. 121-130, em que defende opiniões, que sendo muito estranhas são tambem inatacaveis. Surprehende que um espirito versado em materias litterarias possa defender taes opiniões.

Modernas relaciones literarias entre Portugal y España [1]

(Contribución bibliográfica)

Los motivos que, de ordinario, suelen ahondar la separación moral entre pueblos limitrófes, han impedido más de una vez la estrecha aproximación entre Portugal y España. Enséñanos la historia que cuando el desenvolvimiento económico y militar de países vecinos es sensiblemente análogo, nace una rivalidad entre ellos; y que, cuando el de una parte excede al de la otra, surgen tendencias absorbentes, consecuencia lógica de la fuerza de expansión del uno y de la incapacidad de resistencia del otro, mayormente cuando haya afinidades étnicas, lingüisticas e historicas, que legitimen y faciliten la realización de esa tendencia de expansión y redondeamiento que está en el fondo de todo imperialismo. De esa reciproca situación originase una lucha a mano armada, y de ella todos los resentimientos ulteriores. Hay sin embargo, cierta forma de desenvolvimiento que, ya sea paralela e igual, ya diferente, no produce rivalidades entre naciones fronterizas porque de ella brota la

---

[1] Hónrase hoy *Estudio* con la publicación del interessante trabajo, que, con el proposito de establecer cordiales relaciones entre los elementos intelectuales de las dos naciones ibéricas, compuso para nuestras paginas el distinguido critico literario portugués, D. Fidelino de Figueiredo, secretario de la «Sociedad Portuguesa de Estudios Historicos».

Entre sus varias obras, deben ser mencionados preferentemente los dos volúmenes de *Historia da Litteratura Romantica* e *Historia da Litteratura Realista*, valioso estudio, imparcial y objetivo, de las letras portuguesas del siglo XIX. Aparte nume-

más estrecha y afectuosa simpatia. Nos referimos al desenvolvimiento de las relaciones intelectuales entre esos pueblos limítrofes. Conociéndose bien, aprenden los pueblos a admirarse y respetarse mutuamente, y la acción estimulante que ese cambio intelectual produce, origina sentimientos de gratitud y benevolencia que excluyen plenamente el mesquino nacionalismo hecho de emulación e intolerancia.

Portugal y España no constituyen, por cierto, una excepción a estas reglas, antes, al contrario, confirmanlas ampliamente, sobre todo desde que se adoptó por nuestra parte, depués de la Restauración, un sistema de politica internacional esencialmente basado en la alianza con Inglaterra, la cual se funda menos em los diversos tratados, sucesivamente caducados, que en la inveterada costumbre y en un sentimiento de fria reserva respecto a la vecina España.

A principios del siglo XIX, cuando el peligro napoleónico reunió a los dos países peninsulares para la lucha defensiva, y cuando, conjurado éste, se restableció el antiguo paralelismo politico de la Peninsula — cuya ruptura siempre origina perjuicios mayores, como es obvio, para su más pequena fracción politica — cierta benevolencia aproximó a estos dos pueblos, vecinos en Europa y más extensamente vecinos en sus colonias de América del Sur; moralmente vecinos, también, por su lucha por las instituciónes liberales. Una razón puramente literaria venia a cooperar en esta amistosa disposición de las clases cultas; la literatura romántica había puesto a la moda a España y sus paisajes y costumbres. Los escenarios de fuerte

---

rosos articulos de revista, tiene publicados los libros siguientes: *O Espirito historico, A Critica Litteraria em Portugal, A Critica Litteraria como Sciencia*, y prepara una *Historia da Litteratura Classica.*

El señor de Figueiredo trabaja en Portugal por la revisión fria, clara, consciente, según nuevos preceptos criticos, alejada de todas las declamaciones patrioteras alli y aqui en uso, de los valores tradicionales de la Literatura nacional, para establecer en ella nueva y viviente clasificación de méritos y virtudes. — N. de la R.

tonalidad, de violenta coloración, y la vida regional intensamente individualista, fértil en aventuras; el antiguo teatro de la civilización hispanomusulmana; la novelesca exaltación sentimental que los viajeros romanticos se complacían en ver o imaginar en España, constituían una de las más acentuadas aficiones del gusto romántico. Y tan era un canon de escuela la visión de esos paisajes, que muy grande fué la sorpreza de todos cuando un escritor independiente los describió como realmente los veía, sin preocuparse de los únicos atributos que encantaban la vista y el sentimiento románticos. Esto nos recuerda el caso le Tolstoi con los paisajes y vida del Cáucaso. Por moda y por necesidade espiritual, los escritores románticos portugueses viajaron por España y por ella hicieron viajar a los personajes de sus novelas; leyeron, discutieron y tradujeron a sus colegas españoles. Del mismo modo, se hicieron traduciones castellanas de obras portuguesas, y vinieron a Portugal escritores de España.

Ya em 1801, Quineana tomaba um assunto portugués para um drama. Espronceda, Zorrilla y Campoamor, entre los principales, visitaran Portugal. Herculano, en su efímero paso por los estudios de critica literaria, ocupóse em 1839, en el *Repositorio Litterario* de la literatura dramática española. La *Revista Estrangeira*, iniciada en 1838, daba amplias noticias de la politica de España, y la *Revista Universal Lisbonense*, fundada por Castilho, anunciaba puntualmente la publicación de libros españoles. Em 1854, um professor de la universidad de Coimbra, el doctor Vicente Ferrer, trató de estrechar las relaciones intelectuales con las universidades españolas, para lo cual visitó varios centros universitarios y consiguió del Gobierno portugués algunas disposiciones regulando la permuta de publicaciones. En España, algunos de sus mejores espiritus iban siguiendo con interés y simpatia la actividad literaria portuguesa: Pascual Gayangos intervenia en la polémica de Ourique, apoyando la opinión de Herculano y desbancando a un

falso arabista que se le habia opuesto; Cardenas discutia con el proprio Herculano el problema de la existencia del feudalismo en la Peninsula; entre el mismo Herculano y Muñoz Romero se trababa discusión acerca de la situación de los siervos en la Peninsula desde el siglo VIII al XII; Amador de los Rios exponia largamente su opinión sobre las ideas de Julio de Vilhena contenidas en el libro *As Raças Historicas na Peninsula*. Los escritores interessados en esta aproximación, como J. M. de Abreu y J. Simões Dias, daban al público portugués cuadros de conjunto de la vida literaria contemporánea en España. Fundáronse algunas revistas, como la *Revista Peninsular* de 1855 y *A Folha* de 1868, destinadas especialmente a la critica de obras peninsulares o que trataran de la Peninsula, en las que colaboraram autores portugueses y castellanos. Fueron muy numerosas las obras portuguesas de la época romántica vertidas al castellano, principalmente las de Garrett, Herculano y Camillo y más numerosas aún las obras portuguesas de asunto español, novelas, poesia, libros de viaje y algunos estudios historicos, especialmente de Garrett, Herculano, Xavier cordeiro, Palmeirim, Bulhão Pato, Alvaro do Carvalhal, Ramos Coelho, C. J. Caldeira, Teixeira de Vasconcellos, Julio César Machado, Pinheiro Chagas y Ricardo Guimarães. Con frecuencia, en obras de auctores portugueses de esa época, se encontran versiones de poetas españoles; a veces en forma de epigrafe, que con gran vigor sintetice el concepto del autor portugués, se encuentran frases de obras castellanas. Um escriptor español, repetidas veces traducido, fué popular y constituyó una entusiástica moda entre la burguesia media: Trueba.

Por desdicha, cuando España pasó por la dura prueba del ensayo de gobierno republicano, las rivalidades de régimen y las aspiraciones unificadoras, por la parte española e la defensa cerrada, por parte de Portugal, limitaron bastante la confianza y cordialidad anteriores. Entonces, en vez de una pequeña literatura de aproximación e inteligencia, como pode-

mos llamar a las citadas revistas, estudios criticos e libros de viajes, surgió una literatura de hostilidad, produzida por la campaña anti-iberista, que alcanzó su mayor intensidad por los años de 1868 a 1871. La fallida candidatura de don Fernando II al trono español, la inteligencia del naciente partido republicano portugués con sus correligionarios de España en las diligencias del hábil representante español en Lisboa, señor Fernández de los Rios, y el efecto exacerbador de la defensa doctrinaria del iberismo hecha por prestigiosas firmas, como la de Latino Coelho, y otras que habian de llegar a serlo como las de Anthero de Quental y Oliveira Martins, envenenaron más aún esa campaña que, ya por conveniencias politicas, ya por sentimiento, era extremamente apoyada por el tradicional sistema de politica diplomática del país.

El tiempo atenúa, por suerte, los más violentos sentimientos y el orden y la tranquilidad se restabelecieron en España, entibiando aquella mala disposición. Algunos de nuestros escritores, como Anthero de Quental, João de Deus, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Eça de Queiroz, y el señor Ramalho Ortigão, el señor Gama Barros, el señor Guerra Junqueiro y el señor de Vilhena, se granjearon en España intensas simpatias y aplausos, unos del grand público, otros del más reducido círculo de los especialistas. Muchas obras suyas fueron traducidas y estudiadas en reseñas criticas.

Para hacer más regulares e intensas estas relaciones, algunos amigos de Portugal, don Sinibaldo Mas, don Benigno Martinez y don Ricardo Molina, proyectaron una «Associação Peninsular» que, llevada a efecto, no debía confinarse en los estudios cientificos y literários, sino acercarse a las cuestiones commerciales, industriales y administrativas. Posteriormente, un profesor español, don Leopoldo Alas, que fué a la vez distinguido critico y novelista, renovó la idea restringiendo, sin embargo, su iniciativa, a las relaciones intelectuales, por medio de una «Liga Literaria Hispanoportuguesa» que encontró

en el señor Joaquim de Araujo un decidido propagandista entre los hombres de letras portuguesas y que merecio el aplauso y el concurso de españoles como don Emilio Castelar.

Otros hechos de mayor relieve contribuyeron a esta buena voluntad recíproca: las visitas de don Affonso XII a Lisboa, y de don Luis y doña Maria Pia a Madrid; después, em 1882, el Centenario de Calderón de la Barca, y después aún, el modo como Portugal se hizo representar en el Centenario del descubrimiento de las Antillas por Cristóbal Colón. Los hombres de letras, que representaron a Portugal en ese Centenario, alcanzaron brillante recepción por parte de la prensa y de los intelectuales españoles, en especial Pinheiro Chagas y Oliveira Martins. Este ultimo, conocido por traducciones de sus obras y extensos estudios criticos, como el de Castelar sobre su *Historia de Portugal;* por su opinión favorable al iberismo; por su elocuente defensa del paralelismo político de la Peninsula hecho en su *Historia de la Civilización Ibérica*, había mostrado sus deseos de contribuir al intercambio lusoespañol con la fundación de la *Revista Occidental*, en 1875. Por esos motivos, Oliveira Martins fué uno de los profesores elegidos por una série de conferencias preparatorias del Centenario de Colón. En 24 de febrero de 1891, dió en el Ateneo de Madrid uma conferencia en castellano sobre el tema: *Navegaciones y descubrimientos de los portugueses.*

En 1896, dirigida por don Rafael Altamira, apareció una revista bilingüe en el tipo y con los mismos propósitos que las anteriormente citadas, la *Revista Critica de Historia y Literatura españolas, portuguesas e hispanoamerìcanas* que, fuerza es confesarlo, aunque colaboraram en ella distinguidos escritores portugueses, como los señores Gama Barros, J. Leite de Vasconcellos, F. Adolpho Coelho, y J. da Camara Manuel, no obtuvo en Portugal el concurso a que era acreedora. Entre tanto, se iban publicando más libros de viajes por España, principalmente los de Lino de Assumpção, Oliveira Martins, Silveira da

Mota y de los señores Anselmo de Andrade e Coelho de Carvalho. Cuando la inteligente politica diplomatica de don Carlos I y su cambio de visitas con don Alfonso XIII mostraban deseos de conciliar el antiguo sistema de la alianza inglesa con las cordiales relaciones con España; cuando la Academia Real das Ciencias de Lisbôa, por la constante comunicación con Academias españolas y por la noble commemoración del tercer Centenario del *Quijote*, iban contribuyendo a que volviese la amistosa comunicación de tiempos del romanticismo, vino la revolución de 1910 a romper, de pronto, esta buena voluntad entre los países hermanos, creando una situación muy semejante a la que comenzó em 1868, sólo que invertidos los términos. Con razón dice el escritor español don Ramón Maria Tenreiro, nuestro amigo, en un articulo sobre literatura portuguesa; «Mientras las gentes de Anthero se esforzaban por enlazar a Portugal con el espiritu europeo, aqui se perdian torrentes de energia en una revolución politica. No es posible que en el dia de hoy se hayan trocado los papeles?» Nada falta para confirmar la semejanza, ni la frialdad diplomática, ni la aparición de una pequeña literatura anti-iberista, impugnando, con razones teóricas, un supuesto peligro español — en su mejor parte — o infiriendo ofensos y agravios al país vecino — en el resto.

Desgraciadamente, una circunstancia, que no se apresentó tan manifesta durante la revolución española, vino ahora, durante la portuguesa, a acentuar la reserva diplomática, entre los dos Estados: el procedimiento radicalmente opuesto adoptado ante la guerra europea. Portugal, el 7 de Agosto de 1915, poco depués de que Inglaterra hubo declarado la guerra a Alemania, púsose al lado de su aliada diciendo que sólo aguardaba una oportunidad para entrar en la guerra; y España declaró y ha mantenido oficialmente la más estricta neutralidad, sin ocultar, en ciertos círculos extraoficiales, alguna inclinación hacia Alemania.

Pero no queremos discutir aqui cuál de los dos sistemas de politica internacional seria más conveniente para Portugal, y esto por dos razones: primeiramente, porque teniendo este país los prestigios tradicionales que vienem del trabajo, de la riqueza, de la disciplina social y de la cultura espiritual, pensamos que todos sistemas dlplomáticos podrán serle beneficiosos, como también todos podrán serle inútiles, y hasta prejudiciales, si no se conserva digno de aquéllos; en segundo lugar, porque no nos anima otro propósito, en nuestro punto de vista literario, que recordar la conveniencia de un intercambio intelectual más intenso entre los pueblos peninsulares.

La España de hoy está en vias de convertirse en un país de alta cultura, gracias a los esfuerzos individuales de sus hombres de saber y a las plausibles disposiciones legales adoptadas por el Estado en los ocho años últimos, desde la fundación de la *Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Cientificas*, poderoso organismo propulsor del trabajo mental. Entre las causas determinantes de este pujante renacimento hay que apuntar la influencia del conocimiento immediato de los ambientes cientificos de los países del Norte, especialmente de Alemania e Inglaterra, y de los centros universitarios del mediodia em Francia. Es dicho gastado, por lo muy repetido, que lo mismo en los individuos que en los pueblos, el aislamiento mutila sus mejores dotes, mientras que el trato las robustece y agudiza. La historia de nuestra mentalidad confirma ampliamente tal aserto, porque nos muestra a la literatura y a las ciencias mejor e más valiosamente cultivadas en los momentos en que fué más intimo ese contacto vivificador con la producción extranjera. Todo indica que España, país hermano del nuestro por la raza, por la lengua y por la historia, dada su vecindad con nosotros y la intensa actividad intelectual que hoy ostenta, debe ser la nación primeramente preferida para ese necesario intercambio. Hoy, que la pasión politica ha invadido casi todos los departamentos de la vida portuguesa, di-

vidiéndo-nos según los más variados sentimientos, será extremadamente beneficiosa toda la diligencia que se ponga en intensificar la vida de estudio; campo neutral en que deben congregarse y reconciliarse los mejores elementos del país. En 1864, a los dos meses de la Convención de Gramido, que puso término a la violenta guerra civil de Maria da Fonte, sin conseguir apaciguar los espiritus, algunos hombres de letras de los más notables, y algunos politicos de los más influyentes, como Garrett, Herculano, el vizconde de Juromenha, Lima Felner, Rebello da Silva, el Duque de Palmella, Rodrigo da Fonseca y Passos Manuel, proclamaron, por iniciativa del primero. el principio de la neutralidad politica en la literatura. La unidad e individualidad de la republica literaria y su neutralidad politica en la literatura. La unidade e individualidad de la republica literaria y su neutralidad politica fueron consignadas en algunos documentos publicos, de uno de los cuales recogemos las siguientes lineas, trazadas por Garrett: «En las más bárbaras edades de Europa, en medio del fraccionamiento de lo que hoy constituye las nacionalidades modernas, los hombres de letras y los hombres de arte no quisieron reconocer jamás soberania de príncipe ni de pueblo. Desde una pobre hermandad de menestrales, hasta la opulenta alma mater de una universidad, todo era común y fraternal. El trovador de Provenza o de Cataluña y el *Minnesinger* de Alemania, el menestral de Normandia, de Sicilia o de Inglaterra ,ya fuese rey o ya pidiese por las puertas, todos eran hermanos. El doctor de Coimbra iba a enseñar en una cátedra de Salamanca, de Paris, de Bolonia o de Lovaina». Esta confraternidad intelectual es la que queremos invocar. Siendo inútil esperar, en el dia de hoy, cualquer disposición del Estado que proteja las relaciones literarias peninsulares, cábele a la iniciativa privada la empresa de estrechar lazos, mediante permuta de libros y revistas, informaciones y criticas bibliográficas.

Como pequeño óbolo a tal misión, publicamos aqui un

ensayo bibliográfico, lista de libros y articulos portugueses sobre literatura española y de información de las relaciones literarias entre Portugal y España, así como de libros e articulos de viajes por España, no anteriores al siglo XIX. Los estudios enumerados mostrarán los esfuerzos repetidamente empleados para conocer el país vecino y su rica literatura. De este modo, quitándole a cualquier esfuerzo que se haga hoy en ese sentido el caractér de audaz primacia, parecerá más hacedero a los espiritus timoratos.

Por último, permitasenos confesar que esta modesta tentativa bibliográfica, tan ligera que en medio de más graves ocupaciones literarias constituye como un descanso, pretende ser también una esquela de salutación a mis amigos de España.

I—Estudios portugueses sobre literatura española. Relaciones literarias con España

Herculano, Alexandre: *Historia do theatro moderno. Theatro hespanhol.* Lisbôa, 1839.—Incorporado en la reedición de los *Opusculos*, vol. IX.

Bibliographia hespanhola. V. *Revista Universal Lisbonense*,—Lisbôa, 1841-1852.—Sección de libros españoles. Contiene también poesias españolas.

Castilho, Antonio Feliciano de: *Campoamor.* V. *Revista Universal Lisbonense*, vol. 2.º—Lisbôa, 1843.—No se puede indicar la pagina porque está equivocado el indice del volumen. V. **Castilho:** *Vivos e Mortos*, vol. IV, págs. 125-127—Lisbôa, 1900.

Rebello da Silva, Luiz Augusto: *Litteratura hespanhola moderna—Don Antonio Gil e Zarate.* V. *A Epoca*, n.º 21, —Lisbôa, 1848.—Reproducido en el volumen I de las *Bosquejos historico-litterarios*, páginas 71 a 82.—Lisbôa, 1909. —Además de un estudio biografico del escritor, contiene consideraciones preliminares acerca de la separación moral de los dos pueblos.

Caldeira, C. J.: *A poetisa Avellaneda.* V. *Revista Peninsular*, vol. I págs. 201-209,—Lisbôa, 1855.

Torres, José: *Don Alvaro Flores Estrada.* V. *Revista Peninsular*, vol. I, pags. 282-289.—Lisbôa, 1855.

Abreu, J. M. de: *Litteratura dramatica hespanhola e seus historiadores.* V. *Instituto*, vol. III, págs. 217-219; 257-259; 313-314.—Coimbra, 1855.

Consideraciones en torno a la obra de A. F. Schack, *Geschichte der dramatischen Literatur und Kunst in Spanien*, 3 vols., Berlin, 1845-1846. El estudio no está concluído.

Redacción: *Relações litterarias com as Universidades de Hespanha.* V. *Instituto,* vol. II y III, págs. 81-84; 114-115;

y 271-273. Coimbra, 1854 y 1855. — Refiérese al cambio de publicaciones entre la Universidad de Coimbra y las Universidades españolas, por iniciativa de don Vicente Ferrer, quien, en 1852, visitó algunos de aquellos establecimientos del reino vecino. Esta iniciativa fué ampliada en su extensión, alcanzando también a todas las escuelas superiores de Portugal y España, siendo defendida en el Parlamento el 14 Febrero de 1854 por el diputado Bertemati y en la prensa por el periódico de Madrid *Adelante*, principalmente, el cual solicitaba la cooperación de la prensa portuguesa.

Gama, Arnaldo: *Don José Zorrilla.* I. *Poesias.* II *Narrativas Poéticas.* V. *Revista Peninsular.* vol. II, págs. 289-308. — Lisbôa, 1856.

Maia, D. M. d'O.: *Martinez de la Rosa. Obras poéticas e dramaticas.* V. *Revista Peninsular*, vol. II, págs. 256-269. — Lisbôa, 1856.

Torres, Josê: *Morte de Quintana.* V. *Revista Peninsular*, vol. II, págs. 362-367. — Lisbôa, 1856.

Lopes de Mendonça, A. P.: *Relações da Provença com Hespanha.* V. *Annaes de Sciencias e Letras da Academia Real das Sciencias de Lisboa,* vol. I, págs. 36-38. — Lisbôa, 1857.

Es la nota 6.ª del articulo *A Litteratura Portuguesa nos séculos XVI e XVII.*

Anónimo: *Carta do Marquez de Santilhana, Don Inigo Lopez de Mendoza a Don Pedro, Condestavel de Portugal.* V. *Annaes de Sciencias e Letras da A. R. S.* vol. II, páginas 284-305. — Lisbôa, 1858. — Texto de la carta con algunas páginas de introducción explicativa y algunos datos biograficos de Santillana.

Abreu, J. M. de: *Revisla Litteraria de Hespanha em 1855.* V. *Instituto.* vol. 7.º, págs. 126-127; 140-141; 154-156; 197-198. — Coimbra, 1859. Aspecto del movimiento intelectual español (no sólo literario) «ao encerrar-se o ano de 1857».

Lopes de Mendonça, A. P.: *Influencia del Poema del Cid sobre las costumbres, caracter y poesia de la Peninsula Hispana.* V. *América*, 18 de diciembre de 1860, pág. 11. — No conocemos este articulo más que por la severa cita que hace de él el señor Menéndez Pidal en su edición del *Poema de Mio Cid.*

Rebello da Silva, Luiz Augusto: *Memoria acerca da vida e escriptos de Don Francisco Martinez de la Rosa*, Lisbôa, 1862, 196 paginas. — Reimpreso, como tomo XXXV, en las *Obras Completas de Luis Augusto Rebello da Silva, revistas e methodicamente coordenadas.* — Lisbôa, 1900.

Machado, Julio Cesar: *Revista da Semana.* V. *Revolução de Setembro*, n.os 6882 y 6905. — Lisbôa, 1865. — Ocúpase del teatro español: zarzuela.

Chaby, Claudio: *Harmonias e cantares.* V. *Revolução de Setembro*, n.º 6.896, 18 de mayo, Lisbôa 1865. — Extensas apreciaciones acerca del libro *Harmonias y Cantares*, de Ventura Ruiz Aguilera.

Pinheiro Chagas, M.: *Emilio Castellar*, V, *Novos Ensaios Criticos*, pags. 168-175, — Pôrto, 1867.

Pinheiro Chagas, M.: *Da iniciativa litteraria dos portugueses na peninsula iberica. A litteratura portuguesa nas suas relações com a hespanhola.* V. *Novos ensaios criticos*, págs. 68-104, Porto, 1867. — Oponiéndose al concepto de la literatura portuguesa como literatura de imitación, P. C. demuestra que la literatura portuguesa «ejerció una gran influencia sobre la literatura española, y, por mediación de ésta, en la literatura europea». Esta influencia, según el mismo autor, consiste en la iniciación en la peninsula de cuátro géneros literarios: la novela de caballerias, la comedia, la tragedia y la novela pastoril.

Simões Dias, José: *Don José Zorrila*, V. *A Folha*, 1.ª serie, págs. 153-154, Coimbra 1868.

Simões Dias, José: *Don Francisco Martinez de la Rosa.*

V. *A Folha*, 1.ª serie. págs. 137-139; 145-147. — Coimbra, 1868.

Simões Dias, José: *Don Emilio Castellar.* V. *A Folha*, 1.ª serie, paginas 80-82; 89-90: 97-99; 104-107; 113-115. — Coimbra, 1868.

Simões Dias, José: *Don Antonio de Trueba*, V. *A Folha*, 1.ª serie, paginas 65-67; 73-74. — Coimbra, 1868.

Simões Dias, José: *La Flor del Pantano*, V. *A Folha*, 1.ª Serie, paginas 49-50; 57-58. — Coimbra, 1868. — Acerca del libro de Carlos Rubio titulado asi.

Simões Dias, José: *O Don Juan de Zorrila*, V. *A Folha*, 1.ª serie, págs. 2-4; 9-10. — Coimbra, 1868.

Palmella, José: *Emilio Castelar.* V. *Introducção á Collecção de Discursos traduzidos.* — Coimbra, 1870.

Simões Dias, José: *Don Eugenio Montero Rios*, V. *A Folha*, 3.ª serie, págs. 1-3. — Coimbra, 1870.

Simões Dias, José: *Don Antonio Maria Garcia Blanco,* V. *A Folha*, 2.ª serie, págs. 73-75. — Coimbra, 1870.

Simões Dias, José: *Don Juan de la Rosa González*, V. *A Folha*, 2.ª serie, pág. 81. Coimbra, 1870.

Anonimo, (Simões Dias, José?): *Don Marianno Carreras y Gonzalez.* V. *A Folha,* 2.ª serie, págs. 89-90, — Coimbra, 1870.

Simões Dias, José: *Don Juan Alvarez Lorenzana*, V. *A Folha,* 2.ª serie, pág. 90; Coimbra, 1870

Simões Dias, José: *Don Angél Fernandez de los Rios*, V. *A Folha*, 2.ª serie, págs. 57-59; 65-66, Coimbra, 1870.

Simões Dias, José: *Don Ricardo Molina.* V. *A Folha*, 2.ª serie, págs. 49-50. Coimbra, 1870.

Simões Dias, José: *Don Benigno Joaquim Martinez.* V. *A Folha,* 2.ª serie, págs. 17-18; 33-34; 41-43: — Coimbra, 1870.

Penha, João: *A pulga* (*Lope de Vega).* V. *A Folha* 3.ª serie. — Coimbra, 1870. Comprende la traducción en verso de

esta poesia castellana con una extensa nota biográfica de Lope de Vega.

Machado, Julio Cesar: *Augusto Emilio Zaluar.* V. *A Folha*, 3.ª serie, pág. 89. — Coimbra, 1871.

Simões Dias, José: *Don Victor Balaguer.* V. *A Folha*, 3.ª serie, págs, 73-74; 81-82; Coimbra, 1871.

Figueiredo, Candido de; *Portugal e a Hespanha.* V. *A Folha*, 3.ª serie. — Coimbra 1871. Acerca de las relaciones literarias contemporâneas entre los dos paises, elogiando a uno de sus más celosos promovedores, el Ministro español en Lisboa, Fernandez de los Rios.

Simões Dias, José: *Don Antonio Garcia Gutierrez*, V. *A Folha*, 3.ª serie, págs. 49-51. — Coimbra 1871.

Simões Dias, José: *Don Gaspar Núñez de Arce*, V. *A Folha,* 3.ª serie, págs. 41-42. — Coimbra 1871.

Simões Dias, José: *Don Manuel del Palacio*, V. *A Folha*, 3.ª serie, página 33. — Coimbra, 1871.

Simões Dias, José: *Don Manuel Maria José de Galdo*, V. *A Folha*, 3.ª serie, págs. 25-26. — Coimbra, 1871.

Simões Dias, José: *Don Rafael Tejada*, V. *A Folha*, 3.ª serie, página 9, Coimbra 1871.

Braga, Theophilo: *A Poesia mystica na Italia e na Hespanha*, V. *Instituto*, vol. 14.º, págs. 110-116. — Coimbra, 1871. — Ocúpase de Fray Luis de Léon.

Simões Dias, José: *Don Francisco Fernández Gonzalez.* V. *A Folha,* 4.ª serie, págs. 33-34, Coimbra, 1872.

Vilhena Barbosa, I.: *Don Antonio de Trueba.* V. *Introducção á Traducção dos contos escolhidos de D. Antonio de Trueba*, por F. de Castro Monteiro. — Porto, 1872,

Simões Dias, José: *Don José Amador de los Rios.* V. *A Folha* 5.ª serie, págs. 9-10; 17-19; 25-27. — Coimbra, 1873.

Ribeiro, José Silvestre: *Um vulto interessante da Hespanha no seculo XV.* V. *Instituto*, vol. 17.º, páginas 229-233. — Coimbra, 1873. — Acerca del doctor Alonso Diaz de Montalvo,

a proposito del libro publicado sobre el en 1873, por Don Fermin Caballero.

Braga, Theophilo: *Romancero del Cid*, por Carolina Michaëlis (noticia bibliográfica). V. *Bibliographia critica de historia e litteratura.*—Porto, 1873-1875.

Braga, Theophilo: *Cervantes y el Quijote*, por Francisco Tubino (noticia bibliografica). V. *Bibliographia critica de historia e litteratura.*—Porto, 1873-75.

Braga, Theophilo: *Don Juan Ruiz de Alarcón y Mendoza, por Don Luis Pernandez Guerra y Orbe* (*noticia bibliografica*). V. *Bibliographia critica de hístoria e litteratura.*—Porto, 1873-1875.

Braga, Theophilo: *Cancionero de Lope Stuñiga* (*noticia bibliografica*). V. *Bibliographia critica de historia e litteratura.*—Porto, 1873-1875.

Cordeiro, Luciano: *Um poeta espanhol (Ventura Aguilera).* V. *Estros e Palcos*, págs. 95-116.—Lisboa, 1874.

Silva, Francisco Xavier da: *Biographia de Emilio Castelar*,—Porto, 1874.

Oliveira Martins: *Os povos peninsulares e a civilisação moderna.* V. *Revista Occidental*, vol. 1.°, páginas 5-24.—Lisboa, 1875.

Artículo de introducción de la *Revista Occidental*, periódico bilingüe cuyo programa se cifra en las siguientes palabras: «Provocar la reunión de los elementos del nuevo renacimiento de la Peninsula y la formación de las nuevas escuelas, española y portuguesa, tal es el fin de la *Revista Occidental.*

Alba, Enrique del Castillo y: *La Literatura dramática hispano-portuguesa desde el siglo XV hasta mediados del XVIII.* V. *Instituto,* vols. XXI, XXII y XXIII, páginas 248-250; 36-40; 81-88; 135-140.—Coimbra, 1875-76. Catálogo biografico de autores portugueses que han escrito obras teatráles en castellano.

Pinheiro Chagas, Manuel: *Don Quichote de la Mancha.* V. *Prólogo a la traducción.*—Porto, 1876.

Simões Dias, José: *A Hespanha moderna. Revista litterária;* 336 paginas.—Porto. 1877.—Contiene muchas noticias biograficas relativas a la época de su publicación. Su indice ilustra suficientemente acerca de su contenido: «Introducción.—Primera parte: La poesia lírica.—Segunda parte: La poesia dramática.—Tercera parte: Celebridades femeninas.—Cuarta parte: Critica e historia.—Quinta parte: Escritores ibéricos.—Sexta parte: La novela y la politica.»

Braga, Theophilo: *Lyrismo gallego.* V. *Parnaso Portuguez Moderno*, págs. XXXV-XLI, Lisboa, 1877.

Braga, Theophilo: *Monumentos da literatura portuguesa:* I. *Fragmentos de uma traducção portuguesa das Poesias do Arcipreste de Hita.*—II. *Fragmentos de uma traducção portuguesa dos versos do Marquez de Santilhana.* V. *Era Nova,* págs. 320-328, Lisboa.—1880-1881

Ribeiro, José Silvestre: *Don Pedro Calderon de la Barca. Rapido esboço da sua vida e escriptos,* 240 paginas.—Lisboa, 1881.—Biografia, transcripción de algunos juicios criticos formulados acerca del teatro de Calderón, examen especial de algunas de sus comedias y fragmentos diversos, Aun hoy es un trabajo recomendable.

Braga, Theophilo: *A Escola Hespanhola em Portugal.* V. *Questões de litteratura e arte portuguesa.*—Lisboa, 1881. Refiérese a las relaciones entre la literatura portuguesa y la española en el siglo XVII.

Braga, Theophilo: *O centenario de Calderon.* V. *O Positivismo*, vol. III, págs. 206-213.—Porto, 1881. Este artículo fué reproducido en la *Era Nova*, Lisboa, 1881, páginas 337-342. Su autor expone en él su modo de interpretar el centenario del notable escritor español y propone el programa de fiestas con que a su entender se debia commemorar el centenario. Su interpretación de tal festividad resúme se en el si-

guiente pasaje: «Que significa, por lo tanto, el centenario de Calderón? Un estadio de la evolución nacional española; el juício de un poder caído de las conciencias substituido por el nuevo poder de la ciencia que lo aprecia en su oportunidad histórica como fuente de emociones que ya han cumplido su destino». (pagina 211).

Santos Firmo, Mathias, J. O.: *Segundo centenario de don Pedro Calderón de la Barca*, Lisboa, 1882.

Redactor do "Capítulo„: *Emilio Castelar e o conego Alves Mendes, questão dos plagios.* — Porto, 1884.

Cunha Seixas, J. M. da: *A philosophia e o systema de Bordas-Demoulin. Sua escola e seus criticos.* V. *Ensaios de critica philosophica*, págs. 220-243. — Lisboa, 1884. — Critica de las ideas del poeta Campoamor expuestas en sus libros *Lo Absoluto y El Idealismo.*

Cunha Seixas, J. M. da: *O centenario de Calderón de la Barca.* V. *Estudios de litteratura e de philosophia segundo o systema pantitheista*, pags. 108-117. — Lisboa, 1884. — Publicado por la primera vez en el periódico *O Districto de Beja*, 4 y 5 de mayo de 1881.

Gomes de Amorim, Francisco: *Equivoco do illustre litterato don Juan Valera.* V. Garrett: *Memorias biographicas*, 2.° vol., páginas 709-712, — Lisboa, 1884. — Refuta opiniones del autor español acerca de Garrett expuestas en una de sus notas a la traducción española de la obra *Poesia y Arte de los árabes en España y Sicilia,* por Adolfo Federico de Schack. — Madrid, 1868, vol. 2.°, pág. 186.

Braga, Theophilo: *Cancioneiro popular gallego.* — Madrid, 1885.

Pimentel, Alberto: *A musa das revoluções. Memoria sobre a poesia popular portuguesa nos acontecimentos políticos*, 247 paginas, — Lisboa, 1885.

En el prefacio, desde la pagina 29 a la 41, refiérese el autor a las canciones politicas de España.

Jardim, Luiz: *Antonio de Trueba.* V. Prefacio a la traducción portuguesa de los *Contos.* — Lisboa, 1889.

Sousa Viterbo: *Henrique Garcez, traductor dos Lusiadas em hespanhol.* V. *Circulo Camoneano*, vol. 1.° paginas 316-323. — Porto, 1889-1890.

Apuntes biograficos.

Garcia Peres, Domingo: *Catálogo razonado biografico de los autores portugueses que escribieron en castellano,* por . . . pags. 13-660. — Madrid, 1890.

Magalhães Lima, Jayme de: *A influencia da Hespanha na litteratura franceza e europea.* V. *Revista de Portugal*, vol. 3.°, artículo *Ideas e Factos,* pags. 595-599. — Porto, 1890. — A propósito de la critica de F. Brunetière sobre la obra del señor Morel-Fatio, *Etudes sur l'Espagne.*

Magalhães Lima, Jayme de: *Auctores portugueses que escreveram en castelhano, artigo de don Juan Valera.* V. *Revista de Portugal*, vol. III, artículo *Ideas e Factos*, pags. 603-607. — Porto, 1890. — Traducción de una parte del artículo de don Juan Valera sobre el *Catálogo Razonado*, de Garcia Peres, publicado en la *Revista Ibero-Americana.*

Sousa Viterbo: *Poesias de auctores portugueses em livros de escriptores hespanhoes*, V. *O Instituto*, volúmen XXXIX, Coimbra, 1891.

Araujo, Joaquim de: *Um livro de Velasquez de Velasco.* V. *Circulo Camoneano,* vol. II, pags. 77-80. — Porto, 1891-1892. — Acerca de la obra de este autor, *Origenes de la poesia castellana* , Madrid, 1754.

Sousa Viterbo: *Camões em Hespanha.* V. *Circulo Camoneano,* vol. II, pags. 166-175, Porto, 1891-1892. — Notas de poetas españoles que han rendido pleito de admiración en sus obras a Camoens: Cristóbal de Mesa, Lope de Vega, don José de Litala y Castelvi, don Pedro Silvestre, Miguel de Silveira, Céspedes y Meneses, etc.

Souza Viterbo: *A civilização portuguesa e a civiliza-*

ção hespanhola. Sua influencia mutua. Preliminares de um livro. V. *Revista dos lyceus.*—Porto, 1892.

Quental, Anthero de: *A ideia da Liga litteraria hispano-portuguesa.* V. *In Memoriam,* pag. XIX-XX.—Porto, 1896.—Refiérese a la iniciativa de don Leopoldo Alas en carta al señor Araujo. La misma carta está reproducida en la página 203 del volúmen *Cartas de Anthero Quental.*—Coimbra, 1915.

Candido, Antonio: *Discurso proferido na Camara dos Dignos Pares, na sessão de 9 de Abril de 1897, commemorando a morte de Canovas del Castillo.* V. *A Academia e o Parlamento,* págs. 226-233.—Lisboa, 1901.

Rodriguez, José Cervãens y: *Atraves da Hespanha litteraria. Breves estudos sobre a litteratura hespanhola antiga e moderna.* 96 pags.,—Porto, 1901.

Pequeños articulos sobre la formación de la lengua castellana, su desenvolvimiento literario; Cervantes, Moratin, Calderón de la Barca, primitiva novela española, Espronceda, Núñez de Arce, Campoamor y poetas menores.

Gonçalves Vianna, A. R.: *Lusismos no castelhano de Gil Vicente.* V. *Revista do Conservatorio Real de Lisboa,*—Lisboa, 1912.—Está incluida en el libro *Palestras filológicas.* Lisboa, 1910.

Vaz de Carvalho, M. A.: *A influencia da America na Hespanha e no mundo.* V. *Figuras de hoje e de hontem,* pags. 247-256.—Lisboa, 1902.

Sousa Viterbo: *O theatro na Côrte de Don Filippe II (duas cartas de dona Bernarda Coutinho).* V. *Archivo historico português,* vol. 1.º, paginas 1-7. Lisboa, 1903. Cartas dirigidas en 1565 y 1566 por la dama portuguesa residente en Madrid. doña Bernarda Coutinho a la Reina de Portugal, acerca de representaciones teatrales en la Corte de España.

Sousa Viterbo: *Jorge de Montemor.* V. *Archivo historico português.* vol. 1.º, pags. 249-259.—Lisboa, 1903.—

Informaciones biograficas y noticias acerca de Montemayor como cantor de capilla.

Ayres: Christovam: *Nota sobre Fr. Luis de Granada.* V. *Boletim da segunda classe da A. R. S.*, vol. 1.º, págs. 226-230. — Lisboa, 1903. — Lista de las primeras ediciones de sus obras existentes en la Biblioteca Nacional de Lisboa. Las paginas indicadas se refieren al texto de la nota y a la parte del acta de la sesión en que se hizo presente la comunicación.

Sousa Viterbo: *Dante, o Marquez de Santilhana e Bernardim Ribeiro.* V. *A Revista*, vol. 1.º, Porto, 1903-1904.

Anonymo: *Todas as litteraturas. I Historia da litteratura hespanhola*, 333 paginas. — Lisboa, 1904. — Volúmen de pequeño tamaño con la particularidad de que contiene una primera parte, de 113 paginas, sobre la litteratura arabigo-española.

Academia Real das Sciencias: *Miguel de Cervantes Saavedra. El Ingenioso Hidalgo D. Quijote de la Mancha. Tricentenario da sua primeira edição. Sessão Commemorativa na Academia Real das Sciencias de Lisboa.* 158 págs. Lisboa, 1905.

Contiene las piezas siguientes: I Extractos de las actas de las sesiones de la Academia, reproduciendo la propuesta de la conmemoración académica del señor Lopes de Mendonça, págs. 7-13. II. Alucución del vicepresidente de la Academia, don Vergilio Machado, pags. 17-21. III *Acerca da gloriosa novella do engenhoso fidalgo D. Quichote de la Mancha,* por el señor don Francisco Teixeira de Queiros, págs. 25-38. IV. *O D. Quichote de Cervantes e as Almas mortas de Gogol*, por Z. Consiglieri Pedroso, págs. 38-57. V, *Quem foi o auctor do segundo D. Quichote?,* por el señor don Theophilo Braga, págs. 59-75. VI. *O ideal de D. Quichote*, por el señor don Cristovam Ayres, págs. 77-116, VII. *Duas palavras sobre a evolução e a influencia da novella hespanhola,* por el señor don Henrique Lopes de Mendonça. págs. 117-136. VIII *Como Cervantes ri*, por el señor don José de Sousa Monteiro, págs. 137-150. IX.

Discurso del excelentisimo señor Conde de la Viñaza, Ministro de España, págs. 151-148.

Navarro y Monzó, Julio: *Cervantes e o seu tempo.* Discurso pronunciado en la sesión solemne celebrada en honor de Cervantes en las salas de la redacción del *Correio nacional*, la noche del 14 de mayo de 1905. 67 págs. Lisboa 1905.

Braga, Theophilo: *Tricentenario da publicação do D. Quichote,* 1605-1905, 24 págs. — Lisboa, 1905. — Conferencia dada en la Academia de Estudos Livres que contiene la biografia de Cervantes con la opinión de que Lupercio Leonardo de Argensola es el autor de la segunda parte apócrifa del *Don Quijote.*

Braga, Theophilo: *Cervantes e o Don Quixote.* V. *Occidente*, vol. 18.°, pags. 98-99. — Lisboa, 1905. — Esbozo biografico con facsimiles de las portadas de las primeras ediciones del Quijote.

Rodrigues Beraud: *Miguel de Cervantes Saavedra.*— Lisboa, 1905.

Paço, Antonio Jansen do: *Catalogo da Exposição Cervantina realisada a 12 de Junho de 1905, por occasião do 3.° Centenario de D. Quichote no Gabinete Português de Leitura.* — Rio de Janeiro, 1905.

Figueiredo, Candido de: *Zorrilla e a sua coroação.* V. *Figuras litterarias*, pags. 49-52. — Lisboa, 1906. — Breve articulo escrito en 1888 a propósito de las fiestas celebradas en Granada en honor de Zorrilla.

Figueiredo, Candido de: *Don Vicente Riva Palacio.* V. *Figuras litterarias*, pags. 128-134. — Lisboa, 1906. — Contiene una breve biografia de este escritor y general mexicano que, en la fecha de la publicación del articulo, 1886, habia sido nombrado Ministro plenipotenciario en Lisboa y en Madrid, y una nota necrológica publicada en 1896.

Lemos, Julio de: *Francisco Villaespesa.* V. *Instituto*, vol. 53.°, pags. 115-120. — Coimbra, 1906. — Juicio del libro *El alto de los bohemios.*

Vaz de Carvalho, M. A.: *La Cathedral de Blasco Ibáñez.* V. *Ao correr do tempo*, pags. 133-145.—Lisboa, 1906.

Sampaio (Bruno), José Pereira de: *O movimento mental e politico da Hespanha contemporanea*, V. *Portugal e a guerra das nações.*—Porto 1906.

Jorge, Ricardo: *La Celestina en Amato Lusitano. Contribución al estudio de la famosa comedia, por...* Traducida directamente del portugues para la revista *Nuestro tiempo*, por el doctor Federico Montaldo, 13 paginas.—Madrid, 1908. —Consideraciones en torno al siguiente pasaje de la obra *Dioscorides*, lib. III. en 99, de Amato Lusitano, celebre medico judaico portugues del siglo XVI: «Non procul a domo Celestinae mulieris famosissimae et de quale aegitur in coemedia Calisti et Melibeæ».

Braga. Theophilo: *A influencia castelhano-aragoneza.* V. *Historia da litteratura portuguesa.* I. *Edade media.* pags. 389-407.—Porto, 1909.

Sousa Viterbo: *Dois escriptores hespanhoes do seculo XVII.* V. *Boletim da segunda classe da A. R. S.*, vol. 4.º, pags. 171-187.—Lisboa, 1911.

Ocúpase de don Fernando Alvia de Castro y de don Garcia Garces y Gralla. El segundo plagió al poeta portugues Gabriel Pereira,

Vaz de Carvalho, M. A.: *A hegemonia iberica.* V. *Impressões de historia,* pags. 9-14.—Lisboa, 1911.—Según palabras del propio autor, este articulo es un «rapido cuadro de la expansion vital de la Peninsula Ibérica».

Velloso, Rodrigo: *Don Manuel Lorenzo d'Ayot. La Iberiada.* V. *Aspectos litterarios,* pags. 53-57.—Lisboa 1912.

E. P.: *Gongora et le gongorisme considérés dans leurs rapports avec le marinisme*, por L. P. Thomas, V. *Revista de Historia,* vol. 2.º, paginas 300-301.—Lisboa, 1912.—Nota bibliografica.

F. F.: *A Hespanha e a alta cultura intellectual.* V. *Re-*

vista de Historia, vol. 1.°, pags. 263-270.—Lisboa, 1912.—Acerca de la Junta para Ampliación de Estudios con datos tomados de la Memoria de 1911.

Manso, Joaquim: *Ao trabalho, mancebos!* V. *Alma inquieta,* pags. 41-46—Lisboa, 1913,—Trata de las empresas comerciales de V. Blasco Ibáñez en la America del Sur.

Prestage, Edgar: *Don Francisco Manuel de Mello. Esboço biográfico,* 614 paginas.—Coimbra, 1914.—Incluimos esta obra porque don Francisco Manuel de Mello es escritor clasico en las dos literaturas portuguesa y castellana (1).

F. F.: *Don Francisco Manuel de Mello, esboço biográfico,* por Edgar Prestage. V. *Revista de Historia,* 3.° vol., pags. 258-259.—Lisboa, 1914.

Reseña bibliografica del volumen precedente.

Pereira, Firmino: *O Porto d'outros tempos. Notas historicas. Memorias. Recordações.* pags. 62-76.—Porto, 1914.—Contiene la narración de un episodio de juventud, después de la lectura del Quijote.

Sousa Pinto, Manuel de: *Portugal e as portuguesas em Tirso de Molina.* 70 pags. Lisboa, 1914.—Conferencia leída en el Teatro de Almeida Garrett, en la cual se señala y comenta la parte del teatro de Tirso de Molina referente a Portugal.

Sousa Viterbo: *A litteratura hespanhola em Portugal, resenha bibliografica dos livros de escriptores hespanhoes impressos em Portugal.* Lisboa, 1915.—Publicación de la Academia das Sciencias de Lisboa a punto de salir de las prensas (2).

---

(1) Véase la reseña de esta obra en *Estudio,* tomo XI, num. 33, pàgs 478-480, septiembre de 1915.

(2) Á data da inclusão deste artigo no volume *Artigos Varios,* acha-se já concluida e distribuida esta obra, com 272 paginas.

II

Libros y articulos portugueses de viajes por España

Anonymo:—*Alhambra, Contos de Granada*, V. *Revista estrangeira*, vol. 1.º (unico), págs. 3, 33, 71, 109, 142, 367, 392, — Lisbôa, 1853. — Contiene trozos traducidos del libro de igual título de Washington Irving.

Caldeira, C. G.: *Barcelona*, (Fragmento de un viaje inédito por la Peninsula) V. *Revista peninsular*, vol. 1.º, págs. 67-73; 300-306; 408-416, — Lisbôa, 1855.

Teixeira de Vasconcellos, A. A.: *Viagens na terra alheia, de Paris a Madrid,* Lisbôa, 1863.

Machado, Julio Cesar; *Em Hespanha. Scenas de viagem.* 256 páginas. Lisbóa, 1865. — Madrid, Escorial, Valladolid, San Juan de Luz.

Guimarães, Ricardo: *Em Hespanha. Scenas de viagem*, por Julio Cesar Machado. V. *Revolução de setembro*, n.º 7,059, 3 de diciembre. — Lisbôa, 1865. X.: *Em Hespanha, Scenas de viagem*, por Julio Cesar Machado. V. *Revolução de Setembro*, n.º 7,070, 24 de diciembre. — Lisbôa, 1865.

Transcripciôn del *Jornal de Lisbôa:* folletin.

Pinheiro Chagas, Manuel: *Julio Cesar Machado*: *Em Hespanha.* V. *Novos Ensaios Criticos*, págs. 145-154. — Porto. 1867.

Guimarães, Ricardo: *Impressões de viagem.* 280 págs. Lisbôa, 1869. — Cádiz, Gibraltar y Paris.

Pinheiro Chagas: *Madrid. Scenas de viagem.* — Lisbôa, 1872.

Anonymo: *Viagens, Hespanha e França*, por Luciano Cordeiro. V. *Revista Occidental*, vol. 1.º, páginas 510-511. — Lisbôa, 1875.

Pinheiro Chagas y Julio Cesar Machado: *Fóra da Terra.* — Porto, 1878.

Cunha, Xavier da: *A Europa pittoresca.* 2 vols., de IV-279 y 283 páginas. — Paris 1881-1883. — Contiene capitulos sobre el Norte de España, Castilla la Nueva y Extremadura.

Anonymo: *Madrid.* V. *Diccionario universal português*, vol. VI, páginas 817-963. — Lisbôa, 1882. — Extenso articulo histórico descriptivo.

Sanches Frias, D. L.: *Notas a lapis. Passeios e digressões peninsulares*, Lisbôa, 1886.

Carvalho Saavedra, Carlota A., y João Clemente de: *Jardins d'Infancia, escolas primarias e normaes na Suissa, França e Hespanha.* — Porto, 1888.

Coelho de Carvalho: *Viagens de... a Madrid, Barcelona, Nice e Monaco, cartas e notas destinadas a Cesario Verde en 1884*, Lisbôa, 1888.

Quental, Anthero de: *Viagens na Hespanha, pelo sr. Anselmo de Andrade.* — Porto, 188... — Apreciación publicada en el periódico *A Provincia* citada por el señor Joaquim de Araujo en su *Ensaio de bibliographia antheriana*, pág. XXXIX.

Silveira da Motta: *Viagens na Galliza.* 236 páginas. — Lisbôa, 1889. Vigo, Pontevedra, Villagarcia, Santiago, Coruña, Lugo, Orense, Rivadavia y Tuy

Magalhães, Luiz de: *Pela Hespanha!* V. *Notas e impressões*, págs. 111-116. — Porto, 1890. — Sobre la protesta del pueblo español contra una amenaza alemana em 1885.

Oliveira Martins, J. P.: *Cartas peninsulares. Edição posthuma precedida d'um esboço biographico do auctor por seu irmão Guilherme de Oliveira Martins.* 228 págs. — Lisbôa, 1895. — Campos de Toro.

Lino da Assumpção, T.: *Em Hespanha, arte e paisagem.* — Lisbôa, 1896.

Mesquita, Alfredo: *Terras de Hespanha.* — Lisbôa, 1898.

Andrade, Anselmo de: *Viagem na Hespanha.* — Lisbôa, 1903. 3.ª edición.

Figueiredo, Anthero de: *Recordações e viagens*, 258 págs. — Lisbôa, 1905, Vigo y trayecto de Salamanca a la frontera para Lião.

Grave, João: *Jornada romantica* (novela). Pôrto, 1913. — Describe el paisaje del trayecto de la frontera de Portugal a la de Francia.

Teixeira Gomes, M.; *Cartas sem moral nenhuma.* 305 págs. 2.ª edición. — Lisbôa, 1913. — Contiene impressiones de viajes por el Sur de España, principalmente Sevilla, Cádiz, Santa Cruz de Tenerife y Granada.

Castro e Almeida, Virginia de: *Em Sevilha.* V. *Coisas que eu penso.* págs. 215-223. — Lisbôa, 1913.

Addenda:

Ribeiro, José Silvestre. — *Luiza Sigéa — Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias*, Lisbôa, 1880, 53 pags.

Noronha, Eduardo. — *Lope de Vega e os dramaturgos hespanhoes.* V. *Evolução do Theatro,* Lisbôa, 1909.

Eça de Queiroz. — *No mesmo hotel.* V. *Notas Contemporaneas*, Porto, 1909. Sobre o assassinio de Canovas del Castillo.

Falcão, Victor. — *Cartas de Hespanha*, Braga, 1915, 167 pags.

Jordão de Freitas. — *Cervantes e Argensóla*, Lisbôa, 1916, 18 pags. (1).

---

(1) Este artigo foi publicado na revista *Estudio*, Barcelona, Novembro de 1916, pags. 206-222.

Alvaro do Carvalhal [1]

Um escriptor esquecido

Na historia das litteraturas, frequentemente o esquecimento, já por uma normal transformação do gosto, já por accidentaes circunstancias, apaga nomes que tinham direito a lograr mais algum favor. E' um phenomeno que em todas as litteraturas se verifica. O vulto predominante de algumas grandes figuras estabelece a desproporção e reduz os nomes secundarios a simples repetidores das qualidades que essas figuras primaciaes com mais originalidade e vigor representam. Na litteratura francesa, Corneille, Racine e Moliere offuscaram todos os auctores dramaticos desde Hardy, só interessantes para os especialistas que estudam as origens do theatro francês e sua differenciação nos varios generos. Em Portugal, Camões fez esquecer todos os poetas épicos, e Eça de Queiroz fez relegar para um segundo plano, que em breve será o esquecimento, todos os romancistas que cultivaram o mesmo gosto. Outras vezes, a perda de alguns nomes provem do divorcio que separa a litteratura e o povo, separação nitida que em Portugal tão flagrantemente se verifica — bem como em outras litteraturas dos povos pequenos, em que a arte litteraria é como que tutelada por uma litteratura central, a do povo que chefia a cultura desse grupo de povos affins. O critico, que se abalançar ao estudo minucioso da litteratura portuguesa, a cada passo

---

[1] Publicado nos *Serões*, Lisboa, 1911, n.º de junho.

encontrará rehabilitações a fazer, tardias reivindicações a invocar. E nós algumas temos feito já na collecção ambiciosamente intitulada *Bibliotheca de Estudos Historicos Nacionaes.*

Trataremos hoje do contista Alvaro do Carvalhal, que merece ser lembrado não porque legasse obra de valia, mas porque, em plena mocidade, se affirmou duma maneira muito pessoal e não repetida.

E' fóra de duvida que o critico que fôr accordar esses nomes ignorados ou esquecidos, e os incluir na historia litteraria, terá de os considerar por um criterio bem diverso daquelle por que considera os outros bem conhecidos, que tiveram um publico, que os comprehendeu e amou.

Os que fôram ignorados, os que bem cedo esqueceram e sobre todos os que, como Alvaro do Carvalhal, só posthumamente foram lidos, e fracamente, não exerceram acção sobre o gosto, não orientaram successores; a sua influencia dynamica é pois nulla, mas nem por isso menos significativa a sua individualidade, como fóco condensador de acções heterogeneas ou por ferirem qualquer nota ainda não vibrada. Quantas vezes a causa desse esquecimento reside na combinação, por uma forma insolita, de influencias bem communs, mas que, em conjuncto, produziram uma resultante mal acceita do publico. As *Memorias*, de Saint-Simon, cuja influencia não foi pequena e que tanto interesse despertaram aos romanticos, só fôram publicadas em 1830, cerca de cem annos depois de escriptas. Não fôram conhecidas no tempo a que diziam respeito, e, sendo-o, é possivel — permitta-se uma conjectura — que passassem pouco menos que despercebidas e que Saint-Simon em vez de ser um auctor ignorado até 1830, fosse um auctor esquecido e só em 1830 relembrado. As suas ideas e o caracter, que lhes serve de fundo coordenador são tão pouco da primeira metade do seculo XVIII, as ideas são tão mediocres e o caracter tanto do seculo XIX, que esta conjectura parece-nos muito plausivel. Todavia, a critica francesa localizou esse auctor na sua epoca

propria, embora só considerasse a sua influencia, na epoca muito posterior, em que ella se exerceu.

Dois auctores se referiram a Alvaro do Carvalhal; Simões Dias, o poeta e critico da litteratura hespanhola sua contemporanea, que prefaciou a edição posthuma dos *Contos* e a quem devemos os unicos apontamentos biographicos conhecidos, e o sr. Pereira de Sampaio, que no capitulo IX da sua obra, *A Geração Nova*, faz delle principal objecto das suas attenções. Um e outro, porêm, nos dão pequeno subsidio, menos o segundo que o primeiro, o que nos obriga a utilizarmos a obra, como principal fonte de informações. (1) E' este um processo perigoso; a critica psychologica, frequentemente, chega a reconstituir um typo moral do auctor inteiramente opposto ao real, quando se baseou só sobre a obra. Considerando a contingencia desse processo, agora forçoso, observaremos duas cautelas: as reservas nos assertos relativos ao auctor, e a preferencia do estudo da obra, em si.

Segundo o testemunho de Simões Dias, Alvaro do Carvalhal nasceu na provincia de Traz-os-Montes, aldeia de Argeriz, no ano de 1844, e falleceu em Coimbra em 1868, com vinte e quatro annos, ao tempo em que frequentava o curso de direito. Essa breve vida passou-a na preoccupação duma doença minaz, que teve o seu desfecho no aneurisma, que o victimou. O retrato, que acompanha o volume dos seus contos, mostra-nos uma physionomia apoquentada, a testa em rugas,

(1) No livro *A Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1908, 332 pags, o sr. Bernardino Machado, antigo professor daquella Universidade, allude a Carvalhal na seguinte passagem: «Moravam ambos (Gonçalves Crespo e João Penha) numa das casas das boas senhoras Seixas, na mais pequena, um pouco recolhida da rua, a mesma, onde morára tambem Alvaro do Carvalhal, — que estou revendo, com os seus grandes olhos mortiços, o pequeno bigode descahido e os lisos cabelos, mais negros do que a sua capa e batina a destacarem funereamente sobre a pallidez exangue do rosto — ...» Pag. 177.

as sobrancelhas descahidas, o olhar inexpressivo, o bigode abandonado, todos esses vestigios que deixa a meditação pessimista. Não se pode, todavia, attribuir a anormalidade mental, de que evidentemente Alvaro do Carvalhal soffria, só ao padecimento physico, e faltam-nos dados fidedignos para apontarmos outras causas provaveis; teremos, por isso, de nos limitar a verificar essa anormalidade no caracter inilludivel, que imprimiu á sua pequena obra a qual sem ser muito valiosa, tem originalidade. Tivémos na nossa litteratura moderna algumas nevroses bem caracterizadas, entre ellas a de Camillo Castello Branco e a de Anthero de Quental, mas tanto em Camillo como Anthero manifestou-se essa nevrose, de base organica, principalmente na passividade com que soffreram as acções externas, passividade que nunca os deixou attingir a absoluta posse consciente de si proprios e que os obrigou a consumirem boa parte da vida activa em suggestões e contradicções. Não soffriam duma total incapacidade de ver a realidade objectiva, na sua flagrancia; nem um nem outro era destituido do poder de pensar com logica e coherencia; a sua vontade é que enfermava. Isto faz que essa morbidez psychica se reflicta principalmente nas normas da sua vida; hyper-sentimentalidade em Camillo, hyper-intellectualidade em Anthero. Em Camillo surprehende-nos até a justeza da sua observação, a descripção nos seus romances, e o discernimento com que conduz as suas investigações chronologicas, nos seus trabalhos de erudição. Em Anthero não encontramos esse poder descriptivo, porque era uma imaginação abstracta, que desdenhava a observação pictorica; mas contemplamos a mais completa e mais sã normalidade, o mais elevado senso logico a nortear-lhe o pensamento, de que é uma prova irrefragavel o seu estudo, *Tendencias geraes da philosophia na segunda metade do seculo* XIX. Não succede assim em Alvaro do Carvalhal para quem a realidade era uma concepção subjectiva. Sobre disposições ingenitas, o recolhi-

mento alheado do convivio e da observação veio accentuar essa incapacidade de ver bem e impessoalmente, avigorar essa anormalidade dos sentidos dominados pelas tendencias espirituaes. De facto, este escriptor não via integralmente o que se lhe apresentava aos sentidos, mas corrigia a visão com a representação das suas tendencias. Faltam-nos elementos de estudo, já o dissémos, mas essa falta, cumpre esclarecer, sentimo-la não para a localização do caracter de Carvalhal num elenco de anormaes pathologicos: esses elementos, a existirem, só nos interessam para o estudo do seu caracter litterario. O seu volume, *Contos*, publicado em 1876, contem seis peças, cuja acção passamos a resumir.

No primeiro, *A Febre do jogo,* Marianno, personagem central, perde ao jogo uma quantia importante, perda que importava a fallencia e ruina do pae. Em meio do seu grande abatimento, o banqueiro seu amigo, Lucio, proporciona-lhe um meio de salvação: tinha em seu poder uma quantia avultada, confiada á sua guarda, sem exigencia de qualquer titulo de responsabilidade, pelo lavrador P. Vassal, que vivia a duas leguas, para além da montanha sobranceira á cidade. O lavrador pedira ao banqueiro havia pouco a devolução desse dinheiro, mas fallava-se-lhe, e se elle annuisse em esperar, Marianno estaria salvo, pelo menos as suas difficuldades seriam addiadas. Para pagar o seu emprestimo trabalharia. Na noite immediata, Lucio tinha de atravessar a montanha regressando de casa de P. Vassal com o dinheiro. Todo o tempo de espera passou-o Marianno numa dolorosa espectativa, entre receios e apprehensões. Subito, ao approximar-se a hora em que Lucio devia atravessar a montanha, acode-lhe uma idéa criminosa. Trepa á montanha, de noite, e quando vê passar um cavalleiro, desfecha a clavina, precipita-se sobre elle e rouba-lhe o sacco, que trazia; corre para casa, fecha-se no quarto, e quando, trémulo de commoção, o abriu, encontrou-o cheio de miseraveis moedas de cobre e algumas de prata, em vez do ouro luzente de Vassal, que

esperava. Tinha assassinado o pae, que era o cavalleiro que, pouco antes de Lucio, atravessava a serra, portador daquelle magro peculio. Lucio appareceu em breve com a fortuna redemptora. Segue-se uma violenta commoção cerebral, que simultaneamente parece um sonho e uma realidade, tão confusamente está descripta, arrebata o dinheiro, corre ao jogo e vê o banqueiro ganhar-lh'o todo, homem mysterioso, que é nem mais nem menos que o cadaver do pae, ostentando na cabeça a ferida da bala que na montanha Marianno lhe atirára. A' saida do jogo, acompanha o pae, que vae deitar-se no caixão, na eça armada numa igreja. Vem-lhe um confuso delirar e accorda depois em Napoles, convalescente dum ataque de loucura.

Tal é a acção, e não é facil reproduzi-la, tão propositalmente cahotica ella é, ao ponto de se não saber onde termina a narrativa real e onde principia a loucura visionaria. Chegados ao fim, três surpresas nos colhem: a primeira, que a parte mais terrorosa do conto é uma visão, só então confessada; a segunda, na melhor das conjecturas, que essa visão que suppunhamos o delirar duma noite, é o bosquejo dum estado de louco cheio duma mesma preoccupação e sem nitida contagem de tempo; a terceira, que todo o conto é uma narrativa pessoal dum jogador. Voltamos então atraz e tomamos tudo que se segue ao contracto com Lucio, por phantasia de alienado, mas inesperadamente um dialogo final leva-nos a crer que Marianno de facto matára o pae. E foi essa certeza que novamente lançou Marianno, já curado, na febre do jogo.

O conto seguinte, *J. Moreno* é, já pelas analogias da sua acção e de algumas qualidades moraes do protagonista Moreno com os escassos dados biographicos do auctor, já pelo testemunho de Simões Dias, um pouco autobiographico.

De Coimbra sae, de viagem para Hespanha, o mancebo J. Moreno, avido de se resarcir de fadigas, soltando a alma em romanescas aventuras. Ainda então, no tempo de Carvalhal, os portugueses viam a Hespanha através da imaginação impre-

gnada de leituras romanticas. Atravessa a peninsula, deixando um rasto de recordações sentimentaes, e dispunha-se a reentrar em Portugal pela Galliza, quando preso dos encantos de Petra, em Lugo, se demorou tão esquecidamente que a sua eleição de deputado, que em Portugal lhe preparavam, foi compromettida, pela sua ausencia. Chamado pelo pae, ainda conseguiu entrar em S. Bento, por cedencia de candidatura deste em seu favor. Desde então a sua vida foi uma continuação de triumphos na politica, no mundanismo e nos amores faceis. Em breve se esqueceu de Petra. Assim viveu, embalado de glorias, que Alvaro de Carvalho não diz quaes fossem, até ao dia em que, instado, um medico lhe communica soffrer dum aneurisma. Cae num desalento desesperado, que a morte do pae vem ainda augmentar. E' então que lhe relembra Petra, como um balsamo. Parte para Lugo, para casar e morre nos braços della, na noite de nupcias.

Tambem neste conto não faltam elementos da morbida phantasia do escriptor, que todavia elle quer fazer entrar no ambito da verosimilhança, pela explicação de alguns sonhos por alguns factos reaes. Vejamos. Quando se retira para o seu solar, J. Moreno passa as noites numa grande agitação. Uma noite, dormindo, sonha que o pae, já morto, vem, tiritando, agasalhar-se ao lume do fogão, enroscando-se mirrado aos pés delle; ao accordar reconhece que é o corpo adormecido do cosinheiro que, ficando de véla ao amo, cedêra por fim ao somno. Outra noite, sonhára que ia escrevendo com a ponta duma lamina metallica sulcos sobre a cinza do fogão, sulcos que depois se coloriam duma phosphorescencia pallida. Afiguravam-se-lhe caractéres caballisticos, uma tentação do demonio. «O espirito promettia ao enfermo um cauterio redemptor, á custa de criminosa convenção». Invoca uma mão supremamente poderosa que o salve. Apparece-lhe Satanaz, faz-se o pacto; J. Moreno toca um pergaminho, immediatamente ahi apparece o seu nome a fogo. Depois Satanaz, com a unha molhada em sangue da ferida que

lhe abre na testa, lança no pergaminho as clausulas do contracto. Accordando, J. Moreno corre ao espelho: tinha a testa ferida... mas o ferimento fizéra-o num dos ornatos a relevo da cadeira, em que adormecêra.

Segue-se o conto *Honra antiga*. Um velho alferes das guerras civis vingou, segundo a sua noção de honra, a affronta que lhe fizéra uma sua filha, Petronilha. Vendo que resistia a todos os casamentos propostos, impõe-lhe um villão como noivo. Petronilha, perdendo a esperança de demover o pae, opta pela confissão ao indigitado noivo do obstaculo que os separa: tem um filho de um conde das vizinhanças a quem ama. Retirando-se, o camponês repete tudo ao veterano. Á noite, quando Petronilha no seu quarto esperava o conde, toda em sobresaltos, apparece-lhe o pae. Depois de altercarem, ouvem-se os passos do conde: o alferes arrasta a filha para o interior e mata-a com a durindana das luctas civís, volta ao quarto e, após ligeira hesitação entre o dever e a commoção, ás escuras, brande a espada para um e outro lado e despedaça o craneo do conde. Reuniu os cadaveres na cama, em que tinham noivado, e foi offerecer-se á justiça. Desde então a mulher do alferes, «quando é mais lauto o jantar e maior o numero dos convivas, conta, entre a sobremesa e o café, com orgulho de leôa, como na sua familia se castiga uma affronta». E conclue com diggressões sobre a relatividade da noção de honra, procurando por ella justificar o alferes.

O conto, *A Vestal*, é duma sensualidade tôrpe. D. Gundar, viajado e um pouco sceptico, de visita a uma sua tia, residente numa quinta, no campo, surprehende na prima infantil, que annos antes deixára, uma encantadora mulher, curiosa das suas viagens e duma simplicidade meiga, em singular contraste com as mulheres que até então conhecêra na roda viva da sua convivencia mundana. E ama-a. Passeiam, dão-se as mãos, beijam-se livremente; mas o seu amor parece entristecer, encolerizar por vezes, um rafeiro antigo, Niger, que a toda

a parte os segue. Na cidade, contando o seu subito reviramento de sceptico em crente no amor a um amigo, Fausto, homem de vida mysteriosa, ouve as mais aterradoras prophecias, porque para Fausto a simpleza ingenua de Florentina não é mais do que calculo. E conta um episodio da mocidade, duma brutal crueza, em que fôra protagonista a mãe della, que não será por isso falta de argucia para guiar a estrategia da filha. Fausto promette ir á sua bôda, mas morre no dia seguinte de tysica. Gundar e Florentina casam, mas á hora dos brindes chega um conviva inesperado, Dom Pablo. A Gundar assemelha-se que é Fausto, o seu espectro. O casamento realiza-se por isso sob apprehensões sinistras. D. Gundar, desdenhoso da ardencia de sangue da mulher, estabelece aposentos separados, facto que logo dá começo a um affastamento moral, um pouco por consequencia de mal entendidos e de suspeitas, tornado quasi em incompatibilidade. Dom Pablo visita a casa com frequencia e é recebido carinhosamente por Florentina. A suspeita mina o coração de D. Gundar. Simula uma viagem, mas a pouca distancia retrocede, e, occulto, surprehende não a Fausto, mas a Niger, o cão ciumento, que os seguia, rugindo, quando em solteiros elles se passeavam, de mãos dadas, pela alameda. Mata o cão, á mulher mostra um infinito desprezo e contra si desfecha tambem o revolver.

O *Punhal de Rosaura* mais ainda excedia o horror tragico e extravagante. Everardo roubára á familia a mocidade querida e bella de Rosaura, de quem fez sua amante, desdenhando-a após os primeiros enthusiasmos. A sua vida desordenada de orgia a tal ponto alheára de si o coração de Rosaura, que nesta pouco a pouco foram acudindo o arrependimento, o remorso, as saudades da America distante donde era. E um dia, em seguida a uma discussão violenta, ella procura um refugio no suicidio; mata-se a punhaladas. Um só homem testemunhou o seu fim, como testemunhára a sua vida de soffrimento, o escravo Antonio. Na Europa viajava um irmão de Rosaura,

Lorenzo del Giocondo, a quem Antonio narra a morte de Rosaura e entrega o punhal com que ella se matara. Desde então Lorenzo só existe para um fito, vingar a familia desolada, vingar a irmã perdida. Persegue Éverardo, e uma noite, num baile em Veneza, oonde elle fôra na variedade multipla dum viver ao acaso, encontra-o; mascarado, é tomado por mulher, deixa-se cortejar por Everardo, soccorrendo-se da feminilidade gracil do seu rosto, um pouco disfarçado pela estreita mascara, arrasta-o a um palacio em ruinas — todo o scenario é tristonho e sinistro — onde o faz embriagar. E quando Everardo lhe supplica que tire a mascara, descobre-lhe um rosto cadaverico, duma severidade algente, onde Everardo reconhece as feições de Rosaura morta. Cae exanime e, quando torna a si, vê-se sobre a campa raza da sua amante. Desordena-se-lhe o pensamento, confundem-se-lhe as recordações, o cynismo requinta, a voluptuosidade do vicio torna-se-lhe estado permanente. E emfim, uma noite, numa taberna, um mancebo entra e desafia-o; um empurrão apaga o velador, e um duello sanguinolento, um atroz duello de morte se trava na escuridão. Dahi a pouco abre-se uma porta, sahe o mancebo Lorenzo, e pela luz que entra, os convivas vêm estendido no chão a Everardo, com um punhal atravessado na garganta, o mesmo com que Rosaura trespassára o proprio seio.

No ultimo conto, *Cannibaes*, feriu a nota mais alta da inverosimilhança, da extravagancia, do artificialissimo arranjo litterario só attingivel por uma imaginação doente, que compõe sobre elementos de segunda mão, colhidos da observação indirecta dos livros. Através das salas de baile e dos banquetes, duas personagens se passeam triumphalmente, ambas provocando a maiór admiração e interesse. São Margarida, cuja belleza e cujo desdem por quantos lhe tributavam graças lhe tinham dado certo renome, e o visconde de Avelaneda, cuja fortuna, melancholia grave e serena o aureolavam com o prestigio attrahente do mysterio. Casaram-se, mas toda a festa

decorreu sob um véu de tristeza, de receio, que provinha da reserva melancholica do visconde, que nem nesse dia compuséra outra disposição moral, e de certas palavras sybillinas, que Margarida lhe ouviu e que a deixaram num vago receio, opressivo com presentimentos aterradores. Uma terceira personagem, D. João, ardendo em ciume, como pretendente desprezado, no dia da bôda, mais accentua essa oppressão de temor com um brinde ironico. Os receios de Margarida effectuam-se. No seu quarto, Avelaneda não corre a abraçá-la, diz algumas palavras geladas, encostado a uma poltrona, e ante Margarida, gelada de surpresa, *desarma-se* nas varias partes complicadas que o compõem. O visconde era um estupendo aborto de mutilações, um tronco e a cabeça sómente; os braços, as pernas, os dentes, o movimento, tudo era um artificio de aperfeiçoados mecanismos. Margarida foge espavorida para os jardins, onde cahe exanime, e o visconde, querendo chegar a um frasco de fulminante acido prussico, rola da poltrona, sem o conseguir, indo tombar sobre as chammas do fogão, que logo o envolvem e vão carbonizando. Na manhã seguinte, o pae de Margarida, vendo como tardavam e que a porta do quarto só estava encostada, entrou; logo um cheiro de carne queimada lhe despertou o appetite voraz, e vendo a carne a arder no fogão, explicou a ausencia dos noivos e esse assado extravagante pelo pendor para a excentricidade, que sempre conhecêra no visconde. Chama os filhos e, devidamente apetrechados, começam a trinchar e a comer na parte superior da carne, a menos tostada, não sem estranharem o seu gosto insulso. Entretanto um tiro os attrahia ao jardim: era D. João, que do alto duma magnolia, em frente duma janella aberta, assistira á estranha scena, e que assim punha termo á sua vida de desvarios, no momento em que pela primeira vez um capricho seu se mallográra. Da sua bocca moribunda, o pae e os irmãos de Margarida ouviram a narração horripilante e soubéram que, como cannibaes, tinham comido da carne do visconde. Á sua cons-

ternação, porêm, surge um consolo efficaz: eram os legitimos herdeiros do riquissimo visconde.

Tal é a moralidade da historia, conclue Carvalhal.

Posto que contemporaneo da geração de 1865, Carvalhal é ainda um romantico, mas já da decadencia, quando os caractéres proprios do romantismo fôram, de intenção proposital, repetidos numa crescente artificialização. Carvalhal é um esquecido representante da decadencia do nosso romantismo. Leitor de Shakespeare, Goethe, Musset, Victor Hugo, Espronceda, Alvares de Azevedo, Filinto Elysio, Hoffmann e Pöe, imitava não a natureza, embora vista através dum crédo litterario, mas estes auctores, combinando esses elementos tão dispares por uma forma pessoal.

A novidade dos contos de Carvalhal consiste no alargamento dos motivos litterarios, acceitando como themas assumptos que a um romantico da primeira phase da escola repugnariam, como principalmente na *Vestal* e nos *Cannibaes*. Não vá dizer-se que foi isso influencia do naturalismo francês, ou mais exactamente de Zola, que foi o auctor que mais ousado foi na adopção de themas até então severamente affastados da téla litteraria; Zola começou a publicação dos *Rougon-Macquart* em 1871, quando Carvalhal era já morto. Portanto, ainda que a crueza e extravagancia de Carvalhal façam lembrar um pouco *La Terre* e *Thérèse Raquin*, temos de explicá-las pela sua propria feição litteraria, pela sua imaginação doentia.

A acção dos seus contos em parte alguma é localizada, e das personagens não temos nenhuns informes biographicos. Raramente se sabe donde vêm, quem são, raramente ainda se conhece o seu nome completo. Nenhuma psychologia, sómente uma qualidade dominante, maldade cynica, presumpção dom-joanesca, um enfartamento de desvario, de orgia, de faceis amores, que conduzem ao amoralismo. Tambem os seus quadros, imprecisos como são, abstractos recortes que a ninguem, a nenhum local se podem referir, a nenhuma observação di-

recta, a nenhuma emoção vivida, não têm fundo real. Não ha nestes contos multidão, essa multidão que turbilhona na vida, no ultimo plano dum qualquer quadro pessoal, essas necessarias personagens secundarias e secundarissimas, que vêm pormenorisar, trazer verdade.

As mulheres são duma extrema formosura e duma impetuosa ardencia de sangue, como a que retrata a pag. 226: «Rosaura tinha na physionomia sympathica a perfeita manifestação da sua alma ardente. Era uma natureza extraordinaria pelo complexo de elementos variados e oppostos, que a constituiam. Nobre orgulho, imaginação febril, facil em exacerbar-se na creação de impossiveis, de phantasmas e de terrores; desvairada impaciencia no aspirar para o desconhecido, proprio das organizações vehementemente nervosas e sensitivas; quanto ha de mais dôce e pudico na virgem, temperado indescriptivelmente com um tanto da libidinosa soltura da peccadora: taes as qualidades, que davam relevo a esta creança original. Nada mais selvagem no ciume! Em cada ondulação do peito encapellavam-se tempestades; mas tempestades, que um singelo carinho meu tinha o condão de esconjurar». E em todas ellas sempre a magnificencia de contornos acabados, frescura, colorido, rijezas de carnadura, e decididas aptidões para atingir a maternidade. Como se estava longe dos termos idyllicos de Garrett e de Herculano, da mulher-sonho, da Joanninha do Valle de Santarem e das personagens femininas do *Monasticon*, «intermediarias entre o céu e a terra», das brancas e timidas castellãs dos dramaturgos historicos.

Outro caracter accentuadamente romantico é o idealizar a Hespanha, como paiz do amôr, da forma e da côr, que satisfazia o gosto de exotismo dos primeiros romanticos. Mas emquanto naquelles essa preferencia era resultante directa dum estado moral de inadaptação, de descontentamento, era um gosto sincéro de exotismo, era em Carvalhal já uma herança da tradição, cuja origem e significado se perderam.

Por toda a parte se revela a mão do auctor, mexendo as personagens, explicando-as ou intercalando pequenas divagações e commentarios: « A mina tem sido explorada por numerosos alchimistas de sensações fortes. A mim, com pena o digo, cae-me a penna da mão. Mas já que vim coxeando até aqui, coxearei um pouco mais. Permitta, leitor... » (*Punhal de Rosaura*, pag. 260). «D'onde concluo, aqui entre parenthesis, que o systema nervoso das senhoras é mais melindroso que o do leitor, que, certamente, não vê motivos de susto. Possa a descoberta ser de proveito á sciencia ». (*Cannibaes*, pag. 284-5). Através das janellas abertas viu a lua no céu, *infallivel em taes casos*, e viu tambem a folhagem compacta do laranjal, recendente ao sopro ligeiro da embalsamada viração «. (Id., pag. 292).

O amor, que as suas personagens sentem, é sempre um amor instincto, um amor que irresistivelmente impelle á posse; só para elle vivem, e quando o capricho se desfaz contra um obstaculo insuperavel, partem o craneo com uma bala, como D. João nos *Cannibaes*. O proprio Carvalhal seria um sensual, segundo se infere desta preferencia, e o prefaciador do livro, Simões Dias, que o conheceu, o affirma. Por toda a parte nas descripções, põe um cuidado particular nos perfumes e nas côres; os convidados rebrilham de joias, as mulheres decotadas, as mesas com as melhores eguarias e os melhores vinhos, muitos crystaes e muitas flores; na boda de Avelaneda e Margarida, nos *Cannibaes*, os convivas bebem por copos de ouro.

Como Carvalhal não idealizava os dados reaes da observação, é claro, é logico concluir que as suas descripções nunca têm independencia pictorica, e são sempre uma repetição de elementos fixos, da costumada scenographia do romantismo; por isso a natureza raro figura nos seus contos, e sempre como retoque ao fim desejado, um reforço de côr para produzir o effeito procurado,

Quanto á composição, conseguiu — exceptuando o pri-

meiro conto, *Febre do jogo*, — sempre marcar as gradações principaes da acção, evitando prolixidades e até pondo, envoltos no dialogo, certos esclarecimentos sobre ella. Mas o dialogo é artificioso, muito litterario, por vezes um torneio de argucias, sem nenhuma significação psychologica e, quasi sempre, desacompanhado daquelles pormenores de gestos, de expressão physionomica, de attitudes, que o definem, que o precisem. E no estylo repetidas vezes se encontram reminiscencias filintistas, no acurado purismo syntatico e no aspecto antigo, sem que a expressão ganhe: « Iam estes devagar, com muita quietação, em companhia duma apavonada moçoila que, num cestinho á cabeça, levava acipipe *de que fazer* no monte appetitosa merenda. (*Honra antiga*, pag. 143).

Após esta summaria ennumeração dos caracteres, que julgámos primaciaes na pequena e esquecida obra de Carvalhal, uma pergunta nos acóde: que se tornaria esse escriptor, se não houvesse desapparecido tão cêdo? Ou condescenderia, soffrendo disso a sua obra, como succedeu com Camillo, de 1871 em deante, ou morreria litterariamente, com a mesma prematuridade com que morreu realmente, é o que parece poder-se inferir da sua obra. Romantico retardatario em 1868, mais retardatario seria após essa data, porque a sua anormalidade psychologica, se marcou duma maneira pessoal a decadencia romantica, não lhe dava garantias de exito noutro crédo litterario.

O que é a Academia (Real) das Sciencias de Lisboa [1]

(1779-1915)

AOS AMIGOS DA «ACADEMIA»:

Do presente artigo, publicado na *Revista de Historia*, se faz uma separata para que se lhe facilite a circulação entre os amigos da Academia das Sciencias, que muitos são em Portugal e no estrangeiro. Entre esses amigos portugueses, queremos desde já distinguir os socios da benemerita «Sociedade de Estudos Pedagogicos» e da «Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos» que em assembléa votaram moções de protesto contra as determinações legaes que feriram o venerando instituto. Por nossa parte, essas medidas dos governos e dos parlamentos a respeito da Academia, a par da situação creada ao professorado e da protecção prestada aos que da vida intellectual só querem o ruido e as homenagens, são signaes inilludiveis da absoluta incompatibilidade entre as demagogias e a cultura espiritual; não pode deixar de ser assim, porque cultura espiritual implica criterio de escolha e de exame, desdem de grosseiras superstições verbalistas. Por isso, juntamos ao protesto daquellas duas sociedades o nosso individual. Ainda assim esse protesto ficará muito áquem das proporções, que deveria attingir.

F. F.

---

(1) Publicado na *Revista de Historia*, n.º 16, Lisboa, 1916. Deste artigo se fez uma separata com larga tiragem. Distribuido no estrangeiro recebeu muitas referencias de applauso em revistas varias.

A Academia Real das Sciencias de Lisboa — desde outubro de 1910 simplesmente Academia das Sciencias de Lisboa — foi fundada em 1779, no reinado de D. Maria I, por diligencias do 2.º Duque de Lafões, D. João Carlos de Bragança, e do P.e José Francisco Corrêa da Serra, botanico illustre. O 2.º Duque de Lafões (1719-1806) pertencia á familia real, como filho segundo do infante D. Miguel e neto do rei D. Pedro II; por motivo da situação creada á nobreza pela politica do Marquez de Pombal saíu do reino e viajou largamente por paizes de Europa e Asia, militou nos exercitos de Maria Thereza de Austria na guerra dos Sete Annos, e assistiu largamente em Inglaterra, onde recebeu a honra de ser eleito membro da Real Sociedade de Londres. O P.e Corrêa da Serra (1750-1823), cuidadosamente educado em Roma, segundo alguns já sob os auspicios do benemerito duque, viajou tambem largamente por Europa e America, residiu em Londres, onde foi conselheiro da legação portuguesa e teve tambem a honrosa eleição de socio da Real Sociedade de Londres. Unidos por estreita intimidade intellectual, muito cultos de espirito e animados de progressiva neophilia, concertaram a fundação da Academia, o duque prestando á nova empresa o seu operoso valimento na côrte de sua segunda prima, a rainha D. Maria I; Corrêa da Serra orientando-a com seu entendimento de perito.

O gosto das academias era já velho em Portugal, que nessa tendencia promptamente acompanhára a Italia, sua creadora. Desde 1628, data da fundação da mais antiga academia portuguesa de que ha noticia certa, a *Academia dos Singulares*, até 1779, anno da approvação dos primeiros estatutos da Academia Real das Sciencias, existiram numerosas dessas corporações para o cultivo da poesia, da eloquencia, centros de gosto gongorico em que se poetava e discorria com a maior gravidade sobre frivolos themas. Nesse largo movimento academicista poucas são as instituições dignas de menção, e dessas ainda seleccionaremos as muito principaes, que são em nosso

entender: a *Academia Real de Historia Portuguesa*, fundada por D. João v em 1720 para a preparação da historia ecclesiastica de Portugal, que produziu alguns volumes de valor; a *Academia Portuguesa em Roma*, fundada pelo mesmo soberano, para os estudantes portugueses das artes de pintura e esculptura, que, entre outros discipulos, contou Vieira Portuense, Domingos José de Sequeira, dos maiores pintores de Portugal; a *Academia Liturgica Pontificia*, em Coimbra, concedida por Benedito xiv em 1747, como delegação da *Academia dos Sagrados Ritos e Historia Ecclesiastica*, de Roma; e a *Arcadia Lusitana*, corporação particular fundada em 1756 pelos poetas Antonio Diniz, estimado auctor do poema satyrico *O Hyssope*, Esteves Negrão e Gomes de Carvalho, a qual se celebrizou como intelligente reacção contra o gosto gongorico na litteratura e contra a influencia castelhana, e como tentativa de regresso á verdadeira tradição classica contrapondo-a e aos modelos franceses do seculo de Luiz xiv aos modelos hespanhoes. Porêm, com o largo plano, que ás Academias de Sciencias se assignalava no estrangeiro, como centro organizado de todos os ramos do saber humano, foi a Academia Real das Sciencias, a primeira, e, como pouco depois da sua fundação se tornou corporação officialmente reconhecida e privilegiada, veio a ser a unica em Portugal.

As instituições deste typo devem-se á França, ao espirito mundano e gentil que da convivencia litteraria pelos salões aristocraticos fazia exhibição de elegancias e donaires, de requintes de opinião e expressão; devem-se ao dom subtil que a França do seculo xvii, de Madame de Rambouillet e Madame de Lafayette, genialmente creou e ensinou ao mundo, o da conversação, que Mademoiselle de Scudéry considerava o vinculo da sociedade entre os homens, o maior prazer das pessoas de bem e o meio melhor para introduzir no mundo não só a delicadeza, mas tambem a moral mais pura e o amor da gloria e da virtude; esse dom cujo exercicio Saint-Evremond reputava

mais deleitoso que a propria leitura; a que o historiador Varillas confessava dever nove das dez coisas que sabia; e de que o eminente La Rochefoucauld escreveu uma regra tão exigente que para a cumprir na integra, diz um annotador, seria preciso mais genio que para escrever o *Cid*. Foi da necessidade, que sentiram alguns bellos espiritos, de elegante e doutamente conversarem, que nasceu a Academia Francesa. Richelieu offerecendo-lhe a sua protecção e proporcionando-lhe existencia official, juntou aos seus titulos de estadista insigne, mais o de patrono duma das mais bellas creações da sua patria.

A Academia Francesa, cuja primeira sessão se realizou em 13 de março de 1634, a principio, confinou-se numa missão unica, o enriquecimento da lingua francesa, e defeza de sua pureza, por meio da obra que melhor servia esse proposito: o diccionario. Mas o vasto incremento das sciencias, nesse seculo e no seguinte, obrigaram os paízes que de França tomaram essa instituição a alargar-lhe o quadro das suas attribuições; foi principalmente sob a forma mais generica de Academia das Sciencias, que se generalizou e que Portugal a tomou.

Em 24 de dezembro de 1779 a rainha D. Maria approvou os estatutos da Academia das Sciencias de Lisboa, obra de Lafões e Corrêa da Serra, — á qual a mesma soberana em 1783 concedeu o titulo de *Real*, que vigorou até 1910. Segundo esses primeiros estatutos, a Academia comprehendia três classes, sciencias naturaes, mathematicas e bellas-lettras, cada uma com oito socios effectivos. Admittia tambem socios honorarios e correspondentes nacionaes e estrangeiros. Durante o anno academico, de outubro a julho, deviam realizar-se duas sessões publicas de abertura e encerramento do anno com a maior solemnidade, e sessões ordinarias quinzenaes para trabalhos scientificos e questões administrativas. As deliberações da assembléa geral, aclarando, revogando ou additando os estatutos, designavam-se *assentos*.

A 16 de janeiro de 1780 realizou-se a primeira sessão da

Academia, com a assistencia dos academicos, Duque de Lafões, seu presidente, P.e Corrêa da Serra, seu secretario, P.e Joaquim de Foyos, critico e hellenista, P.e Theodoro de Almeida, famoso auctor do *Feliz Independente*, Pedro José da Fonseca, philologo e um dos futuros martyres do *Diccionario*, 6.º Visconde de Barbacena, futuro capitão-general das Minas Geraes, ao tempo da revolta do *Tiradentes,* Gonçalo Xavier, etc. A sua primeira séde foi no Paço das Necessidades, onde se conservou até depois de 1787. Até 1797 esteve installada no Poço dos Negros, e desde essa data no palacio do Monteiro-mór, á Calçada do Combro, donde foi transferida para as casas do Convento de Jesus, depois da extincção das ordens religiosas. Essas casas, sua actual séde, são sua propriedade em virtude da doação feita em 23 de outubro de 1834.

A titulo de gratificação, aos socios que assistiam ás sessões eram distribuidos desde 1787 os chamados *jetões de presença,* a principio medalhas hexagonaes mandadas cunhar propositadamente pelo primeiro presidente perpetuo da Academia, o Duque de Lafões, depois substituidas pela quantia de 1$200 reis em prata, a seguir elevada a 1$920. Este uso curioso e de beneficos effeitos durou até 1851 — anno duma reforma de estatutos.

Que a Academia não tinha em mira restringir a sua acção ao estudo da lingua prova-o logo o texto do artigo 1.º dos seus estatutos de 1779: «I — O zelo e o amor da patria, animado com o louvor e o beneplacito de Sua Magestade, estabelece em Lisboa, á imitação de todas as nações cultas, esta Academia de Sciencias, *consagrada á gloria e felicidade publica, para adiantamento da Instrucção Nacional, perfeição das Sciencias e das Artes e augmento da industria popular*». Igualmente a sua divisa trahiu propositos de acção social: *Nise utile est quod facimus stulta est gloria.* De facto a Academia não reduziu a sua actividade ao campo já vasto da sciencia pura, antes bastas vezes mostrou diligentes preoccupações com problemas de ordem pratica, premiando memorias sobre agricultura, silvicultura e

zootechnia, gratificando os lavradores que plantassem determinadas arvores e ensaiassem certas industrias agricolas; distribuindo instrucções de vulgarização e sementes pelos lavradores pobres; estimulando a fundação de sociedades locaes de agricultura, em correspondencia com ella, e creando uma Commissão de Industria; pondo a concurso para premio monographias locaes, em que pedia circumstanciada descripção dos recursos economicos das regiões. Damos a seguir um exemplo das theses, que no anno de 1796 a Academia pôs a premio: «Como annualmente se importa dos paizes estrangeiros uma grande quantidade de potassa para Portugal, pede-se uma demonstração comprovada com experiencias da utilidade que nos pode resultar, fabricando a potassa no reino, ou nas conquistas, queimando as lenhas, cujo transporte fôr mui difficil, ou dispendioso, ou com outras economias semelhantes, dando-se juntamente o melhor methodo de purificar a que d'estes modos se fizer, a fim de ser propria aos usos para que nas artes se emprega».

Em 1804, quando já contava uma bagagem consideravel de publicações e uma lista apreciavel de serviços, a Academia fez correr largamente no estrangeiro um escripto do P.e Corrêa da Serra, redigido em francês e intitulado *Memoria ou vista rapida sobre o estado das sciencias e bellas-lettras em Portugal durante a ultima metade do seculo passado*, o qual contribuiu para engrandecer o bom nome do paiz e da Academia nos grandes centros de cultura espiritual. Em 1812, por iniciativa do socio Bernardino Antonio Gomes, medico, a Academia creou o Instituto Vaccinico para propagação da genial descoberta de Jenner, do qual derivou mais tarde o extincto Conselho Superior de Saude Publica. Os serviços desse Instituto Vaccinico são justamente enaltecidos, porque a elle se deve a introducção da vaccina, de modo triumphante, e sua larga pratica. Se a esta rapida enumeração das suas formas de actividade juntarmos ainda a assistencia medica, que em graves momentos tambem prestou, reconheceremos que durante algumas décadas a Academia

desempenhou simultaneamente funcções, que hoje cabem a associações de fomento, de agricultura e industria, de propaganda patriotica e de philanthropia — a par da actividade puramente especulativa, bastante intensa, mórmente no dominio das sciencias historicas.

Como actividade puramente intellectual da Academia nesse seu primeiro periodo bastará lembrar os seus inqueritos aos archivos cartoriaes, a regular reunião das sessões e as suas quantiosas publicações: *Diccionario da Lingua Portuguesa*, 1.º vol. em 1793, obra de Pedro José da Fonseca, Costa Macedo e Bartholomeu Ignacio Jorge que succumbiram á fadiga do trabalho excessivo; as *Memorias Economicas para o adiantamento da agricultura, das artes e da industria em Portugal e suas conquistas*, 5 vols., 1789-1815; *Memorias de Litteratura Portuguesa*, 9 vols., 1792-1814; *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias*, cuja 1.ª série comprehende 20 vols., 1797-1839; *Livros Inéditos de Historia Portuguesa*, 5 vols., 1790-1824, *Memorias da agricultura, premiadas pela Academia*, 2 vols., 1788-1791; *Ephemerides Nauticas*, 54 vols., publicados desde 1788; *Collecção dos principaes auctores da Historia Portuguesa*, 8 vols., 1806-1809; *Almanach de Lisboa*, 29 vol., 1782-1826; as obras do insigne botanico P.e João Loureiro, do arabista P.e João de Sousa, etc.

Duas alineas do seu programma, logo nos estatutos de 1779 consignadas, eram a creação dum museu e duma livraria. Para a organização do museu a Academia entabolou correspondencia com os seus membros que residiam fóra de Lisboa e conseguiu juntar a sua actual e valiosa collecção de antiguidades, moedas, medalhas, productos ceramicos e artefactos. Da bibliotheca deveremos fazer mais circumstanciada referencia, porque é a sua principal riqueza e porque a sua fundação relembra exemplos de abnegação e de amor ás letras e sciencias, que infelizmente não são vulgares.

A bibliotheca da Academia, uma das primeiras de Portu-

gal, tanto pela sua riqueza quanto pela sua organização e funccionamento, compõe-se do primitivo fundo da livraria do Convento de Nossa Senhora de Jesus de Lisboa, cujas casas a Academia herdou em 1834, e da livraria seguidamente grupada por acquisições posteriores. A livraria do Convento de Jesus está installada num formoso salão expressamente construido por diligencias do eminente Frei Manuel do Cenaculo, que foi provincial da Ordem, e serve á Academia de sala nobre, onde brilhantes sessões solemnes se hão realizado e onde por algum tempo reuniu o parlamento, depois do incendio em S. Bento. Essa sala mede 31 metros de comprimento, 15 de largura e 11,15 de altura, e recebe luz de 28 janellas. A sua construcção começou em 1771 e consumiu até ao anno de 1777 a verba de 28:376$047 reis, dos quaes 11:996$821 generosamente doados por Frei Manuel do Cenaculo do seu bolso particular. Na sua conclusão ontro benemerito doador, o Padre Mayne, fundador a expensas suas duma escola annexa, o *Instituto Maynense*, gastou 16 contos de reis. O grande quadro do tecto é devido a Pedro Alexandrino e os bustos que encimam as estantes representam as seguintes individualidades, notaveis pelo genio da intelligencia ou da santidade, ou simplesmente pelo talento ou alta situação: D. João VI, Evangelista S. Matheus, Evangelista S. Lucas, Santo Agostinho, D. Frei Gaspar do Casal, Bispo Agostinho de Barbosa, Raymundo Lull, Antonio Pereira de Figueiredo, Platão, Antonio de Gouvêa, Pedro Nunes, Newton, Luiz Antonio Verney, Hippocrates, Cicero, Virgilio, Sá Miranda, Camões, Faria e Sousa, Damião de Goes, João de Barros, André de Rezende, Tito Livio, Thucydides, Francisco de Santo Agostinho de Macedo, Frei Thomaz da Veiga, Frei André da Veiga, Frei Heitor Pinto, Francisco Foreiro, D. Frei Manuel do Cenaculo, Bossuet, D. Jeronymo Osorio, S. Gregorio de Nazianza, Evangelista S. João e Evangelista S. Marcos.

A bibliotheca academica contem hoje cerca de 200.000

volumes, 112 incunabulos e cerca de 2.000 manuscriptos. Entre outras preciosidades possue: um exemplar dos Lusiadas, de 1572; uma *Biblia* latina, de 1462; o Pentateucho em hebraico, de 1491: o *Atlas* de Lazaro Luiz, de 1563; o *Missal* de Estevam Gonçalves, de 1610; muitos manuscriptos orientaes; as obras completas do notavel mathematico português do seculo XVI, Pedro Nunes, que foi cosmographo-mór do reino e inventor do *nonio*.

Logo em 1780 a Academia teve officina propria e as suas publicações foram privilegiadas. Morrendo o seu fnndador e primeiro presidente perpetuo, 2.º Duque de Lafões, em 1810, foi introduzida no estatuto uma clausula que entregava a presidencia a um principe, e algum tempo depois foi estabelecido que o soberano fosse o presidente nato da douta corporação. Desde então os soberanos tomaram parte nos trabalhos academicos repetidas vezes, mostrando que muito se desvaneciam em fazê-lo.

Como é obvio, para manter o seu complexo funccionamento, remunerar o seu pessoal e pagar as suas publicações, a Academia carecia de verbas avultadas. Ainda esse fundamental problema o resolveu o nobre Duque de Lafões, garantindo á corporação, que fundára, a sua existencia por meio da participação nos lucros das lotarias. Effectivamente, para mais engrandecer a sua memoria, o Duque de Lafões não só obteve a comparticipação da Academia nos lucros das lotarias, mas parece ter promovido a introducção desse jogo com vista em alargar os recursos da Academia, nos primeiros tempos reduzidos ás contribuições dos seus socios e amigos e aos rendimentos das suas edições. Desde o estabelecimento das lotarias em 1783 a Academia percebeu a terça parte dos lucros, até ao anno de 1799, em que, sendo extinctas essas lotarias, D. João VI estabeleceu a dotação annual de 4:800$000 reis, em seu supprimento. Esta partilha dos lucros das lotarias com a Academia, vem ainda mais rehabilitar essa forma de jogo, cujos importantes redditos em Portugal têm sido sustento e

estimulo da beneficencia e dos estudos scientificos e litterarios. A esse modo de crear receita teve de recorrer a Academia em 1815, creando uma lotaria propria, para prover ás grandes despezas do Instituto Vaccinico.

Grande foi o prestigio desta corporação em Portugal e no estrangeiro, durante todo o seculo XIX, pelo que logrou atravessar quasi incolume todas as perturbações politicas, numerosas e confusas, que assolaram o paiz durante esse transcurso de tempo. Vimos como D. Maria I e D. João VI protegeram a Academia; Junot respeitou-a, Wellington igualmente a acatou, ambos se envaidando com o titulo de seus socios honorarios, que certas condescendencias de ordem politica e por ventura a propria defeza a levaram a conceder a pessoas tão pouco recommendaveis a um gremio que deveria timbrar nos seus sentimentos nacionalistas. A revolução de 1820, feita por sollicitações economicas, e inspirada por doutrinas do mais chão utilitarismo, procurou attingi-la, mas só parcialmente o conseguiu. As extravagantes opiniões, com que o deputado Borges Carneiro, noutro campo illustre, atacou a Academia, foram energicamente contradictadas por Correia da Serra e Trigoso de Aragão Morato, deputados tambem e academicos. D. Miguel foi seu presidente, e de facto presidiu a trabalhos seus, mostrando pela corporação a maior benevolencia, que a fortuna lhe não deixou effectivar em actos. D. Pedro IV chegou a mandar elaborar novos estatutos, mas a morte não lhe permittiu decretá-los, o que ainda no mesmo anno de 1834 fez sua filha, a rainha D. Maria II. A mesma soberana os reformou em 1840 e 1851. São esses estatutos de 1851, referendados pelo Duque de Saldanha, o heroe de Almoster, que têm regido a Academia até hoje. Segundo elles, a Academia comprehende duas classes: uma de sciencias mathematicas, physicas e naturaes, outra de sciencias moraes, politicas e bellas-letras. Cada classe compõe-se de vinte socios effectivos repartidos por quatro secções, e illimitado numero de correspondentes nacionaes e estrangeiros.

Ha ainda outra categoria superior, a de socios de merito com direito a uma pensão vitalicia, e outra inferior, a de associados provinciaes.

Durante a epoca romantica, em que o gosto dos estudos historicos foi muito intenso, e em que as reformas dos estatutos modernizaram o seu funccionamento, a Academia teve segunda phase de brilhante actividade. Entre muitas outras publicações individuaes, lembraremos as seguintes importantes collecções, que representam incalculavel somma de esforço e saber: *Historia e Memorias da Academia Real de Sciencias de Lisboa,* cuja 2.ª serie consta de 6 tomos 1843-1846; *Classe de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 13 vols., desde 1854; *Classe de Sciencias Moraes*, *Politicas e Bellas-Letras,* 18 vols. desde 1854; *Portugaliae Monumenta Historica; Collecção de opusculos reimpressos*, *relativos á Historia das navegações, viagens* e *conquistas dos Portugueses,* 1844-1875; *Quadro Elementar das relações politicas de Portugal*, 19 vols., 1842-1876; *Corpo diplomatico português; Monumentos Ineditos para a Historia das Conquistas; Annaes de Sciencias e Letras,* 4 vols., 1857-1858; etc.

Durante a epoca immediata, isto é, nas tres ultimas décadas do seculo XIX, se a classe de historia e litteratura affrouxou um pouco a sua actividade, a de sciencias naturaes trabalhou de modo verdadeiramente distincto, tanto pela intensidade quanto pela qualidade. Foi o tempo em que nos trabalhos academicos collaboraram sabios como o Conde de Ficalho, Antonio Augusto de Aguiar, Vicente Lourenço, Nery Delgado, Carlos Ribeiro, Barbosa du Bocage, Ponte Horta, Sousa Martins, Bettencourt Rodrigues, Motta Pegado, Estacio da Veiga, Daniel Augusto da Silva e já tambem o sr. Pereira Coutinho, tantos espiritos distinctos, dos que mais o fôram no laboratorio, na cathedra e na excursão scientifica. O motivo por que os trabalhos litterarios e historicos se moderaram durante estes annos deve-se a causas absolutamente estranhas á culpabili-

dade da Academia. Será decerto sufficiente recordar que é esse tempo o do triumpho do gosto realista, que entre nós foi irreverentemente critico, mais positivista e cosmopolita que tradicionalista e nacionalista. A Academia, centro conservador, que se alheou das paixões litterarias, como se deve alhear das politicas, não abriu as suas portas aos corypheus dessa geração. E um delles, o glorioso romancista da *Illustre casa de Ramires,* pungentemente satyrizou o seu espirito conservador e exaltadamente patriotico na pessoa de Pinheiro Chagas. A litteratura romantica intimamente se ligára á Academia; a litteratura realista della se emancipou, seguindo seu destino livremente, impugnando todo o cunho do conservantismo. Mas já então a tolerancia franca, que prima em toda a sua historia, se manifestou. Oliveira Martins, o historiador pessimista que cruelmente caricaturou a nossa historia constitucional, recebeu a medalha de ouro academica, e Latino Coelho, republicano declarado, foi seu secretario geral.

Para se aquilatar do prestigio da Academia, bastará lembrar que, segundo determinações legaes, os academicos tinham lugar de honra nas recepções do paço; a Academia tinha interferencia na escolha dos professores do antigo Curso Superior de Letras, o qual nasceu da munificencia de D. Pedro v, que o creou, e da munificencia da Academia que lhe emprestou casa; o diploma de academico equivalia á carta dum curso superior, em concursos publicos; e o seu bom nome de tal modo era zelado que não hesitou em excluir membros seus de que houvesse sido aggravada, como fez em 1816 e 1905, e que levou D. João vi a publicar em 1816, a 13 de abril, uma portaria mandando retirar uma prefacção, offensiva para a Academia, das obras de Paschoal de Mello, editadas posthumamente por um seu sobrinho, e advertindo o reitor da Universidade de Coimbra, onde eram impressas.

Ao regimen republicano, que desde 1910 vigora, já não mereceu igual acatamento. Não só lhe não foi confiada nenhuma

importante missão de estudo, como era uso e praxe noutros tempos [1], mas immediatamente foram cerceadas as verbas academicas, extincta a sua typographia e usurpado o material da mesma, annullada a clausula do estatuto que estipendiava uma pensão vitalicia aos socios de merito, e para as commissões remuneradas, seus presidentes e paleographos, foi imposta uma forma de pagamento humilhante e praticamente ficticia. A contabilidade do estado apenas abonaria gratificações á vista da quantidade de redacção original produzida, quando é certo que muitas collecções são completamente documentares, apenas prefaciadas e annotadas. Taes arbitrarias medidas foram adoptadas pelo governo provisorio, sendo seu presidente pessoa que a Academia elegera seu socio effectivo muito anteriormente, sem prejuizos politicos. Parece incomprehensivel que se possa obter alguma reputação com obras de estudo do passado e se odeie tão vivamente esse mesmo passado!

---

[1] Para amplamente exemplificar *esse uso e essa praxe*, que pela repetição logo deixa crer que se não praticava sem um real proveito para os governos consulentes, lembramos algumas dessas commissões: Logo a seguir ao termo das guerras liberaes foi encarregada de apresentar um plano de reorganização do ensino publico, por decreto referendado pelo infeliz Agostinho José Freire, victima da Revolução de Setembro; em 1836 foi incumbida de informar o governo sobre o que deveria ser poupado e conservado nos edificios e bens das extinctas ordens religiosas, sendo pouco depois decretados os seus alvitres; no mesmo anno é entregue á sua jurisdicção o jardim botanico da Ajuda; em 1849 é consultada ácêrca do cadastro topographico do reino; em 1850, a convite do governo, redige as instrucções para as explorações naturalistas nas colonias; em 1852 realiza, por commissão, um estudo notavel da molestia dos vinhedos da ilha da Madeira; em 1854 foi consultada sobre a construcção do matadouro publico; em 1858 é convidada pelo governo a pronunciar-se ácêrca das alterações á convenção litteraria entre Portugal e França; no mesmo anno ainda recebe consulta semelhante ácêrca da convenção litteraria com a Hespanha; em 1858, a pedido do governo, emitte o seu parecer sobre o projecto do *Codigo Civil Português*, obra dum academico illustre, o visconde de Seabra; foi ainda a Academia que regulamentou o Curso Superior de Letras, redigiu os seus programmas e determinou a natureza de habilitação dada pelo seu diploma. O Curso Superior de Letras foi o primeiro estabelecimento superior para o ensino das humanidades. Em 1874, sollicitada pelo governo, apresentou um projecto de organização do Real Observatorio Asthoromico de Lisbôa, cujas bases foram aproveitadas para a lei organica do mesmo, de 1878. Tambem á Academia coube a regulamentação do premio D. Luiz I, instituido por este soberano.

Após as insubordinações de Maio de 1915, que dissolveram um governo ordeiro e disciplinador, de pessoas da maior distincção, foi publicamente pedida a extincção da antiga e veneranda Academia Real das Sciencias de Lisboa e a entrega dos seus socios aos tribunaes como elementos prejudiciaes ao regimen. Esta pretensão foi reproduzida em todos os jornaes e por alguns, os mais influentes na politica vigente,... calorosamente defendida. O ultimo orçamento do estado, para o exercicio de 1915-1916, ainda mais reduziu a verba para publicações, tornando-a uma bagatella irrisoria, e extinguiu as já bem escassas verbas de honorarios dos cargos academicos.

Saibam os homens de justiça e de intelligencia que no seculo XX, quando em todos os paizes, de todos os modos, todos os governos protegem a cultura espiritual, como um dos meios mais efficazes do adiantamento e ennobrecimento moral dos povos, e como um dos fitos ultimos da vida, quando as Academias, como primeiro orgão mental das nações, são consideradas inseparaveis do prestigio e honorabilidade das mesmas nações, que houve em Portugal governos e parlamentos que embaraçaram e vexaram como inimigos os homens de estudo e lançaram na penúria a Academia portuguesa, confiscando-lhe o que por direitos legitimos lhe pertencia!

Jazia a Academia em marasmo inactivo? De modo nenhum.

Estas medidas, que ao nosso primeiro estabelecimento scientifico, crearam uma situação verdadeiramente subalterna, coincidiram, pelo contrario, com uma actividade notavel da Academia, principalmente da classe de litteratura e bellas-letras. (1) Cremos até que a phase actual é das principaes na

(1) Numa communicação feita em 25 de novembro de 1914 á Royal Society of Literature, de Londres, pelo eminente historiador brasileiro, sr. M. de Oliveira Lima, regista-se o incremento dos estudos historicos em Portugal nos ultimos annos. Nessa communicação, *Portuguese-Literature of To-day*, claramente se observa que: «Since 1910, when the democracy assumed the republican label, the strongest characteristic of Portuguese literature seems to be a reversion to traditionalism...»

historia academica, a par da inicial e da do romantismo, a ambas as quaes já fizemos referencia. Actualmente as suas sessões quinzenaes realizam-se regularmente com apreciavel concorrencia de socios effectivos e correspondentes, e sempre com apresentação de variadas e importantes communicações. Funccionam algumas commissões para o estudo de importantes assumptos, como o Diccionario da lingua, e as transformações do direito publico que certamente a actual guerra determinará; para continuação de importantes collecções, longo tempo paradas, como *Portugaliae Monumenta Historica;* outra ainda para a celebração scientifica dos centenarios da tomada de Ceuta e morte de Affonso de Albuquerque, que já produziu mais de uma dezena de grossos e importantes volumes. Se a par desta meritória actividade considerarmos na discreção, por vezes excessivamente paciente, que a Academia tem guardado perante os acontecimentos politicos que nos ultimos annos vêm devastando o paiz, e considerarmos tambem na retirada voluntaria ou desapparecimento por morte dos academicos mais ligados á politica militante do antigo regimen, parecerá quasi inexplicavel tal modo de proceder dos governos, sobretudo para quem suppuzer que uma das funcções dos governos é proteger e fomentar todas as instituições que, como a Academia, grandemente contribuem para o decoro do paiz que esses governos têm de governar.

As tradições mais vivas da historia portuguesa, as que lhe imprimem mais caracteristico cunho, não são decerto tradições intellectuaes, mas sim empresas de acção, descobertas maritimas e conquistas coloniaes; porém, é força reconhecer que da actividade scientifica e litteraria de Portugal, daquella parte que não é de creação do genio pessoal, são depositarias duas instituições principaes que a todos os portugueses devem merecer particular veneração: a Universidade de Coimbra, sete vezes secular, repetidamente illustre por seus professores e discipulos, e a Academia das Sciencias de Lisboa, que como vice-

presidentes, secretarios e socios teve nomes dos mais distinctos de Portugal.

Poderá objectar-se que altos espiritos passaram nas letras, nas sciencias e nas artes, sem terem penetrado nos seus adytos. Sem nunca approvarmos o excesso de severa selecção, lembraremos que as academias, do typo da nossa e das suas tradições, são principalmente orgãos de consagração e ponderação que visam por um lado a reunir as maiores competencias reconhecidas, augmentando-lhes pela associação os meios de influencia, e por outro a enfrear e a temperar os impulsos do modernismo apressado, deixando a outras sociedades particulares ou institutos officiaes doutro genero o acolhimento prompto das mais audazes doutrinas, sua experiencia e exame. Presentemente nem essa severidade se poderá imputar á Academia, porque nos ultimos annos tem aberto as suas portas, sem olhar aos sentimentos politicos dos eleitos, a muitas individualidades, algumas, como nós, de reputação pouco mais que incipiente, e porque foi a primeira Academia de Sciencias do mundo, que a senhoras concedeu as suas palmas honrosas. Preconceitos politicos nunca influiram na sua orientação, porque antes e depois de 1910 elegeu homens de letras, que publicamente militavam na politica republicana mais activa. Elegeu tambem depois de 1910 um jornalista monarchico, que á indefessa propaganda anti-republicana ligou o seu nome, é certo, mas esse facto não deve prestar-lhe côr monarchica como tambem, na propria logica dos governantes deste paiz, a eleição de alguns republicanos radicaes lhe não prestou noutros tempos côr republicana. Sempre diremos neste lugar que, em nosso entender, essa largueza de criterio só prejudicou a Academia, porque della proveio a entrada de pessoas que, por ella cumuladas de considerações, viéram a ser os seus maiores inimigos e fautores das violencias, com que veio a ser vexada depois de 1910.

Pelo contrario, tem o estado republicano dado signaes de deferente benevolencia a uma corporação particular, quasi

homonyma, que, sendo muito legitima com outro titulo e outros propositos, que não fossem de rivalidade e usurpação, é assim uma especie de contrafacção.

Mas, sendo assim, se a Academia se tem abstido, com prudente sensatez, de propender para a lucta politica, só della se occupando quando o tempo a reduziu a passado historico, se a Academia continua a produzir obra scientifica, e neste momento, com dobrada actividade, porque a hostilizam os governos? Por extremos de forçada economia, poderá responder-se. Não ha extremidade que legitime taes economias, porque os bons governos sabem bem que a breve trecho ellas redundam em irreparavel prejuizo, e tal razão não seria sincera, não mereceria o menor crédito, adduzida por governos dum regimen, que tem desbaratado em superfluidades as finanças do paiz. Então porquê? Porque as revoluções — praticamente tão ineffi-cazes para o progresso das nações, como as gréves violentas para a obtenção das reivindicações operarias — sendo obra do instincto, da precipitação e da violencia, não podem amar as Academias, recantos onde alguns espiritos serenos imparcialmente estudam a natureza e julgam os homens... e as proprias revoluções. Com desconsoladora eloquencia provam este desamor a extincção da Academia Francesa pelo Terror e a evidente hostilidade, que de três revoluções a Academia portuguesa recebeu.

Lisboa, 24 de Outubro de 1915.

Bibliographia:

A quem desejar conhecer mais pormenorisadamente a historia da Academia aconselhamos a seguinte bibliographia:

Programmas da Academia Real das Sciencias, 1780-1854, 57 folhetos.

Discursos, Relatorios e Sessões Publicas, numerosos opusculos.

Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias, em publicação desde 1797, 3 series.

Collecção Systematica das Leis e Estatutos, *por que se tem governado a Academia Real das Sciencias de Lisbôa desde o seu estabelecimento até ao tempo presente*, Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato, Lisbôa, 1822.

Actas das Sessões da Academia Real das Sciencias de Lisbôa. Inéditas até 1849, e desde esta data publicadas irregularmente. Actualmente as actas das sessões da classe de litteratura e historia são publicadas no respectivo boletim.

Historia dos Estabelecimentos Scientificos, Litterarios e Artisticos de Portugal nos Successivos Reinados da Monarchia, José Silvestre Ribeiro, 18 volumes, Lisbôa, 1871-1893. Veja-se o indice geral no vol. 18.°, organizado por E. A. da Rocha Dias.

A Bibliotheca da Academia Real das Sciencias de Lisbôa, noticia summaria por Cardoso de Bettencourt, Lisbôa, 1909.

As Medalhas da Academia Real das Sciencias de Lisbôa, Arthur Lamas, *V. Archeologo,* vol. 14.°, Lisbôa, 1909.

As Lotarias da Misericordia e a Academia das Sciencias, Victor Ribeiro, *V. Boletim da Segunda Classe da Academia,* vol. VII, Coimbra, 1914.

Os estudos de historia local [1]

Ex.mo Snr. Director da *Limiana:*

Para preencher o espaço que a gentileza de V. Ex.a reiteradamente põe ao meu dispor, não encontro assumpto mais de accordo com a indole da sua revista e com as minhas ordinarias preoccupações do que a exposição do meu pensar acêrca do papel, que impende ás revistas locaes, assumpto que não deixa tambem de ter sua opportunidade. E digo desde já que lhes impende determinado papel, porque estou convencido de que, independentemente das feições varias que pódem tomar, ellas pódem tambem irmanar-se numa commum missão, que longe de as subalternizar, as dignifica, eleva e autonomiza. De facto, eu julgo que uma revista local, sem excluir propositos litterarios, póde sobremaneira contribuir para o desenvolvimento e avigoramento do tradicionalismo local, dando a base racional ao sentimento da terra e arraigando o espirito municipalista. A diffusão dos estudos de historia local teria assim duas consequencias, a do progresso da historia nacional, synthese geral das pequenas ephemerides locaes, e a mais interessada do sentimento local.

Para que esta obra fosse concorde nas varias contribuições parcellares e para que nos trabalhos de organização hou-

---

[1] Publicado no n.º 11 da revista *Limiana*, Junho de 1915.

vesse harmonia, algumas providencias se exigiam, que pela sua natureza só o Estado podia promulgar. Poderia o paiz ser dividido em *provincias historicas*, divisão que não contraría muito a divisão regional em provincias, que era mais sensata que a divisão administrativa em districtos, por exemplo do modo seguinte: Minho, com capital em Braga; Traz-os-Montes, com capital em Bragança; Douro, com capital no Porto; Beira Alta, com capital em Coimbra; Beira Baixa, com capital na Guarda; Extremadura, com capital em Lisboa; Alemtejo, com capital em Evora; Algarve, com capital em Faro ou Silves. Nestas capitaes a publicação duma revista faria trabalho de divulgação. Nella se narrariam acontecimentos das guerras peninsulares e civis, da politica nacional, etc.; nella se explicariam todas as curiosidades historicas, padrões, brazões, palacios, templos, castellos, pelourinhos, quadros, ruinas, etc. Ao mesmo tempo, por quotização entre as municipalidades, publicar-se-hiam volumes de documentos dos archivos publicos e particulares, elaborados todos de accordo com o plano préviamente estabelecido, quanto á maneira de extractar, de grupar e de classificar, de fazer os indices, etc. Nas regiões, cujas capitaes occuparam na historia primacial lugar, essas capitaes seriam objecto duma preferente attenção, como Lisboa, Porto, Coimbra, Braga e Evora, independentemente do territorio a ellas subordinado.

Desta maneira, com tenacidade e methodo, ao fim de alguns annos lograriamos ter publicado toda a documentação historica, — pelo menos aquella que estava sob a alçada do Estado e das municipalidades, o que combinado a um ensino pratico [1] nas faculdades de letras daria as condições precisas para o incremento das sciencias historicas.

---

[1] Chamamos ensino pratico das sciencias historicas áquele que se exerce no convivio dos documentos, com o fim de apetrechar o estudante com os indispensaveis conhecimentos das sciencias auxiliares, paleographia, epigraphia, numismatica, diplomatica, esphragistica, etc., etc., habilitando-o a, por si, fazer historia.

Quando alguns eruditos houvessem elaborado as suas monographias locaes, seria possivel incluir no programma do ensino primario, como ha tanto tempo se deseja, um capitulo sobre a historia da região ou da cidade ou da villa, em que a creança passa a sua infancia e na qual trabalhará, quando adulto. A maior parte do rapazio vive em pequenas aldeias, casaes perdidos, com individualidade historica, é certo, mas todos sabemos tambem que essas aldeias e esses casaes estão numa directa dependencia doutra povoação proxima, mais importante, cidade ou villa, que não deixa de ser tambem a pequena patria, e que exerce uma grande acção suggestiva. Nos lyceus das capitaes dessas *provincias historicas* leccionar-se-hia uma disciplina de historia da região. E nisto não havia novidade, porque a actual organização do ensino português já contém alguma diversificação regional. Que foi a creação duma faculdade de commercio no Porto e que é a existencia de escolas industriaes senão uma condescendencia a essa necessidade? No estrangeiro, ou limitando para só tomar um exemplo sempre bem acceito em Portugal, em França essa diversificação regional chega até ás Universidades. Em Bordeus, ha uma cadeira, com seu professor titular, de historia de Bordeus e do sudoeste da França.

Dos resultados educativos desse ensino da historia local dão conta os relatos dos proprios professores, cujo tacto pedagogico e cuja experiencia vão já organizando o seu methodo, sempre variado e sempre com o condão de interessar os alumnos. Ainda em França, paiz em que se póde exemplificar todo o bem e todo o mal, esse ensino tem alguns devotados apostolados. E' um delles M.elle Madeleine Casse, professora de historia no *Collège de Jeunes Filles d'Evreux*. Dos seus esforços e dos resultados obtidos nos faz uma exposição na *Revue Universitaire*, de 15 de Dezembro de 1913.

O Brasil, que não tem tido historiadores de envergadura, porque curta é a sua historia nacional e escassa a documenta-

ção que possue, tem todavia numerosos centros de estudos de historia local, que outra coisa não são os Institutos Historicos do Rio de Janeiro, de S. Paulo, Parahyba, Ceará, Aracajú, etc., etc. No Ceará, esses estudos têm um cultor distincto pelo methodo de trabalho e pela actividade persistente, o sr. Barão de Studart.

Alguns passos se hão já dado em Portugal que mostram que as idéas que vamos expondo, se se fossem executando, algum favor obteriam.

No Congresso Nacional de 1910, o sr. Victor Ribeiro defendeu, em nome da Associação dos Archeologos Portugueses, uma these intitulada *Influencia da tradição monumental e local no desenvolvimento do "turismo" no paiz*. Fosse embora muito outro o pensamento principal desta these, as considerações que a preenchem inteiramente concordam com as que expusémos. Algumas revistas locaes existem, *Limiana*, de Ponte do Lima; *Figueira; Revista de Guimarães; Revista do Minho*, de Espozende; *Instituto*, de Coimbra; *Illustração Villacondense*, de Villa do Conde; *O Tripeiro*, do Porto; e *O Ave*, de Santo Thyrso. Para que estas revistas bem cumprissem a missão, que lhes incumbia, teriam de sacrificar um pouco os propositos litterarios que frequentemente as animam. Destacaremos a *Illustração Villacondense*, do sr. Pereira Sobrinho, como a que neste ponto de vista mais satisfaz. O exemplo das municipalidades publicarem documentos está tambem dado pela camara de Lisboa, que manteve a publicação da obra, *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, colligida por Freire de Oliveira; pela camara do Porto, sustentando a publicação dos inéditos da Bibliotheca Publica, alguns de história local, como *Anacrisis historial*, de Manoel Pereira Novaes; e ainda pela camara de Bragança, mandando publicar, tambem a expensas suas, as *Memorias historico-archeologicas do districto de Bragança*, do nosso consocio, sr. Francisco Manoel Alves. Eruditos que cultivem a historia local, já publicando documentos, já elaborando

monographias de povoações, de acontecimentos ou de corporações, temo-los tambem, dos quaes apontaremos, além do já citado, os srs. Pedro Fernandes Thomaz. Simões de Castro, Paulo Rocha, Pedro Judice, Athayde e Oliveira, Victor Ribeiro, Pedro de Azevedo e o notavel auctor da *Lisboa antiga*, o sr. Visconde de Castilho. A protecção do Estado a este genero de estudos tambem já se manifestou; em 1909, o sr. Barjona de Freitas, sendo ministro das obras publicas, pôs a premio as monographias locaes. Finalmente, a necessidade de subordinar estas monographias a um plano geral, a um mesmo typo que preveja omissões e que impeça superfluas ostentações de erudição, nem sempre guiadas por um severo espírito critico, já na *Revista de Historia* foi expressa. No n.º 7, o sr. Manuel Silva apresentou um projecto no seu artigo *Eschema de historia local,* e ainda no mesmo n.º, no plano do projectado Congresso historico de 1915, se incluiu uma these assim intitulada *Historia local. Plano duma monographia-typo. Mappa indicativo das localidades estudadas.*

Assim se organizariam pequenos centros de estudos provinciaes, e dessa actividade protegida pelo Estado e pelas municipalidades, a coberto do seu maximo obstaculo, as despezas da publicação, outras iniciativas sahiriam, como museus regionaes, bibliothecas e archivos, com que muito lucraria o ensino lyceal nalgumas cidades capitaes de districto completamente desprovido de subsidios, principalmente o dum pequeno convivio intellectual que eleve e dignifique.

Os que advogam uma politica municipalista e regionalista — e nesse sentido se começa a esboçar um pequeno movimento — encontrariam na historia local a base para o seu systema, pois que para cada municipio particular será preciso fazer o que Herculano fez para a instituição geral, municipio, *accordá-lo.* A legitimidade da descentralização administrativa

póde defender-se, mas o que, sem se activarem os estudos de historia local, se não póde affirmar é que a tradição municipal perdurasse, através de toda a historia patria, viva e pura.

Agradecendo, sr. director, a gentileza penhorante da sua hospitalidade, sou de V. Ex.ª com viva estima,

mt.º att.º admirador,

FIDELINO DE FIGUEIREDO.

NOTA.—Este artigo foi escripto no fim de 1913 pelo que não enumera factos posteriormente occorridos, que viriam em abono desta these. Apenas apontaremos os *Programmas de Historia para o ensino secundario*, no n.º 13 da *Revista de Historia*, em que o auctor já incluiu a historia local no curso complementar.

Herculano julgado pela bibliographia do seu centenario

Caracter do centenario. — Herculano julgado por Serpa Pimentel e pelo Sr. T. Braga — BIBLIOGRAPHIA DO CENTENARIO: Trabalhos de generalidade; Trabalhos especiaes.

Passou o centenario de Herculano. Lançada como um *test* experimental, a idéa desta commemoração foi, em principio, unanimemente acolhida, mas realizada com aquella indecisão, aquella tibieza que são condições das convicções fracas. Não nos referimos á massa geral da nação; nenhum sabio póde ser popular, sendo ponto de partida dessa popularidade a sua qualidades de sabio; refiro-me á pequena minoria, ao escol preponderante, mais ou menos pensante, áquelles que timbram em bem comprehender o justo valor de Herculano. Da forma como estes realizaram o centenario, resulta uma convicção: que á commemoração centenaria dum sabio se attribuiu valor moral, não pelo alto significado educativo da celebração das altas individualidades, mas, mais chãmente, pelo contraste da sua nobreza de caracter com a geral depressão.

Ora, nós cremos que não ha declaração mais franca, mais impudente mesmo, de uma escassa cultura e de um geral mal-estar, do que esta de querer apontar Herculano, como um grande português, não porque esclareceu as nossas origens politicas, não porque trouxe a claro o papel e a organização dos municipios, não porque reconstituiu o estado das classes servas, não porque viu e demonstrou o traço especifico da idade media peninsular, a ausencia de feudalismo perfeito, não porque,

para tudo isto, reuniu os materiaes dispersos, por um giganteo trabalho de concentração e interpretação de documentos; não porque inaugurou o romance historico e ensinou bôa parte do que de sensato se vulgarizou sobre os nossos problemas nacionaes; mas porque teve caracter, porque recusou uma grancruz, o pariato e uma pasta, porque recebia visitas dum rei e dum imperador — e porque, no fastigio do respeito, se retirou para um recanto da provincia.

Singular estado de espirito o dum povo, que põe acima do genio, que é de creação e de utilidade collectivas, o caracter moral, que é de creação e de utilidade individuaes, (abstrahimos da sua acção suggestiva) não vendo que é pelo que nos legaram que os grandes homens valem, e que para a consecução da immortalidade não basta o exemplo duma vida honrada. Esta é tanto mais valiosa quanto mais humilde, pois a simplicidade em meio da grandeza tem qualquer coisa de espectaculosa, de exhibitiva que a torna sempre suspeita e sobretudo a inhabilita como candidatura á immortalidade.

Quasi pode concluir-se que se Herculano fosse, no theor da sua vida, um voluvel. um vaidoso e um sensual, como Garrett, um anormal como Anthero, ou quasi um vulgar, como Eça, tivesse o genio que possuiu, não lograria uma commemoração; e que artistas como Garrett, poeta da ligeireza, como Anthero, sonetista eterno, como Eça, requinte da alma esthetica, não merecerão do seu publico a lembrança collectiva consagradora.

Foi esta a idéa-mãe do centenario, foi esta a convicção expressa em muitas conferencias, artigos e alguns livros: a melhor obra de Herculano é o seu caracter. Comprehende-se como daqui resultou um menospreço pela sua obra artistica e scientifica, e como esta idéa imprimiu um caracter particular á bibliographia, a que o centenario deu ensejo. Se a sua historia, a sua poesia e os seus romances não são a gloria principal desse homem que se commemora, tambem se lhes

não dará a attenção maior e mais socegada. E' claro que essa bibliographia centenaria occupou-se principalmente da obra, (seria difficil variar á infinidade a apologia dum caracter); porêm quasi toda ella enferma dessa secundaria attenção. Mas este traço, ao mesmo tempo, revela o conhecimento pouco consciente que se tem da obra de Herculano, porque, creio, nunca houve no mundo centenario, em que a obra do commemorado fosse menos penetrada do que neste que ultimamente passou. O corpo docente das escolas mal se representou, e manifestou-se duma maneira tão tibia, tão sem iniciativa, que essa representação e essa manifestação hão de ficar nos annaes das suas más recordações. A idéa da criação duma faculdade de letras, suggerida por um membro da Commissão Executiva, o Sr. Reis Santos, passou sem esperança, porque eram os professores que deviam tomá-la á sua conta, e elles sorriram e continuaram no seu beatifico *statu quo.*

Um dos primeiros trabalhos a fazer, na bibliographia centenaria, seria desaggravar a memoria de Herculano das accusacões sobre ella fulminadas pelo Sr. Theophilo Braga, aliás a commemoração pareceria um reviramento de juizo sobre uma obra, acerca da qual o unico professor official de Historia da Litteratura Portuguesa, fulminou a sentença de quasi mediocridade. Este trabalho era acima de tudo um dever de coherencia a cumprir, mais do que uma revisão de processo, porque as idéas do Sr. Theophilo Braga sobre Herculano enfermam, não tanto pelo que expõem e evidenciam, quanto pelo que occultam. Sim, porque as accusações pertinazes podiam revelarnos apenas leveza, serem a desoladora equação pessoal do juiz, mas esta ser, apesar de tudo, uma obra critica. Todos têem querido responder, detidamente, com documentos, com datas, com senso comum, ás accusações do Sr. Theophilo Braga, e ninguem ainda disse que o que ellas mais significam

é a absoluta incapacidade critica do seu auctor, incapacidade augmentada ainda pelas consequencias da adopção dum systema que nunca poderá dar o methodo da historia litteraria, incapacidade que se illude com divagações historicas sociaes e prolixidades biographicas e bibliographicas. Não vale a pena discutir essas paginas, mesmo porque iria precipitar a exposição de idéas, para a qual falta a opportunidade. Numa obra, em breve publicada, no ultimo capitulo, a *Historia da Litteratura Portuguesa* do Sr. Theophilo Braga, será analysada e discutida com a frieza indispensavel á verdade scientifica, pela forma seguinte: discussão das conclusões methodologicas que o positivismo póde offerecer á critica litteraria; consequencias dessas conclusões; analyse da forma por que o Sr. Theophilo Braga realizou o seu systema; demonstração da sua incapacidade critica pelo extenso exemplo: maneira por que foi encarado o seculo 19.º da litteratura portuguesa. Para lá sollicitamos, pois, a benevola attenção do leitor. (1)

Num livro (2), um «magro livro», como lhe chama o Sr. Theophilo Braga, defendeu Antonio de Serpa a memoria de Herculano. Já antiga, a obra não caberia nesta resenha; mas nós queremos desaggravá-la do desdem immerecido a ella votado pelo mesmo Sr. Theophilo Braga.

Herculano, como todos os homens, duma forte e impressionante individualidade, foi objecto dos mais contradictorios juizos; Serpa Pimentel veio oppor-lhes o seu volume, em que procurou trazer a claro o valor real e a novidade da sua obra. Esse livro, sympathico e sincero, é, apesar de insufficiencias e duns vislumbres de ingenuidade, um dos melhores da bibliographia herculaneana. Procurando fazer um volume largamente comprehensivo, exhaustivo mesmo, foi constrangido a demo-

(1) V. *Historia da Critica Litteraria em Portugal*, Lisbôa, 1916, 2.ª ed. pags. 188-167.

(2) *Alexandre Herculano e o seu tempo*. Lisboa, 1881.

rar-se bem pouco na parte de critica litteraria, que occupa os dois primeiros capitulos.

Mas, alêm dessa força das proporções, Serpa Pimentel foi coagido por outro motivo, não estar ao facto dos processos criticos, alêm do de juizo esthetico pessoal e de bom senso. Propondo-se caracterizar o estado litterario, anterior a Herculano, fê-lo pobremente, numa vista rapida e myope, em que considera Camões como resumo e fecho da litteratura portuguesa, só apparecendo depois delle, casos pessoaes esporadicos, como Vieira, Diniz, Tolentino e Bocage. Fala repetidamente na influencia de Herculano, que nunca expõe, senão nos progressos estylisticos; e sobre a sua poesia, e mais ainda sobre o seu romance faz affirmações sem penetração, em que, como acima disse, ha alguma coisa de ingenuidade, a qual melhor se salienta, quando muito inopportuna e fracamente demonstra que Herculano era um romantico — superflua e mal conduzida demonstração do que é um axioma — e quando faz o parallelo do romantismo e do realismo. Mas o capitulo sobre o historiador, a sua integridade de obra de vista geral, e a refutação das arbitrarias asserções do sr. Theophilo Braga, tornam a obra estimavel. O capitulo sobre o historiador não é critico, é principalmente divulgador, mas expõe as contribuições historicas de Herculano, com nitidez apreciavel. Como obra de conjuncto, é a melhor sobre Alexandre Herculano.

E visto que falei de obras anteriores ao Centenario, quero lembrar a do sr. Silva Cordeiro, [1] na qual Herculano é o primeiro élo da corrente de espirito critico que o seu auctor vê continuada por Oliveira Martins e pelo sr. Theophilo Braga, onde nos traça um perfil moral de Herculano, que pouco se affasta da opinião corrente e onde — é a novidade da obra — attribue ao historiador a entrada da doutrina do livre cambismo

---

[1] *A crise em seus aspectos moraes*, Coimbra, 1896.

economico em prestigio, que, tornada politica de fomento, promoveu a divida e a dissolução moral, estabelecendo assim que nem sempre a verdade moral e historica é tambem verdade social. Registamos a opinião; só analyses sinceras a poderão appoiar ou rebater.

Além da publicação de muitas cartas particulares, que deviam ser compendiadas em volume, o centenario trouxe-nos um livro [1] sobre a intimidade de Herculano. Escusamos de enaltecer o valor destas contribuições que nos vêm esclarecer sobre a individualidade moral desse homem, que foi, alem de historiador, artista romantico, e que portanto nas suas obras reflectiu o seu pensar e o seu sentir. Para o estudo dum escriptor o conhecimento da sua individualidade é indispensavel, e como as reconstituições desta, por meio de inferencias extrahidas da obra, são sempre falliveis, suspeitas pelo menos, é aos documentos duma sinceridade indiscutivel e dum significado coincidente, que devemos recorrer. Ora o sr. Gomes de Brito — auctor do livro a que nos estamos referindo — não viu isto, ao que parece. Publicando essas «paginas intimas», veio de vez resolver a disputa sobre o dia do nascimento do historiador, na qual já ha annos tomára uma parte importante. Estamos porêm convencido de que o sr. Gomes de Brito, se attentasse mais no valioso subsidio que prestam á critica as informações do viver intimo dos escriptores, teria alterado profundamente o seu livro carinhoso e sympathico, não só quanto á composição, mas quanto á qualidade das informações; omittiria algumas digressões e expor-nos-ia os habitos da vida do historiador, o seu methodo de trabalho, as suas opiniões sobre alguns assumptos, acêrca dos quaes não escreveu, mas sobre que se teria occupado em conversações, as preferencias do seu gosto, etc. Assim o livro é uma boa idéa mal realizada.

---

(1) *No centenario de Alexandre Herculano, paginas intimas*, 1910.

O sr. Agostinho Fortes (1) explicou ao povo quem foi Herculano. A sua obra, pelo intuito manifesto de vulgarização, não tem cabida nesta resenha, senão para lhe tributarmos o nosso apreço pelo desvelado serviço assim prestado á memoria do historiador.

O sr. José Agostinho julgou opportuno — visto o interesse que se vem demonstrando — e viavel por contar com um publico para essa especialidade, a publicação da sua galeria «*Os nossos escriptores*». Nesta heterogenea collecção das mais desproporcionadas figuras, gigantes e pigmeus, o sr. José Agostinho accumulou notas pessoaes, cahoticamente, arbitrariamente, affirmando e negando e só dahi concluindo... verdades criticas? Não; gostos pessoaes. O ultimo volume consagrou-o a Herculano. (2)

Ao ler esse livro, a primeira conclusão a inferir — é que o sr. José Agostinho não pode ser um critico porque não tem aquella gravidade de trabalho, aquella frieza de analyse, o instincto da ordem, indispensaveis em quem cultiva qualquer especialidade, e mais aos que fazem critica litteraria por ser ella um campo onde ainda o arbitrio pessoal do critico avulta. Como o sr. José Agostinho não tem idéas claras sobre o que se propõe escrever, como não tem methodo nenhum, a obra sobre Alexandre Herculano é um aborto, um complexo de hybridismos, de confusões, que tornam difficil a sua discussão, querendo fazê-la duma maneira geral e não juxtalinearmente, que seria neste caso o unico processo exequivel. Leiam-se os summarios do seu livro. Na primeira parte faz uma introducção barbara sobre os antecedentes do romantismo, accumulando affirmações abarrotadamente, e o leitor, exigente de clareza e de verdade, não attinge quaes os antecedentes do romantismo; na segunda, fala-nos do romantismo, mas sem nos expôr o que

(1) *Alexandre Herculano*, 1910.
(2) *Alexandre Herculano*, Porto, 1910.

elle seja, segundo o determinismo das suas origens; na terceira faz a biographia, e nem essa é seguida com nitidez; na quarta occupa-se de Herculano como poeta; na quinta do romancísta e do historiador: na sexta do centenario e do renascimento nacional — o que está fora do ambito da critica litteraria. Mas esta distribuição foi um intento, que o auctor não chegou a conseguir realizar, porque affirma, entrecordamente de episodios, volta atrás, passa adiante, cansando o leitor, desordenando-lhe o espirito, e só concluindo no fim que acima de tudo Herculano era um poeta... No livro ha phrases como esta «Herculano a aguia, Garrett o rouxinol, Castilho o cysne». Era a symbologia critica dos tempos de Castilho, quando a critica das bellezas degenerara em critica de encomio. No mesmo livro parece que o juizo do auctor sobre o sr. Theophilo Braga é vario do expresso no volume II da sua galeria. E todavia é na leitura das obras daquelle auctor, que se deve buscar a justificação da maneira por que o sr. José Agostinho compõe os seus livros.

O centenario trouxe-nos tambem a publicação em português do elogio historico de Herculano, feito na Allemanha, em 1818. (1) Pela data, pelo caracter do elogio historico, não deve ser aqui discutido, mesmo ainda porque nelle a obra é secundariamente alludida; as considerações geraes externas è que enchem o opusculo.

Entrando propriamente nos trabalhos de especialidade, em que Herculano foi estudado por algum só dos seus aspectos, é necessario avisar que os elogios historicos, (2) da Academia

(1) *Herculanò na Allemanha. — Elogio historico de Alexandre Herculano*, Porto, 1910.

(2) *Alexandre Herculano (o historiador)*, Consiglieri Pedroso, 1910.
Alexandre Herculano (o novelista), Teixeira de Queiroz, 1910.
Alexandre Herculano (o poeta), Christovam Ayres, 1910.

Real das Sciencias, por não pretenderem uma intenção critica, não são incluidos.

Sobre o historiador, a feição primacial do seu talento, appareceu o valioso estudo de fontes do sr. David Lopes. (1) Se bem que nós sejamos estranhos á especialidade do illustre arabista, e que a obra esteja ainda em publicação, podemos já consignar que por ella se vê que a parte sobre os arabes é a mais fragil da historia de Herculano, que não pôde conhecer as fontes originaes, embora nas suas linhas geraes, possa subsistir o delineamento historico do imperio arabe na peninsula, da sua «Introducção». Herculano não utilizou o conhecimento das transformações phoneticas do arabe para português, verificavel em muitos nomes communs, para a reproducção dos prenomes; a batalha de Ourique deu-se proximo de Santarem, sendo o rei Esmar governador de Santarem, e alguns dos factos attribuidos a Affonso Henriques reivindica-os o sr. David Lopes para o Geraldo Sem Pavor, pondo esta figura num destaque novo e justisssimo.

Mas o unico trabalho exhaustivo sobre o historiador foi a conferencia do sr. Fortunato de Almeida, (2) estudo insinuante pela fluencia de dicção e pelas informações justas que contem. Embora o sr. Fortunato de Almeida não o declare em summario, a sua conferencia teve um plano: abriu com umas generalidades sobre o romantismo, passando a considerações tambem de generalidade sobre a individualidade intellectual de Herculano e sobre a renovação da historiographia, que por esse tempo se opera em todos os paizes; segue-se um nitido resumo chronologico e episodico sobre a obra historica de Herculano, a exposição da sua noção de historia e finalmente a indicação de algumas correcções a fazer. É fóra de duvida que a sua noção de historia devêra ter sido o primeiro ponto estudado, porque

(1) *Os arabes nas obras de Alexandre Herculano*, David Lopes. *Boletim da 2.ª classe da Academia.*

(2) *Alexandre Herculano — historiador* — Coimbra, 1910.

della resultam todos os caracteres da obra, que se explicariam como consequencias da noção prévia e pela maneira de execução. A ordem foi pois menos logica.

Ha, dispersas pelos capitulos, affirmações que merecem mais demorada attenção. Falando do romantismo, o sr. Fortunato de Almeida attribue-lhe uma origem exclusivamente allemã, nas passagens seguintes: «Ha cêrca de um seculo esboçava-se na Allemanha um novo quadro de conceitos philosophicos e litterarios... (pag. 5) e adiante: «Livre como o pensamento que o gerára, transpõe as fronteiras da culta Germania e derrama-se em toda a Europa numa fecundidade prodigiosa, para nos dar as encantadoras novellas de Walter Scott, a poesia ironica e apaixonada de Byron, as harmoniosas melancholias de Chateaubriand, o espirito delicado e penetrante de Madame de Staël, a poderosa emotividade de Espronceda, o admiravel lyrismo christão de Manzoni...» (pag. 8) — Ora o romantismo foi original e independente da Allemanha, pelo menos na Inglaterra — onde já por 1700 os elementos preparatorios começavam a evoluir, como o demonstrou o prof. Phelps — e em França, onde foi tambem o crescente avultar de alguns germens, emquanto os predominantes do classicismo se obliteravam, como tantos o demonstraram, principalmente o fallecido Larroumet. Houve depois uma entre-influencia, mas já quando os romantismos nacionaes estavam constituidos. Tambem a sua definição de que o romantismo era a liberdade na arte — que desde Victor Hugo até nós tantas vezes foi repetida — não póde ser acceita, por insufficiente. Não vamos, subtilizar, como Brunetière, quando a discute, mas creio que seria melhor, querendo um lemma geral, buscá-lo no seu caracter negativo de ruina da poetica do classicismo, porque essa liberdade era bem limitada. Noutro lugar consignámos os seus caracteres principaes.

No terceiro capitulo ha uma passagem, que apesar de estranha ao assumpto geral, queremos referir. E' aquella em que fala da «austeridade moral que foi o distinctivo da nossa

raça». Nem ha povos com esse distinctivo persistente, sujeito como está o senso moral a transformações e a crises, nem, existindo, seria delles o povo que fez as delapidações da India e depois se amodorrentou numa quebreira mystica, ociosa e contemplativa.

O Sr. Fortunato de Almeida não salientou bem a noção de historia que se formava Herculano, apenas diz que a sua orientação deve ser filiada na escola francesa de Thierry, reconhecendo-lhe porem a liberdade de que usou, longe de obcecações doutrinarias. Tambem não esboçou com clareza o plano da construcção historica que Herculano se propunha.

Quanto á primeira, não posso concordar que o auctor dos estudos sobre o municipalismo, classes servas e feudalismo possa comparar-se sequér a Thierry. Herculano fez três volumes de historia episodica, coincidentemente, para fazer correcções necessarias antes de entrar na historia das instituições. Foi uma consequencia do abandono do trabalbo, o predominar aquella sobre esta. Elle só queria fazer a historía da idade media, e esta como corpo social de instituições, evoluindo já pela vida propria, pela mutua acção, já pela influencia dos acontecimentos, umas vezes causa proxima, outras effeito remoto. E como sobre estes corriam as mais variadas versões, começou pela reconstituição da verdade.

Poderemos pois filiá-lo na escola de Thierry, o grande evocador, como faz o Sr. Fortunato de Almeida? Poderemos compará-lo a Guizot, que seguiu o fio da sociedade collectiva a transformar-se, avido de synthese e vista geral, como faz o Sr. Adolpho Coelho?

O Sr. Fortunato de Almeida é auctor duma valiosa obra, *Historia da Igreja em Portugal*, ainda em publicação. Esta circumstancia obriga a ter em conta particular duas affirmações suas, como vindas dum especialista: «Para Herculano o censo offerecido por D. Affonso Heuriques á Santa Sé, tinha por fim acariciar as ambições e facilitar as boas graças do papa, quan-

do elle constituia, segundo as instituições feudaes então dominantes, parte essencial e como que signal externo do preito de vassallagem. No regimen feudal, o censo era uma renda em dinheiro devida pelo vassallo em razão de tenencia ou posse, alguma cousa parecida com o preço do arrendamento, fixado por costume antigo. Se o possuidor ou vassallo não pagava na epoca propria, o senhor podia retirar-lhe a tenencia ou pelo menos exigir a quantia com multa supplementar. A vassallagem offerecida por D. Affonso Henriques tem todas as caracteristicas da vassallagem feudal, nem de outro modo produziria os effeitos que o monarcha tinha em vista; portanto não podia affastar-se das regras do feudalismo sem diminuir ou mesmo inutilizar o seu valor politico. A questão está hoje perfeitamente esclarecida nos escriptos de Chénon, Luchaire e muitos outros historiadores, com elementos historicos e criticos que não estíveram ao alcance de Alexandre Herculano.» (pg. 31 e 32).

A segunda reproduzimo-la com reservas, porque contradiz factos inilludiveis, do dominio de todos: «Como alguns membros do clero o haviam atacado, elle entendeu tirar o desforço, lançando sobre toda a classe as responsabilidades historicas da Inquisição, que, na epoca em que Herculano a considerou, era um verdadeiro tribunal do rei, ao qual apenas se deixaram certas apparencias de caracter ecclesiastico, até onde convinha aggravar os horrores da fogueira com as ameaças da justiça divina. A Inquisição, desde os fins do seculo XV em deante, considerada como instituição ecclesiastica, embora nella figurassem membros do clero, é um absurdo historico em aberta repugnancia com todas as circumstancias que formam o caracter daquella epoca.» (pg. 24).

O critico, o poeta e o romancista fôram objecto duma nossa conferencia, cujo resumo já foi publicado [1]. A Commissão

---

[1] *Alexandre Herculano, critico, poeta e romancista*, Lisbôa, 1910 — V. *Boletim da Sociedade de Geographia*, n.º de Abril.

Executiva organizou uma serie de cinco conferencias preparatorias do centenario, com o fim expresso de popularizar a obra de Herculano. Esta intenção determinou que essas conferencias vulgarizadoras, querendo evitar a analyse especialista, se confinassem todas na generalidade facil e quasi estranha á obra, todas desproporcionadas nas suas varias partes, com uma larga e escusada introducção. Enferma desse mal esta conferencia. Após um rapido quadro da litteratura pre-romantica do seculo 19.º, ségue-se o esboço das causas e caracteres do romantismo, a exposição das idéas criticas de Herculano e alguns traços sobre a poesia e o seu romance. O unico merito da conferencia é salientar pela primeira vez as opiniões criticas de Herculano, desconhecidas geralmente.

O Sr. Adolpho Coelho [1] estudou as idéas de Herculano sobre educação; portanto o seu trabalho não está no ambito do nosso ponto de vista historico-litterario. Só terá pois uma annotação de passagem. Muito digressivo e jorrante de erudição, o seu livro apresenta uma evidente desproporção relativamente aos pequenos estudos de Herculano sobre materias de educação. É que o Sr. Adolpho Coelho incluiu na obra divagações longinquas, que devêra ter eliminado ou relegado para notas para evitar o alheamento da attenção, através da diversidade a proposito. Levou longe de mais o seu espirito de integridade.

Para estudar alguns pequenos opusculos de Herculano, começou por esboçar as correntes de idéas sobre educação na Europa, ao tempo de Herculano, estado da educação em Portugal, antes de Herculano, um parallelo pouco fundado entre tre Herculano e Guizot, exposição da lei Guizot sobre ensino primario, todos estes capitulos de introducção, a uma larga obra reformadora? Não, a alguns opusculos cujas idéas nunca fôram executadas.

---

[1] *Alexandre Herculano e o ensino publico*, 1910.

Na discussão das idéas de Herculano, o Sr. Adolpho Coelho não criticou o seu corpo de doutrinas, rebateu uma a uma, ou appoiou uma a uma as suas idéas, porêm á luz do seu saber hodierno, e não á luz das correntes coevas que tão bem oonhece e expôs. A informação bibliographica é larguissima. O livro é massiço, sem indice.

O Sr. Eduardo Moreira (1) seleccionou e grupou os trechos religiosos de Herculano, trabalho paciente, que se torna credor de apreço, mas não teria sido inutil ter-lhes anteposto um estudo sobre a transformação das idéas religiosas do historiador, transformação que foi um facto. Algumas vezes os seus sentimentos religiosos prejudicaram a imparcialidade do historiador, como na passagem seguinte: «Ao passo que no occidente o christianismo ia lançando as bases da paz e da ordem entre os povos semi-barbaros e ferozes que adoravam o Deus do Calvario, as gentes mahometanas do oriente, incomparavelmente mais civilisadas, caminhavam para a dissolução e para a barbaria á sombra do estandarte ensanguentado do islamismo. Contraste singular, na verdade; prova sublime, posto que dolorosa, da origem pura e divina da crença christã e da vaidade e mentira dest'outra que pelo fanatismo soubera fazer conquistadores, mas que se mostrou sempre inhabil para constituir sociedades regulares e duradouras?»

Passámos uma revista pela bibliographia do centenario e após ella podemos apresentar como peça principal desta bibliographia o estudo verdadeiramente scientifico do Sr. David Lopes. Preparado com curta antecedencia, o centenario não podia determinar o apparecimento de obras de grande tomo e gravidade; se o Sr. David Lopes conseguiu apresentar o seu trabalho, foi porque de ha muito se estava preparando. Por outro lado a idéa moral, que presidiu ao centenario, ainda

(1) *Trechos escolhidos de Alexandre Herculano que revelam a sua crença.*— Coordenados e annotados por Eduardo Moreira, 1910.

mais affastou a attenção da obra. No ponto de vista do conhecimento especialista, a bibliographia pouco nos trouxe, mas derramou idéas — e juntamente muitas conferencias, artigos e numeros especiaes — ou conhecimentos geraes, que eram só do dominio de alguns. Se não existia esse conhecimento proximo e seguro da obra de Herculano, como se podia esperar uma bibliographia centenaria de especialidade? Alguns aspectos da sua obra só mereceram uma attenção muito secundaria, como o municipalista e economista, outros foram esquecidos, como o jurisperito. (1)

A proposito debateu-se o caracter anthropologico de Herculano sem que nada se assentasse e repetiu-se, fallando da individualidade moral, que era um kantista, do que discorda o Sr. Adolfo Coelho. Talvez elle fosse simplesmente um homem de caracter, com um grande respeito pela propria dignidade, uma grande avidez de acção util, mas impulsivo e romantico — um velho romantico como lhe chamou Anthero de Quental. Á volta da sua historica phrase — dá vontade de morrer! — tecêram-se numerosas subtilezas de sentido transcedente, sem que ninguem explicasse a sua retirada para Valle de Lobos pela hypothese rasoavel de um descanso, tornado opportuno e legitimo numa edade em que Herculano já tinha uma obra extensa e valiosa a assegurar-lhe a notoriedade. Se considerarmos a inferioridade de cultura do meio para que escrevia, a qual tornava inefficaz a sua actividade, e se nos lembrarmos da sua feição pratica, teremos explicada a retirada sem agudezas subtís. A admiração apologetica e incondicional attribue por vezes sentidos occultos ou complexos ao que é corrente e facil.

Lisbôa, Maio de 1910.

---

(1) A esta data ainda não havia sido publicado o estudo do sr. Cherubim do Valle Guimarães, *Herculano-jurisconsulto*, Aveiro, 1910.

Penumbra

POR

A. L. Vieira de Almeida

(PREFACIO)

A peça, que um pouco veladamente se intitula *Penumbra,* e que o seu auctor com um requinte de captivante gentileza proporcionou á minha leitura, é, por certo, um dos trabalhos que mais me têm impressionado dentre os da moderna geração litteraria. E como nós nos acotovelámos nos bancos da escola, e como eu vou luctando tambem dia a dia, no campo da critica, pela defeza de algumas idéas, que ainda se me não affiguram revelhas, uma dellas a do cosmopolitismo litterario até em franca opposição com a corrente do lusitanismo, saúdo no auctor da *Penumbra* um companheiro. É fora de duvida que me não attribúo titulos que justifiquem esta ousadia, de fazer preceder de algumas regras a estreia auspiciosa dum escriptor, a quem sobra o talento, a originalidade, a coragem e a sinceridade; mas tenho de me submetter ao desejo dum amigo, que deseja que o conduza á ante-camara do meio litterario, onde o introductor logo se apagará para desempenhar o grato papel de amigo, que nas conversas, nos apartes, de segredo em segredo, vae apontando e fazendo realçar os meritos do recem-chegado, todo se revendo affectuosamente no prestigio que vê insinuar-se por todos. Dentro desse papel, mais de velho amigo e condiscipulo, que de critico, eu só direi que este trabalho é uma manifestação brilhante e procurarei um pouco

caracterizar, ainda que summariamente, o pendor que por tal estreia se antevê ao espirito do auctor, as suas tendencias litterarias.

Pequena e resumida até á extrema synthese, a peça é duma concentração máxima, o que dá ao seu desenvolvimento o movimento apressado da tragedia, tendendo directamente para o desfecho, e o que, talvez, não tenha beneficiado o arranjo scenico e a lenta exposição do seu conteúdo a um publico desprevenido.

Quer na urdidura da composição, quer na psychologia attribuida a cada personagem, e ainda na concepção moral que della se deprehende e nos problemas moraes que propõe, é, quanto a nós, muito do gosto, posto em voga no theatro, por Ibsen. Nella se exalta o cultivo da personalidade, corajosamente livre, não ruidosamente pratica, mas pensante e sensivel com intensidade e liberdade, despreoccupada das vulgares sancções da moral e com pungente desdem pelas condescendencias insincéras, pela dissimulação, pelo constrangimento, pela subordinação, a que o viver social obriga. O auctor não se subalterniza, em plena contradicção com o seu thema, aos canones da escola de Ibsen, que logo formou discipulos, que verdadeiramente se organizaram em escola, com seus criticos, seus philosophos e moralistas, e seus imitadores. Não, nobremente concilia essa tendencia e o seu gosto pessoal, o que nos faz crer que esta caracteristica, que na sua obra se trahe, é um accordo, e não uma obediencia.

Inteiramente alheio a qualquer proposito de exito facil, na composição scenica não condescendeu com o gosto geral; antes regeitou todos os elementos de composição geralmente mais estimados do vulgo: a movimentação deslumbradora, o maravilhoso romanesco, a accumulação de pormenores, o dialogo lyrico, os reconhecimentos, etc., etc.

Das que têm chegado ao nosso conhecimento, esta tentativa de assignalar á arte dramatica uma nova via é talvez a

mais feliz e a mais deliberadamente consciente — quanto se pode julgar pela leitura do que foi escripto para ser visto e ouvido na representação. Essencialmente psychologica, como cumpre a uma peça de theatro, que não pratique a inconveniencia de tornar-se romance dialogado, descripção oral e narrativa viva, a acção da *Penumbra* decorre toda a dentro dos espiritos das personagens, de dentro para fóra, como queria Brunetière. Essa psychologia não é a a psychologia descriptiva da observação quotidiana, não é a vivificação de alguns pedaços da argilla humana, mas a delicada espiritualização dum outro barro de fabrico mais apurado, que ao sôpro inspirado do escriptor palpita e vive a vida da sua arrojada concepção, pratica a moral forte, corajosa e combativa, que o auctor lhe incute, passando indifferente junto da grande dôr e acérbamente chorando de soffrimentos, que ao vulgo ainda se não revelaram. Pode bem dizer-se que esta peça é a dramatização intelligente duma concepção subjectiva do auctor, que, escrevendo-a, foi destemidamente coherente com ella, porque se revelou espiritual e moralmente com individualidade propria, que poderá não ser de todos acatada — cada um tem sua constituição propria — mas que será de todos apreciada. Isto digo eu agora, e em breve todos o dirão tambem.

S. Frei Gil [1]

A vida desta curiosa figura, tal como os agiologios a reproduzem, é um intimo embrechado de elementos lendarios e elementos historicos, e estes em tão pequena proporção que se tornam insufficientes para esboçar com verdade a sua completa biographia. Mas não é com a intenção de reconstituir passo a passo a sua vida, joeirando cuidadosamente todos os dados, que nós abeiramos esta suggestiva figura, é apenas com o intento de reclamar para ella alguma attenção psychologica e propôr um tentamen de interpretação da lenda, mostrando simultaneamente como o santo, sem nenhum papel preponderante haver desempenhado, é uma figura bem representativa da edade media portuguesa e bem expressiva do estado dos espiritos da sua epocha.

As referencias mais extensas ao frade dominicano, que existem, são: a pouco conhecida obra de André de Rezende, *Conversionis mirandae Divi Aegidii Lusitani doctoris Parisiensis ord. Praedicatorum Libri IV,* impressa em 1586 por Fr. Estevam de Sampaio, em Paris, em resumo alterado; [2] a

---

[1] Publicado a primeira vez nos *Serões*, n.º 78, Lisbôa, Dezembro de 1911, e reproduzido no *Instituto*, n.º 3 do vol. 63.º, Coimbra, Março de 1916.

[2] V. *Noticias da vida de André de Rezende pelo Beneficiado Francisco Leitão Ferreira*, edição annotada pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire, Lisboa, 1916, pags. 107 e 108. Na nota n.º 174 dessa obra, o sr. B. F. descreve o manuscripto existente na biblioteca da Academia das Sciencias de Lisbôa, em que se encontra a *Vida de S. Frei Gil*, um pouco alterada na redacção.

extensa biographia inserida por Frei Luiz de Sousa na sua *Primeira Parte da Historia de S. Domingos,* Lisbôa, 1623, grandemente extrahida da obra de Rezende, segundo o testemunho do proprio beneficiado Francisco Leitão Ferreira; e a *Historia de Santarem edificada...,* pelo Padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos, Lisbôa Occidental, 1740. (1)

Segundo esses auctores, Frei Gil teria nascido em 1190 —outros biographos posteriores affirmam que em 1185—nas cercanias de Vouzella, na Beira Alta, sendo-lhe dado por nome de familia o de Gil Rodrigues de Valladares. Foi seu pae um conselheiro de D. Sancho I, Ruy Paes de Valladares, alcaide-mór do castello de Coimbra, muito bem aparentado. Em Coimbra, Gil estudou na aula, já então notavel, do mosteiro de Santa Cruz, evidenciando-se pela sua precoce vivacidade de intelligencia. D. Sancho, bem cêdo, o investiu simultaneamente em varios cargos ecclesiasticos, nas conezias de Braga, Coimbra e Guarda, e nos priorados de Santarem e Coruche. Vendo-se prospero de bens e considerações, entregou-se a uma vida licenciosa e, conhecendo tambem as suas aptidões, deliberou partir para Paris e alli estudar medicina e continuar a dissipação e o desregramento de Portugal. A caminho por Hespanha deparou-se-lhe Satanaz que lhe exalçou o poder maximo de uma outra sciencia, só para iniciados, a magia, perante a qual a medicina era impotente. Desperta a ambição enganosa de possuir um sobrenatural poder, Gil faz com Satanaz certo pacto—o pacto que, nas lendas sempre se faz com elle, ceder a alma, após a morte, em troca de vantagens presentes—e vae ás aulas infernaes dos arredores de Toledo, e ahi aprende o poder occulto, as artes diabolicas, pelas quaes se arma vigo-

(1) Entre as obras modernas mais largamente informadoras, apontaremos as seguintes: *Monumentos e Lendas de Santarem,* Zephirino Brandão, Lisbôa, 1883; *S. Frei Gil (Notas historicas),* Silva Pinto, Lisbôa, 1903. Este ultimo não confirma o seu sub-titulo.

rosamente para successivos triumphos, e segue depois para Paris. Alli frequenta os estudos de medicina, glorioso pelo seu poder e saber, feliz pela desatinada vida que levava. Conhece todas as volupias, todas as bohemias, todas as formas do viver desregrado. Mas um dia accorda o remorso, e a consciencia nunca mais socega. Perseguem-no visões. Dalgumas vezes é um cavalleiro de lança em riste, que o exhorta a mudar de vida e lhe infunde terror. E algum tempo depois, queimando os livros do saber maldito, aprendido em Toledo, sahe de Paris, atravessa Hespanha e professa em Palencia na ordem de S. Domingos. Logo mudou, como natural era, o seu theor de vida, comprazendo-se na contemplação e meditação religiosas, ajudando humildemente os outros frades no carreto da pedra e nos trabalhos mais arduos das obras de reparação do convento. Á noite passava longas horas na leitura dos livros sagrados, tornando-se tão erudito e profundo nas divínas letras como o fôra nos estudos da medicina. Martyrizava as carnes vigorosas e outr'ora vibrantes de crispações de volupia com uma cinta de ferro, fechada com um cadeado, cuja chave lançou fóra, perdendo-a para sempre.

Regressando a Portugal, foi internar-se no convento dos dominicanos de Santarem. Mas segundo o pacto com o diabo, muito embora elle houvesse renunciado aos regalos e ao poder da magia diabolica, ao diabo pertencia a sua alma agora tão torturada de remorsos e tão anciosa de pureza, toda se acurando em conseguir a perfeição immaculada, meditando sómente no bem eterno da graça e na verdade eterna de Deus. Arrastava a sua pungente melancholia pelos corredores e cêrca do convento, como um condemnado, e tornando-se o objecto da admiração da tranquilla confraria. Então como ultimo recurso apegou-se á Virgem com a mais ardente fé. E uma vez, que rezava e implorava arrebatadamente, debatendo-se com visões monstruosas, viu cahir do alto da capella um pergaminho, ao mesmo tempo que as mesmas visões se desvaneciam;

era o treslado do pacto infernal. Era livre finalmente, a sua alma pertencia-lhe de novo, podia devotar-se á sua purificação porque podia agora esperar que, quando se dissolvesse a incestuosa alliança com o corpo, ella iria, solta e limpida para a mansão das bemaventuranças eternas. Remoçou, cobrou o enthusiasmo e renovou-se o seu amor pelo estudo voltando ainda a Paris, onde se doutorou em theologia, vindo, de regresso ao reino, a occupar elevadas situações na clerezia. O seu nome popularizou-se e a fama de santidade foi alastrando, porque guardára ainda poder sobrenatural, agora de outra origem, e continuava a obrar milagres; fôra-se a magia, mas, inspirava-o a graça divina.

Numerosos foram os milagres, extasis e maravilhas, que exaltaram o virtuoso domínicano como o mais favorecido da bemquerença de Deus, como seu verdadeiro eleito. E é fundando-se nesse prestigio unanimemente reconhecido que os seus biographos lhe attribuem o desempenho duma missão de grande responsabilidade e melindre, e tambem muito ingrata; teria sido Frei Gil quem haveria intimado a D. Sancho II, seu antigo protector, a deposição determinada por bulla de Innocencio II. Canonizado na amizade e no preito popular, morreu em 1265, muito no agrado de D. Affonso III.

Longo é o rol dos seus milagres e acções maravilhosas que na *Historia de S. Domingos,* de Frei Luiz de Sousa, se extende por muitos capitulos.

Nós crêmos que esta curiosa biographia, assim considerada no seu conjuncto integral, encorporando elementos historicos e lendarios — que historicos são tambem porque testemunham a credulidade e a imaginação das epochas — expressa com relevo apreciavel a typica psychologia das individualidades superiores da edade media, a concepção que dellas se formava a opinião popular. O conflicto entre a religião e a sciencia, ainda disfarçado por uma extravagante alliança, a anciedade de possuir a verdade, de tresloucadamente querer devassar aquelles domi-

nios inacessiveis á razão humana, lançar-se após decepções no delirio da magia, a vaidade pessoal, a volubilidade, são lineamentos repetidos na psychologia intellectual da edade media.

E que tinha de particular o espirito da edade media? Pode dizer-se que os seus lineamentos differenciaes eram a espontaneidade e a ingenuidade, dando a estes termos a maxima comprehensão, de que são capazes. A espontaneidade era essa força impulsiva e irreflectida, que, sendo uma grande energia, fazia tambem essa continua volubilidade instável, essa variedade de viver social, que a historia nos patenteia. Na classe nobre o feudalismo, que era o abuso do maximo poder sob minima responsabilidade, mais avivou esse forte sentimento da livre personalidade, esse anceio de plenamente sentir a vida, esse delirio de acção, de individualidade, e tambem de individualismo, porque muito egoista era. A ingenuidade é a ausencia do espirito critico, a prompta credulidade nas apparencias externas, a infantil acceitação dos dados immediatos dos sentidos, que reduz o conhecimento á variedade infinita das sensações, ainda mesmo contradictorias. Na mente dum homem da edade media, não fallando dos pensadores, era muito attenuada a superior necessidade de coherencia e nexo causal. O milagre, manifestação isolada, desprendida de antecedentes determinantes, era acceito sem reluctancia. O homem vivia numa continua espectativa de surpresas, de percalços que a interferencia divina quizesse fazer ao seu saber adquirido. O juizo de Deus nos duellos que é senão o aguardar confiado da intervenção divina, a derimir o pleito? O homem medieval concebia a vida como um continuo antagonismo entre Deus e Satanaz, ambos com vista a aliciarem-no, o primeiro pelo milagre demonstrativo do seu poder, o segundo pela tentação seductora de poderes magicos e prazeres ineffaveis. O merito do procedimento christão consistia em optar pelo bom caminho, visto ser livre a escolha, e ser essa a pedra de toque para a avaliação. Este convencimento de liberdade

podia conduzir ao maximo crime e á maxima virtude, ao banditismo e ao mysticismo; e os dois extremos nunca epocha nenhuma os possuiu mais declarados que a edade media. A imaginação medieval é essencialmento plastica e concretizadora, chegando ao grosseiro materialismo de se conceber a alma como entidade corporea e de a representarem a arder nas chammas do inferno. Os homens da edade media eram portanto incapazes da analyse philosophica; por isso organizam uma concepção da vida que é uma synthese artistica, em que o conhecimento se detem na apparencia phenomenista. A sua sciencia mesma tem elementos maravilhosos: a alchimia procura a pedra philosophal, cujo contacto validará em ouro os corpos; a astrologia predirá os destinos dos homens. Para elles a verdade era o que a religião affirmava e o que elles viam, dominios nem sempre conciliaveis, mas que a sua intelligencia illogica harmonizava por completo. A sua historia fixava naturalmente os factos para os quaes iam as suas preferencias, e esses eram os que mais patentes mostravam a presença do milagre e do temor religioso. Essa historia era principalmente a agiographia, narração da vida dos santos, sempre uma sequencia de milagres. E quando faziam o que por extensão poderá chamar-se historia universal, faziam preceder o assumpto dum quadro geral, que lembrava as origens divinas da especie humana e os progressos da religião. Este alargamento de quadro, na composição da historia, foi um dos méritos da historiographia medieva, mérito de novidade, que não de execução.

A arte medieval mistura-se intimamente com a vida e com a religião. A religião mesma toma, pelo apparato liturgico, pelo cerimonial confuso numa lingua ignorada, uma feição de arte e de mysterio. Nos templos trabalhados, á luz penumbrosa dos vitraes coloridos, ao som da musica, toda de hymnarios compungidos, de esperançosa crença num futuro bem-estar, a multidão buscava um recanto de incomprehendido mysterio, anceio em que muito havia da arte. Foi dos templos

que sahiu o theatro. As proprias cerimonias sacras eram representações da historia biblica, successivamente interpoladas de episódios.

A poesia medieval cantada ou recitada por poetas ambulantes é uma arte verdadeiramente popular, e como tal impessoal e uniforme. As linguas nacionaes é que separam as diversas poesias medievaes mais nitidamente que a propria esthetica intrinseca. Essa poesia, como toda a arte medieval, tem por fim a livre emoção, livre de prejuizos, de gosto e de moralidade; esta liberdade e a lucta de classes fazem que a satyra tome um azedume particularmente violento e se torne o instrumento da vingança popular, assim acobertada na sua fraqueza. Os bôbos expressam o exaggero maximo desse azedume satyrico. São os intermediarios da vingança em doestos crueis, para os quaes a impunidade é segura. Tornam-se uma instituição e um poder. Por influencia do christianismo, que dignificará a virgindade, e do feudalismo, que estreitará os laços da familia, a mulher attinge no fim da edade média, um poderio moral e uma respeitabilidade até então desconhecidas; a mulher e o amor começam a ser frequentes themas poeticos, mesmo nas formas épicas a aventura béllica é muitas vezes determinada por um motivo amoroso.

A biographia circumstanciada de Frei Gil, tal como a reproduz Frei Luiz de Sousa, attribue a essa personalidade um curioso cunho psychologico, muito da sua épocha, em que á evidencia se salientam feições muito distinctas do caracter medieval.

Temos, em primeiro lugar, a cega crença no milagre, maravilhoso effeito sem causa, que inesperadamente surge, alteração de todas as normas, de toda a regularidade phenomenal, milagres como os que, resumidamente, mencionamos: Dirigindo-se á Ilha Maiorca, consegue aplacar uma violenta tempestade com a sua oração. Uma madrugada avistou do Convento de Nossa Senhora e S. Miguel da Victoria uma longa procissão

de frades da ordem, que suppôs serem os Capitulares, que aguardava, mas dirigindo-se-lhes ao encontro soube delles serem as almas dos mesmos capitulares, mortos em caminho do naufragio. Uma manhã, na sachristia da igreja do Convento de Santarem, uma mulher, que Frei Luiz de Sousa chega a nomear, Elvira Duranda, viu descer sobre o santo «huma coluna de luz mais clara, e mais bella que a do Sol, e logo ficar o Santo todo penetrado della, resplandecendo como hum christal puro, transparente, e fermoso, e do rosto lançando raios, que ella comparava, por não achar semelhança mais propria, aos que reverbera hum espelho ferido do Sol». Elvira Duranda, edificada com tal visão, resolveu adoptar a vida religiosa, isolando-se numa casinha térrea, desconfortavel como uma cella de penitencia, visto na cidade não haver mosteiros de freiras. O exemplo da mulher foi por outras seguido, e assim se deu principio ao Mosteiro das Donas da Ordem de S. Domingos. Uma tarde, estando na sua cella e sendo sabedor de que um noviço, dos de mais franca vocação, fugira do convento, atirando-se do telhado, cahiu em oração, e logo o noviço tornou pelo mesmo telhado, vindo lançar-se-lhe aos pés. Em Lisbôa uma mulher, que padecia de fluxo de sangue, havia dezanove annos, veio ajoelhar perante elle, implorando anciosamente a sua intercessão. Frei Gil intercedeu, orando por ella, e desde aquelle momento foi curada. Maria Antioca, estéril em dez annos de casamento, pediu encarecidamente ao santo que por ella rogasse a Deus que lhe désse um filho, e breves dias depois estava gravida.

Muitas curas milagrosas ainda aponta o chronista de S. Domingos, testemunhando a acceitação favorita do santo junto de Deus.

A concepção medieval da alma, ou mais propriamente a solução platonica do problema psychologico, a cada passo se manifesta na narrativa dos seus arroubos mysticos, raptos e extasis, como lhes chama Frei Luiz de Sousa. Exemplifiquemos alguns:

Uma manhã, indo visitar os doentes duma enfermaria, abeirou-se dum, a quem consolou, invocando o nome de Jesus. Logo o enfermo se socegou, e S. Frei Gil, meditando em «como é formoso e que riqueza encerra esse nome» e repetindo-o muitas vezes, ficou hirto e immovel, como se a alma se lhe tivesse evolado, como se evolou, voando livremente, no sentir dos biographos. Os frades incredulos procuravam chama-lo a si, maltrataram-no mesmo, mas elle sem appoio, secco e erecto, continuava insensivel, sem o divino sopro da alma, num enlevado arrebatamento. O mesmo succedeu em Leiria, onde pedira guarida a uma senhora nobre; sentou-se á beira do catre e ficou sem alento, indifferente á geral consternação, até alta noite. Ha maiores manifestações de crença no dualismo espiritualista?

Mas o que mais caracteristico ha na biographia deste santo é o seu pacto com o diabo para alcançar um poder sobrenatural, com que obtivesse o que por sciencia, divina e humana, lhe era vedado. É esse o elemento lendario principal, estranho á agiographia, que lhe dá a typica significação. É o thema do magico — chamado frequentemente do Fausto, por influencia allemã — thema universal já muitas vezes tratado na litteratura culta. Este apparece tambem combinado com outro, igualmente universal, o do aventureiro de amores, ou de D. João, assim chamado por influencia hespanhola. Na vida do santo os dois themas tambem convergem: essa vida, como a contámos, tem, alem da magia, a troco da venda da alma ao diabo, a libertinagem em Paris. E assim ligados apparecem quasi sempre os dois themas nos auctores que artisticamente trataram o thema do magico, em Grabbe, Lenau, Heynze, etc. Desta ligação do dois themas nasceu o episódio amoroso de Margarida. É muito antiga esta lenda, mesmo anterior ao christianismo. Não tem portanto origem agiographica, como já se pretendeu. Mas não deixou de ser influenciada pelo christianismo. Esta religião reduziu o numero dos entes sobrenaturaes,

tutores e protectores dos homens, dos quaes vinha o poder para o pactuante, reduziu-os só a Satanaz. Depois o povo presenciando ou ouvindo contar a vida de alguns homens superiores, que se apartavam do vulgo — e facil seria notar qualquer apartamento do viver commum, em épochas tão escassas do cultivo da individualidade — incluiu-os na série dos magicos pactuados com o diabo.

Na edade media Virgilio foi considerado um magico capaz de remoçar velhos; de Dante dizia-se que elle fora em pessoa aos infernos; os alchimistas eram os primeiros apontados. Sempre houve excentricos para alimentar a imaginação popular nos seus devaneios e juizos, e para em si personalizarem os themas lendarios. Fausto, o verdadeiro Fausto allemão, cuja vida real se conseguiu restituir á força de pacientes investigações, foi um excentrico; por isso se encabeçou nelle a lenda.

Não será o nosso S. Frei Gil um caso semelhante? Tudo nos leva a crer que sim; a épocha, a curiosidade inventiva que teriam despertado as suas viagens, a sua libertinagem em paizes distantes, a sua vida meditativa e triste, aguilhoada de remorsos, a sua sciencia, algumas curas, obtidas como médico, que surprehendessem, talvez a sua figura physica (1) e particularidades moraes, que desconhecemos, todos esses factos e circumstancias fizeram delle o individuo mais adequado para personificar os themas lendarios, que a imaginação muito sensorial do povo não pode conceber sem pessoas a que os impute, com alguma localização e alguma chronologia.

O thema do magico, em Portugal, encabeçado no monge dominicano de Santarem, Gil Rodrigues de Valladares, toma uma forma sequente de narrativa nos agiológios, que muito contribuem para solidarizar definitivamente o monge e a lenda. No seculo XVII, Frei Luiz de Sousa é o primeiro que lhe con-

(1) Veja-se a sua estátua jacente no Museu Archeologico do Carmo, em Lisbôa.

cede carinhos de artista, contando a vida milagrosa de S. Frei Gil circumstanciadamente; porêm esses carinhos de artista são sómente estylisticos. A primeira obra de arte, sobre esse thema elaborada, foi a *Egidea*, poema anonymo, que se costuma attribuir a Frei José do Espirito Santo do Monte.

O romantismo, pela voz de Garrett, fez ver os recursos artisticos do thema; o proprio Garrett toma S. Frei Gil como personagem da *D. Branca*. Tambem Rebello da Silva no romancinho *Ráusso por Homizio*, obrinha da mocidade, de 1842, incluiu como personagem a S. Frei Gil. Nos *Contos*, de Alvaro do Carvalhal, posthumamente publicados em 1872, ha um intitulado *J. Moreno*, em que episodicamente se repete o duplo thema de D. João e do Fausto. Nas *Ultimas Paginas*, de Eça de Queiroz, figura uma vida de S. Frei Gil, incompleta.

Em 1905, o Sr. Th. Braga publicou um poema, *S. Frei Gil—Lenda Faustiana da primeira Renascença*. Tem esse poema uma significação symbolica: Gil, buscando as formas superiores da vida, attinge gradativamente o Amor, a Sciencia e o Poder, mas de todas vae descrendo, regressando por fim ao Amor, mas o amor absolutamente ideal, sem esperança, o amor sympathia universal, que leva á cooperação, á solidariedade e confraternização humana.

Em 1910, o Sr. Corrêa de Oliveira publicou o seu poema philosophico, *Tentações de S. Frei Gil*, e em 1911, no romance *Torturados*, o Sr. Silva Gaio largamente expôs o plano dum poema, attribuido a uma personagem Simão de Gouveia, ainda sobre a vida lendaria de S. Frei Gil. [1]

Lisbôa, 1911.

---

[1] O sr. Gustavo Cordeiro Ramos, professor da Universidade de Lisbôa, na sua muito erudita monographia, *O Fausto de Goethe no seu duplo significado litterario e philosophico*, enumera as obras litterarias sobre o thema de S. Frei Gil no capitulo intitulado *A lenda faustiana na litteratura portuguesa e hespanhola*. V. *O Instituto*, vol. 63.º, pags. 187-198; 238-249, Coimbra, 1916. V. tambem *Livro Segundo dos Brasões da Sala de Cintra de Anselmo Braamcamp Freire*, Lisbôa, 1901.

A educação da abstracção [1]

É geralmente reconhecido que a abstracção desempenha na elaboração do conhecimento scientifico um grande papel. Como operação essencial do conhecimento e como requintada subtileza da cultura intellectual, ella é uma nobre faculdade — ou funcção? — que deve merecer ao educador as mais desveladas preoccupações. Este pensamento nos tem acompanhado, durante o nosso exercicio profissional, e a verificação contristadora de quanto ella costuma ser rudimentar nos estudantes das classes lyceaes mais adiantadas, em que ella para o ensino historico, philosophico e litterario tão necessaria se torna, levou-nos a propôr um novo meio de promover o seu desenvolvimento. Não podemos informar com segurança da sua viabilidade e da sua efficacia, porque as circumstancias nos não têm permittido tentar a sua experiencia. Ha seis annos, exposto theoricamente, mereceu a honra de ser acolhido com sympathia pelo sr. Prof. Adolpho Coelho, facto que julgamos sufficientemente justificativo da inclusão deste artigo neste livro.

A abstracção consistia, segundo a theoria antiga, em fixar dum objecto uma qualidade, isolando-a das outras qualidades e do proprio objecto que a possuia, isto é, considerando-a só

---

[1] Publicado pela primeira vez no *Boletim da Sociedade de Geographia*, Setembro de 1910.

em si. Desde logo, á mais simples observação, se reconhece que podia ser *espontanea* e *reflectida:* abstracção espontanea a que praticamos, quando conservamos na memoria o cheiro duma planta, deixando-nos esquecer do seu porte, da sua florescencia e mais particularidades; abstracção reflectida quando muito deliberadamente construimos nós proprios uma idéa abstracta, isolando do objecto uma qualidade determinada e associando-a em seguida a um nome, constituindo assim um objecto irreal. Mas as idéas abstractas, quando representam um grupo de qualidades communs a alguns objectos, considerando esse grupo de qualidades como um typo em classe, tornam-se idéas geraes. As idéas geraes, de uso mais que repetido, imprescindivel na mais chã conversa, é evidente que não correspondem a realidades objectivas; para o affirmar confiadamente basta conhecer-lhes o processo de formação: são sómente um artificio do espirito. Mas apesar dessa evidencia, esse seu caracter artificial não foi logo reconhecido, pois que a sua realidade e o seu valôr fôram assumpto de demorada discussão, principalmente durante a edade media, constituindo o chamado problema dos universaes, em que tanto se empenhou a theologia. Propuzéram-se três soluções: o realismo de Santo Anselmo, que é a applicação do platonismo a este problema, e que respondia que as idéas geraes designam objectos reaes, archetypos eternos; o nominalismo de Roscelin e Okkan que só acceita a existencia dos objectos individualmente considerados e toma as idéas geraes, os universaes, como palavras vãs; o conceptualismo, conciliação tentada por Abeilardo, que só julgava como reaes os individuos, que, de facto, possuiam caracteres communs, cuja verificação incontestavel os universaes expressavam. Modernamente não só se não acceita a correspondencia dos universaes a realidades objectivas, mas tambem se nega a existencia psychologica de taes idéas geraes como abstractas, isto é, sem nenhuma referencia ou vestigio concreto. Foi Berkeley quem primeiro negou a possibilidade de se

pensar uma idéa abstracta e geral, sem a ir ligar a qualquer objecto concreto. «É-me impossivel — diz esse auctor, falando pela observação de si mesmo — formar a idéa abstracta dum movimento, sem um corpo que se mova, dum movimento, que não seja rapido, nem lento, nem curvilineo, nem rectilineo, e isto é verdadeiro a respeito de qualquer outra idéa geral abstracta» (1).

Então Berkeley propôs uma nova theoria: uma idéa supposta geral não é mais do que imagem individual tomada como exemplo, e a sua generalização baseia-se na sua aptidão para ser generalizada. O sr. Harald Höffding, notavel psychologo dinamarquês e historiador da philosophia, applicou o mesmo criterio ás imagens individuaes, e, segundo elle, uma imagem individual é uma imagem tomada para exemplo, dentre uma serie de percepções do mesmo objecto. Mas aqui levanta-se o problema seguinte: visto que a theoria antiga — a do isolamento duma propriedade ou conjuncto de propriedades, que logo se generalizavam e associavam a uma palavra — visto que a theoria antiga é posta de parte, por que operação intellectual se toma uma representação para exemplo? Galton explicou esse processo pela associação, ou melhor pela fusão das differentes imagens individuaes, a produzir uma imagem generica, similhante ás photographias compositas, adquiridas por sobreposições. Levantam-se, porêm, dois argumentos. Essas imagens compositas não seriam possiveis em casos de differenças muito accentuadas, e essa explicação tem o grave inconveniente de excluir toda a restante vida psychica.

Segundo o sr. Höffding, é inacceitavel, por incompleta, uma explicação, em que se não considere a intervenção da attenção e do interesse que concentra a attenção sobre varios phenomenos; chegamos a surprehender as suas similhanças e

(1) Cit. pelo sr. Höffding, em *Esquisse d'une Psychologie fondée sur l'expérience*, Paris, 1908, trad. fr.

as suas differenças, as quaes escolhemos e destacamos, segundo o nosso interesse. Assim, exemplificando, quando pensamos a idéa individual do nosso cão de guarda, o *Fiel*, o *Piloto*, temos presentes certas qualidades que mais têm chamado a nossa attenção e que mais uteis são ao nosso interesse: a sua fidelidade, a sua força, os bellos pulmões, etc., independentemente da infinita variedade de percepções, pois o temos visto em muitas posturas diversas e em muitos diversos momentos: vimo-lo ao sol, á sombra, na quinta, no palheiro, deitado, a correr, solto, preso, etc.

O mesmo se poderá defender quanto ás idéas geraes. Quando pensamos a idéa geral cão, tomada vulgarmente como idéa abstracta, ligaremos, segundo Berkeley, essa idéa á visão concreta de determinado cão, e, segundo o sr. Höffding, esse cão será dos muitos que hajamos observado o que mais nos houvér prendido a attenção e mais falar ao nosso interesse.

O rapido bosquejo que da nova theoria da abstracção fizemos, não envolve contradicção, como logo no principio deste artigo dissémos, quando falámos de idéas abstractas e geraes. Nesse momento apenas empregámos uma terminologia geralmente acceita, por isso muito commoda, sem esclarecermos que conceito lhe attribuiamos.

Não queremos passar adeante sem nos referirmos ainda á confusão de sentidos, que se faz com as palavras abstracção e generalização. Para Augusto Comte são uma mesma coisa; na sua classificação fala de sciencias concretas e de sciencias abstractas ou geraes. Tambem em cada sciencia reconhecia duas partes muito distinctas: a abstracta ou geral, em que se estudam as leis, independentes da concomitancia das variantes, e concretas, em que se applicam essas leis. Mas, em boa verdade, os dois vocabulos têm distinctos sentidos: a generalização é o fim a que tende o espirito por meio da attenção e da abstracção, que é assim um meio. Tão completa identidade se acceita vulgarmente entre essas duas operações que Spencer,

antes de expôr a sua classificação de sciencias, teve de extremar os sentidos, que aos dois termos attribuia. ([1])

Quando a abstracção nos conduz á generalização scientifica podemos dizer que attingimos a forma superior do conhecimento.

Comprehende-se facilmente como é importante o papel da abstracção na elaboração do conhecimento. Sem ella, este seria bem restricto, visto que a consciencia possue o objecto por meio da representação; então o conhecimento limitar-se-hia a um conjuncto de representações. Em breve a consciencia estaria tão sobrecarregada que não poderiamos accumular mais representações. Era isto que nós, na infancia, percebiamos quando, ignorando a existencia das formas superiores do conhecimento, admiravamos a multiplicidade de conhecimentos parcellares, que possuiamos, e notavamos a impossibilidade de a todos os registar. Exemplo: tal dia encontrámos um homem, vestido de certo modo, proximo duma casa branca com manchas, o passeio estava molhado, os intersticios das pedras escavados pelas gotteiras, sabiamos isto, sabiamos que sabiamos isto, etc. Annos passados, encontrámos um rendeiro duma quinta suburbana, cuja consciencia era tambem, intellectualmente, muito infantil, pois orgulhava-se de saber *muitas coisas*, e repetia o nosso raciocinio da infancia. Os inconvenientes desta dispersão fragmentaria, desta miudissima e desarrumadissima concreção evita-os o conhecimento scientifico.

([1]) «É evidente que aqui os termos *abstracto* e *geral* estão empregados como synonymos. Elles têm comtudo significações differentes que importa distinguir aqui. O termo *abstracto* applica-se a um facto, que está destacado da somma das circumstancias dum phenomeno particular; o termo *geral* applica-se a um facto que resume ou representa muitos factos analogos. Por um lado consideram-se os caracteres proprios dum phenomeno, independentemente dos outros phenomenos, aos quaes elle pode estar misturado; pelo outro lado, não se considera senão a repetição ou a frequencia do phenomeno, sem preoccupação de saber se elle está ou não misturado a outros phenomenos».

V. H. Spencer, *Classification des sciences*, trad. fr. pags. 708, ed. de Paris, 1909.

Conhecer — scientificamente — é fixar qualidades e relações. É a inteligencia que adquire, elabora e conserva o conhecimento. As duas funcções, da acquisição e da conservação, praticam-se tambem correntemente, no decurso da vida, mas, claro, são susceptiveis de desenvolvimento e aperfeiçoamento. A outra funcção — elaborar — não é frequente e só na sciencia com rigôr se pratica.

Na elaboração do conhecimento ha três phases capitaes:

1.ª Pela abstracção fixam-se as idéas ou qualidades communs, as quaes, pela generalização, dão fundamento ás classes;

2.ª Pelo juizo fixam-se as relações;

3.ª Pelo raciocinio descobrem-se relações novas.

Daqui dizer-se, em logica, que as quatro grandes operações intellectuaes, que intervêm na elaboração do conhecimento, são abstracção, generalização, juizo e raciocinio. Todas estas operações envolvem a attenção, isto é, o poder de concentrar a intelligencia sobre um objecto, com exclusão de outros, que é, como de prompto se vê, já uma forma de abstracção, que quando é subjectiva será reflexão.

Mas o conhecimento, que assim se elabora, não é um conhecimento exhaustivo, e não é porque nunca o espirito humano logrará possuir toda a vida universal, explicada e interpretada. O conhecimento tem limites e não só os limites occasionaes impostos pelas circumstancias, que rodeiam o objecto do nosso estudo — por exemplo a vida nos planetas — mas tambem os impostos pela propria natureza da nossa consciencia. O nosso conhecimento não representa bem a posse da realidade objectiva, mas sim a maneira por que ella se apresenta á nossa consciencia, «Cada sensação isolada é determinada pelo conjuncto e pela relação mutua dos differentes estados ou das partes dum mesmo estado». (1) Esta lei applica-se tambem

(1) V. Höffding., ob. cit.

ao conhecimento e, portanto, está para alêm dos limites do nosso conhecimento tudo que não existir *em alguma relação.* O sr. Höffding verificou essa lei em todas as idéas sobre que o nosso conhecimento trabalha: a comparação, a razão, o espaço e o tempo, a causalidade, o sujeito e o objecto, todos implicam relatividade, e onde ella falte é impossivel o conhecimento.

A abstracção está na base do conhecimento, desnecessario se torna fazer o seu elogio. Basta lembrar que ella se exerce continuadamente, sob a forma espontanea, o que levou Laromiguière a dizer que o corpo humano era uma machina de abstracções. Nesta sua forma inferior ou passiva ha três graus principaes: a abstracção sensorial, pela qual o mundo externo se parte em tantos campos de observação quantos os sentidos; a abstracção individual, pela qual, intervindo a attenção e o interesse, como atrás se disse, nós substituimos muitas representações diversas por uma só imagem; e finalmente a imagem abstracta geral, que é a substituição de muitas imagens individuaes por uma só imagem. Vejamos um exemplo destas três formas: perante uma tribu selvagem, observamos a figura physica dum dos seus membros, abstrahimos das outras qualidades e fazemos uma abstracção sensorial, neste caso visual; observamos esse individuo durante muitos dias, em differentes attitudes e differentes occupações, formamos uma imagem abstracta individual desse selvagem; observamos toda a tribu e formamos uma imagem abstracta geral de selvagem.

Na abstracção activa ou superior dá-se, pouco a pouco, um apagamento da imagem, reduzindo-se em breve a idéa a um symbolo, a um vocabulo. Ás vezes a separação é tão completa que a palavra póde comportar os mais variados sentidos e da mais diversa comprehensão.

A abstracção tem no conhecimento e portanto no desenvolvimento scientifico um papel tão importante que nós consideramos o seu avultar como um indicio de progresso, tão

significativo como a differenciação do homogeneo no heterogeneo, que era a formula spenceriana. E o sr. Queyrat pôde exemplificar como a abstracção era signal de progresso, ainda que muito brevemente, na evolução da escripta, da linguagem e das sciencias. (1)

É por estas razões que o desenvolvimento della se impõe nas escolas. Bem sabemos que ha predisposições: nas especies animaes, nos individuos, e nas epochas, favoraveis ou contrarias ao exercicio da abstracção. Nos animaes inferiores não existe a abstracção, domina a imagem; nalguns vertebrados existem, duma forma rudimentar, as idéas de numero, de peso, de dureza; nos povos primitivos é limitadissima. Progredindo successivamente, attinge, entre os modernos, um grau consideravel. Foi por motivo dessa inferioridade no poder de abstrahir, que os gregos não passaram da geometria descriptiva, foi por possui-la, notavelmente, que Descartes applicou a algebra á geometria. Mesmo no actual estadio da cultura, a abstracção não tem uma intensidade fixa. Os povos do norte possuem-na muito desenvolvída, e supremamente a representam os seus grandes philosophos. Portugal e Hespanha, ao contrario, são escassamente dotados do genio metaphysico. Na nossa litteratura parece ter sido Anthero de Quental o poeta com ella melhor dotado.

Estas differenças, porêm, não pesam com um poder fatalista que nenhuma causa possa limitar, a educação profundamente pode alterar, corrigindo ou favorecendo as predisposições da hereditariedade. Tratemos, pois, de educar essa primacial faculdade do espirito.

É evidente que o methodo intuitivo deve ter um grande lugar no ensino secundarío, mas evidente é tambem que deve acompanhar a evolução moral da creança, variando de inten-

---

(1) *L'abstraction et son rôle dans l'éducation intellectuelle*, Paris, 1907, 2.ª ed.

sidade, queremos dizer predominando nas primeiras classes e cedendo terreno á abstracção nas ultimas. Effectivamente pelo ensino intuitivo procura-se ministrar conhecimentos sólidos pelo meio mais adequado ao estadio da sua intelligencia, mas longe dos pedagogistas defenderem a idéa de que elle deve dar á intelligencia o habito de sempre verificar e só pensar sobre a presença do objecto. Se assim fosse, só se conseguiria pelo methodo do intuitivo entardecer o pensamento, torná-lo lento e grosseiro. É portanto necessario que em breve o cultivo da abstracção venha estabelecer uma compensação. O methodo intuitivo deve dar bases estaveis ao trabalho futuro.

Já em pleno exercicio da intuição, com a maxima intensidade, como a queria Pestalozzi, é possivel uma cultura da abstracção, na forma secundaria da reflexão. Outros processos ha, porêm, mais seguros e sempre mais complexos, que um escriptor, que empenhadamente defende a educação da abstracção, apresenta, o sr. Queyrat, e que são graus indispensaveis para chegar com exito ao desenvolvimento largo, que se deve procurar attingir nas ultimas classes do ensino secundario.

Tanto para evitar as emoções perturbadoras quanto para evitar a corrupção da vontade, é um axioma prévio que os premios e os castigos devem ser postos de lado. Sem uma serena paz e uma calma regularidade, nunca se poderá reger o desenvolvimento progressivamente normal dum espirito. Um outro principio muito salientado pelos auctores ingleses, é que todo o exercicio pedagogico da abstracção deve ser precedido — referimo-nos aos seus graus inferiores — das intuições correspondentes, juxtapondo e accumulando exemplos. Esta juxtaposição e accumulação de exemplos faculta á creança distinguir identidades em meio de apparentes dessemelhanças; por exemplo, mostrar construcções muito diversas para chegar ao conceito edificio.

Outro processo mais rudimentar ha ainda, que é chamar a attenção da creança para a abstracção espontanea que os

sentidos praticam, e que consiste em isolar as propriedades dos objectos; por exemplo, umas vezes procuramos numa barra de ferro a dureza, outras a conductibilidade do calor, outras o comprimento, outras a resistencia ás fortes marteladas e attritos, etc. Ha tambem o methodo interrogativo, que consiste em fazer que a creança desça da idéa abstracta ás intuições, que lhe déram base, a explicar quanto possivel a comprehensão e a extensão da idéa. Exemplifiquemos:

—Que é uma ave? A creança, ajudada, dirá quaes os caracteres duma ave.

—Exemplos de aves? Dar-no-los-ha muito differentes, sobre tudo se esta idéa abstracta já tivér sido alcançada por muitas intuições, suppunhamos o pintasilgo, o peru e o pato.

—Mas esses animaes são entre si muito differentes, o pintasilgo tem taes caracteres, o peru taes, o pato outros. Mesmo assim, tão differentes, serão aves? E a creança, que não faz agora mais do que seguir a marcha regressiva do processo por que chegou á idéa abstracta, diz-nos com que se se semelham os diversos animaes.

Os exercicios litterarios são tambem applicaveis; é util e educativo ajudar a creança a interpretar uma peça, a penetrar-lhe o sentido intimo, a perceber a intenção moral duma fabula. O que é preciso é que na escolha das leituras e na elaboração das selectas haja vista fixa no sujeito, nas predisposições litterarias da creança, o que até hoje, em Portugal, muito raramente se tem feito. Em geral, toda a leitura sã é um bom meio, e serve o nosso proposito, porque se produz imagens concretas, prodú-las por meio da intelligencia e não pelos sentidos. Importantes são tambem outras disciplinas, a grammatica, a mathematica, o calculo mental, a historia, a philosophia, etc.

Finalmente, tendo os educandos sido preparados por estes exercicios e pela aprendizagem das varias disciplinas, surge um novo meio, o que nós propômos: o ensino connexo da his-

toria e da philosophia, pelo qual se completava a necessaria preparação para o estudo superior das sciencias sociaes que sempre será de exito difficil para uma intelligencia tarda e demasiado presa ao objecto.

Em que consiste esse novo meio? Em discernir na obra de alguns historiadores a equação de systema philosophico ou moral, a influencia das preconcepções. Não é fazer historiographia critica, nem philosophia da historia, é muito simplesmente, estabelecendo o systema ou as idéas preacceitas pelo historiador, ir procurar na obra as suas consequencias beneficas ou deformadoras da verdade; será um trabalho semelhante ao do historiador critico da philosophia da historia.

Os exemplos adiante adduzidos para esclarecimento do nosso alvitre reputamo-los accessiveis, na pratica, e bastante illustrativos do processo pedagogico, que se deverá seguir. Deixámos de lado, e deixariamos na execução, casos pouco accessiveis aos educandos, como seriam, por exemplo, Montesquieu e o direito, Schlosser e o imperativo categorico, Bergson e a applicação das suas idéas á historia.

E' fóra de duvida que os educandos não farão por si sós estes exercicios, serão acompanhados e guiados pelo professor, mas, assim mesmo dirigidos, terão no fim alcançado vantagens de critica e de abstracção muito para considerar.

Começaremos por Bossuet e o catholicismo. Ao escrever o seu *Discours sur l'Histoire Universelle,* Bossuet partia do principio de que o desenvolvimento historico se fazia sob a égide da divina Providencia, que de antemão lhe fixára uma determinada trajectoria. Era uma consequencia do seu catholicismo. E tendo feito resumidamente o computo chronologico da historía universal, defende o que se póde chamar uma philosophia da historia. Quaes os resultados dessa preconcebida philosophia? Primeiramente, como catholico, dèu uma importancia consideravel á religião e só á religião christã. Foi o que fez quando traçou o desenvolvimento providencial da religião desde Adão

até Innocencio XI. Esta Providencia é que determina a elevação e a ruina dos imperios, no seu systema historico. Secundariamente, produziu uma contradicção, visto Bossuet ser livre-arbitrista. Acompanhando e salientando o desenvolvimento da religião, hypertrophiou exaggeradamente um sentimento, que avulta, sim, mas que não é o unico aspecto da historia. Ao contrario, obcecado pela sua forte crença, menosprezou a religião pagã, e se por um lado não viu o papel que ella teve nas sociedades antigas, viu, por outro, a funcção de sentimentos taes como o amôr patrio, o respeito da lei, o fundamento tradicional de algumas instituições, delle recebendo a sua força e resistencia. Não falamos, é claro, do atrazo scientifico, falamos só do systema.

Tratando de Voltaire, mostrariamos como a sua irreligiosidade o levou a eliminar o papel attribuido por Bossuet á Providencia, substituindo-o por uma especie de determinismo fatalista de choques e coincidencias, de acasos, numa palavra. Daqui resulta que a sua historia será mais comprehensiva na busca das causas, encetará a via racionalista das pequenas causas produzindo grandes effeitos, por exemplo o caso do copo de agua e a paz com a Inglaterra. Mas Voltaire quiz fazer da historia uma apotheose da razão, e esse seu intento prejudicou a ordem chronologica e logica da exposição. A estructura da sua obra principal, *Le Siècle de Louis XIV*, é uma successão de planos: depois das conquistas e victorias, o rei, a côrte e os habitos cortezãos, depois o governo inteiro, as instituições, os negocios ecclesiasticos, no ultimo plano a decoração magnifica das sciencias, das letras e das artes. Como homem de analyse, habito intellectual adquirido no cultivo das sciencias naturaes, levou a descripção á minucia do vestuario, do armamento, do mobiliario, e até algumas vezes dos gestos. Como era tambem philosopho, dispersou por toda a obra reflexões dissertivas. Como não era um monarchista sectario, considerou outras personagens, alêm do rei, dando-lhes a attenção devida e attribuindo-

lhes o lugar de justiça. O seu racionalismo irreligioso condemnou summariamente a edade-media. O seu proselytismo humanitario torna-lhe odiosa toda a trama historica, horrorosa sequencia de conspirações, de sanguinolentas luctas em troca de pequenos triumphos da razão, sempre muito lentos. O mesmo rasteiro racionalismo não o deixou justamente interpretar certos phenomenos de psychologia anormal. Assim a apparição de Joanna d'Arc, todo o seu papel na guerra com os ingleses, considerou-o como uma simples fraude religiosa, repetindo Montesquieu. Possuindo da historia uma noção ampla, consultou uma grande variedade de documentos, fazendo verdadeiramente historia da civilização e não apenas historia de guerras, de reis, de administração e de episodios. Mas a sua illimitada confiança na acção quasi exclusiva dos grandes homens, para elle principalissimos obreiros do progresso, restringia um pouco o quadro das suas determinantes historicas, que desta forma se cifravam muito principalmente na acção desses grandes homens.

Um dos exemplos, que primeiramente nos occorreram, foi a obra de Guizot, a obra particularmente fecunda para esta especie de ensino educativo, pois Guizot foi o creador do ensino abstracto da historia, queremos dizer do ensino em que o pormenor episodico só é evocado como fundamento para generalizações. Mas a concepção historica de Guizot produziu tão beneficas e progressivas innovações que o cunho negativo desse ensino era bastante prejudicado. Pretendemos principalmente mostrar ao educando o que para elle é mais visivel, e as anomalias de vulto são-no muito mais do que pequenos deslises.

Na historiographia antiga, entre os historiadores biographos principalmente alguns se podem apontar como utilizaveis, e que juntam ainda a vantagem de promover leituras, que sem o estimulo da escola difficilmente se fariam, e de auxiliar o estudo pela leitura das proprias fontes directas.

O primeiro nome que lembra, é o de Herodoto de Hali-

carnasso. Contar-lhes-hiamos como até Herodoto a historiographia grega era só a consignação de lendas, como as circumstancias moraes e sociaes da Grecia coeva sobre elle influiram, suggerindo-lhe a opportunidade de fixar para a posteridade os acontecimentos e revoluções que tinham combalido a sua patria, finalmente, como a existencia, já a esse tempo, de bibliothecas e archivos, tornara possivel esse designio. Deste alongamento do quadro da historia resultou que Herodoto consultou todas as fontes, que pôde obter, e registou muito diversas informações. Mas como elle defendia a these de que os homens devem humildemente submetter-se á vontade dos deuses, que cruelmente castigam as suas audacias, acceitou todos os episodios favoraveis á sua these, e artista, algumas vezes, attendeu menos á verdade que á belleza desses episodios. A historia critica funda-a Thucydides, não menor artista que Herodoto, mas mais historiador, investigando com o mesmo cuidado a chronologia, relegando as lendas, procurando distribuir ás personagens o seu exacto papel na acção.

Na historiographia latina, entre outros, Sallustio, não só pela cabal idoneidade para o fim procurado, mas tambem por ser auctor obrigado nos nossos programmas lyceaes de lingua latina, prestaria apreciavel subsidio. Acêrea de Sallustio, nós explicariamos as circumstancias pessoaes, em que elle se deu ao cultivo da historia, depois de algumas decepções politicas e vivos despeitos, trazendo para ella um grande pessimismo e alguns rancôres pessoaes. Mostrariamos como a sua volubilidade, muito facil de verificar na sua biographia, o impediu de executar uma grande obra e de escolher uma epocha mais recuada, em relação ao seu tempo, para a qual não pudesse trabalhar com a sua observação pessoal e tivesse de reunir muitos materiaes. Conhecendo que Sallustio, muito historicamente, tinha sempre em vista procurar as origens longinquas das coisas, os estudantes veriam subitamente seriada com filiação logica a sua obra: *Jugurtha,* o advento da democracia; *Histo-*

rias, o seu triumpho após uma passageira reacção; *Catilina* os seus excessos terriveis. Veriam em que imitara Sallustio a Thucydides, e reconheceriam o real dom psychologico de Sallustio.

Na historiographia nacional, os historiadores épicos dos seculos XVI e XVII, os historiadores mysticos e os modernos Herculano, Oliveira Martins seriam bons auctores para este estudo.

Desta forma, dizemos nós, a capacidade de abstracção dos educandos consideravelmente progrediria. Obrigados a organizar só com idéas abstractas a absoluta concepção historica dum escriptor e a procurar como e em que essa concepção influira na obra, isto é, na interpretação da realidade, investigando a influencia de idéas sobre idéas, julgamos que essa capacidade seria bastante estimulada. Póde objectar-se que este processo era em extremo fatigante, por exigir que se trabalhasse diariamente, sem hesitações, com uma preparação vasta e complexa. Observaremos que o nosso alvitre é um pormenor, um pequeno elemento duma maneira muito pouco accorde com a corrente opinião de conceber o ensino secundario, maneira que tambem se não compadece nem com a actual forma de preparação do pessoal docente, nem com a situação official desse mesmo pessoal docente.

Acêrca do sr. Benedetto Croce [1]

O sr. Benedetto Croce, cuja obrinha *Breviario de Esthetica* hoje se offerece ao publico português, vertida em nossa lingua, é uma das individualidades mais poderosas e mais caracteristicas da Italia contemporanea. Nascido em 1866, em Pescasseroli, portanto ainda hoje em edade de forte vigor espiritual, o sr. B. Croce, desde 1886, data da publicação da sua primeira obra, vem seguindo uma evolução intellectual, exuberante de actividade e originalidade, e imperiosamente influente na consciencia das gerações novas do seu paiz. É o mentor de actividade preferido de quantos se propõem a lucta do pensamento; desde o conselho pratico, a opinião sobre methodo de trabalho, a suggestão amiga até ás novas correntes de idéas, sempre vivas e sempre fecundas, tudo a mocidade estudiosa delle reclama e recebe. Á volta da sua obra apaixonadas discussões se têm travado, e da sua obra novas obras, actividades novas se têm desprendido e desdobrado, com uma multiplicidade tão abundante e tão rapida e ao mesmo tempo tão grave, que a sua obra, centro duma febril productividade, se torna uma das mais assertivas affirmações da pujança do espirito italiano, e o seu nome se eleva á categoria dum guia espiritual. Na sua obra multimoda todos vão colher alguma coisa nova, principio, methodo, actualização de idéa velha, todos nella al-

---

(1) Prefacio da trad. portuguesa do livro *Breviario de Esthetica*, B. Croce, Lisboa, 1914.

guma coisa aprendem, professores e pedagogos, atheus e sacerdotes, artistas, historiadores, homens de letras, sabios, criticos, quantos que pelo pensamento vivem. E não era coisa facil tão alta situação num paiz, que, como a Italia moderna, occupa um lugar de honra na cultura européa e que tem dos seus destinos como collectividade uma altiva consciencia. O paiz, que fez convergir para um mesmo ideal as suas melhores e mais ricas energias, o paiz que ao sonho da unificação politica subordinou a sua arte, a sua litteratura, o seu jornalismo e da sua sciencia aquella parte susceptivel de appropriação a um fim pratico, não concederia levianamente o alto lugar de Carducci a um pensador quasi moço. É que a obra do sr. B. Croce deu-lhe de assalto esse lugar.

Num romance bem conhecido, *Os exploradores da Lua,* o escriptor inglês, Wells, com o seu humorismo subtil e a sua phantasia a que não falta nunca um intimo sentimento da realidade, descrevendo-nos o habitante da lua, o selenita, representa-no-lo com uma cabeça disformemente grande, illimitadamente grande. Na sua jocosa imaginação, Wells concebera o cerebro do selenita dotado do poder mais que invejavel de conservar dentro de si, ciosamente, todos os conhecimentos adquiridos. As mais complexas sciencias se arrumavam com methodo, segundo as suas mutuas dependencias, talvez em obediencia a alguma classificação logica. Os selenitas, por esse motivo, não precisavam de bibliothecas, não escreviam para conservar pensamentos, tudo retinham; a sciencia não era para elles o que, em grande parte, é para nós, uma construcção, do espirito sim, mas ao mesmo espirito estranha, que fora de nós mesmos se vae erguendo e aperfeiçoando, sem se encorporar no proprio espirito, sem o requintar de funcções, como o espirito de Fradique Mendes. Eça de Queiroz, com grande belleza, pôs esse problema, creando um typo psychologico, que alguma coisa tinha da capacidade armazenadora do phantastico selenita de Wells.

É dos selenitas e de Fradique Mendes que nós nos recordamos, quando frequentamos a obra variada e abundante do sr. B. Croce, a um tempo logico, estheta, psychologo, philosopho, critico, historiador, economista e polemista. Para ter percorrido tão diversos campos e em todos haver produzido tão vasta obra é necessario não só uma avara methodizaçãode trabalho, que não deixa nunca que se possa concluir ao fim do dia, com o desconsolo do imperador romano — *Diem perdidi!* — mas tambem ser tão ricamente dotado como o selenita. — E assim é de facto. De 1886 a 1892 o sr. B. Crocé pratica largamente a erudição, fazendo bibliographia, pequenas investigações historicas, breves apreciações criticas, reedições, recensões com a proba minucia, com o exacto rigor dum philologo ou dum archivista encanecido nesses estudos e que nelles devesse confinar-se. De 1893 a 1896, o eminente pensador amplamente discute ante si mesmo e perante outros o problema da historia como sciencia ou como arte, que veio a ser o problema central da sua evolução intellectual e a chave da sua philosophia. De 1896 a 1899 é o marxismo que o preoccupa e a poderosa individualidade do critico Francesco de Sanctis, o seu predecessor no sceptro da critica italiana. De 1900 até 1903 dá-se todo á definitiva organização do seu systema philosophico, já donde em onde parcialmente esboçado, mas só na *Esthetica,* de 1902, apresentado em conjuncto. Em 1903 inicia a publicação de *La Critica,* revista de litteratura, historia e philosophia, a tribuna de propaganda das suas idéas, a parte mais militante e combativa da sua obra. Em 1905 apparece a *Logica.* Se a estes dados essenciaes de chronologia juntassemos a bibliographia completa das suas obras, mostrariamos, ao menos quantitativamente, a multimoda fecundidade deste escriptor.

Na historia do pensamento philosophico, em Italia, o sr. B. Croce desempenha de certo modo um papel analogo ao de Bergson em França. Como Bergson, o pensador italiano

insurge-se contra o positivismo, com uma vehemencia maior que o pensador francês, mas sempre com intensa originalidade. Bergson partia duma nova concepção da idéa de tempo e da mais perspicaz intuspecção, dando por essa forma ao seu systema sempre um cunho psychologico; o sr. B. Croce parte duma concepção historica, o que imprime tambem ao seu systema um caracter eminentemente historico. Foi de facto o reconhecimento da ignorancia historica e dos erros e prejuizos historicos dos positivistas que muito cedo o preveniu contra o comtismo, logo no principio da sua carreira intellectual, quando apenas fazia erudição e bibliographia. Considerando que a historia não é uma sciencia, pois que sciencia significa conhecimento do abstracto, mas que, pelo contrario, muito tem de arte, pelo seu objecto concreto, só differindo da propria arte em não ser *possivel* apenas, mais do que isso, exactamente *real,* o sr. B. Croce ia tornar-se campeão da realidade contra a abstracção. Alêm da forma *logica* do conhecimento, em que pelo intellecto se apprehendem as coisas nas suas reciprocas relações e o que representam de universal, ha a forma *intuitiva* de conhecimento, que é a base da arte ou, adoptando uma designação do auctor, o conhecimento esthetico. Para este auctor a intuição é tambem expressão, e, portanto, todo o espirito que fizer intuição implicitamente faz expressão. Assim qualquer espirito vulgar fará arte, sem o saber, como M. Jourdain fazia prosa, e os espiritos de eleição que fazem arte superior somente se apartam dos vulgares numa maior intensidade, que não no processo especifico. Mas se intuição e expressão são coetaneas, a linguistica e a esthetica são identificadas e essa identificação é a peça mestra da esthetica do sr. B. Croce, e uma das suas mais ousadas proposições, que concitou a antipathia de toda a sciencia official. Tambem negando com obstinada tenacidade a existencia philosophica dos generos litterarios, o philosopho provocou renhidas polemicas. Vendo na obra de arte somente intuicão, e sendo a

intuição a posse immediata da unidade e da singularidade, este escriptor ao considerar a historia das artes, coherente com as suas idéas, apenas procuraria apurar a individualidade das obras, isto é em quê e como eram obras bem caracterizadas e inconfundiveis com outras, e a sua pureza, isto é se não havia interferencia de elementos rigorosamente estranhos. Na *Logica*, defendendo a these basilar do conceito puro igualmente levantou protestos energicos dos empiristas e na *Critica* com os seus juizos sobre a litteratura italiana sua contemporanea motivou algumas polemicas. É como se vê a obra do sr. B. Croce uma obra combativa e accentuadamente pragmatica, queremos dizer muito dominada pela intenção de orientar, dirigir, interpretar a vida contemporanea, a contingente realidade. Mesmo assim combativa, quasi provocante, de investidas intencionaes é que o sr. B. Croce tem construido a sua obra, que é, não apenas uma especulação pacifica e serena, como sóem ser commummente os systemas philosophicos, mas uma lucta perseverante contra o erro e contra a invasão do racionalismo abstracto, com toda a sua estreiteza, proceder justificavel em quem partiu justamente do pólo opposto.

Como disse um seu biographo-critico, o sr. B. Croce tem o condão especial de modernizar idéas já antiquadas e de, reclamando para ellas uma attenção imparcial, repensando-as sem prejuizos e examinando-as debaixo dum ponto de vista novo, fazer ver aspectos novos em theorias há muito abandonadas. Foi esse seu condão que reanimou o hegelianismo, que esclareceu com luz nova o marxismo, que revelou recantos obscuros da obra de De Sanctis e que deu ás idéas de Vico uma consistencia e um brilho novo.

A citação do nome de De Sanctis, o immortal historiador da litteratura italiana, faz-nos lembrar que o sr. B. Croce é tambem critico litterario e que na sua revista justamente celebre tem publicado numerosos ensaios sobre a moderna litteratura italiana. Logo á primeira impressão, nos sur-

prehende que um espirito de philosopho, que na investigação do universal dilectamente se compraz, se sinta á vontade numa especialidade tão restricta como é a critica litteraria. Meditar simultaneamente sobre os mais arduos dos fundamentaes problemas do espírito humano e analysar a expressão muito particularizada da indívidualidade dos auctores já seria mostra duma superior plasticidade intellectual. Mas o sr. B. Croce, nos seus ensaios criticos, procura conciliar a sua critica e a sua philosophía, forcejando sempre conforme a sua propria confissão por resolver em cada indivíduo uma questão universal. Neste dominante escopo consiste o valôr da sua critica que, logo se reconhece, tenderá mais a investigar da verdade contida na arte litteraria que da belleza expressa. Deste modo a sua critica litteraria torna-se um verdadeiro appendice pratico, de verificação demonstrativa da sua philosophia esthetica. Como tal a consideram os seus confrades italianos. que todavia vêm nelle o mais bem dotado de quantos têm exercido a critica depois de De Sanctis. O valor principal dos ensaios deste escriptor reside principalmente nas dissertações theoricas que a cada passo nelles íntercala, nas quaes o philosopho se revela em toda a sua arguta perspicácia. O que da sua critica acabamos de dizer e ainda o seu tom de severo negativismo não tem obstado a que a influencia da revista, *La Critica*, onde o sr. B. Croce principalmente como critico collabora, alastre dia a dia. Em volta della se têm disputado razões alguns dos mais bellos espíritos da Italia contemporanea e della tém partido empresas novas, collecções, novas revistas, numa potenciação de actividades.

A obra do sr. B. Croce faz-nos lembrar um velho problema, nem sempre posto com impessoal serenidade, o das relações entre a critica e a creação litteraria. De ha muito que espíritos, como Arnold, Shairp, Macaulay, Posnett, Robertson e Moulton, têm ínvestigado, com um vivo anceio de interessados, o que de creação se contenha na alta critica, fugindo assim a uma hierarchia que subalternize esta forma de actividade espiritual.

E como — sejamos francos — são numerosos na historia litteraria os triumphos do auctor sobre o critico, generalizou-se o severo prejuizo de que a critica era uma especialidade esteril e o critico um resequido espirito improductivo.

O contista Andersen, num momento de despeito, definiu-o cruelmente como «um homem que não teria emprego, se não existissem as obras que elle critica.» Ora a permanente collaboração do sr. B. Croce na revista, *La Critica*, é uma nova resposta a este problema: o seu nome terá de juntar-se á pequena lista dos criticos creadores, como Herder, Bielinsky, Taine e De Sanctis, porque a sua critica é não só obra de julgamento, mas tambem obra de creação, não levianamente prophetica, mas poderosa e suggestivamente promotora.

O sr. B. Croce é um trabalhador excepcional e tambem um inspirador de novos trabalhos, um desvelado protector de toda a energia activa, que no dominio do pensamento se affirma.

Não é esta a opportunidade de expôr e discutir as idéas deste eminente pensador, nem seriamos nós, que principalmente o conhecemos como estheta e critico, o commentador idoneo. Convinha, porêm, antepôr ao breve e luminoso resumo da sua esthetica algumas palavras de referencia, e essas, rapidas e leves, estavam ainda ao nosso alcance, porque nos julgamos um dos seus mais assiduos e dedicados admiradores em Portugal.

De longe enviamos a nossa saudação, como assiduo leitor e dedicado admirador, ao eminente pensador italiano, de quem apontaremos ainda, para nos congratularmos com esse unico traço commum, a qualidade de secretario da Sociedade Napolitana de Historia Patria...

Lisbôa, 18 de Maio de 1914.

1.º Congresso ibero-americano de Historia e Sciencias auxiliares

---

Em 1912, no 1.º vol. da *Revista de Historia,* lembrámos a convocação dum primeiro congresso historico propondo já então algumas théses, e em 1913, como se approximasse a data da celebração dos centenarios da tomada de Ceuta e da morte de Affonso de Albuquerque, propusémos em sessão da Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos a reunião desse congresso em 1915, como parte do programma das commemorações. Sendo a proposta approvada, foi encarregada de elaborar o projecto uma commissão composta dos socios, srs. Aurelio da Costa Ferreira, Edgar Prestage e nós. Em junho de 1913, foi o projecto apresentado e sendo approvado, começou desde logo a mesma commissão os trabalhos de organização, havendo obtido o concurso de muitos especialistas e eruditos, como relatores de théses, e a adhesão de algumas corporações nacionaes e estrangeiras. Circunstancias supervenientes fizeram considerar em que a protecção official, com que se contava, não seria sufficientemente efficaz; as garantias do exito tornaram-se menos seguras. Esse motivo nos levou a transformar a nossa proposta, lembrando que, visto que o Congresso tinha principalmente o intuito de propagandear a cultura historica portuguesa no estrangeiro e duma maneira geral chamar da opinião culta uma attenção de benevola sympathia, esse mesmo intuito cabalmente se cumpria, publicando um volume commemorativo, em que as primitivas théses figurássem tornadas em artigos, e de que se fizesse uma larga distribuição no estrangeiro.

Para não deixar esquecer essa tentativa dum primeiro congresso historico em Portugal, a que sem excessivo optimismo importante sentido attribuiamos, reproduzimos no presente volume o respectivo projecto [1] de que fomos relator.

PROJECTO

1.ª Secção

Theses

1.ª O estado actual das sciencias auxiliares e correlativas: (Paleographia, Epigraphia, Diplomatica, Numismatica, Heraldica, Esphragistica, Ethnographia, Geographia Historica, Anthropologia, Archeologia, Epidemologia, Indumentaria, Bibliographia, Genealogia, etc.). 2.ª O estado actual das bibliothecas, archivos e museus historicos. 3.ª A publicação dos documentos inéditos. 4.ª A construcção historica; noção de historia; da necessidade e contingencia em historia; da existencia ou não existencia de leis historicas; problemas e soluções. 5.ª A historia local; eschema duma monographia typo; mappa indicativo das localidades estudadas. 6.ª O ensino secundario e superior da historia. 7.ª O tradicionalismo historico na educação popular. 8.ª As relações scientificas dos povos peninsulares e sul-americanos. A permuta escolar. Os congressos. Registo periodico da bibliographia ibero-americana.

2.ª Secção

Historia. — Especialidades

1.ª Historia universal. 2.ª Historia de paizes estrangeiros. 3.ª Historia politica. 4.ª Historia administrativa. 5.ª Historia da Sociedade. 6.ª Historia religiosa. 7.ª Historia militar. 8.ª

---

[1] Publicado no n.º 7 da *Revista de Historia*, Lisbôa, 1913.

Historia maritima. 9.ª Historia colonial. 10.ª Historia commercial. 11.ª Historia industrial. 12.ª Historia economica. 13.ª Biographias. 14.ª Historia particular de corporações civís, militares e religiosas. Historia de classes e officios. 15.ª Historia das artes. 16.ª Historia da educação e ensino.

3.ª Secção

Historia litteraria

1.ª Bibliographia. Publicação de inéditos. 2.ª Nomenclatura e divisão chronologica. 3.ª Litteratura comparada. 4.ª Methodologia da historia litteraria. 5.ª A critica contemporanea. Problemas e soluções. 6.ª O ensino secundario e superior da historia litteraria.

REGULAMENTO

I — Composição

Art. 1.º O 1.º congresso ibero-americano de Historia e Sciencias correlativas reunir-se-ha em Lisboa, nos dias... do mês de... de 1915, como contribuição da Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos para os centenarios da tomada de Ceuta e da morte de Affonso de Albuquerque.

Art. 2.º Tem este Congresso por fim:

a) Estabelecer uma proficua approximação dos meios scientificos de Portugal, Hespanha, Brasil e paizes americanos de lingua hespanhola e dos eruditos de outras nacionalidades que versem assumptos destes paizes.

b) Averiguar a situação dos estudos historicos nesses paizes.

c) Promover accordo acêrca de assumptos de influencia determinante em futuros trabalhos.

Art. 3.º O Congresso é constituido:

a) Por historiadores, criticos e especialistas das sciencias auxiliares e correlativas de Portugal, Hespanha, Brasil e paizes americanos de lingua hespanhola.

b) Pelos eruditos referidos na alinea *a*) do artigo 2.º

c) Por delegados de academias e sociedades historicas dos paizes referidos na alinea *a*) do artigo 3.º

Art. 4.º Os congressistas dividem-se em três classes: *delegados*, representando qualquer corporação, *ordinarios* e *correspondentes,* segundo assistem ou não ao Congresso. As três classes têm direito a receber as publicações do Congresso.

Art. 5.º A inscripção faz-se durante o prazo estabelecido pela commissão organizadora, mediante o pagamento das quotas seguintes:

Congressistas delegados 5 escudos; congressistas ordinarios 2$50; congressistas correspondentes 1$20.

§ unico. Os socios da Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos são isentos de pagamento.

II — Funccionamento

Art. 6.º O Congresso terá seis sessões, assim distribuidas:

1.ª Secção, duas sessões; 2.ª Secção, três sessões; 3.ª Secção, uma sessão.

§ unico. Cada sessão poderá dividir-se em partes, diurna e nocturna.

Art. 7.º As théses são entregues dactylographadas com 90 dias de antecedencia e são impressas por ordem da commissão organizadora, em formato e corpo typographico pela mesma designadas.

Art. 8.º As theses podem ser desdobradas para terem relatores differentes, nomeadamente a 8.ª da 1.ª Secção, a 1.ª 3.ª, 5.ª e 6.ª da 3.ª Secção.

Art. 9.º A 2.ª Secção é constituida por diversas especialidades sem numero limitado de théses.

Art. 10.º As théses impressas são distribuidas 30 dias antes da abertura do Congresso, podendo os congressistas requisitar novo exemplar á mesa, durante as sessões.

Art. 11.º A duração da discussão de cada thése é regulada pelo presidente de harmonia com a extensão da ordem.

Art. 12.º Cada congressista não póde usar da palavra mais duma vez, por dez minutos, durante a discussão de cada thése.

Art. 13.º Os relatores pódem replicar a cada congressista, não usando da palavra por mais de dez minutos.

Art. 14.º São presidentes natos das sessões do Congresso:

O ministro da instrucção publica;

O delegado da Academia das Sciencias de Lisboa;

O delegado da Real Académia de la Historia de Madrid;

O delegado do Instituto Historico do Rio de Janeiro;

Um delegado hispano-americano;

O presidente da Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos.

Art. 15.º São secretarios natos do Congresso o secretario da Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos e um vogal do Conselho de Direcção.

Art. 16.º O fundo do congresso constitue-se com as quotas de inscripção e o subsidio da referida Sociedade, e é destinado á impressão das théses e do relatorio e ás despezas do expediente.

Art. 17.º Durante os dias, em que se reunir o Congresso, realizar-se-hão visitas ás bibliothecas, archivos, museus e sociedades, e excursões a monumentos e logares historicos. A organização destas visitas e excursões cabe á commissão organizadora, que fixará o seu programma 120 dias antes da abertura do Congresso.

Art. 18. Na ultima sessão fixar-se-ha a data e o local da reunião do segundo Congresso.

Programma da Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos

Os intuitos e espirito desta collectividade acham-se expressos na circular que, em Maio de 1911, a comissão organizadora distribuiu pelos eruditos portugueses, a qual segue integralmente transcripta: (1)

Ex.mo Sr.

Dispersos por varios pontos do país ou recolhidos em isolamento obstinado, existem varios profissionaes de sciencias historicas, sem o favor do publico, sem a discussão, portanto construindo benedictinamente obras que quasi passam sem exercerem acção social e sem contribuirem para o progresso dessas sciencias, como lhes cumpria. Na verdade, as sciencias sociaes, como as artes, precisam de nascer dum vivo sentimento de sympathia social, que faça reflectir no auctor as emoções do conjuncto a que pertence e no qual quer influir, por sua vez. Mas para que essa reacção se faça pela melhor fórma, segundo uma honesta convicção e forte preoccupação de ver-

---

(1) Esta circular-programa, quando foi distribuida, recebeu a honra de ser textualmente reproduzida no *Boletim Bibliographico da Academia das Sciencias de Lisboa*, fasciculo, 1, 1912, e no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*. Foi impressa duas vezes em folha solta e incluida na brochura dos estatutos da *Sociedade*, 1915. Corre assignado tambem pelos srs. Christovam Ayres, David Lopes e J. Leite de Vasconcellos, que com o relator formaram a comissão organizadora da *Sociedade*.

dade, é necessário que ella seja não sómente a obra dum espírito, mas o producto solidario dum meio, superiormente comprehendido pelo auctor. Tambem outro elemento, o meio scientifico, concatenação systematica dos mais dispares esforços, corpo organizado de olheiros á espreita da insinceridade e da precipitação imcompetente, tambem esse meio não existe. E assim, sem um crivo rigoroso de critica, sem experimentarem a reacção animadora e orientadora da discussão esclarecida, os auctores vão construindo e perseverando nos erros e deficiencias, que aquella, logo no principio da sua carreira, lhes poderia ter evidenciado. Quantos auctores portugueses chegaram a edade avançada ou passaram, sem que a sua obra lograsse uma vista critica de conjuncto, que os esclarecesse, a elles proprios, das inclinações e insufficiencias, vendo-os por aquelle prisma de objectividade que só dá a vista alheia!

Foi a consideração deste facto que suggeriu aos signatarios a idéa da fundação duma Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos, que seria a congregação de todos esses esforços dispersos e que asseguraria a cada auctor, mediante uma minima quotização, *publicidade, publico* e *discussão critica.* Para ella convidamos V. Ex.ª

Parece superfluo fazer o elogio da historia e da sua funcção social. Todavia pedimos licença para lembrar que o incremento dos seus estudos, durante o secule XIX, se tornou a feição intellectual predominante desse seculo, determinando conseqúencias moraes e sociaes tão profundas como as da sciencias naturaes do seculo XVIII, tendo essas consequencias ainda o merito, muito para reconhecer, de serem um correctivo ás do referido seculo XVIII. Com effeito, o racionalismo, essa concepção unilateral do mundo e da vida, e mais do mundo que da vida, que queria construir uma norma moral e uma organização social sobre os elementos das sciencias, fundava-se na crença numa verdade objectiva, impessoal e intemporal, simples coordenação das sensações elaboradas, já destrinçadas dos

seus elementos subjectívos. E' que o racionalismo, erradamente, alargava o seu ambito e o seu ponto de vista aos factos sociaes, que requerem, para o seu estudo, um methodo inteiramente vario e um modo de vêr diametralmente opposto, o humano. Por isso falliu a tentativa duma sociedade racional, que a Revolução Francesa intentou edificar. E tanto este facto foi considerado que K. Marx e os seus discipulos, quando defendem as suas reivindicações reformistas, baseiam-nas, procuram justificá-las com uma determinada concepção historica. Essa concepção, vulgarmente designada por materialismo historico, que era na essencia um alargamento do quadro das determinantes historicas, além das politicas, unicas geralmente acceitas, teve a importancia excepcional de se tornar base de toda uma discussão sobre a theoria da historia, de forma que póde bem dizer-se que o materialismo historico tem tambem já hoje a sua historia.

O principal serviço da historia foi, pois, a modificação do criterio applicavel aos phenomenos sociaes, e disso se preoccuparam particularmente os historiadores franceses do romantismo, quando procuraram explicar — avaliar, ás vezes, — a Revolução Francesa, não pelo confronto hybrido com abstractos principios, que estavam em opposição com a vida, mas pelas causas tambem humanas, pelas variações temporaes da sociedade, complexo conjuncto de individuos, com as mais exigentes necessidades e as mais variadas inclinações. Em breve, a convicção se alargára; comprehendêra-se que ás coisas humanas, mais do que a nenhumas outras, se tinha de applicar um criterio dynamico e temporal, um methodo psychologico que attendesse ás causas finaes, que procurasse sobretudo explicar, e menos avaliar, deixando essa tarefa aos reformadores. A' idéa, melhor, ao sentimento de insensato çosmopolitismo, que durante o seculo XVIII, inquinára a vida dos povos, veio succeder o sentimento nacional e o reconhecimento do modo de ser moral e social caracteristico de cada povo, devendo-se, pois,

na politica e na administração, construir não sobre bases ideaes, mas sobre reaes e especificas condições nacionaes. Seria redundancia escusada encarecer, perante o espirito de V. Ex.ª, a parte gloriosa que teve a historia nesse trabalho innovador. Comtudo, nós lembramos que á politica da Inglaterra e da França grandes nomes deu a historia, como Macaulay, Guizot e Thiers, e que a Allemanha seria talvez ainda hoje apenas uma aspiração a congregar os multiplos estados fragmentarios que a compõem, e não uma poderosa realidade, uma grande fôrça na sciencia, na arte, na industria, no commercio e na politica, se nessa grande obra não houvessem collaborado, tão franca e concertadamente, os seus grandes historiadores. Quando se percebeu que as invasões de Napoleão, provocando a defeza nacional e não uma simples guerra politica, haviam despertado o sentimento patrio, os historiadores, herdando esse sentimento, transformaram-no em systema politico, fundamentaram-no, dando assim justificação á politica dos Hohenzollern. E essa conjuncção, esse parallelismo encontra-se mesmo num espirito, no barão de Stein, que foi, simultaneamente, o fundador da politica nacionalistica e o creador da escola historica allemã. Então congregaram-se, convictos da efficacia da reunião dum meio especial, e em 1819 fundava-se a Sociedade Historica, á qual pertenceram, entre muitos outros, os nomes gloriosos de Dahlmann, Niebuhr, irmãos Grimm, Heerer, Pertz, Savigny, irmãos Schlegel, Schlösser e Raumer. Tambem a Rumenia, no movimento de nacionalismo e de progresso que mostra, fundou uma Sociedade Historica, recentemente.

Mas outro serviço prestou a historia. Ha noções e sentimentos proprios duma epocha e que com ella passam, mas outros ha tambem que, posto que appareçam em momentos historicos muito distantes, são definitivos, vão encorporar-se na parte mais profunda, mais estavel e mais nobre da psyche humana, estadio já attingido para o ideal de virtude, que está no fim de todas as nossas luctas e meditações. Uma das

idéas novas, que revolucionaram a intelligencia humana e o methodo de todas as sciencias, foi a de evolução. Pois os historiadores desvanecem-se com justificado orgulho de que foram elles que mais a demonstraram e confirmaram. Nascêra como conclusão simultanea da biologia, com os trabalhos de Wolff e Baer, da psychologia com Spinosa, Hartley, e James Mill, da historia com Montesquieu. Os historiadores allemães e franceses confirmaram-na; seguidamente Darwin alargava-a em biologia, operando essa transformação, de que bem podem ufanar-se os que escrevem historia, porque não foi mais do que a applicação do espirito historico á biologia: comparações, inducções, desenvolvimento no tempo, filiação causal. Por ultimo, Spencer, tirando as suas ultimas consequencias generalizou-a como concepção geral do universo, e, actualmente, pensadores subtis procuram discernir a diversificação que ella deve soffrer, quando considerada na historia, quando considerada na natureza. O principio de evolução reina hoje, como hypothese que dia a dia se vae estabilizando, entrou já na educação e na moral, e ai dos espiritos cujo funccionamento se dispensa desse elemento precioso!

Mas ha mais. O caracter fundamental da verdade historica é ser approximativa, uma aspiração portanto, um ideal sempre que se procura attingir, e ser relativa ao tempo, uma verdade temporal, que não pode ser aferida pelas repetições. Emquanto as sciencias mathematicas e naturaes, abstrahindo totalmente do tempo, chegam, só considerando relações espaciaes, a uma exactidão irrefragavel, mas affastando-se cada vez mais da realidade, de forma que se pode dizer que precisão e realidade se repellem e contradizem entre si; a historia, renunciando á precisão, que conduz á previsão, aspira á maxima realidade, que é a representação concreta, quasi visual do passado. Ora este caracter da historia põe-se de accordo com a philosophia contemporanea, uma philosophia que, contra a superstição obcecante da sciencia, faz a apologia da vida, no

seu conteúdo complexissimo de sentimentos, de volições, de inconsciente e tambem de sciencia, mas não só della. E como foi que o espirito tomou uma attitude nova ante os problemas sociaes, senão reconhecendo que, para influir na vida, era preciso considerá-la na realidade maxima, no seu conjuncto riquissimo? Se a sociedade racionalistica falliu, foi porque ás formulas abstractas da razão se oppôs a vida, se oppôs o peso impulsivo de experiencias inconscientes, já elaboradas em sentimentos e tradições, se oppôs até mesmo essa contradicção, essa incoherencia, que á sciencia repugna, mas que é, condição da vida, que a biographia e a historia, passo a passo, vão verificando. Nasceram então os estudos da hereditariedade physiologica e psychologica, comprehendeu-se a génese do direito. Ainda o espirito historico a invadir e a dominar.

A historia, sciencia da vida, está, pois, de accordo com a metaphysica contemporanea, philosophia da vida, com Bergson, com William James; historiadores ha que se dizem bergsonistas, como Sorel.

Estas circunstancias expostas têm implicito o serviço principal que póde prestar, entre nós, uma reviviscencia dos estudos historicos: propagar, em opposição ao rigido e estreito racionalismo dominante, uma nova attitude mental na educação, na moral e na politica, a attitude historica. Emquanto o legislador racionalista extrahe da sua propria consciencia os elementos da sua construcção, o legislador historico, mais objectivo, vê na sociedade um corpo vivo, *sui generis,* que a si mesmo se determina, e em que a intervenção pessoal só é acceita, quando se conjuga com as proprias correntes, e que, ou esmaga essa intervenção, ou se desorganiza, quando do encontro resulta conflito. É por isso que os estadistas, predominantemente subjectivos, como entre nós o marquês de Pombal, vêem gorar-se a sua obra. Em que consiste, porem, essa attitude historica? Consiste, resumidamente, em procurar

nos phenomenos sociaes, *considerados em successão, em serie,* na qual cada termo determina o seguinte e é determinado pelo antecedente, e nunca considerados isoladamente, consiste em procurar nelles a verificação do principio de causalidade, causalidade procurada principalmente nos phenomenos psychologicos, intellectuaes e sentimentaes, como resultante, é claro, de muitos outros, os quaes, considerados, prolongariam a serie até aos proprios limites do conhecimento. É sabido que o principio de causalidade assenta na necessidade que a consciencia tem de reconhecer nas coisas um fio de continuidade essencial, de forma que veja em cada coisa, não sómente a derivada, mas a sequencia da outra. E esta idéa de causa, provou-o Hume, não a possuimos, nem por dedução, nem por experiencia, mas sómente por uma disposição da consciencia. Na verdade só conhecemos aquillo, onde é possivel alguma relação — verificado como está que o nosso conhecimento é essencialmente relacional —; e as propriedades, pelas quaes os corpos se nos dão a conhecer, que são senão encontro, relações entre elles, em que uns são antecedentes, consequentes os outros, ou como a propria consciencia estabelece, causa uns, effeitos outros? As proprias condições do conhecimento nós levam a affirmar que só sabemos, que só comprehendemos dois phenomenos, quando conseguimos encontrar entre elles alguma intima connexão. Sabido o valor psychologico da idéa de causa, o principio de causalidade toma a significação duma hypothese, appoiada em grande extensão pela successão causal que podemos presenciar, mas inverificavel definitivamente, visto que pela experiencia nunca presencearemos a continuidade, que desejamos, para além dessa extensão conhecida, e que a consegui-lo, não poderiamos repeti-la nas condições exactas em que a observáramos.

Nenhuma sciencia, como a historia, póde propagar a nova theoria do conhecimento, e nenhum país precisa tanto, como o nosso, que a sua sciencia, a sua arte, as suas classes médias

integrem a sua productividade e a sua actividade nos grandes problemas da philosophia. Agora ter espirito critico, isto é, procurar a verificação do criterio de verdade, não é já procurar a evidencia, mas a coherencia entre as representações, e coordená-las harmonicamente num grande conjuncto, numa concepção superior do universo. Que aquellas determinam variações nesta é indiscutivel, porém que esta, como conjuncto superior, influa naquellas, é que merece uma defeza especial. A analyse é base indispensavel da synthese; mas é um erro o suppor-se que esta só deve começar-se, quando aquella terminar, é um erro que a historia da sciencia e o proprio funccionamento do espirito contradizem; ambas as operações são solidarias, cada uma suppõe a outra. Nós não concebemos as coisas senão como partes, e é o serem partes relacionaes que nos reclama a attenção para ellas; como havemos, pois, de abstrahir do nosso interesse por ellas? O todo, que ellas formam, é a vista de conjuncto, a synthese, que acompanha, que guia a vista parcial, a analyse. Mas a historia é rica demais para que, facilmente, se esgote a enumeração dos seus recursos.

Devemos ainda apontar a importancia educativa, que ella merece como factor poderoso na formação psychologica. Quando em Portugal se fizer instrucção educativa, quando, pelas varias disciplinas, se regularizarem, se complicarem e intensificarem as funcções psychologicas, a historia ha de occupar logar eminente na educação. Perante a consciencia do homem moderno, a consciencia do português medio encontra-se como que num estado de menoridade, falho, como ella está, dos sentimentos e idéas, que a cultura scientifica e philosophica e a educação têm produzido. Poucas sciencias poderão, como a historia, desenvolver a abstracção, que tão preeminente papel desempenha na elaboração do conhecimento scientifico, desde as suas formas inferiores, como a abstracção sensorial e a attenção; e nenhuma, como ella, poderá dar ao individuo a indispensavel coloração nacional, que deve apre-

sentar quem pertence a um conjuncto com caracteristicas feições differenciaes.

Considerada, pois, a alta funcção social e a opportunidade dos estudos historicos, urge que na sua restauração e modernização se empenhem os que a elles se dedicam, em Portugal, congregando os seus esforços num intuito commum e com a multiplicação de vantagens, que dá a associação: publicidade por meio duma revista de especialidades, publico esclarecido e discussão sincera. Do espirito, que desejamos anime essa Sociedade, cremos elucidar V. Ex.ª com a seguinte transcripção do projecto dos seus estatutos:

A — Fins:

a) activar os estudos historicos, mormente os nacionaes;
b) contribuir para que seja melhorado o ensino educativo da historia e o seu ensino superior;
c) promover a ampliação do nosso ambiente scientifico, trazendo á discussão os modernos problemas das sciencias historicas;
d) concorrer para que se estreitem as relações desse ambiente com as sociedades, academias e altas individualidades scientificas estrangeiras.

B — Meios:

a) as sessões periodicas;
b) a publicação duma revista;
c) a conferencia e a leitura publica;
d) a divulgação das fontes originaes;
e) a collaboração com as instituições congeneres ou affins e com as escolas, que tenham represen-

tação do ensino superior da historia e sciencias correlativas;

f) os congressos;

g) as relações com o poder central.

É para esta tarefa gigantesca, apesar de pouco ruidosa e desacompanhada do applauso da multidão, que vimos sollicitar a cooperação de V. Ex.ª.

A Hespanha e a alta cultura intellectual [1]

A « Junta para Ampliacion de Estudios »

Em 1912 falou-se repetidamente na creação do ministerio da instrucção, com alguns fundamentos a considerar. Um regimen nôvo, ancioso de reformar e modernizar, não podia deixar de pensar nessa creação, que tinha toda a apparencia de gosto pela cultura e de respeito pelas reivindicações duma classe. Havia tambem o motivo politico; pretendia-se que o ensino devia ser democratizado, no seu espirito civico. Muito tempo havia que, com razão, se affirmava que a administração burocratica e technica do ensino não podia ser attentamente praticada, sem que fosse separada da administração politica. Vindo ao encontro desta corrente de opinião alguns projectos parlamentares appareceram e alguns nomes foram indicados nos centros politicos. Só em julho de 1913 esse ministerio se tornou um facto.

Para contrapôr á forma por que, em Portugal, se comprehendeu a funcção desse ministerio, durante a situação politica dum governo demagogico, é ainda de opportunidade a noticia, que em 1912, publicámos na *Revista de Historia*, em que davamos conta duma iniciativa do ministerio da Instrucção Publica e Bellas Artes, de Hespanha. Reproduzindo-o hoje, abonamos com

---

(1) Publicado na *Revista de Historia*, n.º 4, Lisbôa, 1912.

um exemplo bem illustrativo a opinião por nós exposta, no artigo sobre ensino secundario de que o problema da preparação do pessoal docente é um problema prévio, que a todo outro se antepõe, necessariamente anterior a qualquer reforma, e de que urge entrar em estreitas relações com os meios scientificos estrangeiros.

Tendo-se verificado em Hespanha quão escassos eram os resultados obtidos com as reformas da educação e do ensino e havendo-se considerado nos exemplos e na experiencia de outros paizes, uma corrente de opinião culta se formou, que assentava sobre os seguintes principios: todo o plano reformador abortará, se não contar de ante-mão com um pessoal idoneo para o pôr em execução; todo o plano reformador se deve pôr em pratica com lentidão e continuidade, procurando-se sempre subtrahi-lo ás consequencias deleterias das oscillações politicas e ás paixões partidarias; todo o paiz que se isola do convivio intellectual dos outros povos verá estancarem-se as suas fontes de productividade.

Em 11 de janeiro de 1907, o ministro da Instrucção Publica, D. Amalio Gimeno apresentava ao rei uma exposição em que eloquentemente defendia estes principios e propunha a creação duma corporação permanente com o fim especial de attender a taes reclamações da opinião culta e a taes indicações da experiencia. A 22 do mesmo mês e anno, data já hoje memoravel na historia intellectual da Hespanha — era assignado um decreto que creava essa corporação. Foi ella a *Junta para ampliacion de estudios e investigaciones cientificas*, á qual se attribuia um complexo programma de trabalhos, todos elles tendentes a activar a formação dum novo pessoal docente, a auxiliar o actual no exercicio da sua missão, a proteger as investigações scientificas e a contribuir para a organização dum meio propicio, a fomentar as relações desse meio com o estran-

geiro e a promover a fundação de instituições educativas para influir sobre a juventude escolar. Era, como se vê, todo um plano de renovamento scientifico.

A junta constituiu-se pouco depois da sua creação official, sob a presidencia da figura scientifica talvez mais prestigiosa de Hespanha, D. Santiago Ramon y Cajal e com o concurso de individualidades bem conhecidas, como D. Gumersindo Azcarate, D. José Echegaray, D. Amalio Gimeno, D. Eduardo de Hinojosa, D. Ramon Menendez Pidal, D. Adolfo Alvarez Buylla, D. Ignacio Bolivar, D. Julian Calleja, D. José Casares Gil, D. Victoriano Fernandez Ascarza, D. José Fernandez Gimenez, D. José Marvá, D. Marcellino Menendez y Pelayo, D. Julion Ribera y Tarragó, D. José Rodriguez Carracido, D. Vicente Santamaria de Paredes, D. Luiz Simarro, D. Joaquim Sorrola, D. Leonardo de Torres Quevedo, D. Eduardo Vicenti, D. José Castallejo e D. Francisco Lopez Acebal, no total vinte e três membros escolhidos sem attenção a crença religiosa ou partido politico.

Como era forçosamente necessario para o bom exito da Junta, a sua creação foi acompanhada duma dotação pecuniaria. Em 1907 era essa dotação de 300.000 pesetas, em 1908 foi acrescentada de 190.000, em 1909 e 1910 de 225.000, e no orçamento de 1911 foi consignada a quantia total de 775.500 pesetas.

Por que meios empregou a Junta os seus esforços, francamente protegidos quer pelo estado quer pelas diligencias particulares, para realizar o seu vasto programma? Dentro de Hespanha, a Junta tem buscado principalmente fomentar as investigações, aproveitar e agrupar as forças uteis em cada ordem de trabalhos, preparar o pessoal qne ha-de ser enviado ao estrangeiro e fornecer ao que regressa os meios de trabalho necessarios. Para isso, foram creados em 1910 o *Instituto Nacional de Ciencias Fisico-Naturales* e o *Centro de Estudios Historicos.* Os fins do *Instituto* são claramente registados no artigo 2.º do

decreto que o creou. « Os fins deste agrupamento serão favorecer o cultivo, em nossa patria, das referidas sciencias, em especial, mediante publicações, excursões e trabalhos de laboratorio, dirigidos por especialistas competentes, procurando assim a formação de um pessoal dedicado ás investigações e offerecendo aos que intentem ampliar estudos no estrangeiro meios para uma preparação adequada, e aos pensionados, que regressem, occasião de continuar os seus trabalhos e pô-los ao serviço da cultura do paiz ». Do *Centro de Estudios Historicos* adeante daremos noticia mais desenvolvida. Tambem em 1910 se publicou um decreto sobre as relações scientificas de Hespanha com a America hespanhola, no qual se recommendavam especialmente os fins seguintes, que reproduzimos integralmente do decreto real:

«1.º — Outorgar aos estudantes americanos certo numero de lugares nos centros de estudos e investigação, nos institutos de educação que a *Junta* dirija em Hespanha e nas escolas hespanholas que funde no estrangeiro.

2.º — Dar facilidades para que aquelles estudantes possam utilizar as Instituições de Patronato que para os nossos se organizem nas principaes nações européas e o serviço de informação encommendado á *Junta*.

3.º — Enviar á America pensionados para fazer estudos, e delegados a quem encommende a obra de propaganda e informação, e o estabelecimento de relações entre a juventude e o professorado daquelles paizes com os do nosso.

4.º — Estabelecer a permuta de professores e alumnos.

5.º — Favorecer em Hespanha a publicação de obras scientificas sobre America (instituições sociaes e politicas, direito, historia, fauna, flora, arte, industria e commercio, etc., especialmente como resultado dos trabalhos dos pensionados.

6.º — Fomentar a troca das publicações da *Junta* com as de outras entidades scientificas americanas.

7.º — Fazer em Hespanha alguma obra de propaganda e vulgarização.»

Uma *Associação de laboratorios* concentra os apparelhos e todos os elementos dispersos por dependencias do Estado para os pôr á disposição dos investigadores.

Mas a sua acção tem-se tambem exercido no estrangeiro, aonde tem enviado pensionistas. Já desde 1901 a Hespanha enviava pensionistas ao estrangeiro, portanto já anteriormente á criação da *Junta*, em 1907; mas por influencias desta tornou-se essa sahida de pensionistas mais frequente e a escolha dos enviados successivamente mais apurada e cuidadosa, através de ensaios differentes. Como se diz no opusculo publicado pelo Ministerio de Instrucção Publica, a «selecção das pessoas não depende já dum exame momentaneo e puramente intellectual, nem de um concurso de méritos officiaes, mas dum juizo para o qual concorrem complexas circumstancias individuaes de ordem scientifica e moral, de aptidão e vocação, e considerações objectivas de ordem social e pedagogica.» A pensão deixou de ser fixa, a sua duração depende das circumstancias especiaes de cada caso, como a quantia da pensão, e a materia; a epoca e os paizes são da escolha do pensionista, com sancção da *Junta*.

Em contínuas relações com a *Junta*, o pensionista recebe instrucções, informações e facilidades e envia-lhe noticias dos seus trabalhos, integrando a sua actividade no plano da *Junta* e contribuindo, como elemento de propaganda, para as relações intellectuaes, que são tambem um dos fins da *Junta*. Aos Congressos internacionaes envia delegados, e aos paizes americanos, de lingua hespanhola, para o estudo de variados problemas; projecta a publicação de livros sobre a America e offerece aos estudantes hispano-americanos alguns lugares nos estabelecimentos scientificos de que a *Junta* dispõe na Hespanha e no estrangeiro. Em Janeiro de 1911, a *Junta* abriu a Escola Hespanhola em Roma para estudos historicos e archeologicos, e concentra na sua séde informação cuidada de toda a vida académica nos principaes centros escolares do mundo.

Completam esta vasta obra uma Residencia em Madrid, para onde as familias poderão enviar os seus filhos em condições de moral e hygiéne, e com auxilios muito favoraveis aos seus estudos; e um Patronato de estudantes para facilitar a sahida de pensionistas para o estrangeiro e organizar instituições de protecção á colonia escolar hespanhola no estrangeiro, bem como auxiliar os professores e estudantes estrangeiros que acorrem a Hespanha.

Até á data da publicação do opusculo, cujo suggestivo conteudo aqui expômos, por iniciativa da *Junta,* tinham sido enviados ao estrangeiro 170 pensionistas, entre professores e estudantes. Estas pensões tiveram duração muito varíavel entre dois meses, das quaes houve 10 e mais dum anno, de que só houve 4. O maior numero foi de um anno, de que houve 65.

Os paizes, para os quaes foram enviados esses pensionistas, são os seguintes: França, 91; Allemanha. 65; Italia, 43; Belgica, 36; Inglaterra, 23; Suissa, 19; Austria, 10; Hollanda, 7; Estados Unidos, 3; Marrocos, 2; Russia, 2; Dinamarca, 1; Noruega, 1; Monaco, 1; Ruménia, 1; Servia, 1; Bulgaria, 1; Bosnia, 1; Turquia, 1; Egypto, 1; Asia Menor, 1.

E' para notar com estranheza que Portugal, paiz vizinho, com tantas affinidades linguisticas, não tenha merecido á *Junta* a deferencia dum pensionista. Sem ter o legitimo orgulho nacional de affirmar que na sciencia portuguesa houvesse que aprender para algum pensionista, affirmamos com certeza que muitos elementos se offereciam em Portugal de consideração para os estudiosos hespanhoes. O Archivo Nacional encerra muita documentação de interesse para Hespanha, ainda por publicar, e a nossa litteratura muito campo de estudo offerece á critica comparativa.

Estas pensões tiveram os seguintes objectos de estudo: direito, 21; medicina, hygiene e veterinaria, 19; sciencias exactas, physicas e naturaes, 22; engenharia e ensino technico, 7;

sociologia, economia e finanças, 21; bellas artes e artes industriaes, 19; philosophia e psychologia, 8; historia e geographia, 14; pedagogia e ensino primario, 26; philologia e litteratura, 8; commercio, 5.

A parte que se refere ao Centro de Estudos Historicos, porque é sobremaneira interessante para os socios e assignantes da *Revista* e porque era difficil resumir esse capitulo, já na redacção hespanhola muito conciso, reproduzimo-la integralmente:

— « A sua criação foi proposta pela Junta no 1.º de agosto de 1907 e levada a cabo pelo decreto real de 18 de março de 1910, referendado pelo snr. Conde de Romanones. Segundo este decreto real, o Centro de Estudos Historicos é encarregado especialmente:

1.º De investigar as fontes, preparando a publicação de edições criticas de documentos ineditos ou defeituosamente publicados (como chronicas, obras litterarias, cartularios, foraes, etc.), glossarios, monographias, obras philosophicas, historicas, litterarias, philologicas, artisticas e archeologicas.

2.º De organizar missões scientificas, excavações e explorações para o estudo de monumentos, documentos, dialectos, folklore, instituições sociaes e, em geral, quanto possa ser fonte de conhecimento historico.

3.º De iniciar nos methodos de investigação a um reduzido numero de alumnos, fazendo que elles tomem parte, quanto seja possivel, nas tarefas acima enumeradas, para o qual organizará trabalhos especiaes de gabinete.

4.º De se pôr em communicação com os pensionistas que, no estrangeiro ou dentro de Hespanha, façam estudos historicos, para lhes prestar auxilio e recolher ao mesmo tempo as suas iniciativas e preparar aos que se encontrem em condições, trabalho e meios para que prosigam os seus trabalhos, quando regressarem.

5.º De formar uma Bibliotheca para os estudos histori-

cos e restabelecer relações e troca com analogos centros scientificos estrangeiros».

O Centro conseguiu installar-se no Palacio de Bibliothecas e Museus, utilizando parte do local occupado pelo Museu de Sciencias Naturaes. A communicação immediata com a Bibliotheca Nacional e com o Archivo Historico suppõe grande economia de tempo e grande material de estudo.

Alêm da sala geral de leitura e dos depositos de livros, começou o Centro a organizar gabinetes especiaes de trabalho, aonde se levam os livros, manuscriptos, mappas, collecções de photographias e os demais elementos, para cada assumpto necessarios. Ha tambem em formação uma pequena officina auxiliar de photographia. Convidou a *Junta* para dirigir os trabalhos nas differentes secções aos snrs. D. Rafael Altamira, D. Miguel Asin, D. Joaquim Costa, D. Manuel Gomez Moreno, D. Eduardo de Hinojosa, D. Marcellino Menendez y Pelayo, D. Ramon Menendez Pidal y D. Julian Ribera.

A enfermidade do snr. Costa impediu-o de emprehender os seus trabalhos, e a sua morte privou a *Junta* e a cultura patria duma força por muito tempo insubstituivel. Eis os trabalhos annunciados e o resumo do trabalho realizado durante o primeiro anno:

« *Secção 1.ª — Instituições sociaes e politicas de Leão e Castella*, sob a direcção de Êduardo de Hinojosa. Edição da collecção critica de diplomas publicos e privados dos seculos IX ao XII.

Nesta secção se hão escolhido e copiado no Archivo Historico e Nacional os materiaes ineditos de maior interesse que alli se conservam. Fez-se a exploração methodica dos cartularios e documentos soltos procedentes das igrejas e mosteiros de Leão e Castella (cartularios de Celanova, Sobrado, Sehagun, os da Ordem de Santiago, em Leão e Castella, Aguilar de Campás, Santa Maria del Puerto, os dois da igreja de Toledo, etc.; documentos soltos das collecções de Celenova, Sobrado, Sehagun, Aguilar de Campáo, os sete tomos de pergaminhos da igreja de

Lugo, os de Melon, Pamos, Osera, Meira, San Marcos de Leon, Carvajal, Sandoval, Oña, etc.); os alumnos copiaram não só os documentos que tinham de ser incluidos na publicação, mas muitos outros, que podem servir para os illustrar e que offerecem material scientifico para os exercicios praticos; fez-se a analyse dos documentos e a selecção dos mais typicos entre a massa consideravel dos revistos, e depois de elaborados os materiaes assim reunidos, pôde-se começar a publicação, que comprehenderá não só documentos ineditos mas tambem outros publicados já, a maior parte delles em collecções pouco accessíveis.

Uma introducção historica e as notas darão idéa da importancia e do conteúdo dos documentos.

No curso proximo trabalhar-se-ha nesta Secção sobre as instituições juridicas e politicas visigothicas, desde a invasão até meados do seculo XIII.

Secção 2.ª—Trabalhos sobre arte medieval hespanhola, sob a direcção de D. Manuel Gomez Moreno.

O programma annunciado em abril comprehendia:

Preliminares: Arte asturiana, cordovesa e toledana na alta idade média. Architectura leonesa no seculo X. Codices, marfins, bronzes, marmores etc.; com caracter mosarabe. Degeneração no seculo XI. Sobrevivencias. Renascimento artistico, estranho ao influxo francês, no tempo de Fernando I. O elemento indigena entre os estylos imitados em França. Architectura de ladrilho em Castella. Arte mourisca.

Começou a preparação dos trabalhos em Madrid, recolhendo dados dos edificios sul-romanicos christãos de Hespanha, revendo o que havia escripto acêrca da materia e apontando as analogias entre a arte hespanhola e a oriental na idade média primitiva, as caracteristicas da arte cordovesa do califado e as da arte mourisca em Castella.

Seguidamente, emprehendeu-se a excursão, que começou por Toledo, estudando todos os edificios anteriores ao periodo

ogival; depois as comarcas de Valladolid, Valencia, Leão e Orense, visitando todas as suas igrejas, attribuidas á primeira parte da idade media; e logo a Pontevedra, Santiago de Compostela, Coruña e muitos outros pontos da Galliza. Continuou nas Asturias, onde se acharam muitas obras pre-romanicas mal conhecidas; explorou-se logo a provincia de Santander e terminou com a visita da Cogolla e S. João da Peña, dedicando a ultima parte do verão a revelar chapas photographicas e a desenvolver planos e secções dos edificios visitados. Reuniram-se os materiaes em tres grupos: arte visigothica, arte asturiana e arte mosarabe, sendo este ultimo o mais completo, interessante e desconhecido.

Desde outubro que se começou a preparação de monographias illustradas de 30 igrejas e vestigios de obras estudadas durante o verão, e explorações complementares em Zamora, Soria, Portugal, Extremadura e Andaluzia.

Os primeiros meses foram occupados em traçar perspectivas isometricas e desenhos dos edificios mosarabes explorados. Em dezembro organizou-se a excursão á Extremadura e Andaluzia, mas convidado entretanto o Centro a prestar o seu concurso para a exposição archeologica de Roma, decidiu-se abeirar o estudo das nossas ruinas e peças de arte classica mais ímportantes.

Com effeito, obteve-se uma grande collecção de photographias, na sua maior parte ineditas, cujas ampliações, juntamente com as reproducções em gesso que se mandaram fazer em crescido numero, um plano da Hespanha romana e outro de Numancia, para os quaes prestou o seu concurso D. José R. Mellida, e algumas outras reproducções, figuram actualmente na dita exposição. Redigiu-se um catalogo desta remessa, cuja parte principal illustrada se publicará brevemente, e ficam por completar os estudos sobre architectura hispano-romana.

Reatando os trabalhos do curso, foram-se preparando monographias das igrejas mosarabes, com as illustrações correspon-

dentes, a fim de imprimir um repertorio completo das mesmas. Será esse o trabalho primordial do anno proximo.

Secção 3.ª — Origens da lingua hespanhola, sob a direcção de D. Ramon Menendez Pidal. Estudos philologicos dos primeiros monumentos da lingua nos diversos dialectos, leonês-castelhano e aragonês, para a publicação de uma Chrestomathia do hespanhol antigo.

Os trabalhos em Madrid consistiram principalmente na selecção critica e copia de documentos diplomaticos existentes no Archivo Historico Nacional. Era preciso reunir amostras sufficientes de diplomas redigidos em todas as regiões da Hespanha, e, como no citado Archivo ha algumas lacunas consideraveis, faltando documentos da Andaluzia, Estremadura, Salamanca, Segorbe, etc., teve de se proceder á sua busca por meio de photographias pedidas aos Archivos dessas regiões. A Burgos e Huesca, por causa da importancia especial destes centros, foram enviadas missões especiaes, que foram fecundas de resultados. O fructo desses trabalhos foi achar documentos dos seculos XI e XII e primeiras décadas do XIII em quantidade que se não esperava, visto acreditar-se geralmente que os diplomas em romance só abundavam desde o tempo de S. Fernando (1230).

Sobresahem pelo seu interesse varios documentos em letra gothica do seculo XI, procedentes de Leon, Oña, Huesca, etc., e as pazes de Cabreras entre Affonso VIII e Affonso IX, dos quaes se teve a fortuna de achar um novo texto no Archivo da Corôa de Aragão, que completa o mutilado da cathedral de Leão, unico que Risco conheceu para a edição que desse tratado de pazes deu na *España Sagrada*.

A estes primitivos documentos se accrescentaram outros do seculo XIV e XV, que permittiram estudar a lingua diplomatica durante toda a idade média.

No total, recolheram-se uns 700 diplomas de interesse linguistico, copiados segundo as exigencias da philologia, os quaes

se publicarão em dois volumes, cuja impressão já está a correr.

Tambem se trabalhou sobre textos litterarios, especialmente sobre o auto dos Reis Magos, as Glosas Silenses, o Arcipreste de Hita, o Rimado de Palacio, os discursos politicos do rei Martim de Aragon e as obras de Juan del Encina. Fez-se ainda uma excursão philologica ás provincias que formavam o antigo reino de Leão, distribuindo o territorio entre o professor e quatro alumnos, fazendo cada um a sua exploração particular, e acompanhando o professor a cada um delles durante uma parte do campo que a cada fôra reservado. Com os dados recolhidos puderam-se fazer as delimitações phoneticas de mais interesse, ficando quasi preparado para a publicação um mappa linguistico do antigo reino leonês.

Secção 4.ª — Estudos sobre Frei Luiz de Leon, sob a direcção de D. Marcellino Menendez y Pelayo. Edição critica, commentario e analyse litteraria das suas obras poeticas.

Nesta secção o professor ainda não pôde dar começo aos seus trabalhos.

Secção 5.ª — Methodologia da historia: trabalhos de seminario, sob a direcção de D. Rafael Altamira. Formação dum plano de investigações e um programma do ensino da historia da Hespanha no seculo XIX.

O trabalho desta secção foi o seguinte:

a) Trabalhos communs de investigações de methodologia e critica sobre livros geraes e monographicos de Historia contemporanea; bibliographia desta Historia; ordenação de verbetes; determinação de documentos e archivos que a deveriam aproveitar; discussão dos trabalhos realizados pelos alumnos da Secção, no estudo dos seus respectivos themas, e exame das principaes questões relacionadas com o ensino da historia hespanhola, a partir do seculo XIX, nas escolas e institutos.

b) Trabalhos especiaes monographicos, feitos sob a direcção do professor, por varios alumnos da secção sobre os se-

guintes themas: Os afrancesados na Andaluzia; Zamora no tempo da guerra da Independencia; Fernando XII em Valencia; recepção que lhe fez a cidade e preparação dum golpe de estado (1813). A ideia de tolerancia na legislação e nos costumes dos primeiros annos do seculo XIX; pedagogos hespanhoes do começo do seculo XIX; as constituições politicas da Hespanha. Em relação com estes themas, fizeram-se investigações documentaes no Archivo Historico Nacional, Deposito de Guerra, Bibliothecas do Palacio, Nacional, do Senado, do Congresso, da Academia, da Historia, da Faculdade de Philosophia e Lettras, etc. e alguns archivos particulares. Realizaram ainda excursões a Cordova, Sevilha e Segovia alguns alumnos para buscar e estudar, nos archivos officiaes e particulares das principaes povoações e no de Guerra de Segovia, documentos indispensaveis para o conhecimento dos themas que se tinham proposto estudar.

Destes trabalhos resultará a publicação de algumas das monographias referidas, que se consideram já em condições para serem impressas e que conterão documentos ineditos.

Secção 6.ª — Investigação das fontes para a historia da Philosophia arabe-hespanhola, sob a direcção de D. Miguel Asin y Palacios. — *A Logica* — Edição critica do tratado de Abentumlús de Aleira (Seculos XII e XIII), segundo o codice unico, numero 649 da Bibliotheca do Escurial.

Secção 7.ª — Investigação das fontes para o estudo das Instituições sociaes da Hespanha muçulmana, sob a direcção de D. Julian Ribera. Instituições Juridicas. Extracto de textos interessantes, especialmente da obra *Actos notariaes*, de Elfihri de Alpuente, codice unico (seculo XII) da Bibliotheca da *Junta*.

Como trabalho de preparação philologica e paleographica, necessaria para a tarefa que estas duas secções se propunham realizar, julgaram os professores conveniente reuni-las e emprehender em commum o exame e catalogação detida dos manuscriptos arabes e aljamiados que a *Junta* tinha adquirido da

collecção de D. Pablo Gil. Essa tarefa prévia familiarizou os alumnos com os multiplos problemas que surgem em todas as catalogações de manuscriptos: decifrar palavras duvidosas ou obscuras; interpretar vozes e phrases technicas; identificar manuscriptos acephalos ou incompletos; descobrir o auctor de obras anonymas, etc., o que implica o uso continuo não só dos diccionarios geraes, mas dos especiaes de vozes technicas, repertorios biographicos, bibliographicos, etc. Os manuscriptos aljamiados de assumptos religiosos e juridicos, familiarizaram tambem os alumnos com a vida, crenças e costumes dos muçulmanos hespanhoes.

O resultado da tarefa realizada é o catalogo da collecção precedido de uma introducção critica, que se está imprimindo».

Taes foram os trabalhos do Centro de Estudos Historicos, que até á data deste relatorio havia publicado 8 volumes e preparava 6. Na nossa secção de *Bibliographia*, do presente n.º, se noticia um desses volumes. (1)

Pela exposição extensa que fizemos do conteúdo do relatorio publicado pelo Ministerio da Instrucção Publica, se vê que alta comprehensão tiveram os seus titulares do papel que lhes incumbia e que obra magnifica e bella produz a coordenação disciplinada de muitos esforços. Será este movimento, quasi febril, tão complexo e tão ancioso elle é, um impulso de occasião, que se abaterá no desalento rapido, que prejudica todas as grandes empresas peninsulares?

E' impossivel formular conjecturas, mas a persistencia, em que se empenham todos os cultores da alta sciencia, a protecção do Estado, perseverante e unitario na fórma e no proposito, a excellencia dos resultados obtidos deixam-nos a crença de que a *Junta para ampliacion de Estudios,* marca uma era

(1) Na secção bibliographica da *Revista de Historia* têm sido noticiadas varias publicações do *Centro de Estudios Historicos.*

nova na historia da Hespanha culta, porque iniciou a renovação intellectual desse paiz.

Para Portugal, no momento actual, em que a iniciativa particular tanto se devia manifestar, este exemplo é dum alto ensinamento, principalmente no ideal que anima essa vasta iniciativa, um ideal de patriotismo e humanidade, que é grato enaltecer com o respeito e a admiração que todas as grandes obras inspiram.

Para os intellectuaes portugueses, este exemplo vale não só pela probidade scientifica e rigor de methodo que se observam nas investigações emprehendidas; numerosos são os portugueses que com superior competencia se dão a varios ramos da sciencia; vale principalmente pela prova concludente de que todos os esforços multiplicam a sua productividade, quando sábiamente coordenados numa concepção geral, num plano em que todos se empenham animados, dentro das suas especialidades, pelo mesmo sentimento. E quanto de sentimento, quanto de patriotismo, quanto de solidariedade humana, ha na obra superiormente bella da *Junta para ampliacion de Estudios!* Praticamente, toda esta actividade mostra um espirito positivo, realista, um sincero desejo de alcançar a execução plena das coisas e não apenas de as consignar em theoria. Todo este movimento com o fim principal de preparar o pessoal docente de maneira idonea para o cabal cumprimento da sua missão! Está-nos a lembrar um paiz, onde o professorado foi ultimamente ainda mais cerceado nos seus vencimentos parcos, humilhado na sua dignidade profissional e vexado pela chefia duma pessoa impertinente.

Sobre o genero bibliographico: REVISTA [1]

Publicando a presente brochura, destinada a uma larga circulação, a Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos tem em vista contribuir para que se amplie o conhecimento do nosso trabalho intellectual e delle se formule um juizo exacto e seguro. As revistas, sendo apenas uma parte, certo não a maior, da actividade intellectual, são sem duvida, pelo seu caracter de periodicidade e actualidade, e de associação de trabalho, a parte mais idonea para proporcionar um conspecto fiel dos methodos e das orientações predominantes nos varios districtos do saber.

Cabe á Inglaterra a gloria de haver enthronizado este genero bibliographico, a revista, especie de percurso critico pelas questões contemporaneas de sciencia, litteratura, arte e politica, meio termo entre o jornal, de que tem o regular apparecimento periodico, mas sem a sua precipitação e forçosa ligeireza, e o livro, de que pretende ter a gravidade.

Em 1749, appareceu a primeira revista, *Monthly Review*, logo em 1756 seguida da *Critical Review*. Em 1802 enceta a sua publicação a notavel *Edinburgh Review* e em 1809 a *Quarterly Review*, que pela sua influencia politica e litteraria se tornou em verdadeira instituição nacional. Em 1804, a França

---

(1) Este pequeno escripto serviu de introducção á brochura editada pela Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos *Revistas Portuguesas de Historia e Sciencias correlativas — Inventario bibliographico*, Lisbôa, 1915, 32 pags.

associava-se ao movimento, adoptando tambem o novo genero, e fundava-se a *Revue Philosophique*. Logo num e noutro paiz se multiplicavam as revistas, diversificando-se quanto aos propositos em vista, e especializando-se quanto ao dominio scientifico ou litterario, em que militavam. As principaes antecessoras das innumeras revistas, que hoje pululam nos grandes meios scientificos, de Inglaterra, França e Allemanha, já como orgãos de sociedades e pamphletos de grupos innovadores, já como simples meios de publicidade, desinteressados de qualquer intuito sectarista, são as seguintes: *Revue Encyclopédique*, de 1818; *Revue Britannique*, de 1825, destinada a informar a França e por ella a Europa continental do movimento das idéas em Inglaterra; a *Westminster Review*, de 1824; a *Foreign Quarterly Review*, de 1827; a celebre *Revue des Deux Mondes*, de 1829; a *Revue de Paris*, de 1830; *London Review*, de 1835; *Dublin Review*, de 1844; *Revue contemporaine*, de 1852; *Revue Germanique*, de 1857, que tinha a respeito da Allemanha um programma analogo ao da *Revue Britannique*; e a *Revue Européenne*, de 1859.

Em Portugal, deixando de lado os pamphletos politicos, cuja regularidade periodica e actualidade de algum modo os assemelha á revista, póde dizer-se que o gosto das revistas começou com a epocha da litteratura romantica. Foram o *Ramalhete*, de 1837, e o *Panorama*, dirigido por Alexandre Herculano, as publicações iniciadoras desse movimento. Larga foi a circulação, e larga foi tambem a influencia do *Panorama*, revista multimoda, um pouco encyclopedica, a um tempo litteraria, scientifica e vulgarizadora, publicando estudos profundos e originaes, como por exemplo os que o proprio Herculano compendiou na sua collecção dos *Opusculos*, romances e versos da nova feição esthetica em voga, e miudezas variadas, curiosidades de almanaque. Depois o gosto generalizou-se, e muitas outras se publicaram, umas de existencia ephemera, outras de mais longa duração, através de vicissitudes variadas, como mudança de

director, de orientação, suspensão temporaria. As primeiras revistas, que appareceram, durante a epocha romantica, eram principalmente litterarias, biographicas e panegyricas, e formam hoje, com os seus retratos, uma curiosa e meritoria galeria de individualidades, e uma suggestiva documentação para o conhecimento do modo de apreciar e julgar os homens e os factos coevos e do instincto psychologico que essas gerações possuiram. Quantas prophecias, quantos *veredicta* exactos e quantos erros formidaveis se patenteiam nessas revistas biographicas. Registando o movimento litterario contemporaneo, de que eram como que porta-estandartes, estas revistas são tambem peças importantes para a historia da critica, pois contêm em plena flagrancia o juizo dos contemporaneos, exemplificam methodos criticos e expõem idéas litterarias.

Das revistas allemãs do romantismo, mais numerosas e que usufruiram uma existencia mais prospera, já uma sociedade bibliografica fez um minucioso inventario historico. A *Deutschen Bibliographischen Gesellschaft*, de Berlim, fundada em 1902, cujo fim unico é o trabalho de inventariar methodicamente as materias das revistas e outras publicações periodicas, inaugurou os seus trabalhos com a obra intitulada *Zeitschriften der Romantick. Bibliographisches Repertorium.* Este volume inicial, de XX a 525 paginas, appareceu em 1904 e contem a historia e o indice completo de 25 revistas romanticas, do *Athenäum* (1798-1800) ás *Berlinischer Blätter für deutsche Frauen* (1829-1830). A critica viu nesta obra uma contribuição importante de factos e subsidios, duma authentica e viva realidade, indifferente ás systematizações de formulas e definições, para o estudo do romantismo. As revistas litterarias da epocha analoga da litteratura hespanhola tambem mereceram do sr. G. Le Gentil, professor do lyceu de Toulouse, uma desvelada attenção, testemunhada na obra, *Les Revues Littèraires de l'Espagne pendant la première moitié du XIX siècle — Aperçu bibliographique.*

As nossas revistas romanticas têm todos os predicados das suas congeneres estrangeiras, salvas as devidas proporções, incluindo ainda, como eram illustradas, o de serem documentos para a historia da gravura em Portugal. A sua phase biographica é representada principalmente pela *Revista Contemporanea*, fundada por Eduardo de Faria, 1848, e pela *Revista Contemporanea de Portugal e Brasil*, de Antonio de Brederode e Ernesto Biester, fundada em 1850. Depois transformando-se, fôram-se multiplicando, e as de litteratura e critica poderosamente influindo na mentalidade nacional. Bastará lembrar as seguintes revistas, que fôram, umas como que janellas abertas sobre o grande mundo, por onde entraram fortes rajadas de novidade, outras como que orgãos do gosto litterario dominante, centros conservadores, que nas suas paginas archivaram algumas das mais bellas obras do romantismo e do realismo, sanccionando o seu merito, com a sua acceitação: a *Revista Universal Lisbonense*, dirigida successivamente por Castilho, Rebello da Silva e Ribeiro de Sá; a *Revista Peninsular*, bilingue, fundada por Carlos José Caldeira, em 1855, collaborada por portugueses e hespanhoes, e destinada a promover uma approximação estreita entre os intellectuaes da peninsula; o *Instituto*, de 1852, revista encyclopedica, que tem guardado as primicias de alguns dos nossos maiores escriptores, que por Coimbra passaram; *Artes e Letras*, de 1872, e o *Archivo Pittoresco*, de Caetano Alberto, de 1861, orgãos reconhecidos do romantismo conservador; a *Revista Critica de Litteratura Moderna*, de Oliveira Martins, 1868-1869, tentamen de imparcial registo critico das obras que iam apparecendo; a *Bibliographia Critica de Historia e Litteratura*, do sr. Adolpho Coelho, que em 1872 e 1873 exerceu superiormente analoga funcção á da anterior, apreciando trabalhos portugueses e revelando ao publico português trabalhos estrangeiros; o *Positivismo*, dos srs. Theophilo Braga e Julio de Mattos, 1878-1882, que propagandeou a philosophia comteana e outras sciencias recentemente

constituidas, como a sociologia, a psychiatria e a mythographia; a *Revista de Estudos Livres*, 1883-1886, de indole muito semelhante á antecedente; e a *Revista de Portugal,* de Eça de Queiroz, 1889-1892, tribuna do realismo e da critica psychologica, do cosmopolitismo intellectual, em opposição ao patriotismo severamente nacionalista da epocha anterior. O estudo monographico de cada uma destas revistas, consideradas como individualidades litterarias com seu gosto, suas idéas, seu corpo redactorial, seu publico, seu grupo de amigos e de inimigos, evidenciaria verdadeiras gradações na historia do espirito nacional no seculo passado, desde o triumpho do constitucionalismo.

Na impossibilidade de apromptar num prazo proximo o inventario geral das revistas portuguesas, que primeiramente se projectou, porque esse trabalho demanda muitos cooperadores e ultrapassa o ambito de competencia da *Sociedade*, entendeu esta que seria vantajoso apresentar desde já a parte que nesse inventario respeitaria ás revistas historicas, affins, geraes, artisticas e scientificas que publicam artigos que concernem á historia. Este projecto occorreu-nos independentemente da suggestão de qualquer obra congenere, pois que apenas nos movia um vivo desejo de, pela propaganda, contribuir para o bom nome da mentalidade portuguesa. Todavia, temos de confessar que não nos cabe a prioridade nesta tarefa de organizar um inventario critico das revistas, em curso de publicação, de determinada especialidade. A revista belga, *Isis*, consagrada á historia da sciencia, no seu numero de junho de 1914, publicou um trabalho semelhante ao que hoje entregamos ao publico de Portugal e aos seus amigos. Esse trabalho, que conhecemos por obsequiosa mediação do socio, dr. Maximiano de Lemos, intitula-se *Bibliographie synthétique des revues et des collections de livres. Introduction générale.* I *Soixante deux revues et collections relatives à l'histoire des sciences,* George Sarton, Gand, 1914.

As revistas adiante enumeradas, de valia e indole muito diversas, na sua grande maioria não têm existencia desafogada. [1] Dalgumas, a sua publicação representa um pesado encargo para as empresas editoras, sociedades ou simples particulares que as mantêm. Não podem por isso ser regulares na sua distribuição, tendo muitas vezes de se affastar da periodicidade estabelecida no programma. Repetidamente, as revistas portuguesas deixam de ser fieis á orientação inicial, para seguirem um caminho que mais prometta uma desafogada existencia; mas tal caso não se exemplifica muito nas revistas enumeradas na presente brochura. A direcção, não sendo sempre energica na fiscalização das materias e doutrinas apresentadas, é frequentemente responsavel de ser quebrada a intransigente fidelidade que todas as revistas devem manter ao seu programma, por motivos de ordem intellectual e de honra. Em todas a critica bibliographica deixa a desejar, facto que temos procurado attenuar no nosso orgão.

As revistas precedidas de um asterisco (*) são especialmente recommendadas á leitura.

Nesta brochura collaboraram com grande diligencia, sem

---

[1] As revistas enumeradas e apreciadas são as seguintes: *O Instituto*, *O Occidente*, *Revista da Universidade de Coimbra*, *Annaes da Academia de Estudos Livres*, *Universidade Livre*, *A Aguia*, *Archivos da Universidade de Lisbôa*, *O Inicio*, *Boletim da Segunda Classe da Academia das Sciencias de Lisbôa*, *Archivo Historico Português*, *Oriente Português*, *Tombo Historico e Genealogico Portuyuês*, *Revista de Historia*, *Boletim Bibliographico da Academia das Sciencias de Lisbôa*, *Boletim Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra*, *Annaes das Bibliothecas e Archivos de Portugal*, *O Progresso Catholico*, *Revista Catholica*, *Boletim Ecclesiastico dos Açores*, *Leituras Christãs*, *A Luz e a Verdade*, *O Mensageiro*, *Boletim Mensal das Familias Catholicas*, *A Voz da Madeira*, *Boletim Ecclesiastico da Madeira*, *Illustração Catholica*, *Revista Cathechistica*, *Boletim da Diocese do Porto*, *Revista Militar*, *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisbôa*, *Archivos de Historia da Medicina Portuguesa*, *A Arte Musical*, *Annaes Scientificos da Academia Polytechnica do Porto*, *Echo Musical*, *Arte Religiosa em Portugal*, *Nação Portuguesa*, *Boletim da Associação dos Archeologos Portugueses*, *Communicações da Commissão do Serviço Geologico de Portugal*, *Revista Lusitana*, *O Archeologo Português*, *Revista do Minho*, *Limiana*, *Figueira*, *Atlantida*, *Luz do Oriente* e *Alma Nova*.

duvida por haverem sentido a urgente necessidade de propagandear e estimular o trabalho intellectual português, os socios, srs. Pedro de Azevedo, Fortunato de Almeida, J. Leite de Vasconcellos, Joaquim Fontes, João Maria de Aguiar, Affonso de Dornellas, Gonçalo Santa Rita, Prado Coelho, Eduardo Moreira, Fidelino de Figueiredo e, estranhos á *Sociedade*, os srs. Pedro José da Cunha, Vicente de Almeida d'Eça e Thomaz Barbosa. A todos o Conselho de Direcção apresenta os seus agradecimentos.

INDICE

	Pág.
Estudos de Litteratura Contemporanea—Nota prévia	5
I—O sr. Silva Gaio	7
II—O sr. Vieira da Costa	23
III—Sobre a composição do romance	34
IV—Sobre a decadencia do romance realista	41
V—O sr. Anthero de Figueiredo	49
Do estudo psychológico dos auctores na critica litteraria	76
Modernas relaciones literárias entre Portugal y España	85
Um escriptor esquecido—Alvaro do Carvalhal	113
O que é a Academia (Real) das Sciencias de Lisboa	129
Os estudos de historia local	147
Herculano julgado pela bibliographia do seu centenario	153
«Penumbra», por Vieira de Almeida	169
S. Frei Gil	173
A educação da abstracção	185
Acêrca do sr. Benedetto Croce	201
Projecto dum 1.º Congresso ibero-americano de Historia e Sciencias auxiliares	209
Programma da Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos	215
A Hespanha e a alta cultura intellectual	225
Sobre o genero bibliographico: *Revista*	241